

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**

LUDMILA REIS PINHEIRO

**CROMOTOPÔNIMOS DE MINAS GERAIS**

BELO HORIZONTE

2024

LUDMILA REIS PINHEIRO

**CROMOTOPÔNIMOS DE MINAS GERAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística (1A)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

BELO HORIZONTE

2024

P654c Pinheiro, Ludmila Reis.  
Cromotopônimos de Minas Gerais [manuscrito] / Ludmila Reis Pinheiro. – 2024.  
1 recurso online (295 f.: il., tab., graf., map., color.) : pdf.  
Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 284-295.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Linguagem e cultura – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação – Minas Gerais – Teses. 5. Toponímia – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**CROMOTOPONIMOS DE MINAS GERAIS**  
**LUDMILA REIS PINHEIRO**

Tese submetida à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutora em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 27 de maio de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Cândida Trindade Costa De Seabra - Orientadora  
UFMG

Prof(a). Celina Márcia De Souza Abbade  
UNEB

Prof(a). Maria Antonieta Amarante Mendonça Cohen  
UFMG

Prof(a). Andreza Marcião dos Santos  
UFMG

Prof(a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho  
IFMG

Belo Horizonte, 27 de maio de 2024.



Documento assinado eletronicamente por Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior, em 29/05/2024, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Usuário Externo, em 04/06/2024, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decretonº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por Andreza Marcião dos Santos, Usuária Externa, em 04/06/2024, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen, Professora do Magistério Superior, em 04/06/2024, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por Celina Marcia de Souza Abbade, Usuário Externo, em 04/06/2024, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3254047 eo código CRC 48A023C4.

*In memoriam*

Dedico esta tese à minha mãe Olívia.

“Sentimento que não espairo; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso – o que queria e o que não queria, estória sem final. O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.”

(Guimarães Rosa, 1956, p. 448)

## AGRADECIMENTO

Agradeço à força que rege o mundo terreno, muito conhecida sob o nome de Deus. Essa luz que me guia, mantendo-me forte e em equilíbrio para enfrentamentos e acolhendo minhas sombras.

Agradeço à minha orientadora, professora Cândida, pela consolidação do meu aprendizado, por tantos ensinamentos. Por meio da palavra, abraçou-me de diversas formas.

Agradeço à minha família. Pai Fernando, irmã Fernanda, vó Júlia, madrinha Maria (Madre) e padrinho Mauro, pelo amor e apoio nesse período de intensa produção, pelas palavras ternas e pelos abraços seguros. À vó Lila pela sabedoria e força. À tia Bernadete e primos pelos momentos e palavras coloridos. Aos meus tios e primas. Ao Zu, pela caminhada e disposição em sempre ajudar. Sem eles, este texto de tese não teria sido finalizado.

Agradeço aos colegas de Poslin que estiveram ao meu lado em verdadeiras sessões compartilhamento de emoções e conhecimentos, Jeander e Egito. Também aos colegas de trabalho da PUC Virtual, com ideias e carinho. Às minhas amigadas de infância pelos momentos felizes partilhados. À querida Fernanda Faísca pela amizade.

Agradeço ao querido e eterno professor Marco Antônio de Oliveira, quem me iniciou na ciência Linguística.

Agradeço à Pitaluga, à Puiuiu, ao Jorge Pajó, à Chorona, ao Gil e ao Tiriça, meus animais, seres de força.

Agradeço à minha mãe Olívia, que sempre esteve junto a mim nessa empreitada do fazer doutorado, era um sonho nosso. Não pudemos estar juntas fisicamente na conclusão desse projeto, todavia seu coração bate em meu peito – vive dentro de mim – e, assim, ela presencia esse final. Obrigada, mãe, por tudo!

Minas não é palavra montanhosa  
É palavra abissal  
Minas é dentro e fundo  
As montanhas escondem o que é Minas.  
No alto mais celeste, subterrânea,  
é galeria vertical varando o ferro  
para chegar ninguém sabe onde.  
Ninguém sabe Minas. A pedra  
o buriti  
a carranca  
o nevoeiro  
o raio  
selam a verdade primeira,  
sepultada em eras geológicas de sonho.  
Só mineiros sabem.  
E não dizem nem a si mesmos o  
irrevelável segredo  
chamado Minas.

(Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa, 1992, p. 433)



## RESUMO

O estado de Minas Gerais foi formado por e a partir das montanhas, das quais descem vales e correm rios. Constituiu-se seu povo, sua fixação à terra e seu *modus operandi*. Do escuro e desconhecido montanhoso se rumou aos claros sertões. Para dizer da língua e cultura desta região, estudo se vincula à disciplina da Toponímia que possibilita meios de descortinar realidades contextuais de povoamentos, seu ambiente, sua economia e seus costumes. O processo de nomeação, portanto, acontece a partir da relação homem e sociedade. Assim, este trabalho teve como objetivo realizar um estudo descritivo – línguocultural – dos topônimos relacionados às cores, isto é, cromotopônimos, presentes no estado de Minas Gerais. O arcabouço teórico que ampara esta é pesquisa parte do conceito de cultura de Duranti (2000), dos pressupostos teóricos-metodológicos de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b, 2004, 2006), além da teoria da variação de Labov (1974). A temática das cores é fascinante, ao analisá-la, percebe-se a quantidade de cores disponíveis no mundo; em um ambiente de céu aberto, iluminado, podem ser enxergadas tonalidades que, em ambientes escuros, não são vistas. Dessa forma, as cores vistas são nomeadas de acordo com o ambiente cultural. Elas influenciam as emoções, bem como comportamentos e interações sociais, a linguagem do semáforo é um exemplo dessa influencia e atuação das cores na vida humana. Assim sendo, para dissertar sobre a problemática das cores, tendo em vista sua percepção e sua conceitualização, esta pesquisa se pautou Guimarães (2000), Oliveira (2015), Pastoureau (1997) Farina et al. (2006) e Heller (2022). Foram trabalhados, também, com o conceito de protorregião (CARNEIRO, 2013) e as descrições econômicas e sociais (CUNHA; GODOY, 2003) para a realização das análises do léxico toponímico das cores em Minas Gerais. O corpus da pesquisa é proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico de Minas Gerais – desenvolvido, desde 2005, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Pertencem à categoria dos cromotopônimos 589 dados que foram analisados quantitativa e qualitativamente. Constatou-se, pois, através dos cromotopônimos, que a paleta de cores que caracteriza o estado de Minas Gerais é formada pelas escalas cromáticas de vermelho, preto, dourado, escuro, malhado e verde, revelando o ambiente físico (protorregiões de minas, matas, campos, currais e sertões), econômico e social das atividades mineradora, pecuária e de agricultura, tão fortemente presentes no estado quando de seu povoamento.

**Palavras-chave:** léxico; cultura; Minas Gerais; cromotopônimos.

## ABSTRACT

The state of Minas Gerais was formed by and from mountains, from which valleys descend and rivers flow. Its people, its attachment to the land and its *modus operandi* were constituted. From the dark and unknown mountains we headed towards the bright hinterlands. To speak of the language and culture of this region, the study is linked to the discipline of Toponymy, which provides ways of uncovering the contextual realities of settlements, their environment, their economy and their customs. The naming process, therefore, takes place based on the relationship between man and society. Thus, this work aimed to carry out a descriptive study – linguistic-cultural – of toponyms related to colors, that is, chromotoponyms, present in the state of Minas Gerais. The theoretical framework that supports this research is based on Duranti's (2000) concept of culture, the theoretical-methodological assumptions of Dauzat (1926) and Dick (1990a, 1990b, 2004, 2006), in addition to Labov's theory of variation (1974). The theme of colors is fascinating, when analyzing it, you can see the number of colors available in the world; In an open-air, illuminated environment, shades can be seen that cannot be seen in dark environments. In this way, the colors seen are named according to the cultural environment. They influence emotions, as well as behaviors and social interactions, the traffic light language is an example of this influence and action of colors in human life. Therefore, to discuss the issue of colors, taking into account their perception and conceptualization, this research was based on Guimarães (2000), Oliveira (2015), Pastoureau (1997) Farina et al. (2006) and Heller (2022). The concept of proto-region (CARNEIRO, 2013) and economic and social descriptions (CUNHA; GODOY, 2003) were also worked on to carry out analyzes of the toponymic lexicon of colors in Minas Gerais. The research corpus comes from the database of the ATEMIG Project - Minas Gerais Toponymic Atlas - developed, since 2005, at the Faculty of Arts of the Federal University of Minas Gerais, under the coordination of Prof. Dr. Maria Cândida Trindade Costa from Seabra. 589 data that were analyzed quantitatively and qualitatively belong to the category of chromotoponyms. It was therefore verified, through chromotoponyms, that the color palette that characterizes the state of Minas Gerais is formed by the chromatic scales of red, black, gold, dark, mottled and green, revealing the physical environment (protoregions of mines, forests, fields, corrals and backlands), economic and social activities of mining, livestock and agriculture, so strongly present in the state when it was populated.

**Keywords:** léxicon; culture; Minas Gerais; chromotoponyms.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Processo de nomeação .....	27
Figura 2 -	Triângulo de Baldinger I .....	30
Figura 3 -	Triângulo de Baldinger II .....	30
Figura 4 -	Triângulo de Baldinger III .....	31
Figura 5 -	Onomástica .....	32
Figura 6 -	Mesorregiões do Estado de Minas Gerais pelo IBGE .....	40
Figura 7 -	Experimentos com a luz através do prisma de Isaac Newton .....	46
Figura 8 -	Círculo cromático .....	49
Figura 9 -	Sequência evolucionária dos termos básicos de cor .....	57
Figura 10 -	Processos de construção das bases lexicais das cores .....	61
Figura 11 -	Mapas das regiões culturais do Brasil .....	87
Figura 12 -	Mapa Protoregiões de Minas Gerais conforme Carneiro (2013) .....	93
Figura 13 -	Vista de Sabará, século XIX .....	95
Figura 14 -	Criação de gado nos campos das margens do Rio das Velhas - Século XIX .....	97
Figura 15 -	Vista do campo. Lagoa Santa (1850) .....	100
Figura 16 -	Vista do Mato. Guarapiranga (1850) .....	101
Figura 17 -	Mapa das comarcas e suas sedes no início do século XIX .....	103
Figura 18 -	Mapa Regionalização da Província de Minas Gerais .....	104
Figura 19 -	Resumo das características econômicas e culturais das Mesoregiões de Minas Gerais.....	105
Figura 20 -	Mapa das entradas, caminhos e bandeiras .....	108
Figura 21 -	Mapa dos Grupos indígenas de Minas Gerais no século XVIII .....	113
Figura 22 -	Mapa Esboço do mapa etnológico africanos no Brasil conforme Luna e Costa (1980) .....	116
Figura 23 -	Quadro de Distribuição dos topônimos e suas variações nas mesoregiões mineiras .....	132
Figura 24 -	Natureza dos acidentes encontrado para cromotopônimos .....	133
Figura 25 -	Correlação entre o processo de povoamento, os aspectos físicos, econômicos e culturais e as mesoregiões mineiras .....	133
Figura 26 -	Quadro Modelo de Ficha Lexicográfica .....	135

Figura 27 -	Gráfico do Corpus ATEMIG e dados desta pesquisa .....	169
Figura 28 -	Mapa Distribuição dos cromotopônimos por município em Minas Gerais.....	170
Figura 29 -	Quadro de Correlação entre processo de povoamento, aspectos físicos, econômicos e culturais e mesorregiões mineiras .....	184
Figura 30 -	Quadro Localização dos termos preto/negro no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	188
Figura 31 -	Mapa Carta dos cromotopônimos preto/negro e suas variantes – escala cromática do preto .....	190
Figura 32 -	Quadro Localização do termo branco no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	196
Figura 33 -	Carta do cromotopônimo branco e suas variantes – escala cromática do branco .....	198
Figura 34 -	Quadro Localização dos termos vermelho, piranga e ruivo no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	203
Figura 35 -	Carta dos cromotopônimos vermelho, piranga e ruivo e suas variantes – escala cromática do vermelho .....	206
Figura 36 -	Quadro de Localização do termo verde no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	214
Figura 37 -	Carta do cromotopônimo verde e suas variantes – escala cromática do verde .....	216
Figura 38 -	Quadro de Localização dos termos amarelo, dourado e melgaça no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	221
Figura 39 -	Carta dos cromotopônimos amarelo, dourado e melgaça e suas variantes – escala cromática do amarelo .....	224
Figura 40 -	Quadro de localização dos termos azul e anil no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	230
Figura 41 -	Carta dos cromotopônimos azul e anil e suas variantes – escala cromática do azul .....	231
Figura 42 -	Quadro Localização dos termos pardo, ferrugem e castanho no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	237
Figura 43 -	Carta dos cromotopônimos pardo, ferrugem e castanho e suas variantes – escala cromática do marrom .....	239

Figura 44 -	Quadro de Localização dos termos rução, turvo e sujo no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	245
Figura 45 -	Carta dos cromotopônimos turvo, sujo e rução e suas variantes – escala cromática do cinza .....	247
Figura 46 -	Quadro de Localização dos termos rosa no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	251
Figura 47 -	Carta dos cromotopônimos rosa e suas variantes – escala cromática do rosa .....	254
Figura 48 -	Correlação entre a base lexical rosa, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais .....	257
Figura 49 -	Quadro Localização dos termos claro e escuro no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	258
Figura 50 -	Carta dos cromotopônimos escuro e claro e suas variantes – luminosidades .....	261
Figura 51 -	Quadro Localização dos termos malhado, pintado, mescla, manchada e rajados no <i>continuum</i> universal de evolução cromática .....	268
Figura 52 -	Carta dos cromotopônimos malhado, pintado, rajado, manchada, mescla e suas variantes – escala cromática do malhado .....	270

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Tipos de flexões em compostos de cores por Santos (2001) .....	64
Tabela 2 -	Sequência evolucionária dos termos básicos de cor em Minas Gerais.....	171
Tabela 3 -	Idiossincrasias no léxico das cores em Minas Gerais.....	173
Tabela 4 -	Termos de cores nos cromotopônimos de Minas Gerais.....	174
Tabela 5 -	Bases lexicais de cores por mesorregião em Minas Gerais.....	175
Tabela 6 -	Escala cromática por mesorregião em Minas Gerais.....	178
Tabela 7 -	Predominância da escala cromática por mesorregião.....	182
Tabela 8 -	Correlação entre o processo de povoamento, os aspectos físicos, econômicos e culturais, as mesorregiões mineiras e bases lexicais de cores.....	185
Tabela 9 -	Ocorrências das bases lexicais preto/negro distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	189
Tabela 10 -	Distribuição dos cromotopônimos preto/negro por natureza dos acidentes.....	192
Tabela 11 -	Correlação entre as bases lexicais preto/negro, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	194
Tabela 12 -	Ocorrências da base lexical branco distribuída nas doze mesorregiões mineiras.....	197
Tabela 13 -	Distribuição do cromotopônimo branco por natureza dos acidentes .....	200
Tabela 14 -	Correlação entre a base lexical branco, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	201
Tabela 15 -	Ocorrências das bases lexicais vermelho, piranga e ruivo distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	205
Tabela 16 -	Distribuição dos cromotopônimos vermelho, piranga e ruivo por natureza dos acidentes.....	209
Tabela 17 -	Correlação entre as bases lexicais vermelho, piranga e ruivo, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	212
Tabela 18 -	Ocorrências da base lexical verde distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	215
Tabela 19 -	Distribuição do cromotopônimo verde por natureza dos acidentes.....	217

Tabela 20 -	Correlação entre a base lexical verde, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	219
Tabela 21 -	Ocorrências das bases lexicais amarelo, dourado e melgaça distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	223
Tabela 22 -	Distribuição dos cromotopônimos amarelo, dourado e melgaça por natureza dos acidentes.....	225
Tabela 23 -	Correlação entre as bases lexicais amarelo, dourado e melgaça, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	228
Tabela 24 -	Ocorrências das bases lexicais azul e anil distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	231
Tabela 25 -	Distribuição dos cromotopônimos azul e anil por natureza dos acidentes..	233
Tabela 26 -	Correlação entre as bases lexicais azul e anil, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	235
Tabela 27 -	Ocorrências das bases lexicais pardo, ferrugem e castanho distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	238
Tabela 28 -	Distribuição dos cromotopônimos pardo, ferrugem e castanho por natureza dos acidentes.....	241
Tabela 29 -	Correlação entre as bases lexicais pardo, ferrugem e castanho, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	243
Tabela 30 -	Ocorrências das bases lexicais rução, turvo e sujo distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	246
Tabela 31 -	Distribuição dos cromotopônimos rução, turvo e sujo por natureza dos acidentes.....	249
Tabela 32 -	Correlação entre as bases lexicais rução, turvo e sujo, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	251
Tabela 33 -	Ocorrências da base lexical rosa distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	253
Tabela 34 -	Distribuição do cromotopônimo rosa por natureza dos acidentes.....	255
Tabela 35 -	Ocorrências das bases lexicais claro e escuro distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	260
Tabela 36 -	Distribuição dos cromotopônimos claro e escuro por natureza dos acidentes.....	263

Tabela 37 -	Correlação entre as bases lexicais claro e escuro, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	265
Tabela 38 -	Ocorrências das bases lexicais malhado, pintado, mescla, manchada e rajados distribuídas nas doze mesorregiões mineiras.....	269
Tabela 39 -	Distribuição dos cromotopônimos malhado, pintado, mescla, manchada e rajados por natureza dos acidentes.....	272
Tabela 40 -	Correlação entre as bases lexicais malhado, pintado, mescla, manchada e rajados, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais.....	274
Tabela 41 -	Origem dos termos de cores.....	276
Tabela 42 -	Sintagmas e suas concordâncias com o artigo no início do cromotopônimo.....	276
Tabela 43 -	Sufixos e correspondências em gênero.....	277
Tabela 44 -	Sintagmas simples e compostos.....	277
Tabela 45 -	Tipos de derivações nos cromotopônimos.....	278



## LISTA DE ABREVIATURAS

$\cap$  – Intersecção

A – Antroponímia

ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ADJ – Adjetivo

ADJpl – Adjetivo plural

ADJsing – Adjetivo singular

AH – Acidente humano

NC – Nome composto

NCf – Nome composto feminino

NCm – Nome composto masculino

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

Spl – Substantivo plural

Ssing – Substantivo singular

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	24
<b>2.1</b>	<b>Linguagem, língua e cultura</b> .....	24
<b>2.2</b>	<b>Léxico</b> .....	26
<b>2.3</b>	<b>As ciências do léxico</b> .....	29
2.3.1	Onomástica.....	31
<b>2.4</b>	<b>Toponímia</b> .....	33
2.4.1	O signo toponímico .....	35
<b>2.5</b>	<b>A investigação toponímica</b> .....	37
2.5.1	O Projeto ATEMIG.....	39
<b>2.6</b>	<b>A motivação cromotoponímica</b> .....	44
2.6.1	A categorização/conceitualização da cor sob as óticas da Teoria Clássica, do Estruturalista, da Cognitiva e do Relativismo Linguístico.....	55
2.6.1.1	<i>Universalismo Linguístico</i> .....	55
2.6.1.2	<i>Relativismo Linguístico</i> .....	58
2.6.2	Os termos de cores em português .....	60
2.6.3	A cor como sensação e veículo de comunicação .....	65
2.6.3.1	<i>Preto</i> .....	66
2.6.3.2	<i>Branco</i> .....	67
2.6.3.3	<i>Vermelho</i> .....	68
2.6.3.4	<i>Amarelo</i> .....	71
2.6.3.5	<i>Azul</i> .....	72
2.6.3.6	<i>Verde</i> .....	73
2.6.3.7	<i>Marrom</i> .....	74
2.6.3.8	<i>Cinza</i> .....	75
2.6.3.9	<i>Laranja</i> .....	76
2.6.3.10	<i>Roxo</i> .....	77
2.6.3.11	<i>Rosa</i> .....	77
2.6.3.12	<i>Prata</i> .....	78
2.6.3.13	<i>Ouro</i> .....	78

2.6.3.14	<i>Dourado</i> .....	79
2.6.4	Encaminhamento teórico sobre o fenômeno cromático para o estudo da taxa cromotopônimos desta pesquisa .....	79
<b>3</b>	<b>ASPECTOS AMBIENTAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DE MINAS GERAIS</b> .....	<b>86</b>
<b>3.1</b>	<b>O homem e a montanha</b> .....	<b>86</b>
<b>3.2</b>	<b>A região cultural da mineração em Minas Gerais</b> .....	<b>89</b>
<b>3.3</b>	<b>A decadência da mineração e o desenvolvimento de atividades agrícolas</b> .....	<b>90</b>
<b>3.4</b>	<b>Transformações sociais dos moradores da região</b> .....	<b>92</b>
<b>3.5</b>	<b>O ambiente natural e sua percepção</b> .....	<b>92</b>
3.5.1	Minas .....	94
3.5.2	Sertão .....	95
3.5.3	Currais .....	97
3.5.4	Campos .....	99
3.5.5	Matas .....	101
<b>3.6</b>	<b>O ambiente econômico, social e cultural das Minas</b> .....	<b>102</b>
<b>3.7</b>	<b>Caminhos e picadas aos sertões das Minas Gerais</b> .....	<b>107</b>
<b>3.8</b>	<b>O processo de povoamento em Minas: paulistas, taubateanos, emboabas e reinóis</b> .....	<b>109</b>
3.8.1	Os indígenas .....	111
3.8.2	Os negros africanos em Minas .....	114
<b>3.9</b>	<b>A formação da língua portuguesa em Minas Gerais</b> .....	<b>118</b>
<b>3.10</b>	<b>Colorindo o ambiente de Minas Gerais</b> .....	<b>119</b>
<b>3.11</b>	<b>Hipótese para ocupação e difusão social e linguística em Minas Gerais: a força centrífuga</b> .....	<b>123</b>
<b>3.12</b>	<b>A cultura mineira “em conserva”</b> .....	<b>124</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>126</b>
<b>4.1</b>	<b>Hipótese</b> .....	<b>130</b>
<b>4.2</b>	<b>Composição e tratamento do <i>corpus</i> de cromotopônimos sincrônicos</b> .....	<b>131</b>

<b>4.3</b>	<b>Métodos de análise dos cromotopônimos mineiros .....</b>	<b>132</b>
4.3.1	Análise quantitativa dos cromotopônimos .....	132
4.3.2	Análise - Elaboração da ficha lexicográfica .....	134
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS CORPORA .....</b>	<b>138</b>
<b>6</b>	<b>QUANTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS CORPORA .....</b>	<b>169</b>
<b>6.1</b>	<b>Resultados gerais .....</b>	<b>171</b>
<b>6.2</b>	<b>Análise da cor e de sua escala cromática .....</b>	<b>187</b>
6.2.1	Escala cromática do preto .....	187
6.2.2	Escala cromática do branco .....	196
6.2.3	Escala cromática do vermelho .....	202
6.2.4	Escala cromática do verde .....	213
6.2.5	Escala cromática do amarelo .....	220
6.2.6	Escala cromática do azul .....	229
6.2.7	Escala cromática do marrom .....	236
6.2.8	Escala cromática do cinza .....	244
6.2.9	Escala cromática do rosa .....	252
6.2.10	Escala cromática das luminosidades – bases lexicais escuro e claro.....	258
6.2.11	Escala cromática do malhado .....	267
<b>6.3</b>	<b>Análise morfológica .....</b>	<b>275</b>
6.3.1	Quanto à origem dos nomes .....	275
6.3.2	Quanto à forma e ao gênero .....	276
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>280</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>284</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo central desta Tese foi a realização de um estudo linguístico, descritivo, do léxico toponímico de Minas Gerais, com enfoque nos nomes de lugares que se referem a cores – denominados cromotopônimos – os quais designam acidentes físicos e humanos no território mineiro. Para a análise desses cromotopônimos, a presente pesquisa se encontra embasada nos pressupostos teóricos dos estudos lexicais, com ênfase na Onomástica, fundamentados na relação entre língua e cultura.

Os estudos toponímicos oferecem um valioso conjunto de indícios para descortinar evidências de cenários natural e cultural de uma região, uma vez que os topônimos, como importante fator de comunicação, permitem a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo, bem como o reconhecimento e a conservação das tradições e costumes de uma comunidade. Dessa maneira, esta pesquisa visa contribuir com as investigações linguístico-culturais que vêm sendo feitas no Brasil referentes à língua portuguesa, ao investigar e descrever os nomes de lugares motivados por nomes de cores presentes em todo o território mineiro.

Esse estudo se justifica principalmente pela:

- Importância linguística: os topônimos fornecem pistas importantes para o linguista, as quais podem ajudá-lo na reconstrução do passado de um lugar, por meio do estudo etimológico do nome, por exemplo, gerando, assim, contribuições significativas para a História;
- Importância geográfica: por estarem relacionados homem e ambiente, por meio dos topônimos, identificam-se acidentes físicos e humanos, os quais constituem ponto de partida para investigações acerca da geografia física e/ou humana do lugar em estudo;
- Importância patrimonial: a toponímia, por ser reveladora do acervo cultural de um país, ao permitir que sejam ressaltados os seus valores pátrios, deve ser considerada patrimônio nacional;
- Importância social: por serem motivados, os topônimos se encontram intimamente ligados à população de uma comunidade. Eles destacam pessoas importantes da história local, fatos históricos e do cotidiano, não sendo, portanto, cabível a sua alteração sem o prévio consentimento dos habitantes;
- Importância histórica: os topônimos possibilitam a reconstrução de vários aspectos ligados à cultura de um povo (economia, correntes migratórias, aspectos linguísticos, sociais e espirituais), sendo, portanto, um dado histórico relevante.

O objetivo geral foi, portanto, descrever e analisar todos os cromotopônimos que integram o território mineiro, já catalogados pelo Projeto ATEMIG e presentes em seu banco de dados. Buscou-se, a partir deles, identificar e resgatar fatos linguísticos contidos nos nomes, como seu significado e sua origem, observar as escalas cromáticas utilizadas no processo de nomeação, de acordo com a característica do ambiente e verificar sua distribuição regional.

Como objetivos específicos, destacam-se:

- 1) Levantaram-se todos os topônimos de natureza cromotoponímica do estado de Minas Gerais a partir da consulta ao banco de dados do Projeto ATEMIG;
- 2) Sistematizaram-se informações em fichas toponímicas e, a partir dos dados descritos nelas, realizou-se uma análise sincrônica do topônimo;
- 3) Verificou como se dá a distribuição geográfica e motivacional dos cromotopônimos nas doze mesorregiões mineiras, a partir do levantamento e da organização dos topônimos que constam do banco de dados do Projeto do ATEMIG;
- 4) Confeccionaram-se cartas toponímicas segundo a quantificação dos cromotopônimos presentes na toponímia mineira atual.

Dados os tópicos norteadores deste trabalho, apresenta-se e organização dos capítulos.

Em *Fundamentos teóricos*, no Capítulo 2, são apresentados conceitos importantes norteadores para execução deste trabalho, como a relação entre língua, cultura e léxico, destacando a Onomástica e suas principais divisões – Toponímia e Antroponímia. Além deles, apresentou-se a discussão a respeito da formação dos itens lexicais de cores, tendo em vista aspectos perceptuais e conceituais. Também nesta seção, descreve-se o Projeto ATEMIG, ao qual esta pesquisa está vinculada.

No Capítulo 3, foi descrito ambiente físico, econômico, social e cultural do Estado de Minas Gerais ao longo do processo de colonização. Descreveram-se conceitos de protorregião e elucidaram-se aspectos econômicos e sociais do território estudado.

No Capítulo 4, em *Procedimentos teórico-metodológicos* adotados nesta pesquisa, são apresentados os critérios utilizados para descrição e análise dos *corpora*, compostos de dados contemporâneos, baseados em Dauzat (1926) e por Dick (1990). Demonstrou-se, também, o modelo da ficha lexicográfica utilizada, proposto Dick (1990), com adaptações, parte fundamental do trabalho, conforme Seabra (2004) e Carvalho (2014) em que os dados são descritos de maneira detalhada.

No capítulo 5, há a sequência das Fichas Lexicográficas, correspondendo cada uma aos 589 topônimos computados nos dados da pesquisa, com 26 entradas vocabulares. Nessas fichas,

dá-se a organização, apresentação, contextualização e descrição dados toponímicos selecionados.

No Capítulo 6, em *Análise de dados*, foram realizadas análises gerais do cenário da paleta de cores de Minas Gerais e específicas de cada cor e sua escala cromática, por meio de gráficos e tabelas.

Por meio deste trabalho, após o levantamento de dados e as análises realizadas, esperouse contribuir não só com os estudos linguísticos como, também, com outras pesquisas que integram outras áreas de conhecimento.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Linguagem, língua e cultura

As noções de linguagem, língua e cultura se entrelaçam, interdependem-se. A língua sendo um fato social expressa um conjunto de sistemas simbólicos que organiza a cultura de uma comunidade. A linguagem atravessa, assim, toda prática cultural.

A linguística estuda a linguagem humana que “é a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem por meio de signos vocais” (MARTINET, 1973). Por existir no homem o aparelho fonador capaz de reproduzir sequências sonoras, as comunidades humanas conseguem falar, escutar, trocar ideias e sentimentos, existindo, assim, indivíduos locutores e receptores. Dessa forma, a linguagem “é multiforme e heteróclita; apoiada sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social (...)” (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 52), ela é um “sistema funcional completo que pertence à constituição psíquica ou “espiritual” do homem” (SAPIR, [1921] 1969, p. 16).

Há nos indivíduos uma aptidão própria para falar, biológica. Entretanto, não o fazem por conta de terem nascido com tal natureza – estarem predestinados a isso, mas sim por conta do “regação de uma sociedade, cujo escopo racional é chamá-lo às suas tradições” (SAPIR, [1921] 1969, p. 11). Se não houvesse sociedade, um homem aprenderia a andar, por exemplo, mas não aprenderia a falar (SAPIR, [1921] 1969). A linguagem é, portanto, uma instituição humana, um instrumento de comunicação, produto da sociedade, tal instituição é imutável e varia conforme pressão de necessidades diversas e influência de outras comunidades (MARTINET, 1973).

Ações e representações de uma comunidade – do coletivo – influenciam de forma a controlar ações individuais, conforme se encontra em estudos de Durkheim (1895 apud SILVA; MILANI, 2013), institucionalizando, dessa maneira, relações sociais, como a língua. A língua é assim um tesouro depositado nos cérebros de um conjunto de indivíduos, só existindo na massa (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 51-60). No entanto, falantes apreendem a língua de formas diferentes, bem como em momentos e condições históricas diversas, impactando também no sistema linguístico. Assim a execução da fala é individual, sendo o indivíduo seu mestre (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 51-60). A língua é tanto externa (pré-social) quanto interna (após aprendizagem de língua e consequentes formas de o que dizer e como dizer) ao indivíduo. Ela é exterior ao indivíduo particular, mas não a todos os membros da sociedade, uma vez que o



indivíduo pré-social tem seu próprio desenvolvimento orgânico e social, apreendendo com os demais membros da sociedade (SILVA; MILANI, 2013). A língua é um fato social sendo influenciada por pressões sociais que operam continuamente sobre ela, portanto o contexto social deve ser considerado (LABOV, 2008 [1972]).

Haveria um corpo de disposições históricas, isto é, um *habitus*, constituído e orientado pelas práticas sociais, por meio do qual os participantes adquirem competência para iniciar atividades (criam-se expectativas sobre o mundo e a forma de vivê-lo). O sujeito social existe culturalmente e funciona como participante em uma série de atividades habituais (BOURDIEU, 1991 apud DURANTI, 2000).

A coletividade humana em ações de elaborar, participar, sentir, expressar e comunicar organiza e corporifica a produção cultural de um povo (DICK, 1990a). Esse conhecimento de mundo compartilhado (saber, saber fazer, inferir e prever) implica que, ao se conhecer uma cultura, conhece-se sua linguagem, e ambas são realidades mentais (DURANTI, 2000). Assim, a noção de ‘casa’ de um indivíduo deve se dissolver com as noções que todos os outros indivíduos têm dela, os “elementos da linguagem, os símbolos que ficham a experiência humana, devem, portanto, estar associadas a grupos inteiros (...)” (SAPIR, 1969, p. 17). Considera-se a linguagem como um conjunto de práticas, que reverbera a comunicação linguística enquanto uma complexa rede de recursos semióticos sobre os quais perpassa a vida dos indivíduos, vinculando-os a histórias sociais concretas e suas instituições representativas (DURANTI, 2000). A capacidade da linguagem do ser humano permite-lhe traduzir o mundo em palavras cuja construção lexical advém de recortes do mundo real. A língua teria, portanto, uma palavra para cada categoria. Desse modo, o falante reconhece uma realidade, memoriza-a (por meio da associação da imagem a um nome), distingue-a caso a língua lhe ofereça uma nova palavra para tal (BROWN E LENNEBERG, 1954 apud BIDERMAN, 1981). Dessa forma, as noções de cultura e linguagem se conectam, de forma que a segunda pode ser vista como recurso da primeira (DURANTI, 2000).

Aspectos da realidade física e social são expressos através da cultura, que é considerada, dentre outras possibilidades, como um conjunto de sistemas simbólicos. Nessa perspectiva semiótica dentro do ponto de vista estrutural, a cultura é compreendida enquanto sistemas de signos que expressam predisposições básicas cognitivas enraizadas. Assim, a mente humana é a mesma em todos os indivíduos de todos os lugares, e as culturas parametrizam, são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas e abstratas que os seres humanos compartilham, adaptando às suas condições (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 67-92). Esta perspectiva consegue romper com explicações evolucionistas (com base no evolucionismo biológico darwiniano) das

teorias de sobrevivência, que hipotetizavam que haveria culturas mais primitivas e mais evoluídas. O ser humano enquanto sujeito concreto, histórico, lugar de sensações, pensamentos e sentimentos desaparece para dar lugar a um sujeito transcendental, acultural e não histórico (DURANTI, 2000). A cultura, dessa forma, não seria algo nem sensivelmente externo ao homem (como rituais e símbolos herdados) nem sensivelmente interno, ela existe por meio da prática rotineira que inclui condições materiais (físicas) bem como a experiência dos atores sociais que usam seus corpos dentro de um espaço familiar (BOURDIEU, 1991 apud DURANTI, 2000).

Entende-se que uma pessoa não participa de uma cultura por que compreende suas normas e compartilha-as, uma vez que o nível de pertencimento social é diverso, principalmente em se tratando de comunidades estratificadas socialmente. O indivíduo é um representante de ao menos uma subcultura que pode abstrair-se de uma cultura generalizada de um grupo a que pertence (SAPIR, 1969). Isso afeta a percepção do que é ser membro de um grupo, de uma cultura, pois há diferenças sociais que atravessam as relações. As comunidades sobrevivem com um grau aceitável de conflito interno, diferentes pontos de vista coexistem (DURANTI, 2000).

Dessa forma, concorda-se com a definição de que “a cultura não é um fenômeno material; não se trata de coisas, genes, comportamento ou emoções, mas de uma organização de todos eles” (DURANTI, 2000, p. 47).<sup>1</sup>

Tendo em vista o exposto, considera-se que língua e cultura, embora guardem aspectos de independência entre si, são elementos indissociáveis. Por meio do léxico, descortinam-se realidades culturais localizadas em tempos e espaços diferentes.

## 2.2 Léxico

O ato de nomear significa designar um ser por uma palavra, isto é, estabelecer a relação entre signos e universo. Quando um nome é escolhido para determinado objeto, tem autenticada sua existência no social, ocorrendo o processo de nomeação; assim se origina o léxico de uma língua. Há muito essa ação de nomear vem sendo problematizada. No Oriente, com estudos de Panini sobre o sânscrito, que visavam a padronização da língua, resultando na criação da gramática do sânscrito. No Ocidente, na Grécia Antiga, os nomes foram considerados centrais para o estudo da linguagem; com isso, o campo da semântica entrava em cena. O léxico de uma

---

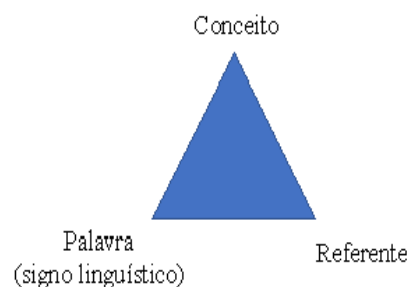
<sup>1</sup> “cultura no es un fenomeno material; no trata de las cosas, la gene, la conducta o las emociones, sino de una organización de todas ellas (DURANTI, 2000, p. 47).

língua, portanto, é responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade (SEABRA, 2004). A investigação da origem dos nomes seria mais recente. Dessa forma, a teoria da Onomástica estuda os nomes e seu funcionamento na linguagem (HOUGH, 2016).

O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do mundo (BIDERMAN, 1987). Após dar nome aos objetos, o homem os classifica e atribui-lhes significado. A percepção do mundo real, atravessada e modelada pela cultura, é codificada pelo léxico. Por meio deste, o homem, na qualidade de membro de uma coletividade (DICK, 1990a), faz recortes do real em categorias de acordo com o prisma de sua visão de mundo (SEABRA, 2004). O sistema linguístico permite que os indivíduos se expressem, manifestando elementos da experiência humana advindos de interações com o ambiente físico e cultural (BIDERMAN, 1981), como valores, ideias, atitudes e condutas, de forma consciente ou não, em situação concretas (necessidade humana), tornando-os personagens históricos (DICK, 1990a).

A geração do léxico acontece por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos, isto é, as palavras – e a estratégia de associar palavras a conceitos que simbolizam o referente foi desenvolvida pelo homem. (BIDERMAN, 1987). Ogden e Richards (1923 apud BIDERMAN, 1987, p. 82) ilustram essa engenhosidade:

Figura 1 - Processo de nomeação 1



Fonte: Ogden e Richards, 1923 apud BIDERMAN, 1987, p. 82.

Os conceitos ordenam os dados sensoriais da experiência. Os modelos formais dos signos linguísticos preexistem ao indivíduo. E tendo em vista o processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes (BIDERMAN, 1987). O nome/signo exibe significações geral e específica, dependendo de fatores, como momento histórico e contexto social, constituindo um vocabulário correspondente à situação. Os semas possíveis de uma unidade lexical são associados ao

conjunto significativo disponível no paradigma lexical, o qual abarca todas as possibilidades de realizações léxicas. Dessa forma, o significado está para língua e para o léxico por ser generalizante e representar o eixo paradigmático, e o sentido está para o vocabulário, apresentando-se nas lexias – no uso (PAULA; ALMEIDA; REZENDE, 2016).

O vocabulário consiste no domínio de codificação dos símbolos da cultura (BIDERMAN, 1981). É por meio dos nomes – hereditários – que o homem exprime seus sentimentos e ideias, sendo o léxico, portanto, patrimônio cultural de uma comunidade (SEABRA, 2015). Como um conjunto de palavras usado por um grupo em determinada situação (ABBADÉ, 2011), o vocabulário está para o sintagma e para o sentido, é uma atualização das unidades lexicais possíveis e disponíveis no “léxico geral”; efetivando-se na comunicação (do abstrato – léxico/unidade lexical – passa para o concreto – vocabulário/lexia) (PAULA; ALMEIDA; REZENDE, 2016).

Nesse cenário, o acervo verbal de um idioma, o português como exemplo, resulta do processo de categorização secular na cultura (BIDERMAN, 1981), constituindo o léxico “*um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, mots-témoins.*” (SEABRA, 2015, p. 73). De tal modo, as línguas organizam seu léxico de acordo com suas necessidades práticas. A variabilidade no léxico reflete o ambiente social, tendo alcance no tempo e espaço. Dependendo da complexidade cultural de um grupo, seu léxico se configura mais ou menos robusto e ramificado (SAPIR, 1961).

Considera-se o léxico o domínio menos linguístico da linguagem, ele se situa entre os ambientes linguístico e extralinguístico dos falantes, estando material e sistematicamente organizado nos dicionários (BIDERMAN, 2001). Sendo o conjunto de palavras de uma língua (SEABRA, 2006), cuja obtenção se dá por acumulação, isto é: em uma comunidade, juntam-se as palavras em uso por cada falante às de outras comunidades com a mesma língua, as palavras de sincronias passadas se somam às da atualidade, dados da escrita se unem à oralidade (VILLALVA; SILVESTRE, 2014). O léxico se organiza nos padrões neuronais. Trata-se de um conjunto aberto que os indivíduos levam anos para adquirir, sendo sempre possível aprender novas palavras. O acervo léxico na memória de um indivíduo deve ser semelhante ao de outro, garantindo que aprendam novas palavras, denotações e conotações (BIDERMAN, 2001). Dessa forma, desenha-se um caráter heterogêneo da composição do léxico, qual seja: o tempo, o espaço, o registro e as variações diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica (KRIEGER, 2006).

Embora sua notória importância, durante muitos anos da história linguística, os estudos lexicais foram deixados de lado (em função de estudos gramaticais) ou estudados sob uma perspectiva filosófica (ABBADE, 2012). Por meio das chamadas ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – os estudos ganharam mais robustez.

Em suma, o léxico como sendo o conjunto de informações que uma palavra engloba - dimensões fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas – não se encerra em si mesmo, ele aborda perspectivas social, política e ideológica (VILLALVA; SILVESTRE, 2014). O modo de viver de uma cultura, considerada em sua teia de historicidade, é expressada pelo léxico, o qual vai além de uma função de nomenclatória (SEABRA, 2004).

O trabalho em questão se aporta na Lexicologia, com ênfase em Onomástica, para estudar os nomes de lugares – acidentes geográficos – do estado de Minas.

### 2.3 As ciências do léxico

As disciplinas tradicionais – que têm como objeto de estudo a palavra – enfocam o léxico com a finalidade de descrevê-lo são: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (BIDERMAN, 2001).

Uma das preocupações da Lexicologia é analisar as relações entre o léxico com o contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. A Lexicologia e seus estudos se encontram direcionados para:

(...) as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica (ABBADE, 2012, p. 1332).

Dessa maneira, por meio da Lexicologia, estudam-se as unidades significativas do léxico de uma língua, ou seja, as *lexias*, sendo que esta não se confunde com o termo genérico *palavra*, a qual pode ser definida como uma unidade que carrega as diversas significações do conteúdo linguístico, seja ele lexical ou gramatical. O termo *lexema* se refere à unidade abstrata do léxico, já as *lexias* são as manifestações discursivas dos *lexemas* (BIDERMAN, 1999). Cabe à Lexicologia o estudo do patrimônio lexical de uma determinada língua sob diversos aspectos.

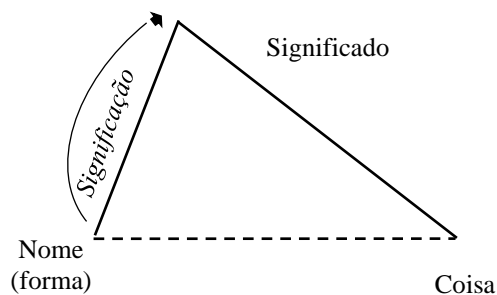
Na Lexicologia, estuda-se a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Cada palavra da língua faz parte de uma estrutura vasta que deve ser considerada em seus eixos paradigmático e sintagmático, resultando em complexas redes semântico-lexicais em que se

estrutura o léxico; tem-se um “labirinto infindo de significações linguísticas” (BIDERMAN, 2001).

Em se tratando de estudar o significado, a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico de Kurt Baldinger (1996) é um modelo profícuo para explicá-lo, são perspectivas tanto histórico-evolutivas, como pedagógicas, entre outras possíveis. O contexto exerce um papel forte nesse modelo. Assim, toda palavra é formada por um nó semântico mais ou menos denso, cercado por uma aureola de associações secundárias, afetivas ou sociais. A significação particular é incorporada organicamente no campo da significação por estudos aprofundados de contextos (BALDINGER, 1996).

A semasiologia considera a palavra isolada no desenvolvimento da sua significação. A significação parte da forma para atingir o conceito.

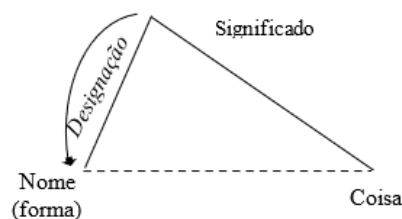
Figura 2 - Triângulo de Baldinger I



Fonte: BALDINGER, 1996, p. 28.

A onomasiologia encara as designações de um conceito particular, ou seja, multiplicidade de expressões que formam um conjunto. A designação parte do conceito para atingir a forma.

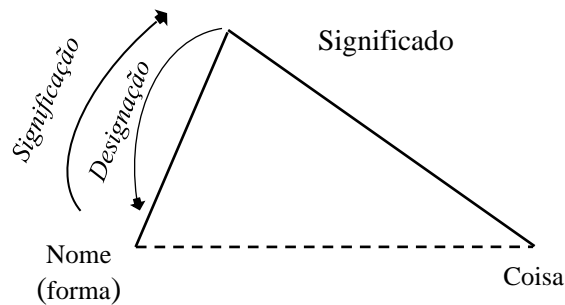
Figura 3 - Triângulo de Baldinger II



Fonte: BALDINGER, 1996, p. 28.

A Onomasiologia e a Semasiologia constituem, dessa forma, dois tipos de enfoque do fenômeno léxico-semântico, que se opõem e complementam:

Figura 4 - Triângulo de Baldinger III



Fonte: BALDINGER, 1996, p. 29.

A respeito da Lexicografia, ela é a ciência dos dicionários. A significação das palavras é o objeto de análise, o qual se fundamenta em teoria lexical com critérios científicos. O início dessa ciência se deu em XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (BIDERMAN, 2001).

A Terminologia estuda a dimensão conceitual do termo, ela se ocupa do subconjunto do léxico de uma língua que se insere no universo referencial. Pressupõe, dessa maneira, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente, isto é, estabelece uma relação entre a estrutura conceitual e a estrutura léxica de uma língua. Os terminógrafos atuam do conceito ao termo, tendo por objetivo a atribuição de denominações aos conceitos (BIDERMAN, 2001).

### 2.3.1 Onomástica

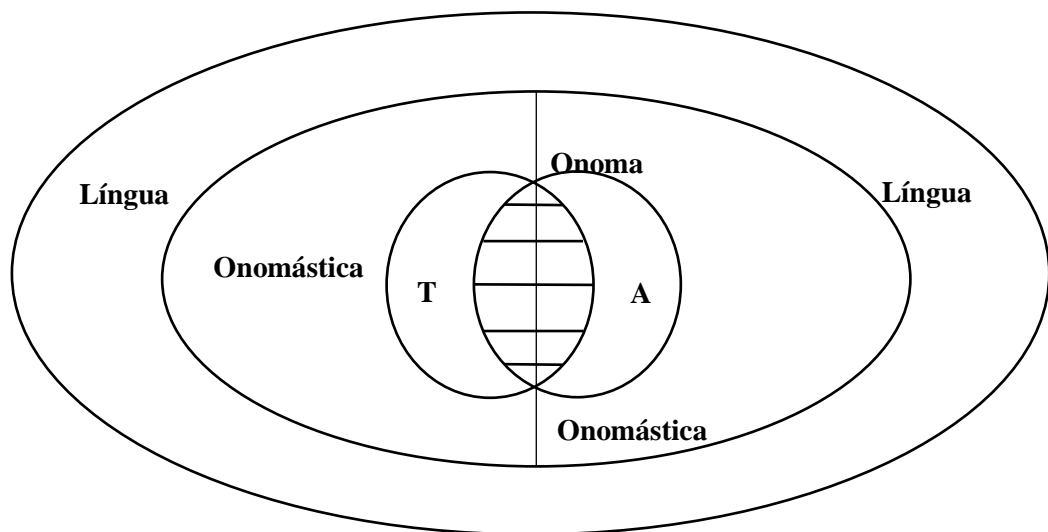
Na Lexicologia, estuda-se a Onomástica, que é campo que pesquisa os nomes próprios. Do grego *onoma*, ela tem como objeto de estudo os nomes próprios de lugar ou de pessoa. Ela possui como áreas de estudo: a Antroponímia (do gr. *antropos* - homem) que engloba nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos e a Toponímia (do gr. *topos* - lugar) que investiga nomes próprios de lugares.

Sob o ponto de vista estrutural, existe uma desvinculação entre o objeto designado e o termo designador, ocorrendo uma relação arbitrária entre significante (imagem acústica) e significado (representações psíquicas da coisa). Dessa maneira, em nível de língua, a função

denominativa se define pelo arbitrário (SAUSSURE, [1916] 2021). Em contrapartida, na Onomástica, o nome é essencialmente motivado (DICK, 1990a). Distinto da palavra, o nome é o que interessa à Onomástica, pressupondo um nomeador (enunciador) e um nomeado (espaço que recai a ação de nomear), há também o receptor (que recebe os efeitos da nomeação).

Isso pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 5 - Onomástica 1



T = Toponímia; A = Antroponímia; Região hachurada – Ponto de interseção entre T e A  
Fonte: DICK, 1990.

Observa-se que há um ponto de interseção entre esses dois subsistemas que se dá justamente no *onoma*. Dessa maneira, a palavra – quando deixa seu uso pleno na língua e entra para seu uso onomástico – reveste-se de caráter denominativo (uso dêitico ou anafórico), sendo referenciada como topônimo ou antropônimos (tendo direções opostas, mas complementando-se). (DICK, 1990a). Dessa forma, acontece uma transmigração, em que a palavra se desloca do plano lexical para o onomástico (SEABRA, 2006).

A questão da referência é fundamental, uma vez que se tratam de estudos que envolvem a função denotativa. “Ao se associar a uma determinada realidade o signo lingüístico passa a essa se referir, carregando-se de sentido.” (SEABRA, 2006). Destarte, para além da expressão linguística, o topônimo e o antropônimo compreendem, obrigatoriamente, os referentes. Considerando essa perspectiva, apresenta-se, no próximo tópico, a área da Onomástica que este trabalho está inserido: a Toponímia.



## 2.4 Toponímia

Ramo da Onomástica, a Toponímia do grego *topos*, ‘lugar’, investiga o léxico toponímico por meio do estudo dos nomes próprios de lugares. Tem como objeto de estudo – o topônimo – e métodos de pesquisa bem definidos, em que se investigam “os designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades etc.)” (DICK, 1990a, p. 119). O estudo toponímico tem caráter immanentemente interdisciplinar, uma vez que, por um lado, apoia-se em ciências, como a Geografia, a História, a Linguística, a Antropologia, e por outro lado, fornece e busca materiais que auxiliem na pesquisa dos designativos geográficos.

Por muito tempo, houve dificuldades quanto a delimitação do campo de trabalho e a caracterização do objeto específico da Toponímia (considerada um fato no sistema das línguas). Isso se devia à existência de diferentes nuances significativas (filosóficas, psicológicas, históricas etc.) – que dão forma ao nome do lugar – e as diversas informações depreendidas dele. E fazia-se necessário atingir a plenitude do fenômeno toponomástico, sendo a toponímia um imenso complexo línguo-cultural (DICK, 1990a). Atualmente, em estudos onomásticos no Brasil, ao resgatar a história social dos nomes, continua-se partindo da etimologia para reconstruir significados, mas, agora, com a finalidade de traçar um panorama motivacional da região. Isso possibilita o resgate ideológico do denominador e a preservação do fundo de memória (CARVALHINHOS, 2002-2003).

Os nomes de lugares designam um espaço físico, de maneira única, e a história deles faz descortinar aspectos naturais e antropoculturais de cenários regionais.

Núcleos humanos se distribuíram em porções territoriais, distintamente, impondo a identificação dessas regiões à medida que as ocupava. O homem se concentra em áreas acessíveis, com relativa segurança e bem-estar, garantindo a perpetuação do gênero humano. Tendo em vista o conceito de ambiente e sua projeção na toponímia, coloca-se a questão do espaço geográfico como sendo um lugar percebido e sentido pelo homem de acordo com seus sistemas de pensamento e de suas necessidades (DICK, 1990a). Assim, a maior ou menor incidência de vocábulos ligados aos respectivos domínios da experiência estariam ligados aos elementos ambientais, sendo a disponibilidade linguística dos falantes regulada, de alguma forma, pelas condições relevantes do seu espaço, desde que haja o “interesse” de incluir a palavra no vocabulário (SAPIR, 1969). A toponímia é a linguagem de um território, e a tarefa de nominalizá-lo seria quase uma ciência exata, pois o número de topônimos aplicados a um lugar o faz de forma exata, que modificá-los desvirtualiza a relação entre língua e realidade.

Portanto, a toponímia é um índice da relação entre o homem e o solo, podendo mostrar como o lugar era visto e sentido por seus habitantes (TRAPERO, 1995).

Considerando essa perspectiva, o homem enquanto entidade individual e membro de um grupo nomeia acidentes físicos a partir de um recorte no campo das significações, tendo em vista o momento experienciado pela comunidade, o ‘interesse’ (em termos sapirianos) dela em constituir e adquirir um vocábulo (DICK, 1990a) – o vocábulo entra no discurso toponímico pelas vicissitudes enunciativas (CARVALHINHOS, 2002-2003).

O homem, ao nomear certo local, ele o particulariza em relação aos demais, e essa ação carrega uma carga ideológica do denominador (CARVALHINHOS, 2002-2003), que representa visões de mundo de um grupo. Quando do batizado do lugar, reverbera-se o contexto histórico-político de uma comunidade e perpetua características do ambiente físico (ISQUERDO; SEABRA, 2010), uma vez que “*sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida*” (DICK, 1990b, p. 105). Nota-se, dessa maneira, que o topônimo se inscreve em um contínuo espaço-temporal determinado.

A linguagem toponímica se apoia no léxico regional, uma vez que, por meio das experiências assimiladas do convívio com os outros homens, o ser humano nomeia o mundo que o cerca. O espaço físico é assim batizado por uma pessoa ou povoamento, tendo em vista seu conjunto de propriedade, sendo o nome dele transmitido à comunidade linguística (SEABRA, 2006). O léxico cultural costuma marcar as regiões, preservando os costumes e objetos de uma época (CARVALHINHOS, 2002-2003).

A toponímia tem a função de distinguir acidentes geográficos, delimitando sua área e suas características específicas. No ato denominativo de identificação e designação de certo espaço, as lexias comuns nas línguas – nomes comuns – ascendem-se à categoria de topônimo — nome próprio. Por isso, os topônimos são considerados fatores de comunicação, pois permitem a referência da entidade por eles designada (DICK, 1990a).

Topônimo, em estrutura, é uma forma de língua – um significante – animado por uma substância de conteúdo como qualquer outro código em questão. No ato de batismo, em que o denominador dá um nome a um lugar, o emprego do topônimo adquire uma dimensão maior, pois, o que era arbitrário – em termos de língua – transforma-se em essencialmente motivado. Essa dimensão confere ao topônimo ser duplamente marcado em dois momentos: na intencionalidade do denominador (acionada por circunstâncias que levam a eleição de um nome para o acidente geográfico) e na origem semântica da denominação (significado que revela) (DICK, 1990a). Há arquétipos toponímicos e variáveis toponímicas; o primeiro diz respeito a

designações comuns de um local significando um mesmo fato (rio, montanha, lago), o segundo, está ligado à influência do meio e às formações históricas do homem, ou seja, essas variações acontecem em função de regiões culturais (DICK, 1990b).

Muitas vezes, é possível conservar o sentido do topônimo, preservando informações sobre o lugar, sendo alguns nomes modificados e outros não. Daí o nome do lugar ser provido de função referencial, mas seu sentido nem sempre armazenado na mente dos interlocutores, principalmente se tratando de topônimos antigos. Na comunicação toponímica, a mensagem emitida e consubstanciada no nome atinge os receptores (SEABRA, 2006). A toponímia possui uma fixação superior ao léxico comum, por conta da sua função referencial, o que não significa imobilidade, pois sobre os significantes dos topônimos também operam mudanças (TRAPERO, 1995).

A toponímia distingue os acidentes geográficos, delimitando uma área para eles e suas características específicas. Portanto, ela tem função conservadora, pois preserva ‘registros das peculiaridades topográficas locais mais sensíveis’. Por ser ‘iconicamente simbólico’, o topônimo permite captar, através da reconstituição das suas características, elementos diferenciadores da mentalidade humana, em um tempo e espaço (DICK, 1990a).

#### 2.4.1 O signo toponímico

A língua é um sistema composto por signos linguísticos usados para a interação entre os indivíduos. O signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, segundo Saussure (2021 [1916], p. 80). Por meio dessa definição, verifica-se que o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o conceito – chamado significado (referente que temos para designar o signo) – e a imagem acústica – significante (sequência fônica que utilizamos para designar o signo). São entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua – entidades mentais.

A arbitrariedade é característica do signo linguístico, de acordo com Saussure (1916). Isso se deve ao fato de o significante e o significado não terem relação direta, “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 83). Caso existisse essa relação direta, não haveria as diferenças de nomes para as mesmas coisas entre as línguas.

Desse modo, em termos de língua, a função denominativa se define pelo arbitrário convencional. Entretanto, o signo linguístico em função toponímica representa uma projeção

aproximativa do real, constituindo uma relação unívoca entre os termos implicados (DICK, 1990).

A estrutura do topônimo pode ser analisada sob aspectos intra (filiação linguística dos topônimos e respectiva pesquisa etimológica) e extralinguísticos (motivação toponímica). Da relação entre o topônimo e o acidente geográfico, estabelece-se uma interação que compreende dois elementos básicos que formam o signo toponímico: o elemento (termo) genérico e o elemento específico - por exemplo Morro da *Pedra*, em que “morro” é acidente geográfico de natureza física. O termo genérico é relativo à entidade geográfica que recebe a denominação, no caso “morro” – termo do conjunto de designativos de nomes comuns. O termo específico, o topônimo propriamente dito, particulariza a noção espacial, identificando-a e singularizando-a entre outras tantas semelhantes, no caso *Pedra* (DICK, 1990).

O topônimo não contempla apenas uma classe gramatical, todavia se compõem de substantivos ou substantivos + adjetivos. A natureza da língua implica a posição que os termos ocupam no sintagma toponímico. Em Língua Portuguesa, por exemplo, que tem estrutura de justaposição, o termo genérico se antepõe ao nome propriamente dito, acompanhado ou não de conectivo (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007).

Em determinada região toponímica, existem os arquivos permanentes e os opacos. O primeiro diz respeito às expressões onomásticas facilmente reconhecidas pela cultura local, registradas na memória destes, como exemplo os topônimos que se referem a aspectos físicos e naturais do lugar, referente mais identificável (Baixada, Barro Branco, Água Suja) (SEABRA, 2006). Há uma cristalização; não havendo mudanças morfológicas, ele conserva os mesmos elementos linguísticos da sua estabilização (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007). O segundo se refere ao universo psíquico e cultural das pessoas que habitam certa região, o significado não é transparente, pois o vínculo se perde ao passar dos anos, tem-se o seu sentido apagado, há um esvaziamento semântico (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007), podendo o topônimo vir a ser substituído (SEABRA, 2006). No entanto, o topônimo em seu nascimento é uma palavra semanticamente motivada que pode se converter em um termo de significação arbitrária. Isso se deve à transparência semântica desvanecer no tempo, chegando à arbitrariedade entre nome e realidade ser quase absoluta como no léxico comum (TRAPERO, 1995).

O topônimo é considerado, portanto, um fóssil linguístico, pois há a manutenção do nome mesmo na ausência do seu significado (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007).

## 2.5 A investigação toponímica

A investigação toponímica se iniciou no Brasil apoiada em diretrizes de Albert Dauzat (1926) para a toponímia francesa. Em seguida, estudos e pesquisas de Dumond (1990) e Dick (1990) se desenvolveram no português brasileiro. Dauzat (1926 apud SEABRA, 2004, p. 39) preconizou que estes estudos deveriam (i) estabelecer camadas dialetais, com reflexos na língua falada na região, (ii) pesquisar raízes formadoras de topônimos, (iii) reconstituir etimologicamente as formas antigas de nomeação, (iv) pesquisar em documentos históricos.

Dessa forma, cabe ao linguista-pesquisador perpassar essas etapas de investigação sistemática para o estudo dos topônimos, passando necessariamente pelo processo de reconstituição da história da motivação do nome. A toponímia tem a função de distinguir acidentes geográficos que delimitam uma área geográfica, portanto, é um meio importante de investigação linguística. Assim, os topônimos são testemunhos históricos, tendo seu valor de forma a transcender ao próprio ato de nomeação. Enquanto crônica de um povo, é instrumento de projeção temporal. E, para uma análise toponímica, leva-se em conta a história das transformações dos nomes, a sua evolução fonética, outros tipos de alterações, o desaparecimento, relações com migrações, colonização, estabelecimentos humanos e aproveitamento do solo, nomes que têm inspirações em crenças mitológicas (DICK, 1990a).

No âmbito das pesquisas sobre topônimos que vêm sendo desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Letras da UFMG, pretendeu-se, neste trabalho, classificar, descrever e analisar os topônimos selecionados, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos de Dick (1990a) e Seabra (2004), visando contribuir para estudos toponímicos, que ainda continuam sendo um tema menos explorado nos estudos linguísticos (SEABRA, 2004).

Em 1912, na França, Auguste Longnon defendeu a Toponímia como uma ciência que permite ao investigador ter o conhecimento do processo de nomeação dos lugares, de acordo com a época e o meio social. Sua obra *Les noms de lieu de la France* foi publicada postumamente pelos alunos. Dessa forma, nascia o estudo da Toponímia de forma disciplinar sistematizada (DICK, 1990b).

Em 1938, ocorreu o “I Congresso de Toponímia e Antroponímia” realizado por Dauzat. Participaram estudiosos da língua provenientes de 21 países do mundo, com o objetivo de discutir metodologias e práticas relacionadas aos estudos toponímicos. Foram pesquisas de Dauzat as responsáveis por dar impulso aos estudos toponímicos. Ele concebeu a Toponímia como uma disciplina organizada cujo objetivo é investigar a origem e o significado dos nomes,

considerando o método de área com duas grandes coordenadas: o tempo e o espaço (ZAMARIANO, 2010).

Os estudos realizados por Dauzat despertaram o interesse e o envolvimento de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, Cartografia, Geografia, História etc., não se restringindo à área da Linguística.

A partir disso, os estudos toponímicos no Brasil passaram a apresentar outra configuração. Nesse cenário, nos anos iniciais, os estudos sobre a área se focavam na análise dos topônimos de origem tupi, em que a obra clássica de Theodoro Sampaio, “O Tupi e a Geografia Nathional” (continha sólida etimologia sobre a língua tupi, comentários acerca do predomínio do tupi na geografia nacional, resumo sobre a gramática da língua), foi o marco inicial das pesquisas em território brasileiro.

Em 1961, Levy Cardoso desenvolveu, com base no trabalho de Sampaio, sua pesquisa sobre a toponímica brasílica da amazônica intitulada “Toponímia Brasílica”, que difundiu a etimologia de topônimos da Amazônia de origem caribe e aruaque.

Em 1965, Carlos Drumond publica a obra “Contribuição do Bororo à toponímia brasílica”, na qual chamou a atenção para a questão de que os estudos toponímicos no Brasil necessitavam de metodologias mais apropriadas para descrever os topônimos.

Nos anos 1980, orientada pelo professor Carlos Drumond, a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick seguiu os seus passos. Baseou-se na teoria de Dauzat e desenvolveu sua tese “A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos”. Em 1990, publicou uma obra valiosa, “Toponímia e Antroponímia no Brasil”, cujo trabalho é considerado como norteador e impulsionador dos estudos toponímicos brasileiros.

A pesquisa toponímica brasileira deve estar pautada nestes dois aspectos importantes:

a – no estudo da natureza linguística dos topônimos que conformam a nomenclatura geográfica brasileira, provenientes das camadas linguísticas intercorrentes: a indígena, distribuída em suas diversas famílias; a portuguesa (ou brasileira propriamente dita); a africana; nomes de origem estrangeira, de filiação mais recente; análise dos fenômenos de linguagens pertinentes;

b – no estudo da motivação ou da natureza semântica dos nomes envolvidos no ordenamento onomástico brasileiro, de modo a se configurar as tipologias dominantes, segundo áreas específicas de ocorrências. (DICK, 1990b, p. 46)

Os estudos da área no Brasil passaram a seguir os métodos de Dick, que se tornou líder do projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), o qual originou vários projetos que visam descrever a toponímia de diversos estados e regiões do Brasil.

Os projetos toponímicos têm como finalidade, portanto, a definição das características dos nomes regionais do país e a abordagem de estudos sobre o homem e a sociedade, tendo como base a teoria da linguagem e a investigação Onomástica. Em especial, o ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais) – coordenado pela professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Vinculada a este, encontra-se esta pesquisa sobre o léxico toponímico motivado por nomes das cores - cromotopônimos.

### 2.5.1 O Projeto ATEMIG

Este trabalho se insere, conforme já pontuado, no Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, em desenvolvimento na Faculdade de Letras da UFMG, desde 2005.

O referido projeto, em sua fase inicial, seguia unicamente à proposta metodológica do Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil<sup>2</sup>. Posteriormente, tornou-se uma de suas variantes regionais. Com a aposentadoria da Profa. Dick, o ATEMIG se desvinculou do ATB, expandiu-se, ampliando sua metodologia.

Nesta pesquisa, adota-se metodologia comum seguida pelas demais equipes de pesquisadores que atualmente coordenam as antigas variantes regionais do extinto ATB em seus respectivos estados. Essa metodologia abrange o “método das áreas”, utilizado por Dauzat, que propõe o remapeamento da divisão municipal de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão, e a distribuição toponímica em categorias taxonômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, as quais foram sugeridas por Dick (1990).

O Projeto ATEMIG tem dez objetivos básicos, conforme Seabra (2012, p. 73-74):

1. Constituir um *corpus* com todos os topônimos presente nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);

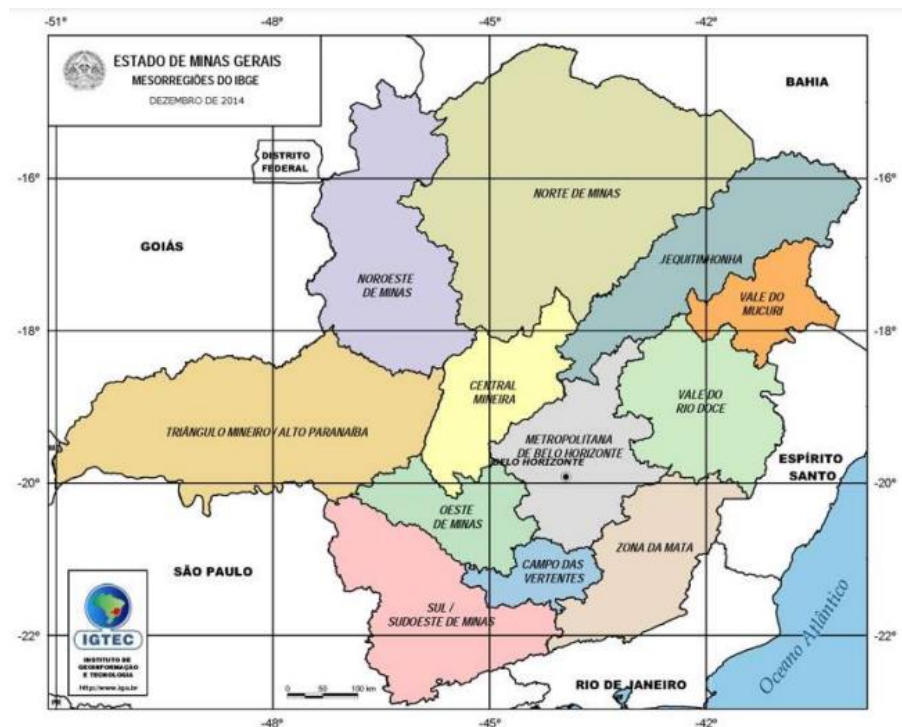
---

<sup>2</sup> Que foi proposto e coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FAFLCH/USP).

5. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praças, becos etc.) presentes em cidades mineiras.

Em um primeiro momento, visando constituir um *corpus* de dados contemporâneos para posteriores análises sincrônicas e diacrônicas, a equipe do Projeto ATEMIG coletou topônimos em todo o território mineiro, seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em 12 mesorregiões, conforme se visualiza no mapa apresentado a seguir; 1. Campo das Vertentes; 2. Central Mineira; 3. Jequitinhonha; 4. Metropolitana de Belo Horizonte; 5. Noroeste de Minas; 6. Norte de Minas; 7. Oeste de Minas; 8. Sul e Sudoeste de Minas; 9. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; 10. Vale do Mucuri; 11. Vale do Rio Doce; 12. Zona da Mata.

Figura 6 - Mesorregiões de Estado de Minas Gerais pelo IBGE



Fonte: Governo de Minas Gerais.



Para cada região do território mineiro, foram feitos detalhamentos da realidade toponímica com o objetivo de se conhecer a denominação dos acidentes geográficos. Realizaram-se o levantamento dos nomes de povoados, fazendas, sítios e acidentes geográficos como rios, morros, serras etc., em mapas municipais - fontes do IBGE, com escalas de 1: 50.000 a 1: 100.000. Para cada fase, realizaram-se:

- a) coleta de dados;
- b) análise e tabulação dos dados;
- c) organização do conteúdo;
- d) apresentação dos resultados parciais.

Dentre os trabalhos já realizados no âmbito do Projeto ATEMIG, destacam-se Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), monografias, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado:

Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC):

➤ *Estudo toponímico no Vale do Mucuri*. Graduação em Letras, defendido por Sônia Maria Caldas Machado (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012).

➤ *Toponímia de origem árabe em ruas de Belo Horizonte - MG*. Graduação em Letras, defendido por Jéssica Nayra Sayão de Paula (Universidade Federal de Minas Gerais, 2015).

➤ *Edição e inventário toponímico de um manuscrito oitocentista da capitania de Minas Gerais*. Graduação em Letras, defendido por Maria José Gouveia de Lana (Universidade Federal de Minas Gerais, 2016).

➤ *Projeto ATEMIG: Proposta para a criação de um software linguístico*. Graduação em Letras, defendido por Paulo Roberto Boss Júnior (Universidade Federal de Minas Gerais, 2019).

Monografia:

➤ *Bravo Torres e Guardiã de Ibituruna: pesquisa toponímica em Batalhões da PM da cidade de Governador Valadares*. Monografia apresentada por Cassiene Lopes Rezende ao curso de Especialização em Gramática da Língua Portuguesa (Universidade Federal de Minas Gerais, 2016).

Dissertações:

- *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Mestrado em Linguística, defendida por Joara Maria de Campos Menezes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009).
- *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. Mestrado em Linguística, defendida por Letícia Rodrigues Guimarães Mendes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009).
- *O léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*. Mestrado em Linguística, defendida por Tatiana Martins Mendes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010).
- *Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. Mestrado em Linguística, defendida por Mônica Emanuelle Ferreira de Carvalho (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010).
- *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. Mestrado em Linguística, defendida por Zuleide Ferreira Filgueiras (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011).
- *A toponímia africana em Minas Gerais*. Mestrado em Linguística, defendida por Emanoela Cristina Lima (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012).
- *A Toponímia da região central de Minas Gerais*. Mestrado em Linguística, defendida por Patrícia de Cássia Gomes Pimentel (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015).
- *História e cultura do Centro-Oeste Mineiro retratadas na antropotponímia da cidade de Bom Despacho*. Mestrado em Linguística, defendida por Fernanda Lellis Fernandes Loureiro Gontijo (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017).
- *Geomorfotopônimos históricos*. Mestrado em Linguística, defendida por Marianna de Franco Gomes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019).
- *Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim (MG)*. Mestrado em Linguística, defendida por Jeander Cristian da Silva (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021).

➤ *A toponímia rural no contexto cafeeicultor da Serra do Caparaó*. Mestrado em Linguística, defendida por Jacqueline Helen de Lima (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021).

Teses:

➤ *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*. Doutorado em Estudos Linguísticos, defendida por Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos (DINTER-UFPI/Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012).

➤ *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. Doutorado em Estudos Linguísticos, defendida por Ana Paula Mendes Alves de Carvalho (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014).

➤ *Tradição e Memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova - Minas Gerais*. Doutorado em Linguística, defendida por Glauciane da Conceição dos Santos Faria (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017).

➤ *Litotoponímia Mineira*. Doutorado Linguística, defendida por Maryelle Joelma Cordeiro (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018).

➤ *A Zootoponímia em Minas Gerais*. Doutorado em Linguística, defendida por Cassiane Josefina de Freitas (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018).

➤ *A antropotoponímia da cidade de São João del-Rei*. Doutorado em Linguística, defendida por Celso Reis Macedo (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021).

➤ *A Sociotoponímia em Minas Gerais*. Doutorado em Linguística, defendida por Emanoela Cristina Lima Cotta (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021).

➤ *Atlas Hidronímico de Origem Indígena do Estado Maranhão*. Doutorado em Linguística, defendida por Edson Lemos Pereira (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022).

➤ *De Adelina Camelo a Zico Barbosa: língua, história e memória nos nomes de rua no município de Pedro Leopoldo/MG*. Doutorado em Linguística, defendida por Letícia

Rodrigues Guimarães Mendes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022).

➤ *A Toponímia Indígena de Minas Gerais*. Doutorado em Linguística, defendida por Patrícia de Cássia Gomes Pimentel (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022).

➤ *A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais*. Doutorado em Linguística, defendida por Marianna de Franco Gomes (Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023).

## 2.6 A motivação cromotoponímica

A problemática sobre as cores vem sendo estudada ao longo do tempo. No mundo antigo, por meio de Platão e Aristóteles. A partir do século XV, em Leonardo da Vinci (O tratado da pintura e da paisagem – sombra e luz), Newton (óptica – ou um tratado das reflexões, refrações, inflexões e cores de luz) e Goethe (Doutrina das cores). No século XIX, mais recentemente, de forma a modificar a compreensão dos efeitos das cores sobre o homem, estudos ancorados em teorias da percepção dos fisiologistas, como Hermann von Helmholtz e Thomaz Young, bem como na do físico James Clerk Maxwell, também na do psicólogo Edward Hering foram realizados. Outras contribuições também se fizeram, como as da Gestalt, na psicologia da percepção sensorial, outras vindas da filosofia da linguagem, Wittgenstein, outras advindas das artes plásticas e do design, como George Seurat e dos grandes mestres da Bauhaus. Nota-se, pois, um leque de teorias – filosófica, psicológica, fisiologia, física, estética – sobre o estudo das cores, configurando-se, portanto, um estudo interdisciplinar, sendo que um não invalida o outro *a priori* (GUIMARÃES, 2000). O homem estabeleceu os mais diversos tipos de relação com as cores, desde explicações científicas a fins estéticos, sendo impossível viver em um mundo preto e branco, haja vista o papel que as cores assumiram no mundo (BRANGEL, 2011). Tendo em vista essa problemática, a seguir, apresenta-se, brevemente, um apanhado sobre ela.

Nos primórdios, as cores se faziam no espaço se delimitando entre claridade (dia) e escuridão (noite). As experiências do ser humano com a cor se davam em espaço aberto, na natureza, prescrutando mudanças temporais e climáticas. Ao experimentar a cor e lhe atribuir sentido, o homem percebeu a infinita paleta cromática do mundo natural e as transformações

que podem ocorrer. Assim aprendeu a criar e manipular a cor, instituindo códigos culturais norteadores de comportamentos individuais e coletivos (GUIMARÃES, 2000).

A realidade disposta é considerada um *continuum* difuso que se categoriza por questões de convenção, de representação das categorias linguísticas (TAYLOR, 2003). E, dessa maneira, a sensação da cor é experimentada de modo empírico, sendo categorizada nesse *continuum* difuso. No decorrer dos anos, o homem foi experienciando, vivenciando e nomeando as cores por questões que perpassam desde sua necessidade, seu imaginário e sua criatividade (BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007).

Do ponto de vista da percepção de um contínuo de objetos, e esta *a priori* ao processo de categorização, existe a percepção categórica que está associada de modo direto aos estímulos sensoriais e às partes perceptivelmente distintas que compõem o objeto. Ela é considerada um mecanismo para classificar e ordenar o contínuo físico. Alude à equivalência de medidas de discriminação e identificação, no todo, e não essas duas consideradas como partes, pois há conexão entre categorização e discriminação. A percepção categórica faz com que um indivíduo seja capaz de identificar um estímulo individual ao longo de um contínuo físico e de discriminar pares de estímulos como sendo iguais ou diferentes. A capacidade de dividir um contínuo físico (na percepção de cor) ou sonoro (na percepção de sons da fala) em categorias ocorre em seres humanos e em outras espécies, sendo ela adaptativa em cada uma. Consegue-se estabelecer uma objetividade (ou intersubjetividade), alcançada, principalmente, pela capacidade da constância perceptual, a qual é encontrada no mecanismo da percepção categórica. O cérebro reconhece, a partir desse fenômeno, constantes físicas de objetos e, com isso, é capaz de categorizar os objetos de acordo com a cor, a forma, a textura, o movimento etc. É um fenômeno intersubjetivo (OLIVEIRA, 2015).

Qualquer ambiente juntamente com seus objetos materiais muda efetivamente de cor conforme suas fontes de luz. A cor dos objetos se altera conforme a luz que os atinge, devido à cor não ser característica dos objetos (FARINA *et al.*, 2006).

A cor está amplamente relacionada aos sentimentos (aspectos psicológicos) *pari passu* sofre influência da cultura, as tonalidades são símbolos. A cor é considerada um evento psicológico, pois não é matéria nem luz, e sim uma sensação. A sua existência pressupõe os seguintes elementos: emissor (objeto, cuja superfície reflete a luz) – codificador (condições físicas do objeto para refletir a luz) – canal (raio de luz) – mensagem (cor) – decodificador (aparelho visual do indivíduo) – receptor/intérprete (cérebro do indivíduo) (FARINA *et al.*, 2006). Dessa forma, as cores influenciam o ser humano e seus efeitos fisiológicos e psicológicos, elas

intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos. (FARINA *et al.*, 2006, p. 2).

Há, portanto, uma área de experiência na qual a hipótese da realidade do mundo como um *continuum* parece ser válida, e esta é a cor (TAYLOR, 2003).

Todo o espaço tridimensional é constituído por vetores luminosos que carregam as informações visuais de um objeto e a projeção desses feixes luminosos atinge as pupilas dos olhos do homem (GUIMARÃES, 2000).

O mundo material se apresenta sob duas formas: substância e luz. Esta tem sua existência condicionada pela matéria, tratando-se de radiação eletromagnética emitida pela substância. Newton descobre o mecanismo de coloração dos corpos através da absorção e reflexão dos raios luminosos determinado pela a propriedade que convencionou chamar de “cores permanentes dos corpos naturais” (PEDROSA, 1977).

Figura 7 – Experimentos com a luz através do prisma de Isaac Newton



Fonte: site Mundo Educação. Experimentos com a luz sendo realizados por Isaac Newton.

A luz solar (o espectro óptico) contém todas as cores que o homem pode visualizar. A faixa projetada por várias cores se denominou espectro (latim *spectrum*) (FARINA *et al.*, 2006).

Através da sensibilidade humana, enxergam-se cores e seu deslumbramento provocado pela sensação dos atributos coloridos da fauna, da flora, do ambiente físico (mares, rochas, céu, asfalto) (BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007).

As cores, por meio de nossos olhos e do cérebro, fazem penetrar no corpo físico uma variedade de ondas com diferentes potências que atuam sobre os centros nervosos e suas ramificações e que modificam, não somente o curso das funções orgânicas, mas também nossas atividades sensoriais, emocionais e afetivas (FARINA *et al.*, 2006, p. 2).

Os indivíduos se sensibilizam com cores de flores, e de igual modo são incitados a usá-las em pinturas de suas casas (ZAVAGLIA, 2007). Dessa forma, os objetos do mundo sensível, no caso os cromáticos, guardam latente a sua manifestação, sendo esta levada aos olhos pelos fluxos de feixes luminosos (GUIMARÃES, 2000).

O fenômeno da percepção categórica ocorre durante o processo perceptivo, realizando a categorização, ou seja, as informações sensoriais são discriminadas e identificadas em categorias, sendo que estas representações perceptuais (*proxytypes*) da experiência sensorial, armazenadas na memória, não implicam estruturas sintáticas e capacidades racionais e proposicionais, bem como domínio linguístico (OLIVEIRA, 2015).

Por exemplo, o reconhecimento da “vermelhidão”, ou da propriedade de algo ser vermelho, não implica o domínio proposicional ou conceitual de “vermelho”. O indivíduo pode ser capaz de individuar e categorizar uma experiência perceptual sem antes ter o domínio dos conceitos que estão envolvidos nela. (...) podemos afirmar que a capacidade de categorizar informações sensoriais em representações perceptuais (*proxytypes*) não depende de estrutura proposicional ou conceitual (OLIVEIRA, 2015, p. 141).

O ser humano, ao enxergar a cor, experencia a constância e o contraste perceptual dela, permitindo-lhe ver tonalidades de cor e instanciá-las em categorias, bem como ver diferentes tonalidades da mesma cor e instanciá-las na mesma categoria. Por um lado, deve haver certa constância de cor no mundo para a identificação e discriminação das cores, haja vista que a variação da iluminação pode alterar a percepção de diversas cores. O contraste de cor, por outro lado, faz com que se percebam cores físicas iguais como diferentes. As categorias de cor parecem, ainda, exibir certa similaridade através da cultura, na medida em que a aquisição cultural de certas categorias e as limitações acerca da percepção e da representação categórica fazem com que algumas categorias tenham uma distribuição similar para as categorias de cor, como pode ser visto em seres humanos de diferentes culturas (OLIVEIRA, 2015).

Para além da percepção categórica, existe a elaboração do significado. Ele é construído no nível conceitual. Existe um mundo concebido *a priori* no qual a língua tem o potencial de descrevê-lo apropriadamente. A realidade percebida pelo homem não está pronta, mas segue sendo segmentada, condicionada, de acordo com o modo como ele a interpreta, experencia-na, como visto anteriormente em Tyler (2003). A categorização é vista como um processo social e cultural da construção da realidade, ela organiza conceitos. Na definição de uma categoria, as informações perceptivas são fundamentais, pois levam em conta informações do mundo e como o ser humano responde a ele (LIMA, 2010).

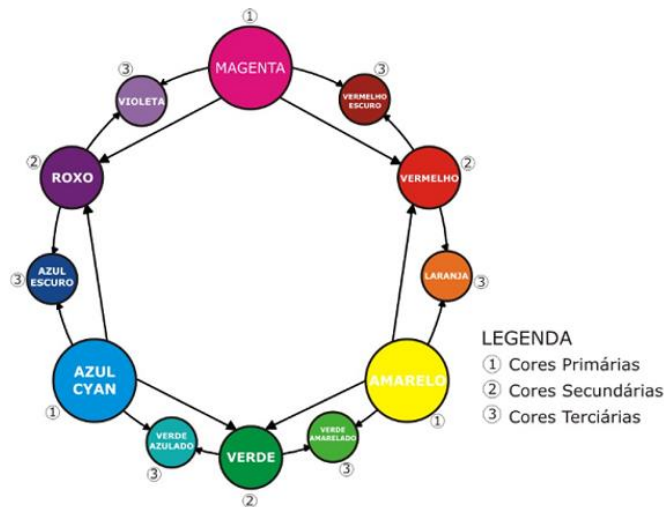
A partir da percepção visual e da decodificação neurônica das cores, o repertório de signos é adquirido, consolidando a linguagem das cores. A cor age tanto em quem recebe a imagem como em seu construtor, portanto, na comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: impressionar, expressar e construir (FARINA *et al.*, 2006). A cor é vista pela retina e sentida pela emoção, “é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia.” (FARINA *et al.*, 2006, p. 13).

O espectro de cores está subdividido em categorias de cor (*color categories*), que têm um status especial entre as categorias de percepção humana. O conceitualismo perceptual restringe a experiência perceptiva ao alcance dos conceitos. Isso limita a percepção de cores e formas, uma vez que se pode discriminar perceptivamente mais cores e formas das que são descritas por conceitos ou pelo conteúdo proposicional (OLIVEIRA, 2015). “O nome da cor é também cor” (PASTOUREAU, 1997, p. 124)

As cores são classificadas tendo em vista sua divisão em primárias e secundárias. As cores primárias são aquelas que não podem ser formadas pela soma de outras, sendo irredutíveis. As cores secundárias são formadas pelo equilíbrio óptico (físico) da mistura de duas cores primárias, em iguais quantidades e intensidades. As cores primária e secundária são consideradas cores complementares, uma vez que cada cor primária necessita da soma das duas outras primárias para complementar a síntese, e as soma destas outras primárias origina uma secundária (GUIMARÃES, 2000). Um diagrama cromático com as cores do espectro solar é formado, obtendo um círculo cromático baseado na disposição ordenada de cores básicas e em seus compostos (FARINA *et al.*, 2006).



Figura 8 – Circulo cromático



Fonte: site Toda Matéria.

Como pode ser visto na figura acima, por exemplo, o verde é complementar ao magenta, o vermelho ao cyan e o amarelo ao azul.

As cores secundária e terciária dizem mais sobre um conceito ou um sentimento que as primárias. Por exemplo o vermelho, que é a cor primária e representa sentimentos do amor ao ódio, sendo a cor de todas as paixões (as boas e as más), assim o vermelho do ódio pode ser mais escuro e o do erotismo mais claro, bem como o amor às vezes é cinza, preto, dourado e até mesmo azul (HELLER, 2022). Cada nuance pode representar uma emoção distinta.

A experiência do homem com o mundo influencia os mais diversos aspectos da sua produção cultural; ele registra linguisticamente sua percepção física e emotiva das cores do universo físico, expandindo sua semântica em um caleidoscópio de usos conotativos e simbólicos. Desse modo, o universo é colorido e cada idioma atribui denominações específicas às cores universais em seu vocabulário (BIDERMANN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007). As cores admitem sentidos distintos, dependendo do contexto, assumem sensações positivas e em outros, negativas (FARINA *et al.*, 2006).

A língua pode refletir padrões de pensamento, fazendo da linguagem um meio para se entender o funcionamento do sistema cognitivo. A estrutura conceitual é estritamente vinculada com o mundo exterior, o qual, através das experiências sensório-motor do indivíduo, é percebido. O homem experencia a tendência do seu corpo de esquentar quando do acúmulo de sangue e a ruborização da pele (vermelho da temperatura, vermelho sangue e vermelho pele). Daí surge a relação metaforizada, isto é, o homem relaciona conceitos com entidades, sem 49trong-los literalmente, no caso, as cores (BRANGEL, 2011).

O homem nomeia o mundo com nomes de cores, o colorido se concretiza em palavras. Os sintagmas cromáticos estão ligados à experiência e à sensibilidade humana diante do mundo, exprimindo, inconscientemente, suas emoções por meio de cromônimos, isto é, nomes de cores. Assim, há expressões como “blusa vermelha” que representam a cor física bem como “sair do vermelho” que representam signos universais e metafóricos. Este tipo tão enraizado na realidade contextual, que nem se faz perceber o elo existente entre objeto e cor (ZAVALGIA, 2007).

Distinguem-se, atualmente, mais ou menos 16 milhões de cores. A natureza oferece um número infinito delas. No entanto, a percepção humana não discerne todos os tons e nem mesmo o vocabulário consegue atribuir nomes a essa diversidade. Dessa maneira, na definição das cores, criam-se denominações que podem seguir certa convenção, mais ou menos aceita no seu ambiente de origem, muitas vezes acompanhando orientações comerciais e industriais, obtendo, dessa maneira, um repertório maior, porém aquém da riqueza tonal do leque de possibilidades cromáticas existentes (GUIMARÃES, 2000).

No período Paleolítico, havia apenas duas cores representadas pictoricamente pelo homem: o terra-vermelha e o terra-amarela (ou ocre). Posteriormente, o preto e o vermelho foram incluídos (nas mãos negativas na Gruta de Gargas, nos altos Pirineus). Já entre os neandertalenses, era possível detectar o surgimento do ocre nos rituais fúnebres, conforme documentos arqueológicos mais confiáveis no período conclusivo da “hominização” (IVANOV, p. 107 apud GUIMARÃES, 2000, p. 61).

Animais eram pintados em grutas com seis cores: branco, preto, terra-ocre, terra-marrom, terra-vermelha e terra-violeta. A síntese das pinturas rupestres era composta além das cores neutras (branco, preto e marrom), bem como de um amarelo, um vermelho e um azul. Dessa forma, a história dos seres vivos se inicia com um número limitado de cores (duas), as quais carregavam uma manifestação binária dos sistemas simbólicos até um número dificilmente mensurável de pigmentos disponíveis. À medida que aumentava a disponibilidade técnica para obtenção e manutenção de novos pigmentos, majorava a paleta de cores e sua tendência no uso da informação cromática como linguagem (GUIMARÃES, 2000).

Reescrever a história das cores é limitar e reconstituir o que foi o universo da cor para determinada sociedade no passado – uma área cultural. Por exemplo, a cor cinzenta, atualmente, é uma mistura de preto e branco, um valor intermediário entre estes pólos, é instrutivo. Na Idade Média, não era feito de preto e branco, mas sim de uma miscelânea de cores, dava ideia de manchas, ocasionando a ideia de ausência de franqueza e clareza. Daí a importância de não se cair em anacronismos ao estudar a história das cores (PASTOUREAU, 1997). A consciência

moderna sobre a classificação e significação das cores reage da mesma forma ao padrão antigo do simbolismo medieval delas.

Pode-se especular muito a respeito das causas: será algo congênito? Serão estruturas anímicas inconscientes, que herdamos no decorrer da história da humanidade? Devemos falar de “arquétipos”? De verdades transculturais? A melhor explicação científica é que há muito mais sentimentos do que cores, e por isso temos que associar parcialmente a cada e sentimentos e conceitos muito diferentes. Apesar de nossa seleção de cores ser limitada, construímos aqui um sistema lógico em que, pela adição de outras cores, caracterizamos um significado positivo ou negativo. Os efeitos das cores não são congênitos, do mesmo modo como a linguagem também não o é. Mas como nós a aprendemos desde pequenos, os significados tornam tão interiorizados nos adultos, que dão a impressão de serem inatos. (HELLER, 2022, p. 54).

As cores constituem, portanto, um *continuum*, de difícil delimitação, não se podendo estabelecer limites precisos sobre elas (BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007). Pode-se dizer de um *continuum* do microssistema dos cromônimos. (ZAVAGLIA, 2006). Por exemplo, observadores humanos raramente percebem a continuidade da mudança de cor ao longo do espectro de cores, mas descrevem “mudanças” em categorias de cor (OLIVEIRA, 2015). Como foi visto também na figura do círculo cromático apresentado acima.

Há três características principais que foram utilizadas como parâmetros de definição da cor, quais sejam: o matiz – a própria coloração definida pelo comprimento de onda, o valor – luminosidade da cor (o quanto se aproxima do branco ou preto) e o croma – saturação ou grau de pureza da cor. Esses parâmetros são universais, praticamente, e determinam, respectivamente, a exata posição da cor no espectro eletromagnético, as atenuações ascendentes (clareamento) e descendentes (escurecimento) e a aproximação da cor espectral com sua correspondente em uma escala de tons de cinza (GUIMARÃES, 2000).

Como cada uma destas dimensões constitui um *continuum* suave, as pessoas reconhecem categorias distintas, todavia não exista base física para a demarcação de categorias de cores distintas. Tais categorias são produtos de uma experiência de aprendizagem, mais particularmente, de linguagem. Essa visão é apoiada pelo fato de que as línguas diferem consideravelmente, tanto no que diz respeito ao número de termos de cores que possuem, quanto no que diz respeito à gama denotacional desses termos (TAYLOR, 2003).

Portanto, os nomes de cores constituem um campo léxico de natureza universal, categorizado diferentemente dependendo da língua. Não há isonomia linguística entre línguas nem mesmo dentro de um mesmo idioma, haja vista que a cor se reveste também de conotações culturais (BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007). O russo não tem palavra para azul; existem, sim, termos *goluboy* “azul claro, claro” e *siniy* “azul escuro, brilhante” são cores

diferentes, e não tons diferentes da mesma cor, por exemplo. As línguas bantu, em geral, têm poucos termos para as cores; Tsonga, por exemplo, tem apenas sete termos básicos de cores (TAYLOR, 2003). Os esquimós utilizam muitos nomes para designar as neves e suas diferentes consistências, não havendo palavra que resuma todos os seus tipos. Cada língua tem um modo próprio de compilar suas experiências, organizando seu mundo lexical de acordo com necessidades práticas (ZAVAGLIA, 2006).

O léxico caracteriza, nomeia e reflete cultural e socialmente as percepções e os sentimentos dos falantes de certa língua, (BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007) sendo ele um sistema composto pela união de microssistemas, que totalizam o macrossistema que é o acervo léxico-cultural de uma sociedade (ZAVAGLIA, 2007).

O cromônimo é, então, um microssistema que compõe uma língua, podendo ser estudado de forma independente, no que tange suas estruturas morfológicas cristalizadas no patrimônio lexical de uma língua (ZAVAGLIA, 2007), eles são singulares, repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática (GONÇALVEZ, 2017).

Assim, o microssistema das cores é um fenômeno classificado como sendo de percepção sensorial, de aspectos psicológicos e culturais, refletindo nos nomes de cores, percebidas pelos olhos e interpretadas pela mente humana (GONÇALVEZ, 2017). A percepção das cores acontece distintivamente de cultura para cultura. Toda língua natural é caracterizada pelo relativismo cultural, resultando no modo particular e único de descrever as cores no sistema linguístico, de forma que os feixes cromáticos de uma cultura – desprovidos de objetividade – sejam distinguidos e retratados na língua (ZAVAGLIA, 2006).

A analogia ou comparação com um referente que possui determinada característica cromática é um dos processos de denominação de cores, avolumando as possibilidades de expressão linguística de uma cor (GONÇALVEZ, 2017). Levando-se em consideração esse pressuposto, as composições dos nomes podem acontecer acrescentando os adjetivos “claro” e “escuro”, ou com termos indicativos de inclinação a outra cor (amarelado, esverdeado, azulado, avermelhado, acinzentado). A denominação por ocorrer, também, em detrimento da origem do material muito utilizado por fabricantes de pigmentos (branco-de-cádimo, azul-cobalto, negro-de-fumo), bem como por aqueles que indicam a localidade de origem ou de divulgação (azul-egípcio, amarelo-de-Nápoles), ou por termos que indicam a semelhança da cor com o mundo natural (verde-bandeira, verde-folha, verde-esmeralda, verde-petróleo. Algumas denominações indicam com precisão a cor, outras dependem do repertório comum entre emissor e receptor (ideia do verde-bandeira no Brasil é diferente da ideia do verde-bandeira na Arábia Saudita, bem como não se pode garantir que duas piscinas tenham a mesma cor de referência). Por meio

dessa forma não sistematizada, consegue-se multiplicar o repertório de nomes das cores (GUIMARÃES, 2000).

A língua é vista como entidade limitada e limitante do pensamento, uma vez que nem sempre é possível levar ao plano linguístico as ideias contidas na mente do falante (BRANGEL, 2011). Nota-se em certas culturas ausência e presença de unidades lexicais cromáticas. Entretanto, isso não significa que falantes estejam desprovidos de habilidades fisiológicas de percepção do universo cromático. Decorre que algumas cores não sejam relevantes ou não possuam referência para tais universos culturais. A percepção, portanto, sobre o contínuo da luz está relacionada diretamente à prática cultural (ZAVAGLIA, 2006).

Em detrimento disso, a cor é considerada também informação cultural, em que sua comunicação é feita por meio de textos. A dimensão aplicativa do conceito de cor deve ser considerada, isto é, a cor aplicada ao objeto – corpóreo ou etéreo, material ou conceitual (GUIMARÃES, 2000). O signo tem que ser capaz de ser percebido pelos sentidos, produzido, recebido e interpretado por seres vivos – animais e homens (BYSTRINA, 1995). Assim

Quando um indivíduo profere o nome de uma cor, ele não está apontando diretamente para um estado do mundo (processo de referência), mas ao contrário, ele está correlacionando esse termo a uma unidade ou a um conceito cultural. Essa articulação do termo é determinada, obviamente por uma dada sensação, mas a transformação dos estímulos sensoriais em um objeto da percepção é, do mesmo modo, determinado pela relação semiótica entre a expressão linguística e o significado ou conteúdo culturalmente correlacionado com ele (ECO, 1985, p. 160 apud MORAES, 1995, p. 65 apud ZAVAGLIA, 2006, p. 27).

Por exemplo, a planta não tem a intenção de ser cor, essa informação está no seu código genético (BYSTRINA, p. 41 apud GUIMARÃES, 2000, p. 16), é “uma informação latente” (GUIMARÃES, 2000, p. 15). Cada objeto disposto no mundo guarda em si uma informação latente que é percebida pelos seres vivos, e quando da sua percepção, tal informação latente se modifica e se transforma em uma informação atualizada. Assim, entendida em uma dimensão pragmática – a cor é vista como informação atualizada do signo (havendo a relação de um objeto produzido por um emissor e recebido e interpretado por um receptor). Tudo o que é percebido já é informação atualizada (BYSTRINA, 1995).

Dessa forma, a cor é tida como um dos elementos da sintaxe da linguagem visual, sendo esta um dos diversos códigos da comunicação. A linguagem visual obedece a certas regras ditadas por um macrossistema, um macrocódigo chamado cultura. Portanto, assegura-se a potencialidade do uso da cor como informação cultural. (GUIMARÃES, 2000).

A cor depende da natureza das coisas para as quais se olham, da luz que as ilumina, e ela existe enquanto sensação registrada pelo cérebro. (FARINA *et al.*, 2006). Desse modo, ela seria uma propriedade relacional, a qual tem como referência o sujeito perceptor (e seu sistema sensorial e nervoso), o objeto, a refletância de luz e as características físicas do ambiente. (OLIVEIRA, 2015, p. 109), ou seja, “uma informação visual, causada por um estímulo físico, percebida pelos olhos e decodificada pelo cérebro.” (GUIMARÃES, 2000, p. 12). A cor é “um fenômeno cultural – portanto, perfeitamente subjectivo – e, além disso, rebelde a qualquer generalização” (PASTOUREAU, 1997, p. 148). Além da cor ser um fenômeno físico da luz que é interpretado mentalmente e estabelecer comunicação entre os indivíduos ao levar informações, ela também é uma unidade lexical que

denomina o absorver e o refletir da luz dos corpos, sejam eles naturais ou artificiais. Nessa vertente, de acordo com a sua vivência e experiência, o homem, com o decorrer do tempo, foi criando e registrando lingüisticamente sua afetividade pelas cores. As expressões cromáticas estão ligadas à experiência e à sensibilidade do homem diante do mundo que o cerca, tanto para representar a cor como um aspecto sob a luz do sol – folhas verdes, bolsa marrom, casaco preto, como para representar signos universais e metafóricos como ouro negro ou sair do vermelho (ZAVAGLIA, 2006, p. 26).

Dessa forma, tendo em vista a problemática da cor, ela será apresentada neste trabalho sob seus aspectos da percepção – questões físicas, fisiológicas e sensoriais – e da categorização – nomeação e definição da experiência e da afetividade pelas cores. E na perspectiva da categorização linguística, para além dela, este trabalho se ancora nas definições e nos contextos históricos e culturais das cores como motivação para nomear acidentes físicos. Buscou-se, pois, compreender os elementos que influenciaram a conduta humana para nomear cromotopônimos.

Foram escolhidas obras que tratassem sobre os termos de cores no léxico (cf. BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007; ZAVAGLIA, 2006-2007; BERLIN, KAY, 1999; GUIMARÃES, 2000; OLIVEIRA, 2015; TAYLOR, 2003; BRANGEL, 2011).

Cabe ressaltar que estas são teorias, conceitos e perspectivas sobre a problemática das cores, não sendo o arcabouço teórico em si desta pesquisa, todavia se ponderou importante trazê-las ao debate. Para tal discussão, corrobora-se com Biderman, Nascimento, Pereira (2007) de que exista universais cromáticos e particularidades devidas ao relativismo linguístico determinado pelas idiosincrasias culturais.

## 2.6.1 A categorização/conceitualização da cor sob as óticas do Universalismo Linguístico e do Relativismo Linguístico

A seguir se apresenta como a categoria da cor – o fenômeno do cromatismo – tem sido amplamente estudada sob a perspectivas de teorias Universalismo Linguístico (ROSCH, 1975; BERLIN, KAY, [1969] 1999) e o Relativismo Linguístico (SAPIR, 1941; WHORF, 1956).

### 2.6.1.1 *Universalismo Linguístico*

Contrapondo a abordagem do modelo de categorização tradicional sobre o fenômeno da cor, a saber o aristotélico e o estruturalista, o Universalismo Linguístico se apresenta. Assim, estudos sobre a categorização podem ser encontrados também pela ótica semântico-cognitiva da linguagem. Nesta, encontra-se o estudo da Teoria Prototípica, proposta por Rosch (1975) e, em seguida, o estudo de Berlin e Kay ([1969] 1999) que ganhou muito alcance.

A Teoria dos Protótipos defende que existem representantes mais nucleares e menos nucleares no interior de uma categoria conceitual (ao contrário das categorias aristotélicas, em que os membros não se diferenciavam entre si, possuindo o mesmo estatuto). Os protótipos seriam, portanto, membros possuidores das mesmas características de determinada categoria, elencando o ‘melhor exemplo’ dela. Eles possuem os membros centrais (similaridade suficiente com o protótipo) e os periféricos (-similaridade). (KREBS; LAIPELT, 2018).

O trabalho pioneiro nesse sentido é *Basic Color Terms* (1969), dos linguistas-antropólogos Berlin e Kay, que visava a comparar os nomes de cores básicas em 20 línguas diferentes através de uma série de experimentos empíricos.

Nossos resultados... lançam dúvidas sobre a crença comumente aceita de que cada idioma segmenta o continuum tridimensional de cores de forma arbitrária e independente de cada outro idioma. Parece agora que, embora diferentes línguas codifiquem nos seus vocabulários diferentes números de categorias básicas de cores, existe um inventário universal total de exatamente onze categorias básicas de cores, a partir do qual são sempre extraídos os onze ou menos termos básicos de cores de qualquer língua. (BERLIN; KAY, 1969, p. 2, tradução nossa)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Our results ... cast doubt on the commonly held belief that each language segments the three-dimensional color continuum arbitrarily and independently of each other language. It appears now that, although different languages encode in their vocabularies different numbers of basic color categories, a total universal inventory of exactly eleven basic color categories exists from which the eleven or fewer basic color terms of any language are always drawn (BERLIN; KAY, 1969, p. 2).

A investigação dessa abordagem se restringe ao que chamaram de termos básicos de cores que constituem os protótipos de categorias de cor (melhores exemplares) e, ao mesmo tempo, nomeiam-nas. Além disso, estes termos possuem um caráter universal no que diz respeito à sua tonalidade correspondente no espectro cromático (o vermelho prototípico do inglês, nomeado pelo termo básico de cor *red*, seria o mesmo vermelho prototípico do português, designado pelo termo vermelho, por exemplo). Os termos básicos de cor e sua possível universalidade estariam estritamente condicionados, dessa maneira, à configuração biológica do corpo humano.

Para que um termo seja um termo básico de cor, ele deve obedecer às seguintes regras, de acordo com Berlin e Kay (1999, p. 6):

(I) O termo não deve estar incluído dentro de outro, ou seja, ele não deve estar subordinado a uma outra tonalidade. Por exemplo, por fazer referência a um tipo de vermelho, o termo bordô não constitui um termo básico de cor (carmesim e escarlate não são termos básicos em inglês, pois são variedades de vermelho);

(II) O termo deve ser morfologicamente simples, isto é, monolexêmico. Ademais, o significado do termo de cor não pode ser depreendido do significado das suas partes. Por exemplo, termos azul-celeste ou verde-limão não são termos básicos de cor (termos como chocolate e dourado também estão excluídos dessa regra);

(III) O termo não pode ser restrito a aplicações específicas. Por exemplo, o termo loiro, que descreve apenas o cabelo, não é um termo básico de cor;

(IV) O termo deve ser psicologicamente saliente aos falantes, de uso frequente, tendo como indícios a estabilidade de referência entre os informantes (diferentes informantes apontaram a mesma tonalidade como a instância mais prototípica da categoria de cor) e a ocorrência nos idioletos de todos os informantes (são termos de uso corriqueiro nas línguas, tais como azul no português, blue no inglês e bleu no francês).

Berlin e Kay afirmam haver inventário universal das cores, existindo as chamadas cores “focais”. Sobre as cores focais, se, por um lado, uma tabela de cores fosse mostrada a pessoas de diferentes origens linguísticas e solicitado que traçassem os limites dos termos de cores em suas respectivas línguas, haveria uma variabilidade entre línguas e entre falantes da mesma língua; inclusive o mesmo falante teria um desempenho diferente em ocasiões distintas. Portanto, duas amostras de cores podem muito bem ser categorizadas como iguais pelos falantes de uma língua, mas como diferentes pelos falantes de outra. Por outro lado, se solicita às pessoas que selecionem bons exemplos dos termos básicos de cores na sua língua, a variabilidade entre línguas (e dentro da língua) desaparece em grande parte. Prestar atenção à gama denotacional



dos termos de cores destaca a especificidade linguística da terminologia de cores; extrair bons exemplos de termos de cores destaca o que é comum entre os idiomas. Dessarte há uma unanimidade sobre o que constitui um vermelho, embora a gama de cores designadas pelo vermelho (ou seu equivalente em outras línguas) possa variar de pessoa para pessoa. (TAYLOR, 2003).

A partir de um inventário de onze cores focais, estas se apresentavam de forma hierárquica nas línguas estudadas, ou seja, havia a possível existência de uma sequência evolucionária para o desenvolvimento do léxico de cores.

Figura 9 – Sequência evolucionária dos termos básicos da cor

preto		amarelo			cinza
	vermelho		azul	marrom	laranja
branco		verde			roxo
					rosa

Fonte: BERLIN; KAY, 1999, p. 4.

Nota-se, portanto, que os primeiros termos a surgirem são o preto e o branco, seguidos pelo vermelho, em sequência pelo verde ou pelo amarelo, seguido pelo verde e o amarelo (aparecendo sob apenas uma categoria de cor), em continuação o azul, que é seguido pelo marrom, que é seguido pelo o cinza, pelo laranja, pelo roxo e pelo rosa. As onze categorias básicas de cor são, no português, representadas pelos termos: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza (BERLIN; KAY, 1999).

De acordo com Berlin e Kay (1999, p. 2-3), o inventário de termos de cores de uma língua, ao que tudo indica, obedece às seguintes regras:

- 1) “Todas as línguas contêm termos para o branco e o preto”;
- 2) “Se uma língua contém três termos, ela, então, contém um termo para o vermelho”;
- 3) “Se uma língua contém quatro termos, ela, então, contém um termo para o verde ou para o amarelo (mas não para os dois)”;
- 4) Se uma língua contém cinco termos, ela, então, contém termos para o verde e para o amarelo”;
- 5) “Se uma língua contém seis termos, ela, então, contém um termo para o azul”;
- 6) “Se uma língua contém sete termos, ela, então, contém um termo para o marrom”;
- 7) “Se uma língua contém oito ou mais termos, ela, então, contém um termo para o roxo, o rosa, o laranja, o cinza ou alguma combinação destes termos”

Em uma língua, a existência de uma categoria de cor à direita implica na existência de todas as categorias à esquerda. Portanto, caso o léxico de uma língua apresente o termo referente à tonalidade azul, apresentará, necessariamente, termos designativos para preto, branco, amarelo e/ou verde.

Em oposição à visão estruturalista, duas considerações importantes se colocam. A primeira conclusão é a de que as categorias de cores possuem centro e periferia, existindo assim exemplares melhores e piores de uma mesma tonalidade. Esse fato discorda da visão estruturalista sobre a existência de status de uma categoria da cor. A segunda conclusão é a de que as cores não formam um sistema, no sentido saussureano, uma vez que possuem um centro focal, apresentado como protótipo da categoria e, independentemente da entrada de um novo termo ao sistema, o centro permanece o mesmo (TAYLOR, 2003).

Até a década de sessenta do século XX, a forma como as categorias das cores eram concebidas seguia o princípio da arbitrariedade. *Basic Color Terms* contribuiu de modo empírico para a construção e consolidação da teoria dos protótipos (bem introdutório à época), ao postular que a divisão do espectro cromático não ocorria de maneira arbitrária, como postulava a visão tradicional.

#### 2.6.1.2 *Relativismo Linguístico*

No século XIX, com o objetivo de analisar os idiomas indígenas, Edward Sapir e Benjamin Whorf constataram a existência de línguas cujas estruturas se diferenciavam expressivamente dos padrões encontrados nas línguas indo-europeias. Desse estudo, foi desencadeada a hipótese do Relativismo Linguístico, postulando que a língua falada por determinado indivíduo determina e/ou influencia em seu conhecimento e sua percepção acerca da realidade em que vive.

A língua seleciona os aspectos da realidade que são significativos para cada cultura, determinando os sujeitos a realizarem certas distinções. Sendo considerado ilusão pensar que, essencialmente sem o uso da linguagem, alguém pertenceria à realidade. Isso não aconteceria, uma vez que a linguagem não é apenas um meio incidental de resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. Constrói-se o mundo real por meio de hábitos linguísticos. (WHORF, 1956). O ser humano experencia o mundo pelo fato de a linguagem de sua comunidade predispor de certas escolhas de interpretação. (SAPIR, 1941 apud WHORF, 1956). Suas conclusões estão relacionadas com características lexicais. Por exemplo, a distinção dos três termos para descrever “neve” em eskimó fez com que Whorf chegasse à conclusão de que

a os falantes desta língua tinham uma diferente percepção dos falantes de línguas que não utilizavam a mesma distinção de termos. (DAL'PUPPO; AMARAL, 2021).

A relação entre pensamento e língua é considerada o ponto mais importante do Relativismo Linguístico de Sapir e Whorf (também chamado de hipótese Sapir-Whorf). Ambos tentaram demonstrar que havia uma relação estrita entre a língua nativa e a forma como alguém pensa e, conseqüentemente, percebe o mundo. A analogia seria uma pista para determinar um padrão de comportamento. Assim, a língua difere de cultura para cultura, não sendo a experiência a mesma entre culturas que falam línguas distintas. Duas versões existem para a hipótese do relativismo linguístico, conhecidas como versão forte [strong version] e versão fraca [weak version]. A primeira postula que a língua falada por um ser humano determina o modo como ele pensa, ao passo que a segunda postula que a língua que um ser humano fala apenas influencia o que ele pensa. Semelhante à filosofia empirista, um relativismo forte tem uma estreita relação entre a experiência e a língua. Até mesmo conceitos de tempo e espaço seriam adquiridos pela língua, assim como cores, formas, sons, etc. Não há menções de conhecimentos inatos nas obras dos autores. (DAL'PUPPO; AMARAL, 2021).

Com a divulgação das duas versões da hipótese, muitas críticas recaíram sobre a hipótese forte. A versão forte da hipótese Sapir e Whorf parecia sugerir que o homem se encontrava aprisionado dentro da sua própria língua materna. Para que o aprendizado de uma língua estrangeira ocorra, é necessário que se enxergue o mundo de acordo com essa língua e, dessa forma, seria impossível ao ser humano aprender uma língua estrangeira na perspectiva da hipótese forte. Esta versão, que defendia que a língua determina o pensamento, perdeu força tendo pouco respaldo entre os pesquisadores, que preferiram dar sustentação à hipótese fraca, de que a língua não determina, mas sim influencia o pensamento humano. (DAL'PUPPO; AMARAL, 2021).

Autores, como Whorf (1956), argumentam que o processo perceptivo e a categorização do mundo dependem da linguagem e de elementos racionais, estabelecendo relação entre as categorias perceptuais e os conceitos. Whorf e seus seguidores usaram a visão de cores para exemplificar e sustentar a posição relativista. (OLIVEIRA, 2015). Cada cultura toma o contínuo espectral dividindo-o em unidades de forma bastante arbitrária (VERNE RAY, 1952, p. 258-259 apud OLIVEIRA, 2015), isto é, cada língua tem a sua maneira particular de lidar com os termos de cores, não mantendo qualquer correspondência com os termos de cores de outras línguas. Portanto, diante desta arbitrariedade, os universais semânticos de cor não fariam sentido.

As ideias do relativismo linguístico foram refutadas por Berlin e Kay (1999). Para estes, a percepção é um processo cognitivo que leva à emergência dos termos básicos de cor. Dessa maneira, a percepção das cores focais (cores mais salientes) nomeia determinadas categorias de cor em detrimento de outras.

Há, portanto, um redirecionamento na concepção de língua *versus* pensamento, pois em vez de a língua influenciar o pensamento (relativismo linguístico) é o pensamento (percepção) que influencia a língua (estabelecimento dos termos básicos de cor).

Por conseguinte, tendo em vista as críticas direcionadas às hipóteses Sapir e Whorf bem como aos universais semânticos da cor, entende-se que

Se por um lado é possível afirmar que cada cultura tem uma visão de mundo que lhe é própria e que está diretamente relacionada à sua história, é equivocado e até mesmo exagerado cogitar a impossibilidade da tradução. Por outro lado, a suposição da existência de rótulos que possam ser automaticamente transponíveis de uma língua para outra também é ingênuo. (MARTINS; ZAVAGLIA, 2021, p. 235)

Interpretações equivocadas foram feitas das ideias de Sapir e de Whorf por parte de alguns seguidores. Dessa forma, baseado no argumento de que a diversidade cultural e linguística impossibilitaria uma comunicação intercultural, o número de críticas a eles cresceria (MARTINS; ZAVAGLIA, 2021).

### 2.6.2 Os termos de cores em português

A seguir foi descrito brevemente como se alocam os termos de cores nos dicionários e os processos de formação desses nomes.

O dicionário é considerado uma obra representativa da língua. Mas, mesmo com todo empenho de um lexicógrafo e sua equipe, não seria possível incorporar em um dicionário todo o léxico de uma língua – esta em constante transformação devido a mudanças socioculturais e tecnológicas. (ZAVAGLIA, 2006). Dessa forma, entende-se que a lexicografia carece de estudos sobre definição lexicográfica bem como o estudo sobre as cores apresentam lacunas (BRANGEL, 2011).

A divisão tradicional dos termos de cores se faz em cores primárias – com termos próprios formador de um campo semântico junto à derivados – e cores secundárias – termos que funcionam na língua mediante seu ponto de referência. O primeiro tipo também pode ser classificado como cor simples – cada cor como elemento abrangente, especificando uma tonalidade precisa, referente a uma zona específica no espectro cromático, tendo como exemplo

representantes azul, verde, amarelo e vermelho. Neste podem ser consideradas variações de uma mesma cor, como azul-claro e azul-escuro, sendo semelhantes, menos perceptível a diferença, embora se tratem de variantes, e o segundo tipo é visto como cores complexas – tonalidades específicas que uma cor pode abranger, fazem referência a apenas uma tonalidade específica no espectro de determinada cor; os vocábulos que expressam este tipo são constituídos, via de regra, por um nome composto formado por justaposição, apresentando a cor principal, que é sempre uma cor simples (amarelo, por exemplo) seguida de uma variação (-ouro, -claro, -enxofre), como azul-bebê, verde-água, amarelo-cinzeno (GUIMARÃES, 2000; BRANGEL, 2011; ABDELKARIM DIANE, 2019).

Os dicionários são poucos sistemáticos no registro e na definição lexicográficas. Assim, o menor número de registros de nomes compostos se deve possivelmente a essa falta de sistematização (CORREIA; BARBOSA, 2014). Os dicionários se preocupam, portanto, em aumentar a densidade macroestrutural, lematizando vocábulos que designam cores complexas, deixando de lado o objetivo *a priori* de esclarecer o consulente sobre o conteúdo do vocábulo, isto é, a tonalidade a que fazem menção (BRANGEL, 2011).

Sobre o processo de formação de palavras dos termos de cores, em português, excluindo os nomes de cor básicos, os nomes e os adjetivos das cores são construídos por derivação por afixação (prefixação e sufixação) e composição. Correia e Barbosa (2014) apresentam os processos de formação das cores complexas, os quais serão descritos a seguir:

Figura 10 – Processos de construção das bases lexicais das cores

DERIVAÇÃO			
Prefixação	prefixo + nome de cor	entrebranco, ultravermelho	Processo bem indisponível no português
Sufixação	Adjetivos deadjetivais	verdacho brancaço azulão vermelhinho vermelhuço vermelhusco	Avaliativos, muitas vezes com marca semântica pejorativa. Denotam tons de forma vaga e imprecisa.
	Adjetivos denominais	azuláceo amarelado, azulado, rosado brancal, negral, verdeal cínzeo amarelento, brancacento azulino negregoso, verdoso, vermelhoso	Modificam nomes. Exprimam um tipo particular de relação (posse, semelhança, proveniência etc.)
	Nomes deadjetivais	amarelidão, branquidão, negridão, pretidão, roxidão, vermelhidão	Parafraseáveis por “qualidade de Adj” / “o fato de ser Adj”.

		brancor, negror, verdor negritude negrume, verdume brancura, negrura, verdura, roxura	
	Adjetivos e nomes deverbais	branquejante, negrejante, verdejante, reverdejante branqueável azulador, branqueador	Os adjetivos em –dor denotam agentividade, sendo parafraseáveis por “que V”, e o adjetivo em –vel é parafraseável por “que pode ser V-ado”, os adjetivos em –nte denotam graus de saturação elevados
<b>COMPOSIÇÃO</b>			
N (cor) + N (objeto)	N (cor) + N (objeto)	amarelo-canário, amarelo-topázio azul-cobalto, azul-ferrete, azul-pavão, azul-turquesa branco-marfim, branco-pérola verde-alface, verde-azeitona, verde-crê, verde-ervilha, verde-esmeralda, vermelho-púrpura	Termos eficientes na precisão da cor.
N (cor) + Adjetivo	N + Adjetivo simples	amarelo-claro, amarelo-escuro, amarelo-pálido azul-claro, azul-escuro verde-claro, verde-escuro, verde-velho, verde-rubro vermelho-escuro,	Precisam a dimensão da luminosidade da cor
	N + Adjetivo denominativo	azul-celeste, azul-marinho	Referem-se ao tom da cor tido como semelhante à cor que estereotipicamente ostentam.
	N + Adjetivo deverbis	amarelo-torrado	Denomina um baixo grau de luminosidade
	N + Adjetivo de cor	verde-amarelado, vermelho-amarelado	Tom de fronteira entre duas cores.
	N (cor) + de + N (objeto)	cor de laranja, cor de rosa	Equivalentes aos seus nomes simples, laranja e rosa
	N (cor) + (e) + N (cor)	verde-branco, verdenegro, verde-negro preto-e-branco, verdinegro	Pouco produtiva na língua. Qualificam objetos que ostentam de modo relevante as duas cores envolvidas

Fonte: Adaptado de CORREIA e BARBOSA (2014)

Correia e Barbosa (2014) concluíram, em sua pesquisa, tendo em vista que suas fontes lexicográficas não serem extrapoladas ao léxico global do português, que os processos de derivação e composição estão disponíveis em português para a construção de nomes e adjetivos a partir dos nomes de cor básicos. O processo mais produtivo em termos de número de unidades registradas foi o da derivação por sufixação, seguido da composição. Constataram que a prefixação parece não constituir um processo disponível para a construção destes produtos. As autoras concluíram, também, que os nomes de cor básicos denominam a cor (focal) de forma genérica, e as palavras construídas a partir desses nomes permitem a nomeação de variantes da cor básica em função das suas três principais dimensões: o tom, a luminosidade e a saturação. No âmbito dos processos construídos, existem diferenças na forma de nomear entre os nomes e adjetivos derivados, por um lado, e os nomes e adjetivos compostos, por outro. As palavras constituídas por sufixação nomeiam tons de cor, mas fazem-no de forma pouco precisa. As palavras derivadas de compostos são mais eficazes, mais precisos, na nomeação dos tons e da luminosidade, uma vez que, para a sua construção, selecionam o nome de um objeto que, prototípica ou estereotipicamente, apresenta o tom ou o grau de luminosidade em causa (amarelo-canário, azul-ferrete, verde-alface, azul-celeste). Existem processos disponíveis para a denominação de graus elevados de saturação da cor, nomeadamente a sufixação com recurso a *-ão* e a *-inh-* (azulão, vemelhão, vermelhinho), bem como a construção de adjetivos em *-nte* e de nomes em *-(â)ncia* a partir de verbos em *-ej -* (verdejante, verdejância) – no nível da derivação afixal. A denominação de graus elevados de saturação aconteceu somente pelo recurso aos adjetivos rubro e vivo apostos ao nome da cor – no nível da composição. A composição foi o processo que permitiu denotar graus mais elevados ou mais baixos da dimensão da luminosidade mediante a aposição de adjetivos aos nomes de cor básicos (claro, pálido e velho para graus mais elevados de luminosidade e escuro para graus mais baixos). O uso de nomes de qualidade construídos com base nos adjetivos de cor (vermelho *versus* vermelhidão) é o que mais expressa a cor linguisticamente em termos de intensidade (CORREIA; BARBOSA, 2014).

Em Abdelkarim Diane (2001, p. 54, 72), com base em estudos de corpora<sup>4</sup>, alguns resultados foram extraídos para os nomes das cores vermelho e verde, tendo em vista a classe

---

<sup>4</sup> Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), que é um vasto corpus eletrônico do Português Europeu e de outras variedades, o Corpus do Português (CdP), por ter uma base de dados com 45 milhões de palavras, extraídas de quase 57.000 textos em português do século XIII ao século XX, o Corpus Lexicográfico do Português (CLP). É um corpus dicionarístico do Português Clássico e Moderno (do século XVI ao século XIX) e compõe-se de um conjunto de dicionários, na sua maioria bilíngues (os mais importantes são de português-latim e de latim-português) (ABDELKARIM DIANE, 2001).

gramatical adjetivos e substantivos, sendo, pois, encontradas mais construções de adjetivos. O termo ‘vermelho’ registrou 14.329 ocorrências nos *corpora* consultados. A classe gramatical predominante, morfológicamente, é a do adjetivo: em 12.940 (90%) ocorrências, enquanto em 1.389 (10%) ocorrências é nome. O termo ‘verde’ registra 6.111 ocorrências. A classe gramatical predominante é a do adjetivo, com 4.208 ocorrências, já 1.903 ocorrências são nomes.

A indecisão de flexionar os nomes compostos continua, ainda que se recorra aos critérios morfológicos, sintáticos e semânticos recomendados por linguistas. Do ponto de vista funcional, não existe distinção de forma entre adjetivo e substantivo. Gramáticos e linguistas não oferecem explicação convincente para esse fenômeno. Dentre as variedades de postura para flexão dos adjetivos compostos designativos de cor, a de mais aplicabilidade é a que defende a flexão do último elemento desses adjetivos, seguida daquela que autoriza a flexão de todos os elementos hifenizados concorde com o nome, como se observa no plural da frase “carro azul-claro”, resultando, respectivamente, em “carros azul-claros” e “carros azuis-claros”. (SANTOS, 2001). A seguir, apresenta-se o resumo de posições adotadas para a discussão sobre a flexão dos compostos designativos de cor constituídos das palavras claro e escuro, flexionando no último elemento, em todos os elementos e não flexiona, de acordo com Santos (2001).

Tabela 1 – Tipos de flexões em compostos de cores por Santos (2001)

Autores	Ano	Flexões		
		Verde-claro	Verdes-claros	Verde-claros
Maximino Maciel	1922			
Eduardo Carlos Pereira	1923			
Manuel Said Ali	1927			
Ernesto Carneiro Ribeiro	1932			X
José de Sá Nunes	1941			
José Marques da Cruz	1950		X	X
José Oiticica	1953			
Quinídio Carvalho	1956			
Francisco Silveira Bueno	1963			X
Gladstone Chaves de Melo	1970			
Carlos H. Rocha Lima	1972	X	X	X
Celso F. Cunha & Luís F. Lindley	1985			X
Celso Pedro Luft	1987			X
José Lemos de Monteiro	1991			X
Napoleão M. de Almeida	1992			X



Manuel Rodrigues Lapa	1998			
Joaquim M. Câmara Jr	1998		X	X
Evanildo Bechara	1999			X
Hamilton Elia	Sem data			

Fonte: SANTOS (2001, p. 50, 52 e 54)

Diante de três variantes flexionais de adjetivos compostos designativos de cor, defende-se que o falante deve optar pela flexão que melhor atenda às exigências discursivas, consciente de que, morfológicamente não há impedimento algum das três flexões estudadas. (SANTOS, 2001).

Foi descrito nessa seção sobre a dicionarização e formação de vocábulos das cores. A seguir, será apresentado como as cores comunicam.

### 2.6.3 A cor como sensação e veículo de comunicação

Os indivíduos reagem à cor de forma particular e subjetiva e relacionada a vários fatores. Ao se adaptar à natureza circundante, o homem sente as cores aceitas pelo seu cérebro. Estas cores chegam em uma determinada dimensão de onda desde o seu nascimento, deixando impressos vestígios em cada ser animal, vegetal e mineral (FARINA *et al.*, 2006)

As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo (...) Muitas preferências sobre as cores se baseiam em associações ou experiências agradáveis tidas no passado. (FARINA *et al.*, 2006, p. 96).

Ao unir percepção das cores e sua comunicação, acontecem outras expressões perceptivas, como a cor e temperatura (por exemplo, correspondência entre o quente e os matizes da faixa amarelo-laranja-vermelho, já para o frio, correspondência entre os matizes da faixa verde-azul), cor e peso, cor e movimento. A vinculação da luminosidade também é transportada para vinculação conceitual, por exemplo, a sombra é fria e refrescante, a luz, aquecedora. Quanto mais distante uma cor estiver do polo, mais ambígua passa a ser sua aplicação. Entre os tons de vermelho e laranja, um verde amarelado parecerá quente, mas, entre os tons de azul, será frio. A luminosidade e a saturação favorecem o aumento da temperatura, por isso se considera o quente resultado da ação da luz, e o frio resultado da ausência da luz – vermelho intenso é mais quente que o vermelho atenuado, o azul saturado é mais quente que

azul acinzentado. A temperatura da cor não está ligada à temperatura física, sendo, portanto, resultado de uma sensação associativa intermediada pelo código da linguagem. (GUIMARÃES, 2000)

Determinadas cores dão sensação de proximidade, outras de distância, isso depende de fatores como a iluminação e a saturação. Os costumes sociais são fatores que intervêm nas escolhas das cores e deles derivam os hábitos sociais estabelecidos durante longo espaço de tempo, fixando-se atitudes psicológicas que orientam inconscientemente inclinações individuais. Por exemplo, frases "Fulano estava roxo de raiva" e "Ela vivia em um mundo cor-de-rosa" têm significados enraizados na cultura de uma comunidade (FARINA *et al.*, 2006).

A seguir, foram descritas as cores básicas (primárias, focais, naturais, universais) (BERLIN; KAY, 1999) – suas definições e características – a saber: preto, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, marrom, cinza, laranja, roxo e rosa. Além destas, descrevem-se outras complementares, conforme Pastoureau (1997), Farina *et al.* (2006) e Heller (2022).

#### 2.6.3.1 Preto

Deriva do latim *niger* (escuro, preto, negro) (FARINA *et al.*, 2006). No arco-íris, o branco é a soma de todas as cores, já o preto, ausência delas – sendo declarado como uma “não cor”, ou melhor, uma cor sem cor. Assim, o preto é a ausência de luz.

O preto não é cor. Seu aparecimento indica a privação ou ausência de luz. Em condições normais, o preto absoluto não existe na natureza. O que distingue o pigmento chamado preto é sua propriedade física de absorver quase todos os raios luminosos incidentes sobre ele, refletindo apenas uma quantidade mínima desses raios. [...] Como substância corante, sua base material se encontra no óxido magnético de ferro e nos corpos calcinados de origem orgânica e mineral (PEDROSA, 1977, p. 118-119).

Branco é o começo, preto é o fim. Branco-cinza-preto é o espectro das cores acromática. Caso sejam misturadas não as cores da luz, mas cores palpáveis, materiais, obtém-se, a partir da mistura do vermelho, do azul e do amarelo, como o somatório de todas as cores, o (quase) preto. Branco-cinza-preto é o espectro das cores acromáticas. Na simbologia cromática cristã, o preto é a tristeza pela morte terrena; o cinza simboliza o juízo final e o branco é a cor da ressurreição. Por isso, a cor dos trajes dos que estão enlutados é o preto. O preto é viril, energético e sério. Desse modo, de todas as cores, o preto é a cor que mais aparece nos sobrenomes. A cor cuja mistura se faz ao preto ou ao branco fica turva – sombria (HELLER, 2022).

Associação material: sujeira, sombra, enterro, funeral, noite, carvão, fumaça, condolência, morto, fim, coisas escondidas - obscuras.

Associação afetiva: mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, friquidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga (FARINA *et al.*, 2006, p. 98).

### 2.6.3.2 Branco

A palavra branco vem do germânico *blank* (brilhante). Simboliza a luz. (FARINA *et al.*, 2006)

Resultado da mistura de todos os matizes do espectro solar, o branco é a síntese aditiva das luzes coloridas. Uma cor-luz e sua complementar produzem sempre o branco. Em pigmento, o que se chama branco é a superfície capaz de refletir o maior número possível dos raios luminosos contidos na luz branca. Dos brancos mais utilizados na pintura artística sobressaem os de prata, de titânio e de barita. O branco de prata é produzido pelo carbonato de chumbo puro. O branco de zinco é o óxido de zinco em grãos de tamanhos variáveis, pigmento inalterável à ação da luz, com a vantagem de não ser tóxico. O branco de barita ou branco fixo provém do sulfato de bário (PEDROSA, 1977, p. 117).

No sentido da física, ao se falar em cores enquanto luz, o branco não é uma cor, sendo mais que isso, e sim a soma de todas as cores. Quando se fala das cores criadas por substâncias, que vêm em frascos ou tubos, o branco é considerado uma cor. Assim, existe uma diferença entre o branco para a teoria da ótica e para a prática da visão. É a quarta cor primária cuja obtenção não se faz pela mistura. Para a simbologia das cores, o branco é, sim, uma cor. Não é incolor. Liga-se a sentimentos e propriedades que não são atribuídos a nenhuma outra cor (HELLER, 2022). Representa a adição de todos os comprimentos de onda, por ser a mais intensa e irritante cor do espectro, distanciando, dessa maneira, de significar paz (FARINA *et al.*, 2006). Diz-se ser a cor do início, quando da criação do mundo por Deus. A hóstia, cuja cor é branca, simboliza Cristo vivo. É a cor dos deuses e sacerdotes. Os anjos são pintados de branco. A limpeza e a pureza estão associadas ao branco. Na Ásia, ao contrário, é considerada a cor do luto, e, em muitas línguas, tem significado vazio, compreendida como a cor do desconhecido (em mapas antigos, os espaços em branco correspondiam a regiões inexploradas). Uma mancha branca em linguagem polida significa lacuna de conhecimento. Simboliza, também, o *status* dos colarinhos brancos, bem como o traje da noiva. Na Índia, o gado branco é a corporificação da luz. Cor da clareza e exatidão (HELLER, 2022).

Associação material: batismo, casamento, cisne, lírio, primeira-comunhão, neve, nuvens em tempo claro, areia clara.

Associação afetiva: ordem, simplicidade, limpeza, bem, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, pureza, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade (FARINA *et al.*, 2006, p. 97).

### 2.6.3.3 Vermelho

Do latim *vermiculu* ‘pequeno vermezinho’. É a uma cor básica ou primária conforme a teoria das cores, pois não pode ser obtida a partir de misturas de outras cores. O vermelho completamente puro é o magenta, não contendo partículas de amarelo e azul.

O vermelho é uma das sete cores do espectro solar, sendo por isso denominado cor fundamental ou primitiva. É cor primária (indecomponível), tanto em cor-luz como em cor-pigmento. Possui elevado grau de cromaticidade e é a mais saturada das cores, decorrendo daí sua maior visibilidade em comparação com as demais. Seu escurecimento em mistura com o preto (escala de valor) tem como pontos intermediários, entre o vermelho e o preto, vários tons de marrom. Seu escurecimento sem perda de luminosidade (escala de tom) obtém-se com a mistura da púrpura, violeta ou azul, dependendo do grau de escurecimento desejado. É a única cor que não pode ser clareada sem perder suas características essenciais. Clareado com a mistura do amarelo, produz o laranja e, dessaturado pela mistura com o branco, produz o rosa, cor eminentemente alegre e juvenil (PEDROSA, 1977, p. 107).

Os homens que viviam nas cavernas pintavam as paredes rochosas com cores vermelhas de vermelho terra, sendo os mais conhecidos o vermelho ocre e o vermelho bolus. Estas terras contêm óxido de ferro que, oxidado, ganha tal tonalidade. São tons resistentes à luz e ao tempo e têm cor ligeiramente amarronzados. Há, também, o vermelho cinábrio, na Antiguidade, que é um mineral sob a forma de torrões que aderem às rochas ou de cristais violeta pardos que, quando pulverizados, tornam-se vermelhos. O vermelho carmim é feito de tinta dos quermes, origem de um piolho vegetal, mas o autêntico é o carmim da cochonilha – usado em aquarelas. O vermelho de garança (ou granza) é extraído da raiz dessa planta (HELLER, 2022).

De acordo com Said Ali ([1975] 2006), as variantes dialetais de *vermiculus* seriam: Vermelho (português); *vermejo* (espanhol); *vermeil* (francês); *vermiglio* (italiano).

Verme, cochonilha, do qual se extrai a tinta escarlata, passando a designar esta cor. Mesmo com o uso de *vermiculus*, as línguas românicas ainda se valiam dos legados de *russus*, *russeus* e *rubeus*, de que precedem respectivamente *rosso* (italiano); *roux* (francês); *roso* (espanhol antigo); roxo (português); *rojo* (espanhol); *rouge* (francês); ruivo (português); *rubio* (espanhol).

Na aplicação semântica, as línguas neolatinas seguiram caminhos diferentes. À cor vermelha se designa com *roso* (espanhol antigo); *rojo* (espanhol); *rouge* (francês). Ruivo se

designa com roux (francês). O português roxo começa a designar a cor violácea (mescla de vermelho e azul). Roxo e ruivo tiveram sentido, nos primeiros tempos da língua portuguesa, o equivalente ao do latim *ruber*, depois cada um adquiriu novos sentidos. Mar Roxo é a tradução de Mar Rubrum, haja vista o episódio da travessia exitosa do povo de Israel e o desastre do exército de Faraó neste mar. A familiaridade com a língua francesa adverte que *rouge* é diferente de roxo e que Mer Rouge só poderia ser Mar Vermelho. Na vida prática, considera-se o vermelho e o roxo como cores contíguas. Frei João dos Santos, em Etiópia Oriental, escreveu ponderadamente que o coral “faz parecer a mesma agua vermelha ou roxa, com a reverberação do sol quando as aguas estão claras” (SAID ALI, [1975] 2006, p. 224). Na linguagem camoniana, o epíteto roxo faz ou parece fazer as vezes do vermelho em “sangue roxo”, “roxa aurora”, “cachos roxos”. Pode-se concluir que a aplicação de roxo por Camões foi em função do equivalente *purpureus* e sua variedade de acepções que lhe davam os latinos, ou seja, significando violáceo, vermelho, rosado, exprimindo também core viva, brilhante, luz intensa. Os escritores nomeiam as variantes do vermelho como o alaranjado, o encarnado (“trazia as armas de roxo e encarnado”; “alia as flores verdes, brancas, encarnadas e de muitas outras cores”), o rosado (“ficou cõ hua cor rosada no rosto”; “rosados horizontes”), o ruivo (cor vermelha tirante a amarelo ou louro – “ruivo sangue”; “passarõ o mar ruyvo”, mas também, distinguindo-os “barreira vermelhas escalavradas”, “acharaa hua angra com hua area ruyva”, e nas vestimentas e tecidos de luxo, ele varia em o carmesim, o escarlata, a gram – cores vistosas. As colorações que se sucedem gradativamente desde o louro claríssimo até o mais carregado parecem ser formadas pela cor amarela mais ou menos alterada ou escurecida (SAID ALI, [1975] 2006).

O vermelho é considerado a cor por excelência, sendo a primeira de todas as cores. Em outras línguas, vermelho e colorido, vermelho e bonito e vermelho e rico significam a mesma coisa. Culturalmente, simboliza a cor do sangue, daí a se ter o bom e o ruim. Para cultura cristã, enquanto sangue positivo (bom) significa vida – purificação e santidade, pertence ao Salvador, sinal de força, energia, redenção, ao contrário, símbolo de impureza, violência, pecado. Sendo a cor do sangue, indica também a cor do sangue da guerra, o sangue das mulheres (tabus e menstruações), o sangue derramado, a justiça a vermelho, o carrasco vestido de vermelho. Tendo em vista tal histórico, na vida cotidiana adquiriu significado social de sinal de perigo e proibição (tarja vermelha nos medicamentos, luz do semáforo).

É considerada a cor do amor, do erotismo, da alegria e da infância (respectivamente cor das paixões, dos pecados, dos tabus, das transgressões, do lúdico das crianças – preferem doces, frutas e brinquedos vermelhos. Os chineses se casam de vermelho). Cor do dinamismo e da

criatividade, pois mexe, atrai, parece estar próxima, aguça o apetite. Cor do luxo e da festa – cor nobre na Idade Média, sendo usada pela aristocracia, por tanto seu pigmento era caro, era a antiga púrpura – vermelho cor Imperial (PASTOUREAU, 1997).

A cor vermelha é mais antiga denominação cromática do mundo. A primeira que os bebês enxergam. Representa a cor do fogo, mesmo que este seja vermelho-laranja-amarelo, portanto, as cores do calor. Quando tudo fica colorido, é a primeira cor que incomoda. O vermelho pode ser mais escuro – simbolizando o amor – ou mais claro, o erotismo, ou ainda mais escuro simbolizando o ódio e o perigo. Também na liturgia da Igreja Católica, o vermelho faz lembrar o sangue do sacrificado; era costume banhar em sangue de animais vigorosos os bebês recém-nascidos para que a força animal fosse transferida a eles; os gladiadores bebiam sangue das feridas dos opositores. Tudo o que seja barulhento e próximo se liga ao vermelho; pessoas extrovertidas se vestem dessa tonalidade. O vermelho é oposto o azul, este que é frio, silencioso, imaterial, tais cores são contrárias, em termos psicológicos. O vermelho seria uma cor masculina indicando força, atividade e agressividade, oposto ao passivo e delicado azul. O fogo é masculino, a água feminina. O vermelho escuro representa também o feminino, assim, nas religiões afeitas à natureza, a *wicca* por exemplo, existe esse simbolismo ligado ao feminino, relacionado também à menstruação. O vermelho claro e o vermelho escuro, quando juntos ao preto, produzem efeitos diferentes, o primeiro simboliza o coração e a atividade, o segundo, o ventre, sendo este uma cor tranquila e noturna. Os códigos de vestimenta até a época da Revolução Francesa se diferenciavam. Cores, tecidos e peças de vestuário eram condizentes com a alta e a baixa nobreza, o alto e o baixo clero, os burgueses ricos e os burgueses pobres, os servos e os escravos etc., e os tecidos custavam muito caro, era necessário ter posses para vesti-los. Eram consideradas como bonitas as cores puras e luminosas, sendo privilégio das altas camadas. O vermelho era a cor mais cara, tendo a fabricação de seu corante de preço alto e o tingimento era dispendioso, os ingredientes necessários eram importados. O verde era uma cor pequeno-burguesa, o azul se celeste era para os nobres, se escuro, para roupas simples (de trabalho e diária). Os pobres só podiam vestir roupas não tingidas, pardas ou cinzentas. O vermelho mais antigo é o púrpura, que era a cor dos mantos dos reis e cardeais e das togas dos juizes. O verdadeiro vermelho púrpura é da cor violeta, como uma ametista. O acorde vermelho-laranja-violeta é o da excitação que quanto mais ameaçadora mais ao preto se associa; vermelho-preto-laranja é o acorde da ira, da agressividade. É a cor mais frequente nas bandeiras. Flâmulas vermelhas são mais vistosas, e as faixas precisam de cor resistente à luz, sendo a vermelha a mais resistente antigamente. Em 1798, jacobinos elegeram o vermelho como bandeira da liberdade. Em 1834, esta também

foi adotada quando da insurreição dos tecelões de seda em Lion, movimento operário. Em 1907, foi eleita como bandeira do socialismo e do comunismo. O vermelho é a cor das correções (preços reduzidos, lápis e caneta corretoras, do controle e da justiça (nas cidades medievais, o lema era sangue se paga com sangue; bandeirolas vermelhas eram içadas nos dias de julgamento; carrascos se vestiam de tal cor). O vermelho é ativo, dinâmico; exemplo o carro de corrida da Ferrari – que foi um feliz acaso. Cor predileta nas publicidades. A maioria dos animais tem espectro de cores maior que os homens, enxergam amarelo-verde-azul-violeta-ultravioleta, mas não o vermelho por conta do violeta (HELLER, 2022).

Associação material: rubi, cereja, guerra, lugar, sinal de parada, perigo, vida, Sol, fogo, chama, sangue, combate, lábios, mulher, feridas, rochas vermelhas, conquista, masculinidade.

Associação afetiva: dinamismo, força, baixeza, energia, revolta, movimento, barbarismo, coragem, furor, esplendor, intensidade, paixão, vulgaridade, poderio, vigor, glória, calor, violência, dureza, excitação, ira, interdição, emoção, ação, agressividade, alegria comunicativa, extroversão, sensualidade (FARINA *et al.*, 2006, p. 99).

#### 2.6.3.4 Amarelo

Amarelo deriva do latim *amaryllis*. Simboliza a cor da luz irradiante em todas as direções. Por associação ao dourado, conecta-se à prosperidade e à riqueza. Tem luminosidade maior, assim chama mais atenção e desperta os impulsos de adesão (FARINA *et al.*, 2006)

Uma das faixas coloridas do espectro solar, o amarelo é também cor fundamental ou primitiva. Em cor-pigmento, é uma das três cores primárias (indecomponíveis), tendo por complementar o violeta. Em cor-luz, é cor secundária, formada pela mistura do vermelho com o verde, sendo a complementar do azul. É a mais clara das cores e a que mais se aproxima do branco numa escala de tons. (...) Misturado ao vermelho, exalta-se, produzindo o laranja. Misturado ao azul, esfria-se e produz o verde. Escurecido com o preto (rebaixado), toma coloração esverdeada pouco agradável, próxima do verde-oliva sombrio. Clareado com o branco (dessaturado), não perde subitamente as qualidades intrínsecas; a gama de tonalidades que vai se formando do amarelo ao branco guarda percentualmente as propriedades da cor original em relação à quantidade de branco usado na mistura (PEDROSA, 1977, p. 110).

Uma das três cores primárias cuja obtenção não se dá pela mistura. É mais clara e leve. Ligada ao simbolismo do Sol, da luz, do ouro. A cor do otimismo, da irritação, da hipocrisia, da inveja. A luz do Sol é incolor, todavia percebida como amarela. Há termos aparentados: amarelo (*gelb*), ouro (*gold*), brilho (*glanz*). Ao se pensar no belo e valioso, o amarelo vira ouro; no lirismo se representa com dourado - sol dourado em vez de amarelo, bem como para cabelo, por exemplo, não há cabelo amarelo, mas sim dourado e loiro. O amarelo pertence ao verão -

floração, o verde à primavera - crescimento. É cor da maturidade (idade idealizada no dourado) – espigas douradas, frutos dourados, folhas douradas. Associações negativas também são feitas ao amarelo, como o amarelo pálido esverdeado ser ruim, fétido do enxofre. É causadora de raiva, inveja, ciúme, cobiça. O amarelo turvo transmite a impressão de traição, falsidade, dúvida, desconfiança e insanidade. Remete ao sabor azedo, refrescante e amargo. Demonstra ser a cor da espontaneidade, da impulsividade. A gema do ovo é vista enquanto a cor do ouro. Tem melhor efeito à distância. Simboliza brilho falso, impertinente, ostensivo quando ao lado do dourado. Devido aos cristãos imputarem a cor amarela aos judeus, ela passou a estar ligada a um sentimento discriminatório – as vestimentas dos sacerdotes podiam ser bordadas de ouro, mas não de amarelo. Para os europeus, é sinônimo da cor da Ásia, significando rejeição aos estrangeiros. Alguns traços da sujeira tiram a luminosidade do amarelo, tornando-o acastanhado, cinza (HELLER, 2022).

Associação material: flores grandes, terra argilosa, palha, luz, topázio, verão, limão, chinês, calor de luz solar.

Associação afetiva: iluminação, conforto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo, inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, variabilidade, euforia, originalidade, expectativa (FARINA *et al.*, 2006, p. 102).

#### 2.6.3.5 Azul

Azul tem origem no árabe e no persa por *lazaward* (azul). Considerada a cor do céu sem nuvens. Ela oferece sensação de movimento para o infinito (FARINA *et al.*, 2006).

É cor de todas as características boas no domínio da compreensão, uma cor querida. Da simpatia, harmonia, amizade e confiança. Na associação de sentimentos a cores, pensa-se em contextos maiores – azul sendo a cor do céu logo do divino, da eternidade. Em contrário o verde cuja cor é terrestre, ligada à natureza. É uma cor elementar, primária, básica. Com o aumento de profundidade, as cores se dissolvem em azul – quanto mais profundo um lago, mais azul. O azul é considerado a cor das dimensões ilimitadas, como planeta azul. É a cor da distância, da saudade, logo, do irreal e fantasioso também. O azul é a cor mais profunda, “o olhar o penetra sem encontrar obstáculo e se perde no infinito e dos mistérios da alam” (PEDROSA, 1977, p. 114). Definida como a cor mais fria (boca azul de frio). Em países quentes, ambientes coloridos em azul podem ser desejados. E assim representa também a cor do orgulho, bem como é a cor das virtudes intelectuais, da inteligência, ciência, concentração. Ele é plácido, passivo, introvertido. Pertence à água. No cristianismo, é a cor de Maria, Nossa Senhora (HELLER, 2022). Em línguas menos complexas, não há palavra para o azul que é considerado nuance de



verde (BERLIN; KAY, 1999), o que não impede que a registre, pode-se fazê-la por analogias “como o céu”, “como o mar”. Os gregos antigos também não tinham uma palavra para o azul (HELLER, 2022). O azul causa uma imprecisão de cinza evocando sombra; o azul anil é produzido faz parte das cores orgânicas e não dos minerais (PEDROSA, 1977).

Associação material: montanhas longínquas, frio, mar, céu, gelo, feminilidade, águas tranqüilas.

Associação afetivo: espaço, viagem, verdade, sentido, afeto, intelectualidade, paz, advertência, precaução, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo. (FARINA *et al.*, 2006, p. 102)

#### 2.6.3.6 Verde

Verde vem do latim *viridis*. Simboliza a faixa harmoniosa que se interpõe entre o céu e o Sol. (FARINA *et al.*, 2006)

O verde, diz-se, é mais do que uma cor, é a quintessência da natureza. Considerado uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, e, ao mesmo tempo, a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia. O verde é resultante da mistura do azul com o amarelo. Mas, em todas as antigas teorias cromáticas, ele consta como cor primária, uma vez que, à época, as cores não eram classificadas de acordo com suas propriedades cromáticas técnicas, mas sim por sua ação psicológica. E como o verde é uma cor elementar no mundo, logo, no seu sentido psicológico, ela é, sim, uma cor primária; é uma cor autônoma (HELLER, 2022).

o verde é uma das três cores primárias em cor-luz [...] Em cor- pigmento, é cor secundária ou binária [...] É o ponto ideal de equilíbrio da mistura do amarelo com o azul. As potencialidades diametralmente opostas das duas cores-claridade e obscuridade, calor e frio, aproximação e afastamento, movimento excêntrico e movimento concêntrico - anulam-se e surge um repouso feito de tensões (PEDROSA, 1977, p. 111).

Nos acordes cromáticos, o verde, na maioria das vezes, combina-se com o azul – sempre com um efeito positivo. Caso se combine com preto ou violeta, seu efeito se torna negativo. O vermelho indica proximidade, o azul, distância, e, no meio, fica o verde – essa é a lei da perspectiva das cores. O verde representa a cor simbólica da natureza, pela ótica da civilização - assim quem está na cidade pode ir “para o verde”, descrever a floresta como “pulmões verdes”. Existem muitos fenômenos da civilização que podem ganhar uma pincelada “natural” através do predicado “verde” - o “Partido Verde”, por exemplo, só pode surgir em uma sociedade altamente industrializada, quando a natureza se tornou uma questão menor, transformada em

“meio ambiente” (o nome em função da cor da natureza, a cor que resumia os objetivos do partido) (HELLER, 2022). O verde e o amarelo são as cores nacionais (PEDROSA, 1977). A cor verde é o símbolo da vida em seu mais amplo sentido. “Verde” é o oposto de murcho, de seco, de morto. A simbologia é tão internacional quanto a experiência - o trevo de quatro folhas, símbolo da sorte, é comum nos cartões de felicitações para o Ano Novo. O verde é a cor da vida vegetal, o vermelho a cor da vida animal. O acorde verde-vermelho simboliza uma alta vitalidade. Em sentido extensivo, o verde entra como cor simbólica de prosperidade - quando antigamente se dizia “nos tempos verdes”, não era a primavera que se tinha em mente, mas um tempo de florescimento econômico e cultural. A conexão entre “verde” e “fresco” se faz notar também na língua. Sendo “fresco” o oposto de conservado, preparado, defumado, desidratado. “Madeira verde” é madeira fresca, úmida. A ideia de a esperança ser verde sobrevive, porque está aparentada com a experiência da primavera. Verde também é a cor de tudo que é venenoso (HELLER, 2022). É uma cor ambivalente, é a cor da instabilidade, do efêmero (PASTOUREAU, 1997). E assim também é a cor da saúde. Qualquer coisa cuja pele seja verde não pode ser humana, nem mesmo pode ser mamífero, pois estes não existem nessa cor - pele verde remete a serpentes e lagartos, animais repulsivos para muitos, e a dragões e outras criaturas míticas que amedrontam, bem como os extraterrestres de Marte, por exemplo, parecem ser criaturinhas verdes. O verde é considerado a cor da burguesia. O verde sugere umidade, calma, frescor, esperança, amizade e equilíbrio (HELLER, 2022). O verde escurecido com o preto se torna acinzentado, sendo descaracterizado (PEDROSA, 1977).

Associação material: umidade, frescor, diafaneidade, primavera, bosque, águas claras, folhagem, tapete de jogos, mar, verão, planície, natureza.

Associação afetiva: adolescência, bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberalidade, tolerância, ciúme (FARINA *et al.*, 2006, p. 101)

### 2.6.3.7 Marrom

Marrom, do francês *marron* (castanho) (FARINA *et al.*, 2006). Resulta da mistura de todas cores, considerado, por isso, menos uma cor.

Os ocres e os marrons não existem como luzes coloridas, por serem amarelos sombrios ou quase trevas. Em pintura ou em artes gráficas, essas tonalidades se obtêm por mistura de amarelo e preto para a produção dos ocres e terras-de-sombra, ou amarelo, vermelho e preto, para os marrons avermelhados e terras-de-siena (PEDROSA, 1977, p. 116).

Na psicologia das cores, é visto como uma cor, empregado como algo negativo. É tido como sombrio, feio e vulgar, algo apodrecido. Mesmo estando em toda parte, ele é desdenhado. Na moda, é destaque pelos seus tons terra. Associa-se a sujeira e aos excrementos. Todas as cores luminosas desaparecem em sua presença. É considerada a cor da burrice. Sua naturalidade e não artificialidade o faz aconchegante. Cor dos materiais rústicos, madeira, couro. Gera um clima ideal, sem ser quente. Do sabor forte; a cor do tostado (carne e massas bem assadas), do caramelizado. Ele rouba a cor que aparece ao seu lado, logo, é sem personalidade. Quem usa marrom querem se adaptar. As coisas não delicadas, mas robustas, são marrons. Na Idade Média significava a cor dos pobres, camponeses, escravos, servos e mendigos, pois não se tingia de marrom as roupas. As cores castanho e moreno são tipos de marrom. As cores sujas e mortas eram as de tom marrom. Depois da Segunda Guerra Mundial, os corpos bronzeados se tornaram ideal de beleza, segundo Heller (2022), associado à cor da pele morena, as cabrochas. A cor morena, na Antiguidade, era feminina, por ser a cor da terra - da fecundidade (FARINA *et al.*, 2006). O tom pardacento é considerado o verniz que amarelou e ficou sujo (HELLER, 2022).

Associação material: terra, águas lamacentas, outono, doença, sensualidade, desconforto.

Associação afetiva: pesar, melancolia, resistência, vigor. (FARINA *et al.*, 2006, p. 104).

#### 2.6.3.8 Cinza

Do latim *cínicio* (cinza) ou do germânico *gris* (gris, cinza). É a posição intermediária entre a luz e a sombra, não interferindo junto às cores em geral. É uma cor neutra e também o conjunto de todos os cumprimentos de onda. Obtida pela mistura do branco com o preto. Representa fundir os estímulos, simplificá-los (FARINA *et al.*, 2006).

O cinza-colorido é um cinza misturado em proporções variáveis a uma cor qualquer. Pode-se obter o cinza inicial de duas maneiras: a) pela mistura do branco e do preto; b) pela mistura das três cores primárias, ou de pares de cores complementares. Este último cinza é muito mais belo que o primeiro, devido à riqueza de suas possibilidades cromáticas. (...) À medida que tons complementares se interpenetram, inicia-se o processo de ruptura do tom. Quando as duas cores misturadas atingem proporções equivalentes, surge o cinza-neutro (PEDROSA, 1977, p. 146-147).

Trata-se de uma cor sem força – do nobre branco, torna-se sujo, do poderoso preto, enfraquece-se. É uma cor acromática a semelhança do preto e do branco. Ela é conformista, colore com tons claros e escuros. A cor cinza como predileta ou rejeitada é por conta dos sentimentos que se relacionam a ela. Não é quente nem frio, nem mesmo material ou mental –

no cinza há vagueza, não há caráter. Nuvens, sombras, chuva e névoa são cinzas. As montanhas ficam cinzas, sombrias, sem o Sol, bem como a água tem reflexos azulados. É uma cor do frio, do inverno. Não sendo nem preto nem branco, é uma cor insensível, destrói sentimentos. No mundo animal, é a cor da camuflagem, sobretudo os noturnos. Internacionalmente, associa-se à velhice, pessoas com cabelos grisalhos (*greis* alemão antigo, e *gris* do francês resultando no grisalho). É considerada a cor do esquecimento e do passado. É vista também como a cor das camadas mais pobres e da modéstia – era a cor das roupas não tingidas (o tingimento era caro). É também tomada como a cor do grosseiro, bruto, anguloso; e do mofo. (HELLER, 2022).

Associação material: pó, chuva, ratos, neblina, máquinas, mar sob tempestade, cimento - edificações.

Associação afetivo: tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, carência vital (FARINA *et al.*, 2006, p. 98).

#### 2.6.3.9 Laranja

O laranja é subvalorizado pelo pensamento e simbolismo. Pensa-se antes no vermelho ou no amarelo que no laranja. Dessa maneira, como ele combina as contradições do vermelho e do amarelo, fortalecendo seus pontos em comum, mais facilmente o laranja consegue denotar o verdadeiro caráter de um sentimento. A estranheza do laranja é determinada pela percepção, uma vez que, mesmo se fazendo presente efetivamente, enxerga-se menos a cor laranja. Por exemplo, há a expressão para certa cor de “vermelho crepúsculo”, embora, na verdade, a expressão que mais bem caberia seria “laranja anoitecer”, sendo mais exata, bem como, para tons os tons vermelhos do alvorecer, em vez da expressão de cor “vermelho aurora”, mais acertado teria sido usar a cor laranja. Laranja é considerada a cor da diversão, da sociabilidade e do lúdico, esse é o lado mais forte do laranja. Quando os sentimentos se intensificam, o laranja fica entre o vermelho e o amarelo. Da leveza e passividade de uma atividade, ela é vista como amarela, quando for frenética é laranja, e por último, vermelha, sendo o mais alto grau de excitação. E o laranja é a combinação de luz e calor, sendo agradável em termos de ambiente. Sua clareza não é tão aguda (como a do amarelo) e sua temperatura não é sufocante (como a do vermelho). Ele clareia e aquece. Misturado ao branco ou tonalizado de marrom, o laranja perde a sua força, mas jamais seu calor, é considerado a cor da transformação. Desse modo, o laranja é também a cor simbólica do budismo. A cor laranja é percebida com muito mais diferenciações na Índia do que na Europa. O que entre nós é definido como um tom de amarelo, na Índia é um tom de laranja (HELLER, 2002).

Associação material: ofensa, agressão, competição, operacionalidade, locomoção, outono, laranja, fogo, pôr-do-sol, luz, chama, calor, festa, perigo, aurora, raios solares, robustez. Associação afetiva: desejo, excitabilidade, dominação, sexualidade, força, luminosidade, dureza, euforia, energia, alegria, advertência, tentação, prazer, senso de humor (FARINA *et al.*, 2006, p. 100).

### 2.6.3.10 Roxo

A cor violeta é a resultante da mistura do vermelho com o azul. O lilás contém necessariamente a cor branca. Violeta é diminutivo do provençal antigo *viula* (viola) (FARINA *et al.*, 2006, p. 103).

O violeta é menos apreciado pela sociedade, talvez por se mostrar como de difícil distinção. É de geral conhecimento, a dificuldade de distinguir o violeta do lilás, isso pode induzir a não apreciação do primeiro. Entende-se que o violeta é a mistura do vermelho com o azul, já o lilás tem, além dessas cores, o branco. O lilás e o violeta são as cores mais raras na natureza, sendo esses dois nomes, na maioria das línguas, idênticos aos das poucas flores que têm a cor violeta ou lilás. O violeta vincula a sensualidade à espiritualidade, sentimento e intelecto, amor e abstinência, no violeta todos os opostos de fundem. Ela é a cor mais íntima do arco-íris, transmitindo a invisível ultravioleta. De tal modo, o violeta marca a fronteira do visível com o invisível. Antes de cair a noite, o violeta é a última cor que antecede a escuridão total. O violeta, como a rara cor na natureza. A cor lilás é um violeta clareado com branco (HELLER, 2022).

Associação material: enterro, alquimia.  
Associação afetivo: engano, miséria, calma, dignidade, autocontrole, violência, furto, agressão (FARINA *et al.*, 2006, p. 103).

### 2.6.3.11 Rosa

É o nome de uma flor e também um nome feminino muito utilizado, tendo qualidades tipicamente femininas. Simboliza o encanto, a amabilidade. Remete à inocência e frivolidade. (FARINA *et al.*, 2006). É uma cor terna e suave, muito utilizada em associações com o público infantil. O rosa não é somente um meio-termo entre o vermelho e o branco. O rosa tem seu caráter próprio. Simboliza a força dos fracos, como charme e a amabilidade. É a cor dos doces. Não existe cor que combine melhor com as sobremesas. É cor do leite, de regozijo. Doce e suave, esse é o sabor que se espera do rosa. “*Pink*” é o nome que se dá, em inglês, ao cravo (nos Estados Unidos, o cravo se chama “*carnation*”, ao pé da letra, “da cor da carne”).

Na Inglaterra, “*pink*” é qualquer tom de rosa; na Alemanha, quando se diz “*pink*”, se pensa sempre num rosa forte, gritante, com alguma tonalidade de violeta; pelos peritos em cores ele é chamado de “magenta” (HELLER, 2022).

#### 2.6.3.12 Prata

Elemento químico (símbolo Ag – prata), da cor da prata. Gera efeitos de frieza e distanciamento, pela proximidade com branco, azul e cinza. Os espanhóis, em 1516, descobriram a costa da América do Sul em busca de ouro e prata, adentrando o rio, batizaram-no de Rio de la Plata e a região era Reino de la Plata, antiga Argentina. É uma cor do luxo, todavia o ouro ser a principal, tem valor material. É vinculada à lua. Na Modernidade, remete à sofisticação, à tecnologia (e também ao artificial) (FARINA *et al.*, 2006).

#### 2.6.3.13 Ouro

Como cor, o ouro se transforma em amarelo. Mas, em termos simbólicos, o ouro não se compara a nenhuma outra cor, uma vez que se remete, de fato, ao metal nobre. Das minas e dos rios, o ouro obtido era de alta qualidade, puro, “ouro de lei” (expressão para o ouro que vem diretamente da natureza). Ele contém sempre prata e outros metais, como cobre, platina, mercúrio, ferro, paládio e níquel. Fundido várias vezes para separação dos metais não preciosos que ele contém. O “ouro refinado” era aquele purificado de outros elementos. O ouro provém das pedras, bem como prata, cobre e mercúrio. Assim, crescem pepitas de ouro nas rochas das montanhas, e se encontram grãos de ouro nos aluviões. A nuance de cor de ouro é determinada pelos metais que serão misturados a ele - o ouro amarelo, considerado o “ouro normal”, é misturado em uma liga de prata e cobre; o ouro vermelho é ligado ao cobre - as joias antigas são, em sua maioria, de ouro vermelho, sendo estimado como o mais bonito; o ouro branco é constituído por uma liga muito dura de paládio e níquel; o ouro verde é produzido em liga de prata e cádmio. O ouro denota a cor da fama. As alianças de casamento são de ouro, porque o ouro, depois de ficar durante anos no dedo, continua a brilhar (e também, é claro, pelo seu valor). O poeta enxerga a cor dourada quando o realista a ver apenas como amarelo. As virtudes lealdade e amizade, honestidade e confiança são manifestadas pela cor do ouro. Entretanto, não seria a cor dominante dessas qualidades, pois está vinculado às recompensas materiais (HELLER, 2022).

#### 2.6.3.14 Dourado

É considerada mais que uma simples cor. É a cor do ouro, menos abundante, associada a dinheiro, luxo e até mesmo felicidade. Indica sofisticação. No simbolismo cristão, é a cor do sagrado (FARINA *et al.*, 2006).

Dessa forma, para esta pesquisa, considerando toda a interdisciplinaridade de estudos cromáticos existente, sobretudo em seus aspectos físicos, fisiológicos, sensações, sentimentos e comunicação (OLIVEIRA, 2015; PASTOUREAU, 1997; FARINA *et al.*, 2006; HELLER, 2022, GUIMARÃES, 2000; BYSTRINA, 1995; PEDROSA; 1977, BRANGEL, 2011), buscou-se considerá-la para a realização do estudo do léxico (BIDERMAN, 2006; BERLIN;KAY, 1999) e especificamente o das cores (ZAVAGLIA, 2006; MARTINS; ZAVAGLIA, 2014; BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007; GONÇALVEZ, 2017) na perspectiva onomástica em sua veia toponímica (DICK, 1990a, 1990b).

A seguir, foi apresentado o encaminhamento teórico que esta pesquisa seguiu tendo em vista a problemática complexa sobre as cores e a relação desta com a formação de sintagmas toponímicos, especificamente, os cromotopônimos.

#### 2.6.4 Encaminhamento teórico sobre o fenômeno cromático para o estudo da taxie cromotopônimos desta pesquisa

O microsistema das cores traduz a estreita relação entre léxico, sociedade e cultura, principalmente do ponto de vista linguístico. Está-se diante de um fenômeno de percepção sensorial, de aspectos físicos e fisiológicos, bem como envolve aspectos psicológicos e culturais (GONÇALVEZ, 2017).

A cor é uma sensação motivada pelo meio, percebida pelo olho (a partir da decomposição dos raios luminosos) e interpretada pelo cérebro (organiza a experiência visual, adicionando a informação e o conhecimento adquiridos por meio das imagens recebidas, ao conhecimento inato e pessoal do indivíduo) (PEDROSA, 1977).

Um dos aspectos da formação e da percepção da imagem ambiental é dado pela cor – informação latente no objeto (GUIMARÃES, 2000). Dessa maneira,

o repositório dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade linguística, para conhecer bem o significado de uma palavra é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que é usada (SILVA, 2002, p. 69 apud ZAVAGLIA, 2006, p. 28).

O léxico de uma língua, portanto, é o que vai refletir o ambiente físico e social dos falantes (SAPIR, 1961).

Sobre o espectro cromático à ótica do relativismo linguístico, considera-se a denominação da cor com base na necessidade de o indivíduo em sua coletividade de dar determinado nome a um conceito, isto é, caracterizar certo referente de mundo com uma cor. Assim, entende-se que os nomes de cores constituam um campo léxico de natureza universal, como neste capítulo, não arbitrário, visto que cada língua categoriza as cores de forma diferente, uma vez que não há isonomia entre línguas e nem mesmo em uma mesma língua (MARTINS; ZAVAGLIA, 2014). Daí a se tratar de focos cromáticos, em que há tons focais básicos e os secundários (BERLIN; KAY, 1999). Sublinha-se, portanto, um pressuposto dos estudos de base intercultural: o da diferença, característica um pouco esquecida pela sociedade globalizada (MARTINS; ZAVAGLIA, 2014).

Nota-se a relação existente entre a estruturação do conhecimento, a categorização e o léxico das línguas naturais, quando do registro dos conhecimentos por uma sociedade, feito por meio do ato de nomear culturalmente os conceitos. Desse modo, o léxico vai ordenar, identificar as semelhanças e diferenças, além de estruturar a realidade (MARTINS; ZAVAGLIA, 2014).

O ato de nomear com uma cor significa definir, uma vez que a nomeação decorre da observação do real e, sobretudo, como este é captado e interpretado, bem como, metaforizado. Por isso mesmo, descrever e analisar o microsistema das cores (isto é o conjunto de nomes usados para denominar as cores, nomes esses que se inter-relacionam), supõe reunir e definir não apenas as unidades lexicais desse campo como também as 'nuances' percebidas e nomeadas para cada cor, vale dizer, as expressões ou locuções que traduzem aproximações ou metaforizações cromáticas (GONÇALVEZ, 2017, p. 1179).

Os campos das cores auxiliam na descrição de realidades próprias do Brasil (GONÇALVEZ, 2017). Por exemplo, os nordestinos influenciados pelas experiências vividas sob um sol radiante (os objetos ganham cores vibrantes) reagem à cor de forma diferente daqueles que experenciam viver em lugares onde os raios solares não têm a mesma intensidade (FARINA *et al.*, 2006).

A flora e a fauna brasileiras são os campos em que mais se detectam nomes de cor (MARTINS; ZAVAGLIA, 2013), como poderá ser visto também nos exemplos extraídos de viajantes, pesquisadores e poetas, como Antonil [1650-1716] 2012 e Hilaire (1975) e, na poesia de Rosa (1956).

Conforme as concepções culturais que fundamentam um ambiente, compreende-se que toda cor tem um espaço que lhe é próprio e este faz parte da cor. A atitude de um indivíduo



frente à cor se modifica por influência do meio em que vive, sua educação, seu temperamento, sua idade etc. (FARINA *et al.*, 2006).

Portanto, “a percepção das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra” (ZAVAGLIA, 2006, p. 27), estando no plano da língua, do léxico (DICK, 1990).

É nesse conjunto imenso de unidades lexicais, cujas divergências lingüístico-semânticas são inerentes e formadoras de culturas e comunidades de fala, que se inserem os itens lexicais cromáticos como microssistemas lingüísticos singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática. (ZAVAGLIA, 2006, p. 28).

Esse conjunto lexical contém combinações fixas, como sintagmas nominais, verbais, preposicionais; expressões idiomáticas; provérbios; ditos populares; frases feitas; locuções; colocações; gírias; máximas, sentenças, entre outros. Estes são os fraseologismos, os quais estão presentes no sistema das cores. (ZAVAGLIA, 2006). Nas expressões idiomáticas, “as mais comuns são as metáforas (ter o sangue azul), a metonímia (vestir verde-e-amarelo), a antonomásia (ser o Poeta Negro), a sinestesia (ter os lábios roxos de frio), entre outras.” (ZAVAGLIA, 2006, p. 29).

Compreende-se que não haja sinonímia absoluta para as cores. Uma palavra como vermelho não pode ser substituída por outra. “Nem um termo tem com ela uma analogia de sentido e de utilização suficiente para substituir em qualquer contexto.” (PASTOUREAU, 1997, p. 152). O que existe, como foi colocado neste capítulo, são nuances de uma cor, que formam escalas cromáticas. No caso do vermelho, a depender da cultura, ele teria as nuances ruivo, grená, carmim, piranga, por exemplo. “Por outro lado, todos os termos de cores são polissêmicos, os sentidos e as nuances de cores para as quais reeviam podem, por vezes, cruzar-se (o que é raro), mas nunca sobrepor-se.” (PASTOUREAU, 1997, p. 152). Amarelo não é o mesmo que dourado, por exemplo. O léxico das cores seria, portanto, poético, rebelde à redundância e à tradução (PASTOUREAU, 1997). Desse modo, “é a diferente contextualização conceptual que ajuda a determinar a que classe de vermelho se está fazendo referência.” (CUENCA; HULFERTY, 1999, p. 72-73 apud BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007, p. 107).

Nesse contexto, em séculos passados, europeus descreviam com pormenores esses cenários de referentes que lhes eram muito desconhecidos; apelavam, assim, a todas as dimensões sensoriais por meio de comparações entre características físicas de referentes desconhecidos e a de conhecidos. Para tanto, ao lado da apresentação das cores básicas se

socorriam com comparações, analogias, metáforas, traduzindo matizes cromáticos ao ouvindo de leitores estrangeiros (GONÇALVEZ, 2017). Exemplo:

Perguntados pela razão de não conservarem as cores, que terião seos ascendentes, para terem elles hũa cor quasi **vermelho tostado**, respondem que a mudança da sua cor procedeo do demasiado calor que fere suas carnes, e fallão conforme a Philosophia, e experiencia, por que querem alguns Philosophos, que a cor branca proceda [...] [Frei Domingos de Loreto Couto (1904) [1757], Livro Primeiro - Pernambuco Conquistado / cap. XI — mostra-se que a cor vermelha dos índios do brasil, não constitue diversa casta. n. 148] (GONÇALVEZ, 2017, p. 1181).

Em alguns casos, há uma distância entre a cor real e a nomeada. Algo indicado como verde não necessariamente o seria ou não seria (FARINA *et al.*, 2006). Destarte, um dos processos de nomeação da cor seria feito por metonímia.

Uma das mais freqüentes razões desta distância revela-se na figura de estilo a que chamamos metonímia, principalmente quando esta consiste em tomar a parte pelo todo. Numa casa em que todos os quartos tenham cortinas azuis e apenas um deles contenha um pequeno galão amarelo na entrada, este receberá a denominação de quarto amarelo (PASTOUREAU, 1997, p. 117).

No caso da pesquisa em questão, foram encontrados nomes como malhado (com maior ocorrência no Norte), pintado (com maiores ocorrências no Jequitinhonha e Norte), rajado, sujo (não teve dados tão relevantes, mas foram encontrados dados em Norte, Vale do Mucuri e Rio Doce) que podem ser considerados casos de metonímia ou metáfora. Referem-se à pelagem de animais e ao animal em si, referente sagrado para essas regiões, configurando motivação para constituição de sintagmas toponímicos, em tom de homenagem.

Não há como se impedir de nomear as cores que passam pelos olhos, mesmo se forem nuances pouco familiares ou mesmo se não se conhecer o vocábulo para qualificar com precisão. “Procuramos sempre mais referir-nos a léxicos do que a paletas ou mostruários. Mesmo se formos pintores!” (PASTOUREAU, 1997, p. 125).

Um dos processos de nomeação das cores, como colocado, é por meio de analogia ou comparação. Isso torna o microsistema cromático mais robusto, avolumando “as possibilidades de expressão linguística de uma cor, uma vez que os espectros se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo.” (GONÇALVEZ, 2017, p. 1189). Quando a característica de uma cor em um referente não for nítida, ou seja, se ela se apresentar em um tom nuanceado, o falante criativo se recorre a recursos linguísticos disponíveis no seu vocabulário, utilizando-se de qualificações necessárias para distinguir as nuances, a fim de estabelecer

comunicação precisa e eficiente. Por exemplo, azul-acinzentado, vermelho-alaranjado, amarelo-dourado etc. (BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007, p. 107).

A categorização, desse modo, é “o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos” (BIDERMAN, 2006, p. 35).

Quando o nome da cor transmigra do plano lexical para o onomástico ocorre sua antroponimização ou toponimização (DICK, 1990). Sabendo ser o topônimo uma forma de língua, consistindo-se em um significante animado por substância de um conteúdo, mas também, e, sobretudo, motivado, buscou-se analisar, neste trabalho, os dois momentos para nomeação. Primeiro, os tipos de circunstâncias, de ordem subjetiva ou objetiva, que motivaram o denominador a eleger um nome para determinado acidente, no caso, o espectro cromático existente no território de Minas Gerais que é percebido e nomeado, por meios de aspectos fisiológicos e culturais. Em seguida, a origem semântica da denominação, ou seja, o significado que revela, no caso a escolha de determinada cor para se referir ao acidente, tendo em vista seu caráter opaco e transparente (ULLMANN, 1964).

Nessa perspectiva, as cores são vistas tanto nos elementos físicos que constituem essas paisagens, bem como nos econômicos, culturais e sociais. Expressões onomásticas com o constituinte de nome de cor são criadas no léxico e, quando batizam lugares, toponimizam-se. O topônimo que faz referência à cor é classificado na taxa dos cromotopônimos (DICK, 1990a).

Topônimos relativos à escala cromática, denominados cromotopônimos, figuravam, genericamente, entre as designações de natureza antro-cultural; entretanto, por uma coerência quanto à produção do fenômeno em si, devem incorporar o primeiro grupo classificatório, aquele das designações de natureza física (DICK, 1990b, p. 28).

Dessa maneira, entende-se a motivação da cor na nomeação, por exemplo, do topônimo Localidade Malhada Preta, tendo em vista qualificações lexicais ou cromáticas, na mesorregião do Jequitinhonha. Primeiro, o referente localidade não possui uma cor preta nítida, trata-se de uma construção por metáfora e analogia a possivelmente animais de cor preta com malhada na região, ou até mesmo não se tratar malhada de uma cor, mas sim o nome específico de um animal. Essas razões motivaram a criação do nome do local, em tom de homenagem. O falante criativo recorreu a recursos linguísticos disponíveis no seu vocabulário, utilizando de qualificações necessárias, no caso a cor malhada, para distinguir as nuances, a fim de estabelecer comunicação precisa e eficiente (BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007).

Socorreu-se, neste caso, ou ao léxico ou à nuance para nomear esse topônimo (PASTOUREAU, 1997).

Dessa forma, investigou-se os cromotopônimos que compõem o estado de Minas Gerais, que representam verdadeiros fósseis linguísticos para o conhecimento da língua da região. Os elementos constitutivos dessas expressões onomásticas evidenciam vínculo entre elas e seu acidente geográfico – referente, sendo o signo em função toponímica uma projeção aproximada do real, estabelecendo uma relação unívoca entre seus constituintes. Essa relação sinaliza não apenas a identificação de um lugar, mas revela sua indicação precisa, podendo esta ser clara ou, muitas vezes, opaca (DICK, 1980).

A nomeação dos acidentes geográficos e sua inscrição em um topônimo segue procedimentos que têm origem em fatos históricos, sociais, culturais ou ainda em motivações cuja face cognitiva reflete-se em descrições metafóricas ou metonímicas para escolha do nome do lugar a ser designado (DICK, 1990a).

O léxico representa a experiência de um povo, assim a incidência maior ou menor de vocábulos ligados a diferentes domínios da experiência pode ser influenciada pelos elementos ambientais. Havendo a necessidade e o interesse, um vocábulo é inserido no vocabulário. Daí ser o léxico um indicador da história cultural de um povo. Em conformidade com essa abordagem, diversas são as origens que estruturam os vocábulos toponímicos básicos, como mineralógica ou geológica, botânica, zoológica, orográfica, hidrográfica, litorânea, social e política. Quando o homem transforma essas realidades, isto é, o ambiente em função da sua condição de existência, os vocábulos designativos destas ganham um caráter positivo, e de acordo com a frequência vocabular positiva, serão integrados aos nomes geográficos ou topônimos de um país. Por conta da experiência humana mesológica, o sistema toponímico brasileiro se imbrica em parâmetros que norteiam os princípios geográficos, históricos e sociais do Brasil (DICK, 1990b).

Em português, os processos de derivação e composição estão disponíveis para a construção de substantivos e de adjetivos a partir dos nomes de cor básicos, sendo o mais produtivo o da derivação por sufixação, seguido da composição (CORREIA; BARBOSA, 2014). Sobre a constituição dos sintagmas em simples e compostos, no sintagma toponímico, considera-se a quantidade de elementos que compõe o termo toponímico, ficando de fora o termo acidente, a não ser que este também seja parte do topônimo (DICK, 1980). A respeito da classe de palavras que mais resultou das bases de cores, Abdelkarim Diane (2001) encontrou mais adjetivos a nomes. No que tange a análise de gênero, no Português existe uma relação preferencial, “deteriorada e frágil” entre o índice temático -o para nomes masculinos e -a para

femininos, indo do critério semântico para o formal (VILLAVA; SILVESTRE, 2014). Sobre as variantes flexionais de adjetivos compostos designativos de cor, Santos (2001) defende que o falante deve optar pela flexão que melhor atenda às exigências discursivas, consciente de que, morfologicamente não há impedimento algum das três flexões estudadas, exemplo verdes-claros, verde-claros, verde-claro.

Dessa forma, o homem emprega o signo linguístico em função toponímica para humanizar a paisagem, nomeando acidentes físicos. Há motivações que relacionam o nome e seu significado ao lugar, sendo os topônimos puramente motivados. Sendo assim, serão analisados os cromotopônimos, a fim de obter pistas sobre grupos humanos que habitaram ao redor dos acidentes geográficos nomeados, revelando sua história e cultura.

Esta pesquisa se fundamenta considerando os universais cromáticos (cf. Berlin e Kay, 1999) e, sobretudo, as particularidades devidas ao relativismo linguístico (cf. Sapir, 1961) determinadas pelas idiosincrasias cromáticas culturais do Brasil (cf. ZAVAGLIA, 2006; MARTINS; ZAVAGLIA, 2013; GONÇALVEZ, 2017), especificamente, Minas Gerais. Para isso, identificou e explicou-se os termos de cores do português brasileiro que foram mais encontrados no território mineiro bem como as especificidades culturais. Dessa forma, além do uso denotativo das cores em ambiente físico, as relações culturais e economia em Minas Gerais estabeleceram categorizações simbólicas, usando cores como símbolo das atividades de pecuária e de agricultura, sobretudo, a de mineração. Assim, identificou e explicou-se como os referentes de mundo são nomeados por cores e como estas representam as relações econômicas, sociais e históricas, sobretudo, como esses referentes e sua cor percebida motivam a criação de cromotopônimos. O indivíduo é impactado pelas sensações e emoções provocadas pelas cores dessas atividades, sendo motivado por elas a nomear acidentes físicos e humanos. E sobre as sensações provocadas pelas cores, identificou-as explicando dentro do contexto do ambiente e relações sociais.

### 3 ASPECTOS AMBIENTAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DE MINAS GERAIS

#### 3.1 O homem e a montanha

Minas é a montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região — que se escala. Atrás de muralhas, caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. Aguarda-nos amparada, dada em neblinas, coroada de frimas, aspada de epítetos (ROSA, versão on-line, 1957)

Para a implantação de uma sociedade estável no Brasil, o solo, o relevo e a flora foram elementos responsáveis, os quais o homem necessitou dominar para se instalar na terra. Ao lado da natureza desses elementos físicos, estão as atividades culturais e econômicas, imprescindíveis para estruturação e dinâmica social (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

Dessa maneira, elementos físicos das paisagens emprestam diversos tipos de signos onomásticos à Toponímia. Ora, à medida que o homem desbrava a terra, conseguindo nela se fixar, ele nomeia. Núcleos humanos geram cadeias nominativas que são herdadas de geração em geração. Conhece-se, nomeia-se (DICK, 1990a).

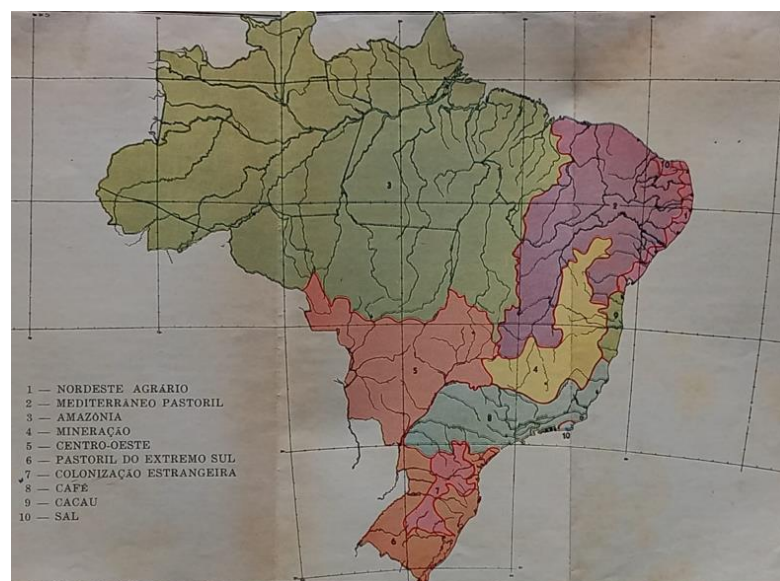
O deslocamento do homem por entre as paisagens físicas tem dificuldades humanas distintas, sendo a luta contra o meio mais difícil em regiões montanhosas, vales escarpados, e encostas distantes do mar que em planícies e vales largos. E a fixação nestas paisagens influencia no temperamento e espírito de seus habitantes (DIÉGUES JUNIOR, 1960; DICK, 1990a). Minas Gerais é feita de montanhas.

O palco da vida econômica mineira, o que realmente constituía as Minas Gerais no século XVIII, era um conjunto de vales sombrios rodeado por altas montanhas. Política e administrativamente é o mesmo território hoje ocupado pelo estado de Minas Gerais. No século XVIII, porém, as Minas Gerais eram umas ilhas de povoação concentradas aqui e ali, ao longo dos caminhos e dos rios: "o arquipélago" de S. João del-Rei, o continente ouro-pretano indo até o Serro, o distrito diamantino (administrativamente autônomo) e mais adiante Pitangui. (...) Estes núcleos de povoação que constituíam as Minas Gerais, e que já existiam no século XVIII e cujos habitantes se dedicavam à mineração, nasceram no fundo dos vales, à beira das montanhas. Isso naturalmente se explica pelo fato de explorarem o ouro de aluvião deixado nas areias dos rios. Ora, o clima desses vales montanhosos é frio e úmido. As altas montanhas condensam as nuvens, e as chuvas são constantes, provocando a desagregação dos terrenos. Pela manhã e à noite sobe a evaporação do fundo do vale e a neblina invade as ruas. O sol é tardio em aparecer, muitas vezes só rompendo a garoa no meio do dia. Cedo, porém, já desapareceu por detrás da serra. Os dias são curtos; as noites, longas e tristes. A luminosidade do céu é pouca, as nuvens "tendo boas desculpas" em qualquer estação. Aliás, são duas as estações como na restante zona subtropical. De setembro a março chove torrencialmente, dia e noites as águas do céu cantando nas calçadas sonoras das ruas. Nessa época os caminhos dissolvem-se na lama, e as comunicações cessam. De março a setembro não chove quase. Mas, se ainda temos dias bonitos no "Outono", logo o sol desaparece: a garoa cada vez

maior, o número de horas do dia cada vez menor e finalmente em julho e agosto aparecem as "queimadas" - vingança contra a serra, na opinião do Sr. Miran Latiff. Nos últimos dias do inverno, então, o ambiente é de uma tristeza impenetrável: o céu toma-se cinza, de um tom opaco e uniforme (muito diferente do plúmbeo das nuvens) o sol e a lua vermelhos como em eclipse; cinzas de árvores carbonizadas (principalmente folhas de samambaia) trazidas pelo vento volteiam no ar e vão procurar o homem até dentro de casa, como se estivéssemos na quarta-feira de cinzas. À noite, lagartas de fogo serpenteiam na montanha. O efeito de um clima desses, em homens já gastos por uma luta inglória com a face mais inquieta da natureza - o subsolo -, não pode ser outro que o de engendrar uma tristeza implacável e uma profunda melancolia. Melancolia encontradiça no que há de mais típico na poesia mineira e no interesse e na importância que os mineiros dão às cerimônias da Semana Santa. Passando de um clima que nos chama à reclusão, ao tédio e à tristeza, ao solo, acho de interesse mostrar rapidamente a questão das riquezas naturais na elaboração dos diversos ciclos culturais mineiros. (TORRES, [1943] 2011, p. 66-68)

As diferenças regionais brasileiras decorrem das variações de relevo, solo, clima, vegetação, fauna. Esta formação cultural resulta da justaposição de elementos diversos relacionados entre si, ancorados na sua base de lastro portuguesa. De ampla extensão territorial, caracterizada por diferentes condições geográficas e fisiográficas, constitui-se a região brasileira, portanto, faz-se fundamental um estudo por meio de regiões culturais. Dessa variedade resultaram as condições de vida humana, sua ocupação territorial e os processos de relações refletidos delas (DIÉGUES JUNIOR, 1960). A seguir, se apresenta o mapa das regiões culturais do Brasil.

Figura 11 – Mapa das regiões culturais do Brasil



Fonte: Diéguas Junior (1960)

Por exemplo, Minas Gerais é uma área cultural regional em que a mineração teve forte influência na composição de sua área toponímica (DICK, 1990b). Ao lado dela, as atividades de pecuária e agricultura também predominaram na região, sendo, inclusive, suas potências econômicas que vieram a substituí-la. Em 1534, inicia-se a ocupação sistemática da terra em Capitâneas, que consistia dividir o território em lotes – doados a pessoas com lutariam pelas possibilidades de povoar a terra. As bandeiras saem de São Paulo no século XVI para devassar os sertões em busca de ouro (DIÉGUES JUNIOR, 1960). Muitas picadas que são um tipo de estrada se abriam.

O governador D. Álvaro da Silveira e Albuquerque, então, escreveu uma carta à corte, transcrita em Vasconcelos (1974, p.221-222), na qual relatou que a picada era “coisa tão útil e necessária para maior segurança e arrecadação da Fazenda de Sua Majestade”, mas, sem a ajuda real, o sertanista não podia tornar a estrada transitável. (CARNEIRO, 2013, p. 172)

As bandeiras iam penetrando o sertão, abriam novos caminhos ou alargavam as veredas indígenas, resultando em conquista de territórios e criação de outros meios sociais (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

As povoações mineiras surgiram no fundo dos vales, ao pé dos grandes montes de cujo seio vinha o ouro dos rios. Começava tudo, como se disse, pela faiscação no ponto de estagnação das águas, no centro da bacia, geralmente no lugar da confluência dos córregos. Depois, os mineiros subiam os leitos das torrentes e na fase final escavavam o seio da montanha. Todas as povoações "mineiras" parecem estar no fundo de um poço; temos que olhar muito para cima, quase na vertical, para ver o céu azul, às vezes. Os faiscaadores mais ousados, mais felizes, conseguiam fazer a subida à montanha. Mais tarde cada um tinha a sua mina. Todos, porém, tinham o laço comum que eram os tempos de faiscação, ombro a ombro, no rio frio, a cabeça ao sol ardente. E a capelinha ficava marcando o ponto inicial. (TORRES, [1943] 2011, p. 94)

O processo de ocupação humana em Minas Gerais caracterizando como região cultural teve como ponto de partida a mineração, isto é, quando da transposição da serra do Mar, formou-se arraiais e vilas, ambientes que conviviam mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, paulistas, nordestinos. Os povoamentos foram conseguidos quando o mameluco abre as penetrações, descobrindo minas e expandindo currais de gado (DIÉGUES JUNIOR, 1960).



### 3.2 A região cultural da mineração em Minas Gerais

A ocupação humana acontecia nos centros da mineração e se configurou a partir de base econômica da exploração das minas (ouro e diamantes). Esse enlace era influenciado pelas montanhas mineiras (DIÉGUES JUNIOR, 1960). Dessa forma:

Os rios descendo em busca do mar cortaram o planalto em sulcos profundos, cada grupo de afluentes do mesmo conjunto hidrográfico dando a imagem exata da mão humana aberta em leque. No fundo desses vales, quando a torrente encachoeirada toma-se em manso rio, as águas depositaram pepitas de ouro no meio do cascalho. Os bandeirantes, subindo o rio, instalaram-se nos vales. As cidades nasceram na "palma" da mão ou atravessando os "dedos", ligando vale a vale. De qualquer jeito, o homem se instalou entre os contrafortes da grande montanha, de cujo seio vêm as águas que fizeram os vales convergentes e que guarda dentro de si a "mãe do ouro", arisca e fugidia. (TORRES, [1943] 2011, p. 68)

Das águas do Rio São Francisco, portanto, levadas povoadoras se dissiparam neste formato de leque. Caminhos eram trilhados para o povoamento, picadas se abriam, e nelas o gado passava, por onde se ouviriam o chiado dos carros-de boi. Serras e elevações montanhosas desafiavam a penetração (DIÉGUES JUNIOR, 1960). Sobre as formas e núcleos originários da cidade mineira, afirma-se que ela

não tem largura nem altura, só tem comprimento. Parece um caminho; é uma passagem. Geralmente cobre o morro como se fosse um curso d'água. Quem atravessa uma cidade mineira pensa estar seguindo o leito seco de um rio: as mesmas altas paredes, o mesmo traçado sinuoso, o mesmo solo abaulado... Parece que o seu construtor olhara antes o curso das águas pluviais e fizera a rua no encaixe da chuva. Inicialmente não houve o construtor; mas, inconscientemente, foi o que se fez. (TORRES, [1943] 2011, p. 103)

A colonização foi feita por intermédio do negro. Era uma economia escravocrata e latifundiária. Teriam havido algumas fases. Assim, a produção mineradora era realizada

primeira e principalmente lá embaixo, na beira dos córregos, arrancando cascalho, lavando e apurando na bateia. Ali se acampava, como hoje ainda se faz (agora com barracos de grosso plástico preto), mas o arraial se desenvolvia nas partes mais altas, junto às capelas, longe do baixão. A busca do ouro nas encostas, nas grupiarias perseguindo os veios que se sugeriam, era alternativa ao cascalho dos fundos dos rios, exigindo técnica e investimento maiores, trabalho mais qualificado, eventualmente o uso de rodas d'água. Mas a maior parte do ouro estava mesmo no aluvião, nas grotas, marcando um "espaço da produção" em áreas muitas vezes pouco propícias à criação de vilas e cidades, segundo a inspiração portuguesa. (MONTE-MÓR, 2001)

Dessa forma, configura que em "Minas, o latifúndio não era em extensão e sim em profundidade; não era rural e sim urbano." (TORRES, [1943] 2011, p. 94).

Ao fator da natureza geográfica, outros também influenciaram a vida e o espírito mineiro, quais sejam: as influências indígenas e africanas, os emboabas, reinóis, baianos, pernambucanos, entre outros. Com o isolamento da montanha, foi forjado o espírito conservador mineiro, criado o sentido da tradição e derramada a consciência de liberdade. “Isolando ou separando de outros grupos, a montanha une os que nela permanecem. E, unindo-os, cria o espírito de liberdade, o ideal de conserva-se livre.” (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 268).

### **3.3 A decadência da mineração e o desenvolvimento de atividades agrícolas**

A lavoura e a pecuária eram ampliadas e fortalecidas para alimentar mais de cem mil pessoas à época (HOLANDA, 1982), essas atividades sempre existiram, alimentando a população e possibilitando sua locomoção, mas, com o declínio da mineração, tornaram-se importantes focos econômicos e sociais (ZEMELLA, 1990). Dessa maneira, as atividades agrícolas e de criação estimulariam a recuperação econômica e social do território mineiro. No Sul, implantava-se o criatório e, na Zona da Mata, a agricultura.

E, na primeira metade do século XIX, através do vale do Paraíba, o surto cafeeiro se penetrava na área mineira (DIÉGUES JUNIOR, 1960). O povo brasileiro esteve concentrado principalmente na zona da mata, que lhe fornecia pau-brasil, madeira de construção, terrenos próprios para cana, para fumo e para café (CAPISTRANO DE ABREU, [1853-1924] 1982). No início no século XIX, com a decadência da exploração de ouro e dos diamantes, o paulista, o bandeirante, foi transformando seu jeito de viver. Dedicavam, mais especificamente, ao cultivo da agricultura de subsistência e da cana de açúcar, antes muito rejeitada por eles. Entretanto, por serem de uma economia mais local não davam vazão para um para um possível desenvolvimento agrícola em grande escala de produção. Foi a partir da lavoura do café que a renovação econômica surgiu na região (DIÉGUES JUNIOR, 1960). Tanto na mata quanto no campo, a cultura mercantil do café foi responsável pela descaracterização dos cenários físico-natural e por um novo redirecionamento econômico (CARNEIRO, 2013).

Essa transformação não ocorreu apenas na seara econômica. Mas também na questão social. A população foi crescendo e, com o aperfeiçoamento das técnicas agrárias, o paulista se encontrou em uma nova alavancada de vida. Foram surgindo grandes propriedades já que o cultivo do café as exigia, valorizando assim, não apenas as terras como também a propriedade inteira. Com isso surgiu uma nova figura social, o grande proprietário de terra, o fazendeiro, que passou a ter status de nobreza, de aristocrata. Assim, apareceu também uma nova classe

social, o colono, o trabalhador rural, que se via preso às condições de trabalho, e também ao fazendeiro que o mantinha por um contrato apenas para a força braçal na lavoura, substituindo, pois, o escravo, este que não tinha direito a nada. Por conseguinte, já na metade do século XIX, a lavoura do café dominou o vale do Paraíba, nas áreas do Rio de Janeiro, e na parte de Minas Gerais (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

A atividade pastoril é uma das mais importantes da história econômica do território mineiro, estando relacionada e fornecendo as bases para o povoamento na região. Nas margens do Rio São Francisco, inicia-se a criação de gado, antes mesmo da descoberta do ouro. Os rebanhos dos criadores paulistas já se espalhavam pelo local e pelos campos circunvizinhos de Ibituruna e Baependí, permitindo o aparecimento de condições necessárias à sobrevivência dos primeiros mineradores. Dessa maneira, aos criadores ficou imputada a tarefa de alimentar o excedente demográfico, preocupado exclusivamente em minerar. A vida econômica era dirigida por esses fazendeiros do São Francisco, que montaram uma verdadeira rede de produção e distribuição de carne aos arraiais que nasciam. O comércio de gado florescia, transformando o São Francisco em uma grande via comercial, com movimentação intensa de vaqueiros e boiadas (BARANDA, 1967). “Uns compravam, outros vendiam. Os tropeiros ganhavam no transporte das boiadas e pelo caminho tiravam rendoso aluguel dos pastos de engorda e descanso das reses” (VASCONCELOS, 1974, p. 36).

Devido a solos ricos em minérios como o minério de ferro, de bauxita e manganês, além de ouro e pedra sabão, o desenvolvimento econômico do estado de Minas Gerais teve e continua tendo fortes influências da atividade mineradora. A instalação das minas de extração nas cidades mineiras gera benefícios econômicos e sociais, em contrapartida, ocasiona uma série de problemas ao ambiente e à saúde do homem, quais sejam: a poluição atmosférica (decorrente da liberação de particulados prejudiciais à saúde); a poluição visual (gerada pela modificação na topografia e estrutura do terreno); a supressão da vegetação (finalidade de retirada dos minerais e construção de lagoas de rejeitos); o assoreamento de corpos hídricos (descarte inadequado de rejeitos causando a morte de animais e a contaminação do meio ambiente). Eram os escravos os trabalhadores (no período pós-escravidão) que exploravam as minas. Eles morriam soterrados, em virtude dos desabamentos de minas, também sofriam com diversas doenças decorrentes das condições subumanas de trabalho (LANA, 2015).

A degradação visual da paisagem é o impacto mais característico da mineração, as lavras a céu aberto e garimpo provocam a alteração inevitável da topografia do terreno em Minas Gerais. Isso devido ao desmatamento e/ou impedimento de regeneração natural, uma vez que o solo superficial (de maior fertilidade), quando removido, expõe os solos remanescentes aos

processos erosivos, o que pode ocasionar o assoreamento dos corpos d'água do entorno. Quanto à poluição das águas, a maioria das minerações no Brasil (ferro, calcário, granito, areia, argila, bauxita, manganês, cassiterita, diamante entre outras) contaminam as águas através da lama; sendo necessário construção de barragens para seu controle. Ocorre também a poluição química provocada pelo tratamento do minério ou pela passagem da água pela área de mineração (REZENDE, 2016).

### **3.4 Transformações sociais dos moradores da região**

Desse modo, com as transformações sociais ocorridas, a partir do século XIX, novas condições regionais foram sendo demarcadas, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista social, sendo mantido o estilo de vida advindo das origens da mineração; o espírito em conserva mineiro. Assim, a noção de região, particularmente a mineira, define-se com base em diferenciais internos que configuraram identidade às primeiras categorias espaciais da capitania. O recorte geográfico desta capitania deve considerar a integração entre a “diversidade natural (o campo e o mato), econômica (a agricultura e a pecuária, a mineração e o comércio, a hierarquia urbana) e social (o sertanejo e o mineiro)” (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 302). Tendo isso em vista, demarcar categorias de percepção espacial dadas pelas especificidades naturais, bem como o curso da construção coletiva do espaço, possibilita configurar modelos de regionalização, que condensam uma dinâmica econômica interna claramente segmentada, fruto do específico da complexificação da base produtiva e das atividades comerciais (CUNHA; GODOY, 2003).

Quanto às categorias e aos modelos, a seguir serão descritos, brevemente, de forma a elucidar a relação entre o ambiente físico e social. No final, apresenta-se o modelo de regionalização do qual esta pesquisa se baseia.

### **3.5 O ambiente natural e sua percepção**

Uma diferenciação interna para a Capitania de Minas Gerais no século XVIII seria a baseada em “proto-regiões”, isto é, “uma determinada extensão do espaço geográfico em formação e diferenciação precoce, com a predominância de algum atributo peculiar, responsável por fornecer o critério chave de distinção” (CARNEIRO, 2013, p. 303). As proto-regiões da capitania mineira seriam formadas por: minas, currais, campos, matos e sertões. Esta divisão pode ser vista, a seguir.



capazes de suscitar diferenciações regionais, até por fim compor um quadro de articulações entre espaços distintos e com identidades próprias” (CUNHA; GODOY, 2003, p. 6).

A seguir, essas categorias são descritas bem como sua dinâmica social, conforme Carneiro (2013).

### 3.5.1 Minas

Essa região conforma o primeiro recorte de uma regionalização do território da Capitania, sendo governada pelos primeiros descobrimentos auríferos de perímetro de influência imediata (CUNHA; GODOY, 2003).

Esta área era considerada como uma junção das áreas das minas e dos campos, e suas características. As minas eram os espaços de ocorrência de jazidas minerais. Os campos situados no baixo e médio vale do São Francisco - campos gerais ou planos muito extensos (CARNEIRO, 2013).

Por conta das características da atividade mineradora e correlatas, a protorregião mineradora foi a mais importante na primeira metade do século Dezoito. Portanto, a

área em que se fincam os arraiais mais antigos e onde mais rapidamente se verificou um adensamento populacional, que se mostrou vigoroso e persistente por pelo menos toda a primeira metade do Dezoito. O horizonte mineratório aos primeiros anos do século XVIII apresenta núcleos distribuídos por áreas desiguais em suas características naturais, mas que não obstante terminariam por compor uma faixa, com alguma continuidade, onde se concentrou a maior parte da população da capitania por todo o século e que mesmo com a decadência do ouro só teve sua centralidade rearticulada na segunda metade do Dezenove. (CUNHA, GODOY, 2003, p. 7)

A zona de mineração apresentava as serras escarpadas e os matos fechados. “A descontinuidade era uma das marcas desse espaço, que se sobrepunha a outras unidades, consequência da relativa dispersão das lavras de ouro.” (CARNEIRO, p. 309).

Como exemplo o espaço a seguir:

Figura 13 – Vista de Sabará, século XIX



Fonte: Autor: Jules Alexandre Monthelier (1804-1883) apud CARNEIRO, 2013, p. 310)

Sobre o ambiente das minas:

“Primeiramente, em todas as minas que vi e em que assisti, notei que as terras são montuosas, com cerros e montes que vão às nuvens, por cujos centros correndo ribeiros de bastante água, ou córregos mais pequenos, cercados todos de arvoredo grande e pequeno, em todos estes ribeiros pinta ouro com mais ou menos abundância.” (ANTONIL, 2012, p. 197)

Quanto ao recorte geográfico, as vilas e povoados mineradores se distribuía no alto de terrenos montanhosos, na serra do Espinhaço, onde havia presença de “planuras cobertas por cerrado”, dilatadas até se perderem de vista” (CARNEIRO, 2013, p. 320-321). Os núcleos populacionais eram distribuídos em áreas desiguais por conta da característica da região, havia, assim, uma diversidade de paisagens (núcleos auríferos ao centro, campos para agropecuária ao sul, prados curraleiros ao oeste, diamantes no Tijuco) (CUNHA; GODOY, 2003).

### 3.5.2 Sertão

As regiões que figuravam fora das zonas mineradoras, das rotas comerciais e dos aglomerados urbanos eram consideradas os sertões da Capitania/Província de Minas, nos séculos XVIII e XIX. Uma forma hierarquizada de olhar o espaço é encontrada na definição portuguesa a respeito da categoria sertão. Culturalmente, era considerado sertão o espaço

desconhecido, “zona desorganizada, inculta, um espaço a ser civilizado pelas mãos de colonos e de funcionários régios.” (MOLINARI, 2009, p. 35).

O isolamento geográfico também era um fator de definição de sertão, havendo ritmos mais lentos de vida que eram resultados tanto do distanciamento das áreas administrativas quanto da pobreza econômica e social. Configura-se, desse modo, a figura da solidão do sertanejo e os seus perigos enfrentados (onças, cobras, sezões, doenças e febres malignas) (CARNEIRO, 2013). A referência ao sertão de Minas Gerais passou a ser vista como delimitada à região norte do território, perto da Bahia, em que a atividade central era a pecuária extensiva. Dessa forma, como acepção mais consagrada para sertão significa dizer de largas extensões de terra em áreas típicas caatinga e do semi-árido (CUNHA; GODOY, 2003).

O sertão era o lócus de uma experiência cultural híbrida, posicionada entre o mundo “selvagem” e o “civilizado”, espaço socialmente construído, com características e dinâmicas sociais peculiares, marcado por contatos e choques de mundos distintos, pela manifestação da alteridade radical. (CARNEIRO, 2013, p. 322)

A região Leste era onde habitavam as populações indígenas e onde menos se entranhavam os colonizadores. Por se imaginar um espaço hostil e impenetrável, pelo fato da mata fechada e escura, pelos povos “bárbaros” que lá viviam e pela dificuldade de acesso (CARNEIRO; MATOS, 2010). No entanto, a cartografia pode ser enviesada sob determinada perspectiva e, assim, percebe-se

que os mapas traduziam muito mais uma impressão, um imaginário, um — ouvir dizer, do que uma efetiva constatação de uma geografia da região e dos hábitos dos nativos que ali viviam (...) no que se refere à região leste de Minas Gerais, o mapa de 1855 expressava muito mais um desejo, uma vontade, uma ânsia pela ordenação e organização do espaço, do que a tradução de uma — exatidão e uma — modernidade esperada por seus idealizadores (MOLINARI, p. 162, 166).

Definir sertão significa considerar muitas conotações que a palavra e a região evocam, “Para todos, salvo para os sertanejos, o sertão era um estado de espírito e de percepções” (RUSSELL-WOOD, 1998). Dessa forma, não se consegue correlacionar o sertão a uma zona terrestre específica, estando presente na área dos matos (associado à floresta), dos campos (associado ao cerrado ou à caatinga) e dos currais. Um conjunto de certas características determina o sertão, mas não consegue precisar sua identificação, uma vez que, “o sertão estava em toda parte” (ROSA, 1994, p. 4).

Em suas formas mais extremadas, as periferias eram associadas a um termo muito usado em Angola e no Brasil: o sertão. Abrangia a extensão crescente, árida e semi-



árida, dos interiores de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, até Piauí, Ceará e Maranhão, submetida aos excessos de temperatura e clima, a longos períodos de seca, violentas tempestades e inundações relampejantes. Unia-se a isto uma vegetação composta de erva daninha, cerrado de cactos e arbustos espinhentos, constituindo-se em obstáculo a possíveis intrusos. (RUSSELL-WOOD, versão on-line, 1998).

Sertões e fronteiras têm traços em comum, pois são vistos como zonas de interseção e de separação (RIBEIRO, 2008).

Eles eram encontrados, no Leste: nos matos, vale dos rios Pomba, Doce e Mucuri (Sertões do Rio da Pomba e Peixe dos Índios Cropós e Croatos, do Abre Campo, de Arrepiados, da Casa da Casca, do Cuieté e do Mucuri), habitados pelos índios Cropós, Croatos, Botocudos, Puris, entre outros. No Sul, na área dos campos (Sertões da Mantiqueira e do Rio Grande). No Oeste, em diversas partes da também área dos campos (Sertões do Abaeté, de Pium-í, do Bambuí, de Campo Grande, de Paracatu, da Farinha Podre e da Paranaíba), zona ocupada pelos índios Caiapós e Araxás; e no Norte recobria quase toda a paisagem dos currais (Sertões do São Francisco, do Urucuia e do Rio Pardo) (CARNEIRO, 2013, p. 324).

Nesse contexto, o sertão não se relaciona a uma realidade espacial delimitável, ele é condição atribuída a vários espaços com características físicas diferentes, sendo de muitas percepções óticas (CARNEIRO, 2013).

### 3.5.3 Currais

Os currais se localizavam nos sertões. Margeando o Rio São Francisco e das Velhas, estariam os principais prados de criação de gado (CUNHA; GODOY, 2003).

Figura 14 – Criação de gado nos campos das margens do Rio das Velhas – Século XIX



Fonte: Richard Parkes Bonington (1801-1828) apud CARNEIRO (2013, p. 329).

Nesse cenário, essas regiões teriam “áreas relativamente planas, de cerrado e caatinga, de ocupação antiga, destinadas à criação de gado, mercadoria direcionada para o abastecimento da população das minas após a descoberta e “corrida” do ouro. (...) vegetação com aspecto ralo (...) capões, isolados entre campinas ou nas margens de cursos d’água” (...), animais domésticos e caças eram frequentes (...)” (CARNEIRO, 2013, p. 339-351).

Nas áreas situadas no leste, oeste, sul e norte da Capitania se encontravam os sertões, nestes se localizavam os currais. A área mais próxima à Bahia cortada pelo rio São Francisco era a mais afastada da atividade de mineração e do povoamento, sendo um “sertão menos civilizado” (SAINT-HILAIRE, 1975b, p. 118 apud CARNEIRO, 2013, p. 330).

E porque as fazendas e os currais do gado se situam onde há largueza de campo, e água sempre manante de rios ou lagoas, por isso os currais da parte da Bahia estão postos na borda do rio de São Francisco, na do rio das Velhas, na do rio das Rãs, na do rio Verde, na do rio Paramirim, na do rio Jacuípe, na do rio Ipojuca, na do rio Inhambupe, na do rio Itapicuru, na do rio Real, na do rio Vaza-barris, na do rio Sergipe e de outros rios, em os quais, por informação tomada de vários que correram este sertão, estão atualmente mais de quinhentos currais, e, só na borda aquém do rio de São Francisco, cento e seis (ANTONIL, 2012, p. 209).

Nas imediações do rio São Francisco e de seus afluentes em que havia “largueza de campo” se situavam os currais. Os currais se consolidaram em centro abastecedor importante da zona mineradora, uma vez que favoreciam a reprodução de gado bovino (presença de salitre e fosfato, ocorrência de extensas pastagens, disseminação do sal gema de fácil extração, a inexistência de recursos minerais, a natureza do solo e do clima, facilidades geográficas de comunicação) que alimentaria o crescimento populacional. A condução das boiadas era feita por brancos, mulatos, negros e índios (CARNEIRO, 2013).

O gado vacum dispensava a proximidade da praia, pois como as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício; fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam suficiente sal os numerosos barreiros dos sertões. (...) Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. (...) (ABREU, [1853-1924] 1982, p. 132).

Muitas povoações se fixavam às beiras do rio São Francisco, precisando adaptarem-se às suas condições de agregador (populacional, comercial e de navegação) e de repulsor

(transbordando na estação das cheias para áreas planas no seu entorno). Devido à sua ação repulsora, muitas enfermidades acometiam a população (CARNEIRO, 2013).

Graças a estas circunstâncias, formou-se no trajeto do gado uma população relativamente densa, tão densa como só houve igual depois de descobertas as minas, nas cercanias do Rio (ABREU, [1853-1924] 1982, p. 132)

Os potentados atendiam à administração colonial para iniciativas públicas, como abertura de caminhos, construção de capelas e outros órgãos, combates de indígenas, dentre outros em lugares distantes da Colônia. Disso resultou a figura do pecuarista, um criador influente, “de mando”, reconhecido pela população, contudo tais características não eram emblemáticas apenas dos pecuaristas (CARNEIRO, 2013). Isso porque a pecuária era considerada uma atividade nobre, que conferia posição social aos proprietários das fábricas de gado, embora em um plano econômico menos elevado que o açúcar e o ouro, portanto, menos aristocrática (ELIA, 1979).

O vale do Jequitinhonha é considerado uma área limítrofe entre as protorregiões currais e matos por conta da mudança brusca nas características do relevo e da vegetação, a paisagem campestre cede lugar a matas fechadas. A visão dilatada dá lugar à limitada (CARNEIRO, 2013).

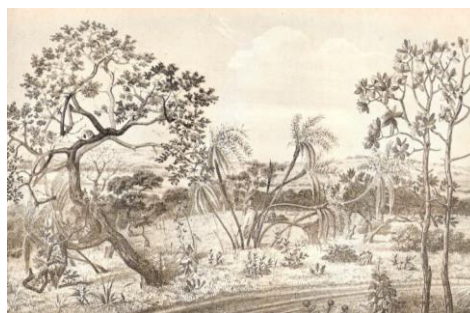
#### 3.5.4 Campos

Os campos teriam a seguinte descrição:

Nos altos dos morros se encontravam pastagens, compostas por gramíneas, a exemplo do capim-frecha, cássia, melastomácea e rubiácea, com pequena presença de subarbustos, e nas baixadas observavam-se capões, muito menos vigorosos do que as florestas virgens. À medida que o solo se tornava úmido, as plantas lenhosas ocorriam com maior frequência. Nos fundos dos vales, a despeito da aparição de alguns poucos matos, o viajante notou que o terreno mostrava-se “coberto de arbustos”. A fauna na zona era diversificada, formada por tatu, tamanduá, cobras, jaburu, garça, onça, anhuma (parra), formigas, pica-paus, borboleta, mosca, jacu, capivara, mergulhão etc. (SAINT-HILAIRE, 1975b, p. 45 apud CARNEIRO, 2013, p. 341).

O cenário descrito pode ser assim ilustrado:

Figura 15 – Vista do campo em Lagoa Santa (1850)



Fonte: Hermann Burmeister 1952, p. 251 apud CARNEIRO, 2013, p. 348.

O cenário de formação vegetal marcada pela presença de arbustos e campinas tornava o espaço muito favorável à criação de gado. Com relação às características econômicas, nos vales dos rios São Francisco e Grande, a principal era atividade pecuária (comercialização para o corte e de produção de derivados leite e queijo). Para o trabalho com o gado, era necessário um pequeno número de pessoas, mulatos e os escravos estavam para os homens livres na proporção de um para três. A pecuária ocorria ao longo do vale do rio Grande, em boas pastagens sendo vendido para todo o Brasil. Em algumas zonas no Sul, era de ocupação agrícola (variada, voltada para a subsistência e, em poucos casos, para o mercado) (CARNEIRO, 2013).

Os campos e sua configuração devem ser entendidos em sua intersecção na formação de caminhos para minas e no próprio desenho do ambiente de mineração da capitania. Na paisagem natural, há uma clara divisão entre os campos férteis e abertos ao sul do Rio Grande e, à leste, áreas fechadas de matos, na extensão da serra da Mantiqueira. A vegetação campestre divisava, ao norte - serra do Espinhaço, com afloramentos rochosos das minas, e, ao sul - Mantiqueira, com a área dos matos. Na transição da paisagem do mato para a do Campo, um dos limites perceptíveis se localizava na fazenda denominada Borda do Campo (final da subida da serra da Mantiqueira para os que seguiam a estrada entre o Rio e Vila Rica). A mudança nos aspectos fitogeográficos do terreno contribuiu para consolidar a acepção do campo e da mata enquanto áreas distintas (CUNHA; GODOY, 2003).

Ao transitar no trecho entre as serras do Mar e Mantiqueira, ouvidor Caetano da Costa Matoso, em 1749, relatou continuar em um caminho de matos, sendo a margem da via “quase toda copada”, com “raridade de arvoredo” e ocorrência de “paus excelentes”. Havia, portanto, subidas e descidas abruptas (CARNEIRO, 2013). E sobre a transição das matas para os campos, a seguir:

Que diriam aqueles que acreditam nas narrações dos viajantes anteriores, que só falam de matas, de laranjeiras e regiões onde a caça de toda espécie se atropela e onde as mais extravagantes flores enchem a atmosfera com os seus aromas? Que diriam se lhes mostrassem o campo? [...] Sai-se de um extremo a outro; desde a Serra da Estrela somente mata impenetrável, aqui morros calvos. Também são outros os animais que aqui vivem (FREIREYSS, 1906, p. 174 apud CARNEIRO, 2013, p. 349).

Nesta passagem, a perspectiva visual do mato para o campo provoca nos viajantes um sentimento de melancolia. Sai de uma contemplação (visão limitada) de um cenário florestal exuberante e majestoso, com efeitos “pitorescos” e adentra uma paisagem (visão dilatada) monótona, mas de “pastos salpicados de flores encantadoras, das quais, de longe, se percebiam a família e o gênero” (SAINT-HILAIRE, 1975a, p. 31 apud CARNEIRO, 2013, p. 350).

### 3.5.5 Matas

Da passagem dos campos para os matos, a visão do observador passava da dilatação à vista de uma mata cheia.

Figura 16 – Vista do mato em Guarapiranga (1850)



Fonte: Hermann Burmeister, 1952, p. 107 apud CARNEIRO, 2013, p. 348.

Indo pela direção leste da Capitania, adentrava-se assim na floresta tropical. Esta região foi marcada pelo povoamento “branco” e várias comunidades indígenas, pela atividade agrícola familiar e a pela cultura do café. A mata se estendia ao longo dos vales dos rios Paraíba do Sul, Pomba, Muriaé, Doce, São Mateus, Muruci e partes do Jequitinhonha e do rio Grande, compreendendo uma extensa zona entre as Capitânicas de Minas Gerais com as da Bahia, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. O governo colonial tinha expectativas de

descobrir novas jazidas minerais e de pedras preciosas, assim o rio Doce passou a ser visto como um curso d'água por onde produtos diversos (madeiras, algodão, açúcar, couros, metais etc.) poderiam ser exportados da Capitania das Minas para a do Espírito Santo. A paisagem era de florestas densas e impenetráveis, caminhos ocultos e muitos cursos d'água; era fonte de variedade de madeiras, contudo tinha aparência de tranquilidade (CARNEIRO, 2013). De acordo com ouvidor Caetano da Costa Matoso:

“(...) daí entrei a subir e vim até um ribeiro em pouca distância e dele entrei a subir por uma serra acima, chamada Mantiqueira (...). Do alto dela, olhando para trás, vi a distância do que tinha andado até a serra do Mar e a infinidade de montes de que se compõem estas serras, na verdade, demasiadamente fragosas. (...) E daí vim descobrindo alguns morros descobertos sem matos, e só as baixas é que tinham algum, até que cheguei mais me foram aparecendo descobertos os morros, e ainda que o calor a esta hora me apertava bastante, contudo vinha já se algum desafogo, vendo que respirava e se estendiam mais ao longe os objetos da vista, deixando aquele afogado e melancólico caminho em que em dez dias não via outra coisa senão o mato e árvores imediatas a mim. Assim neste maior desafogo, cheguei pelo meio-dia a uma baixa em que há um sítio chamado a Borda do Campo, por nele acabar o caminho do mato (...)” (LIMA, 1999, p. 895 apud CUNHA; GODOY, 2003, p. 9-10).

Dessa forma, por conta desse formato, muitos indígenas ali viviam e resistiam aos ataques do europeu que tinham medo de flechadas dos Botocudos. “A imagem do leste da capitania como área não ocupada foi resultado da existência, na maior parte da zona, de um povoamento “rarefeito”, da presença da mata fechada e de grupos indígenas “selvagens”.” (CARNEIRO, 2013, p. 354).

Até aqui foram apresentadas as categorias de percepção territorial que se fizeram presentes na Capitania de Minas Gerais, a saber – minas, sertões, currais, matos, campos – e algumas características de sua dinâmica social, conforme Carneiro (2013), principalmente. A seguir, se discorre-se sobre o ambiente mineiro em suas regiões segmentadas a partir do nível de desenvolvimento ponderado de cada uma delas no conjunto da Província.

### **3.6 O ambiente econômico, social e cultural das minas**

O ambiente de Minas Gerais iniciou-se em Vila Rica (atual Ouro Preto) e no arraial de Ribeirão do Carmo (atual Mariana), no vale do Rio das Velhas, estendendo-se para o Rio Doce. A marcha de povoamento acontecia à medida que se interiorizava as expedições auríferas no sertão mineiro. Essas ocupações eram organizadas em arraiais – a capela era erigida como marco social. Ressalta-se que os caminhos e os rios foram elementos essenciais para o povoamento. Ao redor do ouro e da atividade de mineração, acontecia a atmosfera de

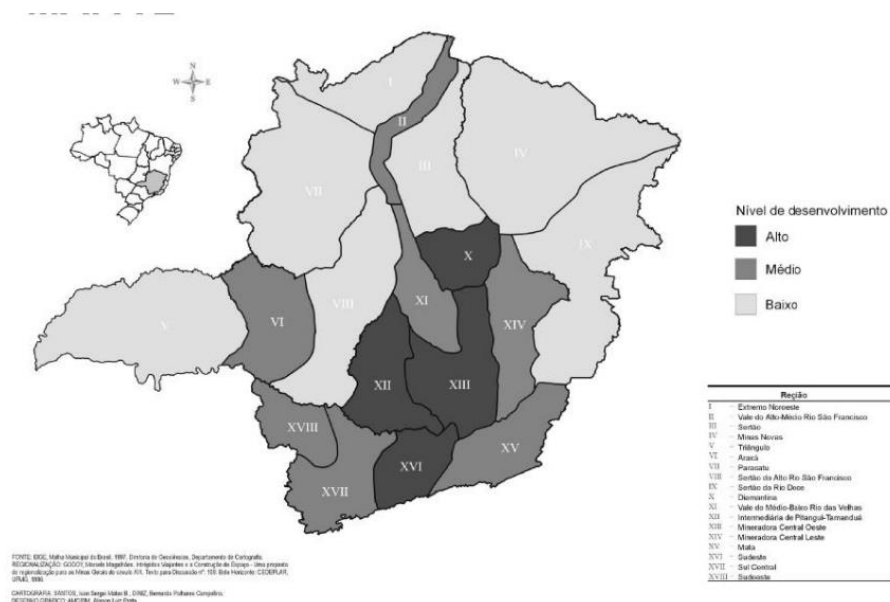


Além das comarcas, o projeto metropolitano elevou arraiais à categoria de Vilas, sendo as três primeiras Vila de Albuquerque ou Ribeirão do Carmo (atual Mariana), Vila Rica (atual Ouro Preto), Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (atual Sabará), nos anos entre 1708 e 1711.

Para impor ordem ao sertão, a Coroa Portuguesa marcou presença na região com sua conjuntura administrativa, judiciária e militar. Era criada, portanto, Capitania de Minas Gerais, em 1720 (MORAES, 2007).

A consolidação da povoação ligava-se à institucionalização do controle da terra (MONTE-MÓR, 2001). Levando-se em consideração tal perspectiva, na primeira metade do século XIX, a organização economia mineira teria sido marcada por fortes contrastes regionais, tendo como principal fator a distribuição da população e a grande variação do nível de atividade econômica. Logo, as formas de ocupação e exploração econômica definiam processo de desenvolvimento do povoamento e sua fixação (CUNHA; GODOY, 2003). Como visto a seguir:

Figura 18 – Mapa da regionalização da Província de Minas Gerais



As informações que se extraem do mapa é que quanto

a antiguidade da ocupação e densidade demográfica Minas dividia-se em três grupos de regiões. As ocupadas originalmente com a mineração do ouro e diamantes eram as mais densamente povoadas. Com ocupação que remontava ao século XVIII, as áreas



mineradoras concentravam a maior parte da população mineira, tornando suas regiões as mais populosas. Localizadas no centro e sul, estas regiões detinham a mais desenvolvida rede urbana de Minas Gerais. O segundo grupo era formado pelas regiões que apesar de ocupação antiga, ligada a pecuária extensiva, caracterizavam-se por pequena densidade populacional e inexpressiva rede urbana. Este grupo de regiões situava-se no norte de Minas. O último grupo de regiões tinha como traço comum a ocupação recente, a presença de áreas de fronteiras ou mesmo a existência de territórios desocupados. Menos homogêneo, este grupo era formado por regiões com densidades demográficas e redes urbanas variadas. Localizavam-se no oeste e leste da província (CUNHA, GODOY, 2003, p. 27).

Diante desse contexto, havia realidade diversas, enquanto havia uma Minas de ocupação antiga, bem mineira, havia também mundos fronteiriços (VENANCIO, 1998).

Tendo em vista a descrição da percepção espacial do território da Capitania, bem como a exposição a respeito dos aspectos sociais, políticos e econômicos que diferenciam o contexto de Minas Gerais de outros, a seguir será mostrado o modelo de regionalização no qual esta pesquisa se ancora. Dessa maneira, como resultados de processos de expansão, disputa de poder e diversos eventos históricos, foi desenhada a delimitação do território que corresponde a Minas Gerais que atualmente corresponde a mesorregiões divididas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que serão descritas por meio do quadro, a seguir.

Figura 19 – Resumo das características econômicas e culturais das Mesorregiões de Minas Gerais

Mesorregião	Características gerais
Campo das Vertentes	É formada pela união de 36 municípios agrupados em três microrregiões: Lavras, Barbacena e São João Del Rei. Devido ao relevo formado por mares de morros (elevações no relevo bem antigas, possuindo um formato arredondado e mais baixo do que o das montanhas – próximo ao mar), há muitas nascentes de rios e pequenos cursos de água, contribuindo para a formação de três grandes e importantes bacias hidrográficas do Brasil. Duas de âmbito nacional: as bacias do Paraíba do Sul e do São Francisco e uma internacional, a bacia do Paraná.
Central Mineira	É formada pela junção de trinta municípios, os quais se encontram divididos em três microrregiões – Três Marias, Curvelo e Bom Despacho. Abrange terras drenadas pelo rio São Francisco, tem o relevo de topografia suave vegetação marcada predominantemente pelo cerrado, sobressaindo gramíneas, arbustos e árvores. Abrigam importantes espécies da fauna. Tem estações climáticas bem definidas: seca e chuvosa. As condições favoráveis do relevo e vegetação favoreceram a expansão das fazendas de gado vindas da Bahia, em XVII, por isso a pecuária foi a atividade que mais condicionou o povoamento, ficando a mineração em segundo plano. Há criação de gado leiteiro (pastos plantados) e de pecuária de corte (pastagens naturais). Menos expressiva que a atividade pastoril, na agricultura havia plantações de milho, café e cana-de-açúcar. As atividades de extração de madeira e de reflorestamento são bem expressivas. (PIMENTEL, 2015).
Jequitinhonha	É formada por 51 municípios que estão divididos em três sub-regiões: Alto Jequitinhonha (cujo principal município é Diamantina); Médio Jequitinhonha (na região das cidades de Araçuaí, Itaobim, Itinga e Medina); Baixo Jequitinhonha (composta por municípios da microrregião de Almenara). Toda a região é montanhosa, especialmente ao norte; e os cumes das serras, em sua maioria, formam extensas chapadas ou tabuleiros. Os vales são geralmente cobertos de matas e frequentemente atravessados por rios e riachos, que tornam o solo limítrofe muito fértil e

	especialmente adequado à cultura do algodão. Cria-se gado em amplas áreas. O gado e os produtos agrícolas alimentam atualmente os habitantes, que, desde que diminuiu notavelmente a produção de ouro, que aqui ocorria tão abundantemente nos rios, estão inteiramente empobrecidos. (POHL, 1976, p. 331-332 apud MARTINS, 2008).
Vale do Mucuri	Seu nome é dado ao fato de o vale ser percorrido pelo Rio Mucuri. Provavelmente a região foi uma das primeiras a ser exploradas no atual estado de Minas Gerais, tendo sido devassada ainda no século XVI. Certa diversidade regional é a tônica na bacia do Mucuri, cuja superfície de 14 mil Km <sup>2</sup> , outrora foi domínio de matas densas com árvores de até 30, 40 metros de altura.
Noroeste	O Território Noroeste de Minas é formado pela união de 22 municípios agrupados em duas microrregiões. Em relação aos seus recursos naturais, possui duas importantes bacias hidrográficas, a do Rio Paracatu e do Rio Urucuia, bacias que diferenciam duas regiões dentro do território, além de contribuir com águas para mais três bacias. O Cerrado é característico na região.
Norte de Minas	O Norte de Minas é a maior mesorregião do estado em extensão territorial (128.602 km <sup>2</sup> ), composta por 89 municípios. Com relação ao quadro ambiental, caracteriza-se pela transição do domínio do ecossistema cerrado para a caatinga, e, por se tratar de uma área de transição, apresenta certa fragilidade ambiental. As bacias hidrográficas mais importantes, que drenam a região, são a do São Francisco e a do Jequitinhonha, além da bacia do Rio Pardo.
Metropolitana de Belo Horizonte	É formada pela união de 105 municípios agrupados em oito microrregiões. De acordo com a estimativa populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a mesorregião conta com treze municípios com mais de 70 mil habitantes - Belo Horizonte, Contagem, Betim, Ribeirão das Neves, Sete Lagoas, Santa Luzia, Ibirité, Sabará, Conselheiro Lafaiete, Itabira, Vespasiano, Pará de Minas e João Monlevade – o que faz com que a densidade demográfica seja de aproximadamente 159,6 habitantes por Km <sup>2</sup> . Tendo um índice populacional elevado, é uma das regiões com maior degradação ambiental do estado, o que afeta diretamente na ocorrência de espécimes animais silvestres.
Oeste de Minas	É formada pela união de 44 municípios agrupados em cinco microrregiões. Situa-se em uma área de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, o que resulta em uma alta variedade de espécies animais na região.
Rio Doce	Região formada pela união de 102 municípios agrupados em sete microrregiões, e tem como cidades principais Aimorés, Caratinga, Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Guanhães, Ipatinga, Mantena e Timóteo. A região do Vale do Rio Doce, atualmente, é uma das regiões mais degradadas pela erosão hídrica no estado de Minas Gerais. Essa região foi submetida a um impactante efeito antrópico nos últimos 50 – 60 anos. (IBGE).
Sul/Sudoeste de Minas	É formada pela união de 146 municípios agrupados em dez microrregiões. Apresenta grandes altitudes e um clima ameno, fortemente influenciado pela serra da Mantiqueira. A economia é altamente agrícola, com destaque para as plantações de café, apesar de estar se tornando um importante polo nacional de desenvolvimento tecnológico e industrial. A Mata Atlântica é o bioma predominante na região.
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	A região formada pela união de 66 municípios, agrupados em sete microrregiões, localizados na região oeste de Minas Gerais. A mesorregião é circundada pelos rios Grande e Paranaíba. Sete de seus municípios estão entre os mais populosos do estado: Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Araguari, Ituiutaba, Araxá e Patrocínio, sendo que Uberlândia é o maior município do interior mineiro. A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba destaca-se no estado de Minas Gerais por sua importância econômica, tendo em vista a existência de um complexo agroindustrial processador de grãos e carnes e pela modernização da pecuária extensiva existente. Tais atividades resultam em uma densidade populacional expressiva, concentrando-se nas cidades, uma média de 86,8%, ao passo que na zona rural habitam apenas 13,2% da população total.
Zona da Mata	A Zona da Mata de Minas Gerais ocupa área correspondente a 6,09% da superfície do estado. O relevo da região é rugoso com altos morros. Na Serra de Caparaó, divisa com o Espírito Santo, situam-se o Pico da Bandeira e o Pico do Cristal. Pelos vales da Serra da Mantiqueira correm os

	principais afluentes da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, como o Rio Paraibuna, o Rio Pomba e o Rio Muriaé, e, ainda, o Rio Carangola, subafluente do Rio Paraíba do Sul. A porção norte da região é banhada por alguns dos principais formadores e afluentes do Rio Doce, como os rios Piranga, Xopotó, Casca e Manhauçu. A Mata Atlântica é o bioma original da região.
--	--

É pertinente apontar a mudança da divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias (2017), resultando em um novo quadro regional, que, em Minas Gerais, configura-se em 13 regiões geográficas intermediárias e 70 regiões geográficas imediatas. Apesar de tal mudança, neste trabalho, optou-se por manter a antiga divisão regional, em meso e microrregiões, uma vez que o banco de dados do projeto ATEMIG, utilizado como fonte dos objetos de estudo deste trabalho, utiliza essa divisão em sua organização e consolidação dos dados.<sup>6</sup>

A respeito da descrição apresentada sobre o ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais,

É a Mata cismontana, molhada de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o Sul, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que europeias se arrumam, quem sa-be uma das mais tranquilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo, avançado, forte, franco. É o Oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. E o Centro corográfico, do vale do Rio das Velhas, calcário, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão. (ROSA, versão on-line, 1957)

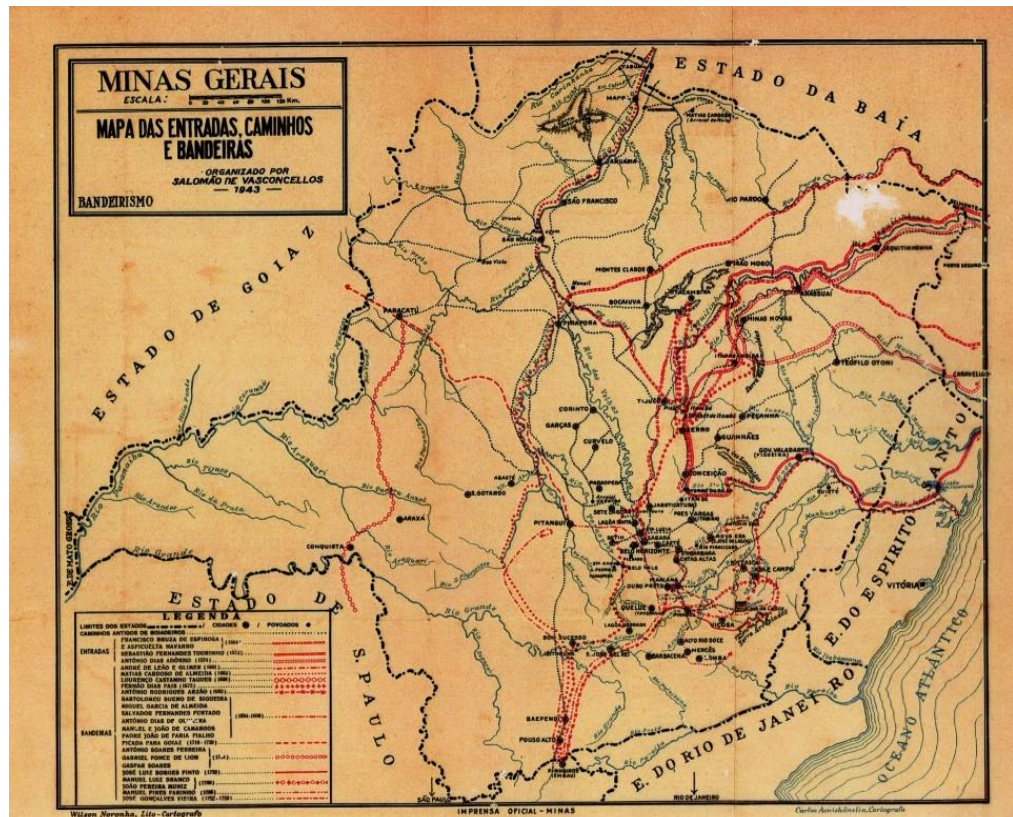
### 3.7 Caminhos e picadas aos sertões das Minas Gerais

O processo de povoamento em Minas Gerais é considerado um fenômeno marcado pela diversidade, não surgindo espontaneamente de uma decisão governamental, por isso deve ser compreendido a partir de todo um complexo de negociações políticas e jurisdicionais. Pedras preciosas eram o motivo que levou os imigrantes a desbravarem Minas. (SOUZA, 2009).

Diversas maneiras existiam de embrenhar na Capitania, “muitas variações foram criadas, caminhos e descaminhos, estes fugindo dos registros para controle estabelecidos pela Coroa.” (MONTE-MÓR, 2001). Como pode ser visto no mapa a seguir:

<sup>6</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio>.

Figura 20 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras



Fonte: VASCONCELOS, 1944, p. 345 apud SOUZA, 2008.

Há uma discussão de quem teria penetrado, primeiro, as terras mineiras. Em manuscrito anônimo encontrado na Biblioteca de Ajuda, denominado Informações sobre as Minas do Brasil, aponta-se que já existia um caminho aberto pelos planaltinos, não havendo necessidade de os baianos abrirem outro (ZEMELLA, 1990). Veja a seguir:

“No que toca a parte do Norte, he de saber que logo no mesmo principio do descobrimento do ouro das beiras e sertões do Rio de São Francisco comessarão a subir para as minas pelo mesmo caminho que trazia os paulistas para o dito Rio, sem lhe ser necessário abrir outro novo” (Depoimento do Dr. Teixeira Coelho, em Instrução para o Governo da Capitania das Minas Geraes apud ZEMELLA, 1990, p. 126).

Entretanto, antes mesmo dos desbravadores do sul adentrarem o sertão mineiro, de forma a sulcar as terras e navegar os rios, os baianos e pernambucanos já rodavam-no (SOUZA, 2008).

“Antes, com efeito, que o almocrafe de Fernão Dias, de Miguel Garcia de Almeida, de Bartolomeu Bueno de Siqueira... rengesse promissor nos cascalhos da Itacambira, do Itatiaia, do Ribeirão do Carmo, do Sabará e do Itacolomi, quando os calçados do sul mal começavam a sortir de malotagem (...) já os baianos e os pernambucanos,

cedendo ao passo tardo, mas seguro, dos seus rebanhos... sulcavam de trilhos e de corredores todo o vale imenso do rio Verde, do rio Pardo, do São Francisco e do Jequitinhonha, em busca dos altiplanos verdejantes do rio das Velhas e do Paraopeba. (VASCONCELOS, 1944, p. 10 apud SOUZA, 2008, p. 56).

As diversas tentativas de penetração no interior da mata Atlântica para além da serra do Mar e dos rios do planalto de Piratininga deixaram os caminhos marcados por arraiais dispersos ao longo dos vales, dos rios, dos passos das serras e outros pontos discretos articulando os muitos fluxos (MONTE-MÓR, 2011). O processo de povoamento no Brasil só foi possível pela pata do boi e do cavalo, “é a geografia do gado que realiza a unidade nacional” (CAPISTRANO DE ABREU, p. 74 apud ELIA, 1974, p. 86).

As entradas e bandeiras em busca de prata e esmeralda, organizadas nos séculos XVI e XVII, seguiam três roteiros: o caminho velho da Bahia, o caminho velho de São Paulo e o caminho novo do Rio de Janeiro. A meta buscada por estes caminhos era alcançar a Região das Esmeraldas, entre o Jequitinhonha e o Doce, chamado Rio das Esmeraldas, que poderia conter ouro. A seguir eles serão descritos (ZEMELLA, 1990).

### **3.8 O processo de povoamento em Minas: paulistas, taubateanos, emboabas e reinóis**

Se são tantas Minas, porém, e, contudo, uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? Nós, os indígenas, nem sempre o percebemos. (...) Só, e no mais: sem ti, jamais nunca — Minas, Minas Gerais, inconfiante, brasileira, paulista, emboaba, lírica e sábia, lendária, épica, mágica, diamantina, aurífera, ferrífera, ferrosa, férrica, balneária, hidromineral, jê, puri, acroá, goitacá, goianá, cafeeira, agrária, barroca, luzia, arcade, alpestre, rupestre, campestre, de el-rei, das minas, do ouro das minas, das pretas minas, negreira, mandigueira, moçambiqueira, conga, dos templos, santeira, quaresmeira, processional, granítica, de ouro em ferro, siderúrgica, calcárea, das perambeiras, serrana bela, idílica, ilógica, translógica, supralógica, intemporal, interna, leiteira, do leite e da vaca, das artes de Deus (...) (ROSA, versão on-line, 1957)

Movimentos desbravadores para o sertão ocorreram de forma irruptiva através de bandeiras. Constituem estas brancos (reinóis), paulistas (mamelucos), ameríndios (numerosos) e negros (em menor número) (ELIA, 1979).

Com o objetivo de encontrar metais preciosos, bandeiras adentravam os sertões mineiros. Elas iam penetrando o sertão, abriam novos caminhos ou alargavam as veredas indígenas, resultando em conquista de territórios e criação de outros meios sociais. No entanto, a captura de indígenas também era foco de alguns paulistanos (SOUZA, 2009, p. 4). A composição da bandeira variava conforme objetivos, forma, funções e constituições do grupo e, portanto, penetravam o sertão, conquistavam-se territórios e criavam-se outros meios sociais.

O bandeirismo abria um ponto, levantava acampamento e depois o abandoava, deixando o ambiente aberto para desejanterem em ocupá-lo, por isso ele não foi em si fator de povoamento do território, mas sim de devassamento (DIÉGUES JUNIOR, 1960). Assim uma vez que “se a prata era uma miragem e o ouro ainda era um sonho, os índios já eram uma realidade” (SOUZA, 2009, p. 4). As bandeiras apresadoras, bélicas, em suas tropelias pelos sertões, reconheceram serras e rios, abrindo muitas picadas. Elas destruíram tribos e deixaram o sertão aberto e limpo para as bandeiras de cunho exploratórias de metal, pacíficas (ZEMELLA, 1990).

O paulista era um bom sertanista e também possuía conhecimentos técnicos que o habilitava a ser um bom explorador. Em 1674, a bandeira de Fernão Dias Pais de quem participou seu filho, Garcia Rodrigues, e seu genro, Borba Gato, abriu o caminho da região aurífera, pontilhando-os de roças. A primeira notícia oficial da descoberta do ouro foi em 1693, empreitada por Antônio Rodrigues Arzão (ZEMELLA, 1990). No entanto, afirma-se, também, que “o primeiro descobridor dizem que foi um mulato que tinha estado nas minas de Paranaguá e Curitiba.” (ANTONIL, 2012, p. 157). Como se nota, não é possível definir quando e quem descobriu o ouro, “Teria sido Bartolomeu Bueno de Siqueira? Carlos Pedroso da Silveira? Seria o mulato citado por Antonil? Teria sido Arzão? Borba Gato? Garcia Rodrigues? E o ano? Teria sido 1693? Ou 1694? Ou 1695?” (ZEMELLA, 1990, p. 32). No entanto, oficialmente os louros da descoberta ficam com os paulistas.

Devido à crise da fome, sem precedentes, que assolou a Capitania das Minas Gerais, houve consequências econômicas, sociais e políticas, quais sejam: alta de preços, paralisação momentânea dos trabalhos extrativos, aparecimentos de roças e indústrias locais, dispersão de mineradores (nascimentos de outros arraiais), volta das pessoas à Capitania de origem, morte por inanição, Guerra dos Emboabas. Sobre esta última, paulistas e emboabas disputavam o território das minas. Os paulistas se recusavam a repartir as minas com portugueses e outros, uma vez que como descobridores primeiros do ouro, queriam o monopólio delas. A batalha se travou entre paulistas e portugueses, a estes se uniam os baianos (a via principal de para transporte carne e fumo era a do Rio São Francisco) (ZEMELLA, 1990).

Para a Coroa a conciliação destes era importante, pois cada um tinha um papel importante, os paulistas eram primíssimos sertanistas e descobridores e os reinóis executavam muito bem a atividade mineradora. E mesmo confiando mais nos reinóis, a Coroa avaliou que a guerra traria consequências sérias à soberania da própria América Portuguesa. Daí, trataram de aplicar leis mais severas. Para isso, o português, Antônio de Albuquerque, foi nomeado, no ano de 1710, governador da Capitania de Minas Gerais e São Paulo. Já Manuel Nunes, que já tinha sido aclamado pelo povo, foi obrigado a se retirar para o São Francisco. O fim da guerra

se deu com a deserção dos paulistas, uma vez que os emboabas eram em maior número e mais armados (CARNEIRO, 2013).

### 3.8.1 Os indígenas

A América Portuguesa tinha como objetivo expandir sua territorialidade cuja conquista de novo lugares lhe oferecia mais exploração de recursos mineiros. Esse espaço era ocupado por indígenas (CARNEIRO, 2013). Por isso, faz-se importante o estudo de topônimos indígenas para entender detalhes da característica natural da localidade, já que o indígena nomeia natureza tendo em vista sua ação e reação – *sui generis* – de autenticidade e sensibilidade com os fatos do seu universo. E não a peculiaridades de acidentes físicos, mas também podem ser revelados em nomes que estruturam a organização tribal (DICK, 1990b).

A população de povoadores nos primeiros tempos nas Minas era formada por procedências variadas, inclusive, por muitas tribos indígenas (RESENDE, 2003). No Brasil, os nomes geográficos de origem indígena são de várias origens, como karib, aruak, bororo, jê, kariri, kiangang, não se limitando ao tupi como única família linguística, todavia este tem considerável penetração lexicológica no português e densidade toponomástica. A grande difusão de topônimos tupis é atribuída à mobilidade social, cultural e geográfica, bem como à ação religiosa de missionários e à participação nas bandeiras, ampliando a área ocupada por esses indígenas. Na região mineira, aparecem nomes de origem botocudo por serem componentes dos grupos que habitaram a região entre o litoral e a serra do Espinhaço (DICK, 1990b).

Com base no discurso da “civilização”, era feita a submissão da população autóctone, assim, se eram “pacíficos”, transformava-os em mão de obra, se revoltosos, exterminavam-nos. Como os quilombolas, os indígenas eram considerados inimigos do Estado – população branca. Por conseguinte, os portugueses reuniam os que aceitam entrar no convívio social, tornando-os vassalos (CARNEIRO, 2013).

Durante a primeira metade do século XVIII, a maior parte do leste de Minas não tinha sido ocupada (CARNEIRO, 2013). Esta região era considerada “área proibida” ao longo de todo o setecentos, e a entrada nesse sertão seria o “zênite dos homens de Minas Gerais – e a desventura dos povos indígenas” (RESENDE, 2003, p. 31).

Em vista disso, diversos grupos indígenas, fugindo de da colonização, retiraram-se para a costa, nos séculos XVI e XVII. Disso resultou a criação de uma zona de refúgio nas florestas, a leste da capitania. Essa área era conhecida como o sertão do leste (oriental), sendo ocupada

após a diminuição da corrida pelas minas. “Os colonizadores passaram a avançar para dentro das florestas. Alguns procuraram novas fontes de riqueza mineral, enquanto outros tentaram alternativas para a mineração em atividades na agricultura, no pastoreio e no comércio” (RESENDE; LANGFUR, 2007).

Ao que tudo indica, os Cataguases foram o primeiro grupo indígena a contactar os paulistas nas expedições, no entanto “Minas foi um reservatório de diferentes grupos indígenas que travavam com a sociedade colonial escaramuças em todo território das Gerais” (RESENDE, 2003, p. 35). Com base em Nelson de Senna (1926) que contabilizou 177 etnônios indígenas, Resende (2003) apresenta alguns:

(i) Tupis e Tapuias tiveram numerosas tribos principalmente nas regiões das bacias do São Francisco e Jequitinhonha.

(ii) Tupiniquins e Tapajós foram encontradas na região setentrional do Jequitinhonha, pela expedição de Tourinho de Arassuaí.

(iii) Caiapós e Cariris desceram do Nordeste em direção aos sertões de Januária.

(iv) Tupis, Carijós e Tamoios foram expulsos do litoral fluminense migrando para as matas da Mantiqueira e Vale da Paraíba.

(v) Aimorés se dirigiram para o Vale do Mucuri.

(vi) Goianá passou pelo o Araguaia, chegando ao noroeste mineiro.

(vii) Puris e Coroados dominaram as matas do Rio Pomba, Muriaé, Chopotó, Casca, Piranga, na região sudeste ocidental de Minas.

(viii) Botocudos imperaram na bacia do São Francisco.

Esses grupos podem ser localizados no mapa, a seguir.





Esses espaços tinham como função básica reunir e controlar os índios dispersos, uma maneira de buscar a sedentarização das populações nativas e obter maior controle sobre suas práticas culturais. (...) O ministro considerou que os aldeamentos deveriam privilegiar a redução dos índios “invasores” através da persuasão, “com brando e suave modo” (CARNEIRO, 2013, p. 285-286).

Os indígenas foram arregimentados em aldeamentos com intuito, também, de estarem em expedições militares contra nativos “não aliados” dos portugueses. Para sujeição destes povos “bárbaros”, foram-lhe responsáveis particulares e religiosos, incentivados e legitimados pela administração que precisavam ter capacidade persuasiva. Na expansão de fronteiras agropecuária, os interesses de fornecer de mão de obra barata e de proteger os novos colonos podiam ser garantidos pela a arregimentação de indígenas em aldeamentos (CARNEIRO, 2013).

Dentre os obstáculos da natureza, como rios caudalosos, densas matas, serras íngremes, o maior desafio para os povoadores e colonizadores era o indígena, tornando-se o sentido da conquista e, assim, procedeu à catequese e à civilização para arregimentá-los aos interesses do sistema colonial português (RIBEIRO, 2008).

### 3.8.2 Os negros africanos em Minas

Os africanos começaram a chegar no Brasil no início do século XVI de forma oficial ou não. A indústria da cana-de-açúcar está intimamente ligada com esse ingresso, mas o determinante para a chegada desses agrupamentos foi a descoberta do ouro e sua atividade de mineração, sendo Minas Gerais o maior consumidor da feira de escravos no Brasil (QUEIROZ, 1998).

No Tijuco, por exemplo, os negros escravizados faziam todo o trabalho braçal de exploração de diamantes, e eram constantemente vigiados por feitores, esses também o eram pelos administradores (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

Com o crescimento da produção do café, a população negra escrava também se expandiu. Quanto mais se produzia café, mais braços eram necessários, sendo eles de escravos negros. Entretanto, começou a sofrer grande desgaste por movimentos abolicionistas, além de começar a causar verdadeiras despesas aos fazendeiros, que necessitavam cada vez mais de renovação laboral. Porém, enquanto a despesa não era significativa, mais se houve o aumento de escravos. Assim, à medida que crescia a produção de café também crescia a população de negros escravos no Brasil. Existiu uma verdadeira cultura no trabalho escravo negro na produção e cultivo de café, sendo que a eles não eram fornecidas nenhuma condição favorável

de trabalho, muito menos de existência. Antes, nas fazendas cafeeiras existiam as senzalas, onde o negro escravo vivia. Já com a imigração, houve o surgimento de diversões domingueiras, hábitos introduzidos por aqueles nas fazendas. A fase da escravidão do negro no trabalho em cafezais durou até a fase da República (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

A Abolição da escravidão e a queda do Império brasileiro ocorriam ao final do século XIX. Um ambiente de instabilidade social pairava, desse modo, sobre a sociedade mineira. As autoridades temiam que os negros se rebelassem provocando conflitos, uma vez que poderiam interpretar a abolição como oportunidades de contestação. A preocupação em manter como desiguais negros e brancos era, então, garantida, todavia a existência da promulgação da República livre da escravidão. Portanto, os preconceitos raciais (práticas autoritárias e relações de dependência) que sustentaram a sociedade escravagista foram mantidos. Teorias raciais foram usadas para sustentar práticas eugenistas (SILVA FILHO, 2014).

Os quilombos surgiram como forma de pertencer a algum lugar por meio de trocas de experiências de sobrevivência e perda de identidade ocasionadas pela escravidão (SILVA FILHO, 2014).

Na sociedade brasileira de caráter econômico rural e latifundiário, a mão de obra escrava foi quem a desenvolveu; intercalavam-se trabalho escravo e resistências. Os negros escravizados morriam cedo e não tinham projeções de ascender socialmente (SILVA FILHO, 2014).

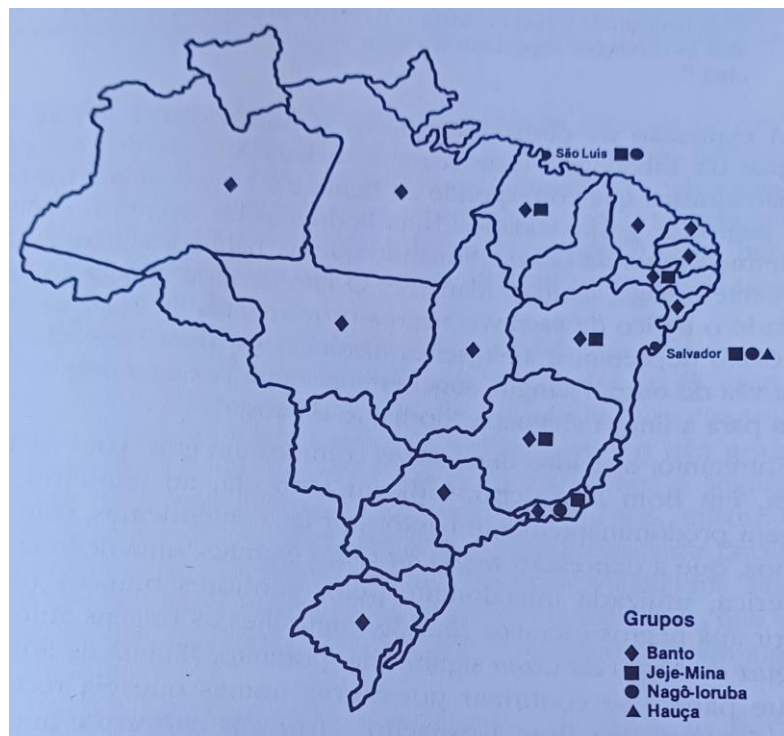
Nesse contexto, durante muito tempo acreditou-se que os negros que chegaram ao Brasil tinham uma única procedência: o sul da África, pertencentes ao grupo bantu. Os negros do Brasil seriam de procedência da África superequatorial e meridional – sudanesa e bantu. Dos sudaneses vieram as nações: Jalofos, Mandigas, Fulos, Haussás, Jorubas ou Nagôs, Achanti e Gêges ou Ewes. Dos bantu: Angolas, Congos, Benguelas, Cassangues, Bángalas, Dembos, Macuas e Anjicos. Os bantu predominaram em Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo – eram de origens diversas, o que reflete na dificuldade de nomeá-las. Há provas presentes nos vocabulários de que existiram no Brasil as línguas nagô ou ioruba, quimbundo, gêge, kanuri e guruncis. Dessas, duas foram adotadas pelos negros no país como línguas gerais: o nagô ou ioruba (Bahia) e o quimbundo (no Norte e no Sul), sendo de maior influência o segundo. Logo, no vocabulário, os termos quimbundos (uso mais extenso) superaram os nagôs (uso mais restrito) (MENDONÇA, 1973). “A história do tráfico é, portanto, ao lado das estatísticas avulsas, o guia mais seguro para discriminar as procedências variadíssimas dos negros brasileiros.” (MENDONÇA, 1973, p. 36).

Diante das muitas precedências de grupos de escravos vindos da Costa ou África, tornar-se-ia necessário que os negros escravizados adotassem uma língua geral para se comunicarem. Mas, no Brasil,

não houve uma única língua geral africana, resultante quer da presença mais populosa de um determinado grupo, quer dos elementos culturais mais expressivos, e, sim, duas: em função do contingente étnico aqui existente, bantus e sudaneses constituíram-se nos dois expoentes da raça negra no Brasil. (DICK, 1990b, p. 143)

Minas Gerais não teria sido um território ocupado exclusivamente por povos bantus. Os sudaneses, particularmente os “minas”, podem ter sido preferidos, pois eles haviam trazido da África conhecimentos técnicos em mineração (QUEIROZ, 1998). O mapa que demonstra a distribuição do africano no Brasil é apresentado, a seguir:

Figura 22 – Mapa esboço do mapa etnológico africano no Brasil conforme Luna e Costa (1980)



Fonte: Luna e Costa (1980 apud QUEIROZ, p. 29)

Sobre a distribuição dos africanos em Minas Gerais:

As Minas é certo que se não podem cultivar senão com negros. (...) os negros minas são os de maior reputação para aquele trabalho, dizendo os mineiros que são os mais

fortes, e vigorosos, mas eu entendo que adquiriram aquela reputação por serem tidos por feiticeiros, e têm introduzido o diabo, que só eles descobrem ouro, e pela mesma causa não há mineiro que se possa viver sem nem uma negra mina, dizendo que só com elas tem fortuna. (LUNA; COSTA, 1980, p. 6 apud QUEIROZ, 1998, p. 29)

O ouro de aluvião foi predominante em Minas Gerais, mas, estendendo-se a exploração às minas, o trabalho dispndia mais esforço, técnicas e ferramentas. Os negros “mina” realizam esse trabalho, não se pode afirmar se o fazia por deterem domínio da mineração ou por serem excelentes metalurgistas. Dessa maneira,

as experiências das regiões mineradoras de prata nas Índias de Castela foram fundamentais, sobretudo para as atividades de prospecção do metal precioso e que suas técnicas ainda serviam de referência ainda em meados do século XVIII nas Minas Gerais, não parece restar dúvidas. Assim, como não deve restar dúvidas de que os africanos da África Central e da Costa Ocidental - dentre esses últimos muitos provenientes de regiões com experiência em mineração - foram excelentes trabalhadores e que o subregistro da sua contribuição aos métodos de minerar deve ser creditada a fatores estranhos à magnitude dessa contribuição. (GONÇALVES, 2012, p. 21)

O fenômeno de absorção de culturas acarreta modificações sensíveis em comportamentos.

A escravidão também procedeu a um nivelamento de culturas que chegou a descaracterizar, do ponto de vista denominativo, as próprias etnias envolvidas, englobando-as em expressões genéricas, menos conclusivas: "angolas" seriam todos os bantus; "minas", os nagos, fantis e outros, "todas elas conservando, para o vulgo como para o letrado, rigoroso valor sinónimo de Negro da Costa ou Africano", o que padece, sem dúvida, de uma precisão necessária (DICK, 1990b, p. 144).

Dessa forma, homens brancos se referiam aos negros escravos com a expressão negro da Costa, sem distinguir-lhes suas origens. Portanto, Língua de Negro da Costa significa língua de africano (QUEIROZ, 1998).

Com relação aos topônimos africanos, estes têm menos expressividade que os indígenas, e isso se explica pelo desempenho do negro na organização da sociedade, sendo este alógeno.

o negro ocupou, no país, um papel secundário em relação ao processo denominativo; se não era "marginal" à sociedade que instalava, era, sim, no dizer de Nina Rodrigues, "simples máquina ou instrumento de trabalho"; sua posição, relativamente à Pátria, "era desprovida de laços de sangue" ou de "outras comunhões sociais", porque "ainda estrangeiros na América". Se procurarmos vincular as denominações ao denominador, como livre faculdade de procedimento, essa contribuição por certo, deverá ter sido pequena. (DICK, 1990b, p. 153)

### 3.9 A formação da língua portuguesa em Minas Gerais

Nas expedições dos bandeirantes paulistas aos sertões, a língua geral concorria com a língua portuguesa, predominando a língua tupi (ELIA, 1979). Dessa forma, de acordo com Sampaio (1955):

As bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda parte penetravam, estendiam os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde, se introduziu com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos. Recebiam, então, um nome tupi as regiões que se iam descobrindo e o conservavam pelo tempo adiante (...) as denominações dos vales, rios e montanhas e até das povoações são pela maior parte de língua geral (...) ao europeu, ou aos seus descendentes cruzados, que realizaram as conquistas dos sertões, é que se deve a maior expansão do tupi, como língua geral(...) (SAMPAIO, 1955, p. 49-50).

Contudo, Elia (1979) sinaliza mais uma proliferação da toponímia que uma difusão do tupi:

a principal consequência do uso de uma língua geral entre os bandeirantes não estava na difusão do tupi e sim na proliferação da toponímia. Não se pode, pois, falar na implantação de um “dialeto dos bandeirantes” (que, aliás, tem por base a língua portuguesa) nas regiões atravessadas. (ELIA, 1979, p. 151)

Desse modo, em “camadas mais antigas do nosso léxico, podemos observar topônimos de origem indígena que ainda se conservam em nosso léxico, outros foram sobrepostos por nomes de santo.” (SEABRA, 2006, p. 79).

Entretanto, a discussão sobre a origem da língua dos desbravadores é complexa. Há autores que trabalham com outras hipóteses que não apenas a circulação do tupi para a comunicação. Villalta (1997), por exemplo, ressalta que os bandeirantes que abriam os caminhos do sertão, que falavam a língua geral, também liam Camões e traziam consigo um padre nas expedições.

O movimento de povoamento nas minas se deu em função da urbanização, isto é,

Um dos aspectos que logo ressalta no estudo da região mineira é o aparecimento da vida urbana, antes que esta se tivesse manifestado noutras regiões ou áreas do Brasil (...) São João del-Rei, Sabará, Ribeirão do Carmo, a atual Mariana, Ouro Preto, Príncipe, hoje Sêro, Tijuco, depois Diamantina, apresentaram desde logo condições de vida urbana, bastante diferenciadas do que ocorria em outras regiões ou áreas do Brasil. (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 254)

Como consequência, as línguas gerais que existiam em Minas Gerais foram eliminadas em função dessa urbanização desenfreada,

radical em decorrência do desenvolvimento urbano acentuado e da força da mineração no conjunto da economia, assentada no uso do escravo africano. Os índios, na região mineradora, foram sendo massacrados e empurrados progressivamente para além das fronteiras da ocupação lusitana. (VILALLTA, 1997, p. 339)

Para Zágari, na consolidação da língua em Minas, o que pode ter ocorrido diz respeito aos falares.

O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra definida escolha de um item lexical. (...) um falar baiano que, partindo do norte, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. (...) um falar paulista que, partindo do sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do Estado. (...) um falar mineiro (...). (ZÁGARI, 2013, p. 49-50)

Dessa maneira, por conta dos muitos povos que se fixaram no ambiente de Minas, eclodiam-se muitos falares.

### 3.10 Colorindo o ambiente de Minas Gerais

A respeito da constituição de um ambiente, a cor é um elemento que o constitui. A partir da interação do indivíduo com o espaço, a cor ganha significado, pois está em função de algo (GUIMARÃES, 2000).

A seguir, serão apresentados alguns trechos que descrevem cenários de cores que colore o estado de Minas Gerais desde o período da colonização e conseqüente. Esses excertos foram retirados de Antonil, (2012), Hilaire (1975) e Rosa (1956).

Contexto: vermelho e negro

Pelo vale a que descemos corre o Rio de Ouro Preto, pequeno curso, cujas águas, pouco abundantes, são sem cessar divididas e subdivididas pelos faiscadores, e cujo leito, de um **vermelho escuro**, não apresenta mais que filetes d'água que correm entre montes de seixos **enegrecidos**, residuo das lavagens. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 129-130)

Contexto: vermelho, branco, preta, amarela

e cinza.

Um pouco antes de Itambé, a terra, que até la fôra argilosa, **vermellia** e compacta, passa subitamente a apresentar uma mistura de areia **branca** e **preta**, entremeada de rochedos; (...) Na terra argilosa crescem grandes bosques; (...) toda essa vegetação é quase a mesma da parte mediante da montanha elevada em que herborizei na Serra da

Caraça, montanha cujo solo é igualmente formado de areia **branca** e **negra**. (...) Alguns morros estendem-se por um declive **branco**, acima do casario, e são em parte cobertos de mattas e em parte revestidos de relva entremeada de rochedos. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 252-253).

Contexto: negro, brancura, verde e escuro

Do Paraíba até Farinha (...) Grupos de palmeiras criçadas de espinhos **negros** crescem à beira da estrada, e pela simplicidade das formas e **brancura** das folhas, fazem salientar o **verde** sombrio e a foliagem copada das arvores que estão próximas. Belezas tão austeras me tinham feito cobrir em profundo recolhimento, (...) e, tal é o efeito dos contrastes, esta relva produziu sobre mim a impressão que se tem quando, no abrir de uma adega **escura**, se revê de repente a luz do dia. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 75-76)

Contexto: preto, verde, negra e escura

Villa Rica tem tão pouca regularidade (...) um céu quase sempre **nevoento**, a esterilidade dos morros não edificadas, dão, porém, no panorama um aspecto sombrio e melancólico. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 131)

Contexto: pardo e vermelho

Aquelles que defrontam directamente a casa do sr. Eschwege, não apresentando encosta sufficientemente branda para receber construcções, foram deixados cobertos por uma gramina rara e **pardacenta**; uma única casa foi construída bem na base, e seus muros, (...) Nenhum dos dois grupos alcança o cume dos morros; esse ficou nú, e apenas mostra um solo **avermelhado** e quasi desprovido de vegetação. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 132-133).

Contexto: negro, amarelo, verde e branco

O terreno não desce por um declive brando até a margem do Rio de Ouro Preto; mas, em quasi todo o percurso, esse córrego e encaixado entre rochedos **ennegrecidos** e escarpados. (...) Os que atravessávamos estavam em grande parte cobertos

da composta chamada curqueju e das hasteas viscosas do mata pasto, outra composta cujo cheiro activo afugenta o gado, e que, apoderando-se, como nossa genciana **amarella**, de extensões de terra consideráveis, torna-as inteiramente inúteis. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 146).

Contexto: amarelo, mesclado, verde, cinza e negro

Os morros que o limitavam estavam cobertos de capim gordura; uma única planta disputava-lhe o terreno, era esse, chamado sapé, cuja cor **amarellada**, mesclada ao **verde** mais **escuro** e **acinzentado** do capim gordura, produzia um matiz geral de uma delicadeza irreproduzível (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 231-232).

Contexto: sujo, vermelho, pardo, escuro e verde

Na extremidade do valle que acabo de descrever, atravessei o córrego de Santa Barbara, cujas águas **sujas** e **avermelhadas** attestavam os trabalhos dos mineradores. (...) O ribeirão era atravessado por uma ponte rustica supportada por longos postes **pardacentos** muito mais altos que o pavimento da ponte. (...) Um pouco além dessa morada o córrego fazia uma curva e parecia cortado por uma elevação quasi a pique, coberta de mattas virgens muito serradas, e cujo **verdor escuro** contrastava com o matiz **pardacento** do capim gordura que crescia nos outros morros. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233).

Contexto: verde e pardo

[Itabira] Em plano menos próximo avistei deante de mim casas entremeadas de toueiras de bananeiras, e toda a parte do morro não construída, só me apresentava uma relva ras'cira de um **verde pardacento** (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 233-234).

Contexto: ferrugem, vermelho, amarelo e negro

Conceição tem aspecto muito árido. O sólo é completamente **ferruginoso** e de um **vermelho**



denegrado. (...) A secca, de que se queixavam desde muito, dava as plantas um matiz **amarelo** e **negro** que aumentava ainda a aridez da montanha (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 341).

Contexto: turvo

Apeei-me, para pernoitar, na de **Turvo** Pequeno, assim chamada pelo nome de um córrego que passa pela vizinhança (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 332).

Contexto: vermelho, branco e amarelo

Primeiramente, em todas as minas que vi e em que assisti, notei que as terras são montuosas, com cerros e montes que vão às nuvens, por cujos centros correndo ribeiros de bastante água, (...) Os sinais por onde se conhecerá se o têm são não terem áreas **brancas** (...) E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão fiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, na qual, dando ou abrindo catas e cavando-a primeiro em altura de dez, vinte ou trinta palmos, em se acabando de tirar esta terra, que de ordinário é **vermelha**, acha-se logo um pedregulho, (...) E, tirado este cascalho, aparece a piçarra, ou piçarrão, que é duro e dá pouco, e este é um barro **amarelo** ou quase **branco**, muito macio, e o **branco** é o melhor, e algum deste se acha que parece talco ou malacacheta, a qual serve como de cama onde está o ouro (ANTONIL, [1650-1716] 2012, p. 197- 198).

Contexto: negra, branca, parda, azul, verde, negra, castanho

Primeiramente, pela maior parte, se acham as minas de **prata** em terras **vermelhas** e **brancas**, limpas de árvores e de poucas ervas; (...) A todas estas pedras chamam os **castelhanos** metais, e a algumas dão estes nomes. Metal **cobriço**: e é uma pedra que tira a **verde**, muito pesada, salgada ao gosto, estífica, e frange os beijos pelo acre do antimônio e vitríolo que tem misturado. (...) Metal plomo ronco é uma pedra de cor de chumbo, porém

mais **escura**, e muito dura e pesada (ANTONIL, [1650-1716] 2012, p. 202-204)

Contexto: preto, amarelo, preto e branco

Quanto às qualidades diversas do ouro, sabe-se que o ouro, a quem chamam **preto**, por tem na superfície uma cor semelhante à do aço, antes de ir ao fogo, provando-se com o dente logo aparece **amarelo**, vivo, gemado, e é o mais fino, porque chega quase a vinte e três quilates; (ANTONIL, 2012, p. 160-161).

Contexto: preto, vermelho e claridade

De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi **preto** que iam sangrar e carnear em beira d'água. Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso **rojo avermelhado** (ROSA, 1956, p. 35).

(...) Só aquele sol, a assaz **claridade** – o mundo limpava que nem um tremer d'água. Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias! E fomos. Terras muito deserdadas, desdoadas de donos, **avermelhadas** campinas. Lá tinha um caminho novo. Caminho de gado (ROSA, 1956, p. 719).

Contexto: malhado, pintado, manchado e rajado

A gente ia para o Buriti-**Pintado**. A lá, consta de dez léguas, doze, – “Na hora, cada um deve de ver só um algum judas de cada vez, mirar bem e atirar. O resto maior é com Deus...” – já vai que falava. (...) E as malocas de bois e vacas que se levantavam das **malhadas**, de acabar de dormir, suspendendo corpo sem rumor nenhum, nomeio-escuro, como um açúcar se derretendo no campo. (...) Diadorim, mesmo, a cara muito branca, de da alma não se reconhecer, os olhos **rajados** de vermelho, o encovo. Aquilo era o crer da guerra. (...) Agora, daquela hora, era meu o cavalo grande, com suas **manchas** e riscas – ah, como ele pisava peso no chão, e como ocupava tão grande lugar! (ROSA, 1956, p. 126, 403, 500 e 614).

Contexto: castanho

Dada a primeira estiada, voltou aquele vaqueiro Bernabé, em seu cavaleiro **castanho**; e vinha trazer requeijão, que se tinha incumbido a ele, e que por dinheirinho bom se pagou. (ROSA, 1956, p. 414-415).

Contexto: branco, claro, verde, escuro

Alguém esquece isso? O vento é **verde**. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares. (...) Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucuia. O meu Urucuia vem, **claro**, entre **escuros**. Vem cair no São Francisco, rio capital. (...) (ROSA, 1956, p. 407, 436, 752, 761, 825, 160, 436).

Contexto: branco

Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto **branco**, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo. (...) Agora eu queria lavar meu corpo debaixo da cachoeira **branca** dum riacho, vestir terno novo, sair de tudo o que eu era, para entrar num destino melhor (ROSA, 1956, p. 288, 355 e 446).

Contexto: ruço

Todos cavalos **ruços** ou baios cor clara também aumenta muito a visão do tamanho deles. Ah, e gritavam (ROSA, 1956, p. 127).

Contexto: azul, roxo e cinza

Como no recesso do mato, ali intrim, toda luz verdeja. Mas a água, mesma, **azul**, dum **azul** que haja que **roxo** logo mudava. O que lembro, tenho. Venho vindo, de velhas alegrias. (...) A Fazenda Santa Catarina era perto do céu um céu **azul** no repintado, com as nuvens que não se removem. (...) Como a serra que vinha vindo, enquanto para ela eu ia indo, em tantos dias: longe lá, de repente os olhos da gente percebem um fio de tremor se vê é um risquinho preto, que com léguas andadas vira **cinzento** e vira **azul** - daí, depois, parede de morro se faz (ROSA, 1956, p. 78, 260 e 540).

Contexto: anil

Ah, não. Cavalos iam pisando no quipá, que até rebaixado, esgarço no chão, e começavam as folhagens – que eram urtigão e assa-peixe, e o neves, mas depois a tinta-dos-gentios de flor belazul, que é o **anil**-trepador (ROSA, 1956, p. 729)

Contexto: dourado, vermelho e laranja

Ao relançar das labaredas, e o refreixo das cores dando lá acima nos galhos e folhas, essas trocavam tantos brilhos e rebrilhos, de **dourado**, **vermelhos** e **alaranjado** às brasas, essas esplendências, com mais realce que todas as pedras de Araçuaí, do Jequitinhonha e da Diamantina (ROSA, 1956, p. 536).

Contexto: rosa

Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a **roséia** daquela cor. (...) Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal **roseado**... Piolhode-Cobra se dava de sangue de gentio (ROSA, 1956, p. 23, 62 e 433).

Contexto: vermelho

(...) começou, porém, a esquentar fora da conta. Nem uma nuvem no céu, para adoçar o sol, que era, com pouco maio, quase um sol de setembro em começo: despálpebrado, em relevo, **vermelho** e fumegante (ROSA, 1985, p. 307 apud BORGES, 2004, p. 114).

Contexto: ruivo

Deixava a irarinha apontar a cabeça e o pescoço, meio **ruivos**, mas as flores do curuá, em hissopes alaranjados, estavam camaradissimamente murchas, as folhas de balieira em rubras (ROSA, 1985, p. 304 apud BORGES, 2004, p. 122).

Contexto: azul

O gentio aí vizinho afirmou que no cimo do monte se tiravam pedras muito **azuis**, e que havia outras que, segundo sua informação, têm ouro muito descoberto. (...) Desta serra para a banda de leste,

[Espinhaço], que é quase toda de cristal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras **azuis**". (ROSA, 1985, p. 304 apud BORGES, 2004, p. 122).

Contexto: negro

Antes de mais nada, temos que concordar que os efeitos de uma paisagem constituída por montanhas **negras**, dominando o conjunto, montanhas que parecem estar pesando sobre o coração dos homens, só poderia realçar os efeitos da

tristeza produzida pelo clima e pelo solo. O mineiro é triste. (TORRES, 2011, p. 70)

Contexto: vermelho e cinza

Nos últimos dias do inverno, então, o ambiente é de uma tristeza impenetrável: o céu toma-se **cinza**, de um tom opaco e uniforme (muito diferente do plúmbeo das nuvens) o sol e a lua **vermelhos** como em eclipse; cinzas de árvores carbonizadas (principalmente folhas de samambaia) (TORRES, 2011, p. 66-68)

### 3.11 Hipótese para ocupação e difusão social e linguística em Minas Gerais: a força centrífuga

A respeito da ocupação mineira, dois fluxos de migração explicam esse processo, dessa maneira,

é possível identificar dois fluxos de migração que fizeram parte da ocupação territorial mineira: um centrípeto, proveniente da metrópole e de outras capitânicas em direção ao ouro, e outro fluxo, centrífugo, de direção radial das minerações para o interior da capitania. Certo é que as regiões não auríferas foram ocupadas de forma muito mais lenta. (VAL; FREITAS, 2021, p. 61).

E sobre a expansão da capitania, podem ser encontradas dois movimentos para seu adensamento, ou seja,

movimentos centrípetos e centrífugos se alternaram na formação das vilas mineiras, em função da dinâmica da produção e da economia urbana em formação, da organização do poder religioso e/ou governamental e da própria cultura urbana que se impunha determinando padrões urbanísticos de ocupação e produção do espaço. A fase inicial da produção centrada nas faíscas diretamente nas bateiadas dos cascalhos dos fundos dos rios estendeu-se às áreas próximas às margens e nos leitos antigos, nos "tabuleiros". Nessas fases de organização da mineração, os produtores tenderam a se igualar na sua atuação quase individual, dependendo o diferencial de riqueza de fortuidades no próprio processo de garimpagem. (MONTE-MÓR, 2001).

A força centrífuga – das minerações para o interior – pode ser encontrada na implantação e produtividade da Língua Portuguesa em Minas Gerais:

Uma hipótese que se levanta é que, em Minas Gerais, a Língua Portuguesa teve um caráter centrífugo, irradiando da zona do ouro, sob a influência da Coroa e da Igreja, para outras regiões o português setecentista. Sob a "pata do boi e o lombo do burro",

pelo "caminho do boi", a região do Carmo disseminava a "cultura latino-cristã que Portugal trouxera às terras de Santa Cruz. (SEABRA, 2006, p. 81).

Como se nota, há um movimento de dentro para fora que caracterizou a ocupação populacional, a expansão da capitania em termos sociais, econômicos e culturais, bem como a produtividade e disseminação da língua. Houve, portanto, um movimento centrífugo que configurou o traçado mineiro.

Seguindo essas teses, conjectura-se que os nomes de cores em topônimos mineiros também tenham ocorrido de forma centrífuga, começando pela área das minas e se dissipando para os campos, matos, currais e sertões à medida que a colonização adentrava sertão a fora. Desse movimento, presume-se que as protorregiões tenham cores características por conta de seu aspecto físico e sociocultural.

### **3.12 A cultura mineira “em conserva”**

A superfície da terra é formada por áreas diferentes, o que acarreta haver diferentes regiões. Uma parte do todo da civilização seria uma região, em que os membros dela são agrupados e compartilham seus conhecimentos. Componentes humanos e de paisagem são entrelaçados, sendo a região “concreta e real, fruto da vivência direta de grupos sociais.” (DINIZ; BATELLA, 2005, p. 62). A região pode ser tanto uma construção mental como criação intelectual, sendo o primeiro observável pelos habitantes – categorias tipificadas por habitantes, viajantes e autoridades coloniais - o segundo, demarcada por pesquisadores (CARNEIRO, 2013). Minas Gerais apresenta uma rica e longa história de divisão espacial (...) sofreu profundas mudanças sócio-econômico-espaciais, que, por sua vez, engendraram pronunciadas reconfigurações regionais (DINIZ; BATELLA, 2005, p. 75).

Como região de montanha, os colonizadores do sertão mineiro precisaram enfrentá-la para fixar à terra, e, nesse espaço, constituir atividades econômicas e culturais para estabelecer uma sociedade.

Destarte, neste capítulo foram apresentados os processos de ocupação e povoamento. A montanha agrupou e uniu sua população, picadas e fixações tão complexas embrenharam e enraizaram-se ao redor e nos vales das montanhas, bem como a divisão de áreas regionais físicas (recorte de protorregiões sertão, minas, currais, campos e matos), sociais (povoações indígenas, africanos, emboabas, bandeirantes, baianos) e econômicas (mineração, agricultura e pecuária). O compartilhamento de códigos social, cultural e linguístico formou de Minas Gerais.

Isola, os que nela habitam, do resto do mundo, limitando as relações com o exterior; mas, de outro lado, une os que nela se encontram, aproximando e igualando independentemente de condições sociais. E isto, sobretudo, numa situação como a de Minas Gerais na centuria setecentista, onde a ânsia de ouro e mais ouro dominou a todos (...) dentro do isolamento que a montanha proporcionou, o mineiro forjou seu espírito conservador, impregnando-se da consciência da liberdade. (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 268-269)

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo principal desta pesquisa foi realizar um estudo descritivo linguístico e cultural do léxico toponímico de Minas Gerais, com enfoque nos nomes de acidentes geográficos designados por meio dos nomes de cores. Há muitos matizes de cor no mundo que são percebidos pelo olho humano, interpretados pelo cérebro e culturalmente comunicados (GONÇALVEZ, 2017). Daí a difícil e complexa atividade de definição e nomeação das cores, pelo seu caráter intersubjetivo e idiossincrático. Dessa maneira, a presente pesquisa está alicerçada no arcabouço teórico dos estudos lexicais, fundamentados na relação entre língua, cultura e sociedade.

Este trabalho foi composto do *corpus* formado por topônimos contemporâneos, a partir de dados coletados no Projeto ATEMIG — Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. Desse modo, este seguiu os procedimentos metodológicos já adotados nas seguintes pesquisas toponímicas: “Fitotoponímia Mineira”, trabalho de pós-doutorado de Maria Cândida Seabra (2009); e as teses “Hagiotoponímia em Minas Gerais” (2014), de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho (2014), “A zootoponímia em Minas Gerais”, de Cassiane Josefina de Freitas (2018), “Litotoponímia Mineira”, de Maryelle Joelma Cordeiro, “A sociotoponímia em Minas Gerais”, de Emanoela Cristina Lima Cotta (2021) e “A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais”, de Marianna de Franco Gomes.

Como foi feito nas pesquisas mencionadas, seguiu-se, pois, as orientações teóricas de Sapir (1961), para ancorar a discussão e análise da relação entre língua e ambiente. Cada língua tem uma visão particular de mundo, expressando de maneira própria sua realidade, dessa forma, “a trama dos padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa.” (SAPIR, 1961, p. 20). Essa realidade expressa que, vocabularmente, em contextos espaciais e temporais distintos está imbricada na relação entre homem e meio. O homem busca localidades acessíveis e com certa segurança e, assim, foi se fixando a instalação humana no mundo físico. Ao se instalar em determinada área, ele modifica o conjunto, fazendo com que os recursos naturais do espaço adquiram valor em função da sociedade da época e das técnicas de produção. Dessa forma, o aproveitamento dos recursos naturais está subordinado às necessidades da população na organização do território, e cada meio oferece possibilidades para se lidar (DOLLFUS, 1982 apud DICK, 1990a). Como foi visto, as influências do ambiente são refletidas na língua, tanto em seus aspectos físicos quanto sociais:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (sic). (SAPIR, 1961, p. 44)

Dessa maneira, a língua reflete o ambiente físico, uma vez que atuam sobre ele forças sociais. A influência do ambiente na língua é reproduzida por meio da influência social, tendo em vista que seja resultado da visão do homem sobre o ambiente. E o signo toponímico exemplifica a questão da produção social do significado, na medida em que o nome do lugar se apresenta como a materialização da forma como o denominador experencia, sente e vê, a realidade no momento da nomeação (ISQUERDO, 2006). Esta pesquisa observou a influência do ambiente na nomeação de acidentes geográficos designados pelos nomes de cores.

Os pressupostos teóricos sobre variação linguística são orientados pelos estudos de Labov (2008 [1972]). A língua é um fato social, e a mudança linguística está encaixada em um contexto social (LABOV, 2008 [1972], p. 301). A variação linguística não acontece de forma aleatória, mas motivada/controlada por fatores de forma que a heterogeneidade seja sistemática e previsível (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 10). Os indivíduos/grupo que compartilham as mesmas normas a respeito da língua formam uma comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972], p. 188). Assume-se este método para observar como acontece o processo de variação dos topônimos entre as doze mesorregiões que compõem o território de Minas Gerais.

No estar e pensar o mundo, o ser humano busca entendê-lo por meio de tipos de conhecimentos diferentes, os quais se diferenciam entre si na forma, no modo e nos instrumentos do conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 1985, p. 76). No conhecimento científico, criam-se conceitos, técnicas e métodos, moldando disciplinas que funcionam como representação do saber. Dessa maneira, para ancorar a investigação toponímica, que é a base do trabalho, seguiu-se os modelos propostos pelo precursor Dauzat (1926) e por Dick (1990; 1990a; 1990b; 2006), mas principalmente nos princípios e nos modelos taxonômicos propostos por esta autora, os quais possibilitam aferir de modo objetivo as causas motivadoras dos designativos geográficos em consonância com a realidade. Este modelo teórico-metodológico toponímico de origem indutivo-dedutivo, conforme procedimentos onomasiológico-semasiológico característicos da pesquisa lexical. Há os mesmos elementos de uma pesquisa geral científica, quais sejam: i) formulação da hipótese de trabalho, verificando as possibilidades de realização do tema escolhido e suas etapas; ii) delimitação da área básica (nível da toponímia) ou do objeto de investigação (nível onomástica, detalhamento temático –

extensão areal (nível quantitativo); iii) tratamento dos dados; iv) conclusão e bibliografia utilizada.

Com base no modelo de investigação proposto por Dick (2006), Carvalho (2014, p. 133) propõe um roteiro de análise do *corpus*, o qual esta pesquisa seguiu, com algumas adaptações.

1) A pesquisa proposta investigou como a presença das cores no ambiente influenciou o processo de nomeação de lugares de Minas Gerais. Desse modo, com o intuito de relacionar o topônimo a fatores históricos e socioculturais da comunidade, partiu-se da hipótese de que, em Minas Gerais, o emprego de nomes relacionados ao universo das cores compondo sintagmas toponímicos – cromotopônimos – relaciona-se diretamente com o processo de povoamento do estado.

2) De maneira vinculada ao Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – verificou-se como ocorreu a distribuição geográfica dos cromotopônimos nas doze mesorregiões mineiras, a partir da coleta e da organização dos topônimos que constam do banco de dados do Projeto, constituindo, assim, um *corpus* de dados contemporâneos. Cabe ressaltar que tanto a coleta quanto a elaboração das fichas resumidas foram desenvolvidas anteriormente nas pesquisas do Projeto ATEMIG. Desse modo, esta pesquisa se responsabilizou pela consulta dos topônimos a fontes bibliográficas diversas, a fim de proceder a análise e a quantificação do *corpus* cedido.

3) Conforme a discussão sobre o fenômeno cromático, baseou-se em estudos de Berlin e Kay (1999), doravante os termos universais de cores, bem como em estudos de Sapir (1961) a respeito do léxico que reflete o ambiente, e particularmente, no microssistema lexical das cores conforme Zavaglia (2006), Biderman, Nascimento, Pereira (2007) e Gonçalves (2017), para extrair a paleta de cores características do estado de Minas Gerais. Para melhor dizer sobre o uso de um nome de uma cor, agrupou-as conforme suas escalas cromáticas, isto é, a cor principal mais as secundárias, conforme Pastoureau (1997), Guimarães (2000), Farina *et al.* (2006) e Heller (2022). Isso porque a cor é difícil de precisar, como já foi colocado, e, em conjunto, pode-se mais bem visualizar as possibilidades de nuances e seus termos, uma vez que o léxico ordena e identifica as semelhanças e diferenças, além de estruturar a realidade (MARTINS; ZAVAGLIA, 2014). É um fenômeno individual e coletivo, intersubjetivo. Os resultados quantitativos também indicam que esse agrupamento é coerente e assertivo, pois as cores das escalas se distribuem entre as regiões. Quando só uma cor é mais encontrada em todas regiões, observou-se que é a que tem mais produtividade em sua escala, portanto, ocorre mais e em diversas regiões. Contudo, descreveu-se e analisou cada cor para dizer da base lexical que



compõe o cromotopônimo bem como sua escala cromática para dizer da representação de um conjunto de cores semelhantes caracterizando o ambiente físico, econômico e cultural.

4) Como a percepção das cores advém de um processo físico e cultural, encontrando-as nas paisagens que compõem o território mineiro, foi realizada também uma descrição aproximativa destas paisagens naturais que compõem as doze mesorregiões, com base em Cunha e Godoy (2003) e Carneiro (2013). O intuito dessa descrição foi tentar se chegar o mais perto do possível das tonalidades enxergadas pelos bandeirantes e povoadores que chegaram ao sertão, quem nomeou os lugares, quando do homem dominando o meio. Dessa forma, correlacionou o conceito de protorregião (CARNEIRO, 2013), em suas classificações de minas, sertões, matas, campos e currais, ao de mesorregião, no sentido de aprofundar a descrição das características físicas das doze mesorregiões a ponto de se enxergar mais bem as cores presentes em outras épocas, uma vez que a depender da protorregião algumas cores são mais encontradas que outras. Por exemplo, a mesorregião Norte é considerada uma paisagem que tem características de protorregiões de campos, currais e sertões, e, sendo assim, a base lexical da cor “malhada” foi mais encontrada nessa região; diferente da mesorregião Metropolitana, que pode ser considerada uma paisagem de características de protorregião de minas, tendo a atividade da mineração por excelência, em que outras cores lhe são mais características. Notou-se que, no geral, todas as cores encontradas perpassam todas as doze mesorregiões, mas algumas são mais peculiares. Para essa correlação, foram considerados os mapas apresentados por Cunha e Godoy (2003) e a comparação entre eles. Tendo feita a correlação entre o ambiente físico, partiu-se para descrição das atividades econômicas e culturais – características das mesorregiões, a saber, mineração por excelência, seguida da pecuária e agricultura, no intuito de descrever como as cores se relacionam e representam as atividades que possibilitaram a fixação do homem no ambiente formando grupos sociais. Essas informações foram extraídas do IBGE bem como em consultas feitas a artigos e livros sobre elas.

5) De acordo com Torres (2011), Diégues Junior (1960), Monte-Mór (2001) e Val e Freitas (2021), houve um fluxo centrífugo de povoamento em Minas Gerais que foi do urbano para o rural. E conforme Seabra (2004), a Língua Portuguesa acompanhou esse tipo de fluxo. Dessa forma, para demonstrar que o microssistema das cores também fez o mesmo caminho, a partir de leituras, resumos e concatenações, foi feita uma classificação aproximativa das mesorregiões que compuseram esse fluxo, do início no perímetro aurífero urbano para as regiões rurais e sertões. Para tanto, classificou-se dois movimentos (i) perímetro aurífero urbano > regiões paralelas abastecedoras e (ii) perímetro aurífero urbano > sertões e/ou perímetro aurífero urbano + regiões paralelas abastecedoras > sertões.

6) Cabe salientar que, como a visão das cores é um processo físico, fisiológico e cultural, em que a cor é percebida pelos olhos e interpretada pela mente, isto é, um processo sinestésico, também foi realizada uma leitura sobre percepção e sensações conforme Pastoureau (1997), Guimarães (2000), Farina *et al.* (2006) e Heller (2022). Ressalta-se, contudo, que não tão aprofundada para o momento, até mesmo por conta de tempo e recorte temático.

7) A fase de tratamento e análise dos dados apresentou quatro enfoques analíticos:

(i) análise descritiva, em que as ocorrências cromotopônimos do *corpus* foram sistematizadas em fichas lexicográficas;

(ii) análise quantitativa e qualitativa dividida em a) resultados gerais, em que se apresentou a análise para os pontos 3 (sobre os universais cromáticos e suas idiossincrasias linguísticas), 4 (sobre a distribuição das bases lexicais nas doze mesorregiões e a correlação com o conceito de protorregião) e 5 (sobre o movimento centrífugo) descritos acima; b) resultados referentes a cada base lexical de termo de cor, indicando as motivações físicas, econômicas e culturais dessas bases para compor sintagmas toponímicos, apresentando os cromotopônimos distribuídos por mesorregiões, por acidentes geográficos (físicos e humanos), por estrutura morfológica, por representações e simbolizações das motivações, por fluxo centrífugo de povoamento e, por fim, pelas percepções e sensações que as cores e sua escala provocam.

(iii) análises referentes à estrutura e ao processo de formação morfológica, ao gênero e à variação dos cromotopônimos.

#### 4.1 Hipótese

O sistema linguístico é usado pelos membros de uma comunidade para representação da realidade e expressão de valores culturais partilhados socialmente. Dessa maneira, o conhecimento, as crenças e os valores adquiridos ao longo do tempo são transmitidos de uma geração para outra, e isso evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade. Dessa forma, as cores perpassam e caracterizam o vínculo do homem com o ambiente/comunidade, configurando bases lexicais de termos de cores que motivam a criação de nomes de lugar.

A pesquisa proposta pretendeu, pois, estudar a motivação cromotoponímica nas nomeações dos lugares de Minas Gerais. Desse modo, com o intento de relacionar o topônimo a fatores históricos e socioculturais da comunidade, partiu-se da hipótese de que, no estado mineiro, o emprego de nomes de cores constituindo sintagmas toponímicos está vinculado

diretamente ao processo de povoamento do estado, estruturado a partir da atividade mineradora por excelência.

#### **4.2 Composição e tratamento do *corpus* de cromotopônimos sincrônicos**

O *corpus* contemporâneo desta pesquisa sobre os cromotopônimos de Minas Gerais é proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, o qual, conforme descrito no segundo capítulo, realiza o detalhamento e a análise da realidade toponímica de todo o território mineiro, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos dos estudos de Dauzat (1926), adaptados por Dick (1990a, 1990b) e Seabra (2004).

No banco de dados do projeto ATEMIG estão catalogados os topônimos coletados nas cartas do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:250.000. A coleta de dados do projeto aconteceu entre os anos de 2008 e 2014, seguindo a divisão por mesorregião do IBGE, que distribui os municípios mineiros em doze mesorregiões. Em 2017, no entanto, o instituto divulgou nova organização dos municípios, distribuídos em treze regiões geográficas intermediárias (Belo Horizonte, Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Ipatinga, Juiz de Fora, Barbacena, Varginha, Pouso Alegre, Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas, Divinópolis), dentro das quais se encontram setenta regiões imediatas, conforme mencionado anteriormente.

No entanto, a construção do *corpus* do ATEMIG ocorreu entre 2005 e 2014, quando o IBGE ainda propunha a divisão de Minas Gerais em doze mesorregiões, proposta de 1989, conforme demonstrado no capítulo anterior.

Após a coleta de dados nas cartas do IBGE, os topônimos foram registrados em fichas resumidas, conforme modelo sugerido por Seabra (2004). Nessa categorização e análise prévia, os dados foram registrados em tabelas e organizadas a partir da divisão em mesorregiões.

Foram coletados todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, cachoeiras, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios mineiros. Essas nomeações formam o banco de dados dos Projeto ATEMIG, o qual contempla mais de 85 mil topônimos mineiros, dentre estes 589 foram classificados como cromotopônimos, objeto de estudo desta pesquisa.

### 4.3 Métodos de análise dos cromotopônimos mineiros

A seguir, serão apresentados os aspectos de análise dos cromotopônimos.

#### 4.3.1 Análise quantitativa dos cromotopônimos

Com base na metodologia aplicada por Carvalho (2014), os nomes de lugares foram quantificados a partir de sua totalidade no território mineiro e das ocorrências em cada uma das doze mesorregiões do IBGE.

Figura 23 – Quadro de distribuição dos topônimos e suas variações nas mesorregiões mineiras

TOPÔNIMO	MESORREGIÕES MINEIRAS											
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana de Belo Horizonte	Noroeste de Minas	Norte de Minas	Oeste de Minas	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	Vale do Mucuri	Vale do Rio Doce	Zona da Mata

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 144.

Dessa maneira, os dados contemporâneos foram descritos diatopicamente.

Com base nos quadros analíticos, os dados foram quantificados e apresentados em tabelas e gráficos, permitindo análises.

Além destas, foram analisadas categorias referentes à estrutura e ao processo de formação morfológica, ao gênero e à variação dos topônimos. Essas informações auxiliaram na organização das fichas lexicográficas, bem como na composição de cartas cromotoponímicas.

Em seguida, para cada base lexical de cor, os dados também foram contabilizados a partir da observação dos tipos de acidentes que os cromotopônimos nomeiam. Foram divididos em acidentes físicos (rio, ribeirão, córrego, lagoa, lago, riacho, cachoeira, serra, morro, ilha, capão, mata, vereda) e acidentes humanos (cidade, vila, povoado, fazenda, retiro). Por exemplo:

Figura 24 – Natureza dos acidentes encontrados para cromotopônimos

Natureza dos acidentes	Físicos												
	Rio	Riacho	Ribeirão	Córrego	Lagoa	Lago	Cachoeira	Serra	Morro	Ilha	Capão	Mata	Vereda
	Humanos												
	Cidade	Fazenda	Sítio	Localidade	Povoado	Vila							

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Na sequência, para cada base lexical de cor, quantificaram-se a estrutura morfológica – quantidade de substantivos e adjetivos, tipos e quantidades de sufixos – e a origem – portuguesa, indígena e híbrida, conforme classificação realizadas nas fichas lexicográficas. Não houve ocorrência de cromotopônimo de origem africana.

Por fim, os cromotopônimos foram distribuídos conforme mesorregiões e o tipo de fluxo de povoamento, tendo em vista as atividades econômicas e culturais de cada região, de acordo com leituras feitas sobre as protorregiões de Minas Gerais (CARNEIRO, 2013) e as doze mesorregiões definidas pelo IBGE (CUNHA; GODOY, 2003). É importante ressaltar que são correlações feitas com máximo rigor de aproximação da história da região.

Figura 25 – Correlação entre o processo de povoamento, os aspectos físicos, econômicos e culturais e as mesorregiões mineiras

Mesorregiões												
Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					
Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Coloriu-se o quadro apresentado conforme a cor símbolo, eleita nesta pesquisa, de cada atividade econômica: amarelo-mineração, vermelho-pecuária e verde-agricultura. A mesorregião colorida em amarelo é por excelência de atividade aurífera, Metropolitana. As mesorregiões coloridas em amarelo e vermelho têm atividades mineradoras e pecuárias, Central Mineira, Noroeste, e a primeira cor de cima para baixo simboliza a principal atividade, bem como as coloridas por verde e vermelho, Campo das Vertentes, Triângulo Mineiro, Rio Doce, tendo ora a agricultura como principal, ora a pecuária. As mesorregiões coloridas apenas por vermelho ou verde, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste, Norte, Vale do Mucuri e Zona da Mata

detêm as atividades de pecuária e agricultura como majoritárias. No caso da mesorregião Jequitinhonha, a cor azul foi utilizada para sinalizar a presença das três atividades econômicas.

#### 4.3.2 Análise - Elaboração da ficha lexicográfica

A ficha lexicográfica se caracteriza por um conjunto estruturado de informações referentes a um topônimo e tem como objetivo explicitá-lo e classificá-lo, segundo Seabra (2004). Assim

a anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas [...] constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subsequentes (quantificação dos topônimos e das taxionomias; estudo linguístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais. (DICK, 1990b, p. 20).

Seguindo o padrão metodológico proposto pelo Projeto ATEMIG e o modelo de ficha lexicográfico-toponímica de Dick, para sistematização e análise do *corpus*, os dados levantados foram organizados em fichas lexicográficas, tendo em vista as doze mesorregiões mineiras, conforme visto em Carvalho (2014), com algumas adaptações.

Figura 26 – Quadro modelo de ficha lexicográfica

<b>(1) ENTRADA LÉXICA</b>											
<b>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</b>											
Total de topônimos no Estado:											
Gênero:											
Número:											
Variantes (ocorrências) – estrutura morfológica											
Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões											
CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHO NHA	METROPOLI TANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOES TE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		2	2	2	1		1	2			3
Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos											
Acidentes Físicos:											
Acidentes Humanos:											
Descrição morfológica de variantes (ocorrências)											
Informações Enciclopédicas											

Fonte: CARVALHO, 2014, p. 14. (adaptado)

Os itens que compõem esta ficha são:

(i) ENTRADA LÉXICA: corresponde ao topônimo, o nome próprio que é dado ao acidente geográfico em território mineiro;

(ii) Total de topônimos no estado: número total de ocorrências de topônimos que se constituem a partir da entrada léxica;

(iii) Gênero: a classificação de gênero foi feita pela concordância do artigo com o substantivo ou o adjetivo.

(iv) Número: diz respeito à flexão de plural no cromotopônimo.

(v) Origem: a partir da socialização de informações do projeto bem como a consultas a dicionários, em especial etimológicos, registrou-se a possível origem das bases léxicas, de modo a informar se são de origem: portuguesa, indígena, africana, estrangeira, controversa ou não encontrada.

(vi) Variantes: formas distintas dos cromotopônimos, a partir da mesma base léxica.

(vii) Distribuição dos cromotopônimos entre as doze mesorregiões: com base no banco de dados Projeto ATEMIG.

(viii) Indicação se se trata de acidente físico ou humano, apresentando a quantificação dos acidentes, seguida da especificação da região.

(ix) Descrição morfológica: indicação abreviada da classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas de estruturas morfossintáticas.

(x) Informações enciclopédicas consultadas no Dicionário Houaiss.

Com base no modelo apresentado por Seabra (2004), a indicação da estrutura morfológica foi feita por meio de esquemas classificatórios, em que as unidades mínimas de significação com os morfemas lexicais foram apresentadas.

#### A) Para nomes simples

- a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular].
- b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural].
- c) Nm [ADJsing] = Nome masculino [Adjetivo singular].
- d) Nm [S/ADJsing] = Nome masculino [Substantivo/ Adjetivo singular].
- e) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular].
- f) Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural].
- g) Nmf [S/ADJsing] = Nome masculino/feminino [Substantivo/Adjetivo singular].
- h) Nmf [Ssing] = Nome masculino/ feminino [Substantivo singular].

#### B) Para nomes compostos

##### I) Masculinos

- a) NCm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular].
- b) NCm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular].
- c) NCm [ADJsing + Ssing] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular].
- d) NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivosingular + {Preposição + Substantivo singular}].
- e) NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}].
- f) NCm [Ssing + {Prep + ADJsing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Adjetivo singular}].
- g) NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + ADJsing}] = Nome Composto masculino



[Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Adjetivo singular}].

## II) Femininos

a) NCf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular].

b) NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}].

c) NCf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo plural) + Substantivo plural}].

d) NCf [Ssing + n/e] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + não encontrado].

## III) Masculino e feminino (substantivos de dois gêneros)

a) Nmf [Ssing] = Nome masculino/feminino [Substantivo singular].

b) Nmf [S/ADJsing] = Nome masculino/feminino [Substantivo/ Adjetivo singular].

Os resultados das análises quantitativas dos cromotopônimos mineiros encontram-se no Capítulo 5 deste trabalho.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS CORPORA

Nesta seção, encontram-se 26 fichas lexicográficas com os 589 cromotopônimos contemporâneos, agrupados por base lexical. As fichas, como apontado no Capítulo 3, contemplam a enumeração da ficha, a entrada com a base léxica, total de cromotopônimos em Minas Gerais, origem da base léxica, tipo de acidente (físico ou humano), variantes, estrutura e classificação morfológica, distribuição nas mesorregiões mineiras e informações enciclopédicas consultadas no Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2009).

As fichas apresentadas, a seguir, são uma adaptação de modelo de ficha toponímica utilizada na tese "Hagiotoponímia em Minas Gerais", de Carvalho (2014).

<b>(1) AMARELO</b>											<b>cor</b>
<b>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</b>											
<b>Total de topônimos no Estado: 13</b>											
<b>Gênero: Masculino e feminino</b>											
<b>Número: singular</b>											
<b>Origem: português</b>											
<b>Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:</b>											
<b>CAMPO AS VERTENTES</b>	<b>CENTRAL MINEIRA</b>	<b>JEQUITINHONHA</b>	<b>METROPOLITANA DE BH</b>	<b>NOROESTE</b>	<b>NORTE</b>	<b>OESTE</b>	<b>SUL/SUDOESTE DE MINAS</b>	<b>TRIÂNGULO MINEIRO</b>	<b>VALE DO MUCURI</b>	<b>VALE DO RIO DOCE</b>	<b>ZONA DA MATA</b>
		2	2	2	1		1	2			3
<b>Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:</b>											
Acidentes Físicos: 7											
Lagoa Amarela (2) Noroeste											
Córrego Amarelo (2) Metropolitana (1), Mata (1)											
Córrego Amarelinho (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba											
Serra Amarela (2) Jequitinhonha											
Acidentes Humanos: 5											
Fazenda Amarelinho (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba											
Fazenda Amarelo (3) Norte, Metropolitana, Mata											
Fazenda Amarela (2) Sul/Sudoeste de Minas, Mata											
<b>Descrição morfológica de variantes (ocorrências)</b>											
Lagoa Amarela (2) = Nf [ADJsing]											

Córrego Amarelo (2) = Nm [ADJsing]  
 Córrego Amarelinho (1) = Nm [ADJsing]  
 Serra Amarela (2) = Nf [ADJsing]  
 Fazenda Amarelinho (1) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Amarelo (3) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Amarela (2) = Nf [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**Amarelo.** [Do b.-lat. hispânico *amarellu.*] *Adj.* **1.** Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre: “A boca negra, os dentes amarelos” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 39.) **2.** Diz-se dessa cor: *tecido de cor amarelo.* **3.** Pálido, descorada, amarelado. ~ V. *bismuto – , cera – a, cobre – , corpo – , febre – , a, febre – a, silvestre, febre – , a urbana, latão – , riso – e sorriso – . S. m.* **4.** A cor amarela em todas as suas gradações. [V. *de cor* (3).] **5.** No espectro visível (q. v), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 575 a 590 nanômetros. **6.** *Bras.* Pessoa que tem amarelão. **7.** *Bras. Bot. V. vinhático-do-campo.* **8.** *Bras. N. E. MG SP MT Pej.* Pessoa pálida. [Sin. Nesta acepç. (em PE): *come-longe.*] ~ V. *amarelos.* **Amarelo de tartrazina.** *Quím.* Tartrazina.

**Amarela.** [F. subst. De *amarelo*] *S. f.* Moeda de ouro. ~ V. *amarelas*  
 Origem: Português<Latim

### (2) ANIL

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
					1						

#### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 1

Córrego do Anil (1) Norte

#### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego do Anil (1) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

**Informações Enciclopédicas:**

**Anil** <sup>1</sup>. [Do ár. *an-nil*, ‘azul-escuro’.] *S. m. 1. Ópt.* Cor da radiação eletromagnética cujo comprimento de onda está situado, aproximadamente, entre 450 e 480 nanômetros. **2.** A cor azul. *Adj. 2 g. e 2 n. 3.* Azul. **Anil** <sup>2</sup>. [Do lat. *anile*.] *Adj. 2 g. P. us.* Velho, senil. **Anil** <sup>3</sup>. [De *anilina*.] *S. m. Quím.* Composto, heterocíclico existente em diversas plantas, cristalino, azul, utilizado como corante; índigo [fórm.: C<sub>16</sub>H<sub>10</sub>O<sub>2</sub>N<sub>2</sub>]. **Anilado** <sup>1</sup>. [De *anil*<sup>1</sup> + *-ado*<sup>1</sup>.] *Adj. V. azulado* (1). **Anilado** <sup>2</sup>. [Part. de *anilar*.] *Adj.* A que se deu cor de anil; azul.

Origem: Português<Latim

(3) **AZUL**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Total de topônimos no Estado: 26

Gênero: Masculino

Número: singular

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHON HA	METROPOLIT ANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOEST E DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA MATA
			3		3	1	1		3	3	12

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 16

Lagoa Azul (2) - Norte

Lago Azul (1) - Metropolitana

Córrego Azul (7) - Campo das Vertentes (1), Vale do Mucuri (2), Rio Doce (2), Mata (2)

Serra Azul (5) – Norte (1), Metropolitana (2), Oeste de Minas (1), Mata (1)

Acidentes Humanos: 11

Sítio Azul (1) - Mata

Fazenda Azul (10) - Vale do Mucuri (1), Rio Doce (1), Sul/Sudoeste de Minas (1), Mata (7)

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Lagoa Azul (2) = Nf [ADJsing]

Córrego Azul (7) = Nm [ADJsing]

Lago Azul (1) = Nm [ADJsing]

Serra Azul (5) = Nf [ADJsing]

Sítio Azul (1) = Nm [Ssing]  
Fazenda Azul (10) = Nf [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**Azul.** [Do arc. *Azur* < ár. *lazūrdī* < ár. -hisp. < persa *lazward.*] **Adj. 2 g. 1.** Da cor do céu sem nuvens com o Sol alto; da cor do mar profundo em dia claro; da cor da safira. **2.** Diz-se dessa cor: *camisa de cor azul.* **3. Fig.** Muito assustado; muito atrapalhado. **4. V. embriagado** (1). **5. Bras.** Diz-se de rés cinzenta. ~ V. *bilhete* –, *bode* –, *cópia* –, *ferragem* –, *língua* –, *sangue* –, e *vitriolo* –. **S. m. 6.** A cor azul em todas as suas gradações [v. *de cor* (3)]. **7.** O céu, os ares, o firmamento: *Voam pássaros pelo azul em fora.* **8.** No espectro visível (q. v.), cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda compreendido, aproximadamente, entre 480 e 510 nanômetros. **9. Med. V. caraté. Azul da Prússia. Quím.** Substância férrica, us. como pigmento em tintas [fórm.:  $Fe_4[Fe(CN)_6]_3$ ]. **Azul de bromofenol. Quím.** Substância sólida, solúvel em água, us. como indicador (amarelo em meio ácido, e azul em meio básico) [fórm.:  $C_{19}H_{10}Br_4O_5S$ ]. **Azul de metileno. Quím.** Substância orgânica, cristalina, cujas soluções aquosas, de um azul intenso, são us. como corante biológico e desinfetante [fórm.:  $C_{16}H_{18}C_1N_3S$ ]. **Todo azul. Bras.** Tudo excelentemente; no melhor dos mundos.  
Origem: Português<Latim

#### (4) BRANCO

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Total de topônimos no Estado: 27

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	2	2	5	1	4	1	2	3		5	2

#### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 22

Córrego Branco (10) - Central Mineira (1), Norte (1), Metropolitana (2), Oeste de Minas (1), Rio Doce (3), Sul/Sudoeste de Minas (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (1)

Córrego dos Brancos (3) – Metropolitana (1), Mata (2)

Lagoa Branca (3) – Norte (1), Metropolitana (1), Rio Doce (1)

Ribeirão Branco (1) - Metropolitana

Rio Branco (1) - Rio Doce

Morro Branco (1) - Jequitinhonha

Serra Branca (3) – Noroeste (2), Norte (1)

Acidentes Humanos: 5

Fazenda Branca (1) - Central Mineira

Fazenda Malhada Branca (1) - Jequitinhonha

Fazenda do Branco (1) - Sul/Sudoeste de Minas

Sítio do Branco (2) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego Branco (10) = Nm [ADJsing]

Córrego dos Brancos (3) = Nm [{Prep + Artigo plural + ADJpl}]

Lagoa Branca (3) = Nf [ADJsing]

Ribeirão Branco (1) = Nm [ADJsing]

Rio Branco (1) = Nm [ADJsing]

Morro Branco (1) = Nm [ADJsing]

Serra Branca (3) = Nf [ADJsing]

Fazenda Branca (1) = Nf [Ssing]

Fazenda Malhada Branca (1) = NCf [Ssing + ADJsing]

Fazenda do Branco (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]

Sítio do Branco (2) = Nm [{Prep + Artigo singular + Ssing}]

### Informações Enciclopédicas:

**Branco.** [Do germ. *blank*, ‘luzidio’, ‘brilhante’, acepç. que sobrevive na expr. *Arma branca.*] **Adj.** **1.** Diz-se da impressão produzida no órgão visual pelos raios da luz não decomposta. **2.** Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, decomposta. **3.** Diz-se das coisas que, não sendo brancas, têm cor mais clara do que outras da mesma espécie: *pão branco; madeira branca.* **4.** Claro, translucido. **5.** Pálido, descorado: *Ficou branco de susto.* **6.** Prateado, argentado, argênteo: *metal branco.* **7.** que tem cãs; encanecido: *Sua cabeça está branca.* **8.** Diz-se de indivíduo de pele clara. **9.** *Fig.* Sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo: *alma branca.* **10.** que não surtiu o efeito desejado ou esperado. ~ V. *açúcar – aguaceiro – anã – a, arma – a, arsênio – , bandeira – , a, barro – , bengala – , a, bilhete – , buraco – , cabidela – , a, carta – a, casamento – , cimento – , coroa – , a, elefante – , escravatura – a, geada – a, glóbulo – , greve – a, linha – a, magia – a, mancha – a, material – , metal – , molho – , ouro – , pagina – , a, ponte – a, raios X – s, substancia – a, terror – , tumor – , umbanda – a, verniz – , versos – s, vinho – , vitelo – , e viúva – a.* **S. m.** **11.** A cor branca. **12.** Substância com que se tingem de branco. **13.** Homem de pele clara. **14.** Espaço entre linhas escritas ou impressas. **15.** Incapacidade de raciocinar ou de recordar-se de algo; claro, vazio: *Deu um branco na cabeça do aluno, e ele nada respondeu.* **16.** Antiga moeda de prata. **17.** *Gir.* Homem tolo, ingênuo, papalvo. **18.** *Bot.* Alburno, entrecasca. **19.** *Encad.* Mordente preparado com gesso, para dourar seda, veludo ou material semelhante. **20.** *Quím.* Ensaio ou experiência em que todos os reagentes e condições de uma determinada análise são empregados, entretanto sem a presença da amostra a ser analisada. **21.** *Teatr.* Buraco (20). **22.** *Tip.* Claro (27) maior que o deixado nos impressos pelo espaçamento ou pelo entrelinhamento comuns. **23.** *Tip.* Qualquer peça de material branco. **24.** *Tip.* O lado do papel em que se imprime em primeiro lugar. [V. *retiração* (4).] **25.** *Tip.* Fôrma de branco. **26.** *Bras.* No jogo de domino, a parte da pedra sem pontos marcados. **27.** *Bras.* Senhor, patrão. **28.** *Cabo-verd.* Pessoa de alto nível social: “Morávamos numa casa baixa e por isso não éramos brancos.” (Teixeira de Sousa, *Xaguete*, p. 20.) **Branco do olho.** V. *esclerótica.* **Branco**

**do ovo.** A clara. **Branco fixo.** *Quím.* Pigmento branco constituído por sulfato de bário. **Em branco.** **1.** Não escrito. **2.** Em jejum. **3.** Sem haver estudado nada. **4.** Sem haver dormido; em claro. **Tirar de branco.** *Tip.* Imprimir o primeiro lado da folha de papel. [Cf. *retirar* (17).]

Origem: Português<Latim

(5) **CASTANHO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado:** 4

**Origem da base léxica cromotoponímica:** português

**Gênero:** Masculino e feminino

**Número:** singular e plural

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	1			3							

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 4

Lagoa do Castanho Gordo (1) Central Mineira

Lagoa do Castanho (2) Noroeste

Lagoa Castanho (1) Noroeste

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Lagoa do Castanho Gordo (1) = NCm [{Prep + Artigo singular + ADJsing + ADJsing}]

Lagoa do Castanho (2) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

Lagoa Castanho (1) = Nf [ADJsing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Castanho.** [Do lat. tard. *castaneu.*] *Adj.* **1.** Que tem a cor da casca da castanha (1): “Os seus olhos castanhos... externavam uma constante expressão de doçura.” (Virgílio Várzea, *Nas Ondas*, pp. 19-20). **2.** Diz-se dessa cor: *cabelos de cor castanha*. **S. m. 3.** Essa cor. **4.** Animal vacum de pêlo dessa cor: “Soava ainda o veemente protesto, quando um dos bandoleiros fez menção para pegar no cabresto do castanho” (Franklin Tavora, *Lourenço*, p. 83). **5. Bot. V. castanheiro.** **6.** A madeira dessa árvore: “Grão Vasco pintara a imagem do santo numa tábua de castanho” (Jose Viera, *Sol de Portugal*, p. 161).

Origem: Português<Latim

(6) **CLARO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Origem da base léxica cromotoponímica:** português**Total de topônimos no Estado:** 24**Gênero:** Masculino e feminino**Número:** singular e plural**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHON HA	METROPOLIT ANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOEST E DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
				10	3			3		2	6

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 16

Rio Claro (9) - Noroeste (3), Norte (1), Rio Doce (2), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (3)

Riacho Claro (2) - Noroeste (1), Norte (1)

Ribeirão Claro (2) - Noroeste (1), Mata (1)

Ribeirão do Claro (1) - Mata

Córrego Claro (2) - Noroeste

Acidentes Humanos: 8

Fazenda dos Claros (2) - Noroeste

Localidade Claro de Minas (1) - Noroeste

Cidade Claro dos Poções (1) - Norte

Localidade Claro (1) - Mata

Localidade Claridade (1) - Mata

Fazenda Claro Torrões (1) - Mata

Fazenda da Claridade (1) - Mata

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Rio Claro (9) = Nm [S/ADJsing]

Riacho Claro (2) = Nm [S/ADJsing]

Ribeirão Claro (2) = Nm [S/ADJsing]

Ribeirão do Claro (1) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

Córrego Claro (2) = Nm [S/ADJsing]

Fazenda dos Claros (2) = Nf [{Prep + Artigo plural + Spl}]

Localidade Claro de Minas (1) = NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

Cidade Claro dos Poções (1) = NCf [Ssing + {Prep + Artigo plural + Spl}]

Localidade Claro (1) = Nm [S/Ssing]

Localidade Claridade (1) = Nf [Ssing]

Fazenda Claro Torrões (1) = NCf [Ssing + Spl]

Fazenda da Claridade (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]



**Informações Enciclopédicas:**

**claro.** [Do lat. *claru.*] Adj. 1. Que alumia; luminoso, luzente, brilhante, resplandecente: luz clara: lustre muito claro. 2. Que recebe claridade; iluminado, alumiado: sala clara, noite clara. 3. Que reflete bem a luz; luzente, lustroso, polido: espelho claro. 4. Transparente, translúcido: vidro claro, lente clara. 5. Límpido, nítido, puro: "O rio/Cantigas de águas claras soluçando." (Da Costa e Silva, Sangue, p. 41). 6. Bem visível; distinto, discriminável: silhueta clara, contorno claro. 7. Que tem cor ou tonalidade desmaiada, pouco intensa: vestido claro: olhos claros. 8. Diz-se da cor ou tonalidade assim caracterizada: gravata de cor clara: olhos de tom claro. 9. Sem nuvens; sereno: atmosfera clara.

Origem: Português < Latim

**(7) DOURADO****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 68**

**Origem da base léxica cromotoponímica: português**

**Gênero: Masculino e feminino**

**Número: singular e plural**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		2	4	1	3	2	18	32	4	1	1

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 17

Córrego Dourado (3) – Norte (1), Metropolitana (1), Oeste de Minas (1)

Córrego Douradinho (7) - Vale do Mucuri (1), Sul/Sudoeste de Minas (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (5)

Lago Dourado (1) - Noroeste

Lagoa Dourada (6) – Norte (1), Metropolitana (1), Rio Doce (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (2), Mata (1)

Ribeirão Dourado (3) - Metropolitana

Rio Dourado (12) - Sul/Sudoeste de Minas (9), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (3)

Rio Douradinho (3) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba,

Ribeirão Douradinho (3) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Ribeirão Dourado (1) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Acidentes Humanos: 51

Fazenda Dourado (8) - Jequitinhonha (2), Metropolitana (1), Oeste de Minas (1), Sul/Sudoeste de Minas (4)  
 Fazenda Dourado de Baixo (1) Sul/Sudoeste de Minas  
 Fazenda do Dourado (1) Sul/Sudoeste de Minas  
 Fazenda Dourados (2) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba  
 Fazenda Douradinho (8) Vale do Mucuri (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (7)  
 Fazenda Douradinha (2) Vale do Mucuri  
 Localidade Dourado (1) Norte  
 Localidade Douradinho (2) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba  
 Localidade Dourados (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba  
 Vila Douradinho (1) Sul/Sudoeste de Minas  
 Povoado Dourado (1) Sul/Sudoeste de Minas  
 Povoado Douradinho (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego Dourado (3) = Nm [ADJsing]  
 Córrego Douradinho (7) = Nm [ADJsing]  
 Lago Dourado (1) = Nm [ADJsing]  
 Lagoa Dourada (6) = Nf [ADJsing]  
 Ribeirão Dourado (3) = Nm [ADJsing]  
 Rio Dourado (12) = Nm [ADJsing]  
 Rio Douradinho (3) = Nm [ADJsing]  
 Ribeirão Douradinho (3) = Nm [ADJsing]  
 Ribeirão Dourado (1) = Nm [ADJsing]  
 Fazenda Dourado (8) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Dourado de Baixo (1) = NCf [Ssing + {Prep + ADV}]  
 Fazenda do Dourado (1) = NCf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]  
 Fazenda Dourados (2) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Douradinho (8) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Douradinha (2) = Nf [Ssing]  
 Localidade Dourado (1) = Nf [Ssing]  
 Localidade Douradinho (2) = Nf [Ssing]  
 Localidade Dourados (1) = Nm [Ssing]  
 Vila Douradinho (1) = Nf [Ssing]  
 Povoado Dourado (1) = Nm [Ssing]  
 Povoado Douradinho (1) = Nm [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**Dourado.** [Part. de *dourar*.] **Adj. 1.** Da cor do ouro: *caneta dourada; luvas douradas; cabelos dourados*. **2.** Revestido de camada ou folha de ouro: *a imagem dourada do santo*. **3.** Enfeitado ou bordado a ouro: *Sua blusa era toda dourada*. **4.** Fig. Feliz, alegre, despreocupado: *os anos dourados da vida*. ~ V. *prata – a e sonho –*. **S. m. 5.** Douradura (2): *O dourado era todo trabalhado*. **6.** V. *douração* (1). **7.** A cor dourada: *o dourado do Sol*. **8.** Bras. Zool. Peixe actinoptérgeo, caraciforme, caracídeo (*Salminus brevidens*, do rio São Francisco, e *S. maxillosus*, da bacia do Paraná), carnívoros de grande porte, coloração dourada tendente ao vermelho, muito apreciados para a pesca esportiva, e cuja carne é de primeira qualidade. Alcançam 1m de comprimento e 20kg de peso. [Sin.: *piraju, Pirajuba, saijé*. Cf. *saipé*.] **9.** Bras. Dourada (2). [Var.: *doirado*.]

Origem: Português<Latim

**(8) ESCURO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 36**

**Origem da base léxica cromotoponímica: português**

**Gênero: Masculino e feminino**

**Número: singular**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHON HA	METROPOLIT ANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOEST E DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	1	2	1	6	17			3		1	5

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 26

Córrego Escuro (10) Central Mineira (1), Noroeste (1), Norte (5), Metropolitana (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (1), Mata (1)

Córrego da Escura (2) Jequitinhonha, Norte

Córrego Escurinha (1) Norte

Córrego Escurinho (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Córrego Escurona (1) Norte

Córrego Escuridão (1) Mata

Ribeirão do Escurinho (1) Noroeste

Rio Escuro (2) Noroeste

Riacho da Escura (2) Norte

Lagoa Escura (3) Jequitinhonha (1), Norte (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (1)

Cachoeira Escura (1) Rio Doce

Serra Escura (1) Norte

Acidentes Humanos: 10

Fazenda Escuridão (1) Mata

Fazenda do Escuro (3) Noroeste, Norte

Fazenda Escuro (1) Noroeste

Fazenda Escurinha (1) Norte

Fazenda Escura (1) Mata

Localidade Escuridão (1) Mata

Localidade Escurinha (1) Norte

Retiro do Escuro (1) Norte

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego Escuro (10) = Nm [ADJsing]  
 Córrego da Escura (2) = Nf [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]  
 Córrego Escurinha (1) = Nf [ADJsing]  
 Córrego Escurinho (1) = Nm [ADJsing]  
 Córrego Escurona (1) = Nm [ADJsing]  
 Córrego Escuridão (1) = Nm [ADJsing]  
 Ribeirão do Escurinho (1) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]  
 Rio Escuro (2) = Nm [ADJsing]  
 Riacho da Escura (2) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]  
 Lagoa Escura (2) = Nf [ADJsing]  
 Cachoeira Escura (1) = Ncf [Ssing + ADJsing]  
 Serra Escura (1) = Nf [ADJsing]  
 Fazenda Escuridão (1) = Nf [SSsing]  
 Fazenda do Escuro (3) = Nf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]  
 Fazenda Escuro (1) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Escurinha (1) = Nf [Ssing]  
 Fazenda Escura (1) = Nf [Ssing]  
 Localidade Escuridão (1) = Nf [Ssing]  
 Localidade Escurinha (1) = Nf [Ssing]  
 Retiro do Escuro (1) = Nm [{Prep + Artigo singular + Ssing}]

#### Informações Enciclopédicas:

**Escuro.** [Do lat. *obscuru*, com mudança de pref.] **Adj.** **1.** Falta de luz; pouco claro; sombrio, tenebroso: *quarto escuro*. **2.** Diz-se da cor ou do objeto de baixa luminosidade; tirante a negro, a cinza, a castanho: *cor escura; roupa escura; pele escura*. **3.** A que falta a plenitude solar; sombrio: *dia escuro; floresta escura*. **4.** *Fig.* Misterioso, escuso, suspeito: *negócios escuros*. **5.** *Fig.* Que não é claro; pouco inteligível; difícil, intricado: *É escuro no expressar-se*. **6.** *Fig.* Que se ouve ou distingue mal: *voz de timbre escuro*. **7.** *Bras.* Diz-se da pessoa preta ou mulata. ~ *V. bordo –, buraco –, câmara – a e campo –.* **S. m.** **8.** *V. escuridão (1 e 2); medo do escuro.* **9.** *Fig.* Lugar oculto, recôndito; sombra: *ficou moe curo por uns tempos até ser esquecido*. **10.** *Bras.* Pessoa preta ou mulata. **No escuro.** *Bras. V. às escuras (3).*

#### (9) FERRUGEM

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 6

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		1							1		4

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 5

Córrego Ferrugem (4) Vale do Mucuri (1), Mata (3)

Serra Ferrugem (1) Mata

Acidentes Humanos: 1

Fazenda Ferrugem (1) Jequitinhonha

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego Ferrugem (4) = Nm [ADJsing]

Serra Ferrugem (1) = Nf [ADJsing]

Fazenda Ferrugem (1) = Nf [Ssing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Ferrugem.** [Do lat. *ferrugine.*] *S.f.* **1.** Óxido que se forma na superfície do ferro exposto à umidade. **2.** *P. ext.* Óxido formado sobre outros metais. **3.** Emperramento das articulações. **4.** *Bot.* Doença de gramíneas, esp. do trigo, aveia e milho, causada por fungos dos gêneros *Puccinia*, *Tillelia* e *Ustilago*. **5.** *Bras. MG.* A hematita em grânulos ou pequenos seixos.

**(10) MALHADO****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 35

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	4	4	2	1	19	1	3	1			

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 16

Córrego Malhada (4) Central Mineira (2), Norte (2)

Córrego da Malhada (3) Central Mineira (1), Metropolitana (1), Sul/Sudoeste de Minas (1)

Córrego Malhada Grande (1) Jequitinhonha

Córrego Malhada da Areia (1) Norte  
 Córrego Malhadão (1) Norte  
 Córrego Malhadinho (1) Norte  
 Córrego Malhadinha (1) Norte  
 Lagoa Malhada (1) Norte  
 Ribeirão Malhada (2) Norte (1), Metropolitana (1)  
 Ribeirão Malhada Grande (1) Norte  
 Vereda Malhada (1) Noroeste

Acidentes Humanos: 19

Fazenda Malhada, de João C. da Silva (1) Central Mineira  
 Fazenda Malhada Grande (1)  
 Fazenda Malhado Grande (1) Norte  
 Fazenda Malhadinha (2) Jequitinhonha (1), Sul/Sudoeste de Minas (1)  
 Fazenda Malhada Branca (1) Jequitinhonha  
 Fazenda Malhada (2) Metropolitana (1), Sul/Sudoeste de Minas (1)  
 Fazenda Malhada Alta (2) Norte  
 Fazenda Malhadinhas (1) Norte  
 Fazenda Malhadinha (1) Jequitinhonha  
 Fazenda Malhada Bonita (1) Norte  
 Localidade Malhada Nova (1) Norte  
 Localidade Malhada Grande (2) Norte  
 Localidade Malhada Preta (1) Jequitinhonha  
 Localidade Malhadinha (1) Norte  
 Localidade Malhada (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

#### **Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego Malhada (4) Nm [ADJsing]  
 Córrego da Malhada (3) Nm [{Prep + ADJsing}]  
 Córrego Malhada Grande (1) NCm [ADJsing + ADJsing]  
 Córrego Malhada da Areia (1) Nm [ADJsing {Prep + ADJsing}]  
 Córrego Malhadão (1) Nm [ADJsing]  
 Córrego Malhadinho (1) Nm [ADJsing]  
 Córrego Malhadinha (1) Nm [ADJsing]  
 Lagoa Malhada (1) Nf [ADJsing]  
 Ribeirão Malhada (2) Nm [ADJsing]  
 Ribeirão Malhada Grande (1) NCm [ADJsing + ADJsing]  
 Vereda Malhada (1) Nf [ADJsing]  
 Fazenda Malhada, de João C. da Silva (1) Nm [Ssing {Prep + Ssing}]  
 Fazenda Malhada Grande (1) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Fazenda Malhado Grande (1) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Fazenda Malhadinha (2) Nf [Ssing]  
 Fazenda Malhada Branca (1) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Fazenda Malhada (2) Nf [Ssing]  
 Fazenda Malhada Alta (2) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Fazenda Malhadinhas (1) Nf [Spl]  
 Fazenda Malhadinha (1) Nf [Ssing]  
 Fazenda Malhada Bonita (1) NCm [Ssing + ADJsing]

Localidade Malhada Nova (1) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Localidade Malhada Grande (2) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Localidade Malhada Preta (1) NCm [Ssing + ADJsing]  
 Localidade Malhadinha (1) Nf [Ssing]  
 Localidade Malhada (1) Nf [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**Malha**<sup>2</sup>. [Do lat. *macula*, por via popular.] *S. f.* **1.** Espaço de coloração diferente na pele dos animais; mancha natural. **2.** Porção de pelos do animal destacada do todo da pelagem. **3.** Descoloração no conjunto da vegetação de um terreno. **4.** *Lus. Pop.* Pano<sup>1</sup> (8).

**Malhada**<sup>2</sup>. [De *malha*<sup>3</sup> + *-ada*<sup>1</sup>.] *S. f.* **1.** Cabana de pastores; malha. **2.** Curral de gado: “Levara uma vida livre solto nos campos, ajudando a tocar gado para a malhada, a meter as vacas no curral.” (Inglês de Sousa, *O Missionário*, p. 52) **3.** Rebanho de ovelhas. **4.** Toca de animais selvagens. **5.** *Bras.* Lugar sombreado por grandes árvores, onde o gado costuma proteger-se da soalheira; malhador. **6.** *Bras. N.E.* Lugar onde se reúne comumente o gado, para ser trabalhado. **7.** *Bras.* Baixa úmida, onde medra vegetação análoga a dos agrestes, com predomínio de palmeiras. **8.** *Bras. BA* Lugar onde o gado costuma dormir, em lotes. **9.** *Bras. BA* Plantação de fumo pouco extensa. **10.** *Bras. BA* Lugar de uma plantação de capim de corte. **11.** *Bras. BA* Area gramada a frente da casa, nas fazendas de criação da caatinga.

**Malhado**<sup>1</sup>. [Part. de *malhar*<sup>1</sup>.] *Adj.* **1.** Que se malhou; batido ou calcado com malho. **2.** *Bras. Gir.* Diz-se de droga (4) adulterada com misturas. **3.** *Bras. Gir.* Moldado (o corpo ou parte dele) em consequência de ginásticas e exercícios intensos; sarado.

**Malhado**<sup>2</sup>. [De *malha*<sup>2</sup> + *-ado*<sup>1</sup>.] *Adj.* **1.** Que tem malhas ou manchas: *touro malhado*. *S. m.* **2.** *Bras. Bot.* Certo arbusto pitosporáceo.

### (II) MANCHADO

cor

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		1									

### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 1

Córrego da Manchada (1) = Jequitinhonha

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego da Manchada (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + ADJing}]

### Informações Enciclopédicas:

**Mancha.** [Do lat. *macula*, por via popular.] *S. f.* **1.** Nodosa, laivo: *manchas de sangue*. **2.** Malha<sup>2</sup> (1): *as manchas da pele do leopardo*. **3.** Cada toque da distribuição das tintas em um quadro; pincelada. **4.** *Fig.* Labéu na reputação; desdouro, deslustre, mácula: *caráter sem manchas*. **5.** A cama do javali. **6.** *Bibliogr.* A parte impressa da página, por oposição às margens. **7.** *Edit.* Numa página impressa, ou no leiaute desta, o espaço do texto, fotografias, ilustrações e figuras. [Cf., nesta acepç., *margem* (1).] **8.** *Bras.* Certas doenças que atacam o fumo. **9.** *Bras.* Carbúnculo do gado vacum. **10.** *Bras. PR* Concentração abundante de erveiras em um dado terreno. **Mancha branca.** *Astr.* Marca superficial, branca, de duração efêmera, que aparece em zonas de diferente latitude do planeta Saturno e tem permitido determina-lhe o período de rotação. **Mancha estelar.** *Astr.* Região de baixo brilho situada na superfície das estrelas. **Mancha solar.** *Astr.* Manifestações da atividade solar que se apresenta sob a forma de uma mancha escura que ocupa uma pequena região do disco solar. **Mancha vermelha.** *Astr.* Marca superficial, rósea, situada na zona temperada sul do planeta Jupiter, e observada pela primeira vez em 1665, por J.D. Cassini, astrônomo francês de origem italiana (1625-1712). Parece trata-se de massa gasosa flutuante na superfície do planeta. **Manchado.** [Part. de *manchar*.] *Adj.* **1.** Que se manchou; enodado, sujo. **2.** Que tem manchas ou malhas; malhado: *Voltou-se a usar tecido manchado*. **3.** *Fig.* Maculado, deslustrado, desacreditado, infamado.

### (12) MELGAÇA

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 1

Acidentes Físicos:

Acidentes Humanos: 1

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
			1								

Fazenda Melgaça (1) Metropolitana

Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]

Fazenda Melgaça (1) Nf [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:



**Melgaço.** [De *mel*, certamente.] *Adj. Bras. N.* Louro; melado.  
Origem: Português<Latim

(13) **MESCLA****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Total de topônimos no Estado: 4

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
					2	2					

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 3

Córrego Mescla (1) = Oeste de Minas

Serra da Mescla (1) = Norte

Vereda Mescla (1) = Norte

Acidentes Humanos: 1

Localidade Mescla (1) = Oeste de Minas

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego Mescla (1) = Nm [ADJsing]

Serra da Mescla (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

Vereda Mescla (1) = Nf [ADJsing]

Localidade Mescla (1) = Nf [Ssing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Mescla.** [Do *mesclar*.] *S. f.* **1.** Mistura de elementos diversos; amálgama, misto: “O ambiente fizera-se de um tom morno é duvidoso, em que havia mescla de claridade e sombra.” (Aluísio Azevedo, *O Mulato*, p. 131). **2.** Mistura de substâncias da mesma natureza para se obter um todo homogêneo. **3.** Agrupamento ou reunião heterogênea: mescla de *burgueses e mendigos*. **4.** Tecido em que os fios da trama e da urdidura são de cores diversas: “rifla a tiracolo, terçado na cinta, calças e blusa de mescla azul.” (Raimundo Morais, *Na Planície Amazônica*, p. 131). **5.** Tecido cujos fios são constituídos de uma mistura de várias fibras. **6.** A coisa mesclada. **7. Fig.** Impureza; imperfeição; falha: *uma felicidade sem mescla*. *Adj. 2 g. e 2 n.* **8. Bras.** Diz-se do tecido mescla: *brilho mescla*. **9. Bras.** Feito de tecido mescla: “O elegante senhor, de paletó mescla, calça

listrada e chapéu-coco, dá uma volta pela sala” (Francisco Inácio Peixoto, *Passaporte Proibido*, p. 33).

**(14) NEGRO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 12**

**Origem da base léxica cromotoponímica: português**

**Gênero: Masculino e feminino**

**Número: singular e plural**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1		1	5					2	2		1

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 11

-Serra Negra (8) - Campos das Vertentes (1), Jequitinhonha (1), Metropolitana (4), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (1), Mata (1)

-Serra Negra de Baixo (1) - Metropolitana

-Rio Negro (2) - Vale do Mucuri

Acidentes Humanos: 1

-Fazenda Negrito (1) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

-Serra Negra (8) = Nf [ADJsing]

-Serra Negra de Baixo (1) = NCf [ADJsing + {Prep + ADV}]

-Rio Negro (2) = Nm [ADJsing]

-Fazenda Negrito (1) = Nm [Ssing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Negro.** (ê) [Do lat. *nigru.*] Adj. 1. De cor preta. 2. Diz-se dessa cor, preto: *terno de cor negra*. 3. Diz-se de indivíduo de etnia, ou raça negra. 4. Preto (6). 5. Sujo, encardido, preto: A criança está com as mãos negras. 6. Preto (3): As nuvens negras anunciavam tempestade. 7. Muito triste, lúgubre: pensar (Casimiro de Abreu] o fazia que sua morte poderia ocorrer em Lisboa mergulhar na mais negra infelicidade." (Carlos Drummond de Andrade, *Confissões de Minas*, p. 28). 8. Melancólico, funesto, lutuoso: Negro destino o esperava. 9. Maldito, sinistro: *Em negra hora chegou ali aquele bandido*. 10. Perverso, nefando: O negro crime abalou a cidade. [Superl, abs, sint. *negríssimo, nigérrimo*.] -V. buraco cambio corpo humor licor língua-a, lista-a, lixívia-a, luz-a, magia-a, Poeta

pólvora-a e ponto. **S. m.** 11. Indivíduo de etnia, ou de raça negra. 12. P. ext. Escravo (4). 13. *Opt.* A cor de um corpo que absorve integralmente toda a radiação luminosa visível que sobre ele incide. 14. *Tip.* V. preto (7). 15. *Bras.* Fam. Pop. V. negro (1). 16. *Bras.* Gir. Homem, pessoa, indivíduo; negro (è), neguinho: *Há muito negro que não sabe o que é trabalhar.* [Aum: *negrão, negralhão, negraço*, dim.: *negrinho, ne grito, negrilho.*] Negro velho. *Bras.* Tratamento familiar, carinhoso, mais ou menos equivalente ao de meu negro (q. v.). (Cf. negro-velho.) Meu negro. *Bras.* Trata mento familiar, carinhoso, e algumas vezes algo irônico, equivalente a 'meu bem', 'meu amigo', meu negro, meu bichinho: *Que é que há, meu negro? Calma, meu negro, isto não vai assim, não! Trabalhar como um negro. Trabalhar muito.*  
Origem: Português<Latim

**(15) PARDO****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 28****Origem da base léxica cromotoponímica: português****Gênero: Masculino****Número: singular****Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	8	3	2		11		2				2

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 28

Rio Pardo (18) - Central Mineira (1), Jequitinhonha (1) , Norte (12), Sul/Sudoeste de Minas (2), Mata (2)

Rio Pardo Grande (5) - Central Mineira (4), Jequitinhonha (1)

Rio Pardo Pequeno (4) - Central Mineira (3), Jequitinhonha (1)

Rio Pardinho (1) - Norte

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Rio Pardo (18) = Nm [ADJsing]

Rio Pardo Grande (5) = NCm [ADJsing + ADJsing]

Rio Pardo Pequeno (4) = NCm [ADJsing + ADJsing]

Rio Pardinho (1) = Nm [ADJsing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Pardo.** [Do lat. (*leo*) *pardus* (por se considerar que *pardus* era um adj. referente as manchas da cor escura que distinguiriam o leopardo do leão), com infl. poss. do esp. ant, e port. *pardal* (q.v.), outro animal de cor parda, ou do gr. *párdalos* (v. *pardal*).] **Adj. 1.**

De cor entre o branco e o preto; quase escuro. **2.** De um branco sujo, duvidoso. **3.** De cor pouco brilhante, entre o amarelo e o castanho: *papel pardo*. **4.** Diz-se de qualquer dessas cores: *animal de cor pardo*. **5.** Mulato (5): *homem pardo*. ~ V. *algas – as, eminência – a, hematita – a e molho –*. **S. m.** **6.** A cor parda. **7.** Mulato (1).  
Origem: Português<Latim

**(16) PINTADO****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 12****Origem da base léxica cromotoponímica: português****Gênero: Masculino e feminino****Número: singular e plural****Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		4	1		7						

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 7

Córrego do Pintado (3) - Jequitinhonha (1), Norte (1), Metropolitana (1)

Lagoa Pintado (1) - Jequitinhonha

Córrego Pintado (2) - Jequitinhonha (1), Norte (1)

Acidentes Humanos: 5

Localidade Pintada (1) - Norte

Localidade Pintado (2) - Norte

Povoado Pintado (1) - Norte

Fazenda do Pintado (2) - Jequitinhonha (1), Norte (1)

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego do Pintado (3) - Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

Lagoa Pintado (1) - Nf [S/ADJsing]

Córrego Pintado (2) - Nm [S/ADJsing]

Localidade Pintada (1) - Nf [S/Ssing]

Localidade Pintado (2) - Nf [S/Ssing]

Povoado Pintado (1) - Nm [S/Ssing]

Fazenda do Pintado (2) - Nf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]

**Informações Enciclopédicas:**

**Pinta**<sup>1</sup>. [Dev. de *pintar*.] **S. f.** **1.** Pequena mancha. Salpicado, pingo. **2.** Pequena mancha escura, artificial ou não, na cútis, sinal. **3. Med.** Treponematose em que a pele apresenta manchas, ou brancas, ou azuis, ou violetas, ou cor de café, ou vermelhas, e que é causada pelo *Treponema carateum*, supondo-se que seja, habitualmente, transmitida por contato de pessoa a pessoa. **4. Pop.** Aparência, aspecto; fisionomia, feição: *A pinta do rapaz é ótima*. **5. Bras.** Sinal, indicio: *Está com pinta de chover*. **6. Bras.** Padrão<sup>1</sup> (4). **7. Bras.** Amostra de jazida aurífera. **Pinta do olho.** *Bras.* Expressão do olhar. **Conhecer pela pinta.** *Bras.* Conhecer à primeira vista, por certos sinais e/ou modos.

**Pintado**<sup>1</sup>. [Part. de *pintar*.] **Adj.** **1.** Representado por meio de pintura. **2.** Coberto de tinta: *Parade pintada*. **3.** Que tem cores; coloridos: *O papel pintado alegrou o corredor da casa*. **4.** Cheio de pintas; mosqueado: *É sardento, tem o rosto pintado*. **5.** Perfeito, excelente. **6.** Muito parecido; idêntico, igual: *É o pai pintado*. **7. Bras.** BA Audacioso, atrevido. ~ V. *papel* –. **S. m.** **8. Ant.** Chita (1). **9. Bras.** Pessoa capaz de determinada coisa. **10. Bras.** Almoço de roceiro; feijoada, milho pilado, tocinho e carne-seca de porco.

## (17) PIRANGA

cor

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 22

Origem da base léxica cromotoponímica: tupi / tupi+português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
5			6				3				8

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 15 ocorrências

Rio Piranga (10) - Campo das Vertentes (4), Metropolitana (2), Zona da Mata (4)

Córrego Piranga (1) - Sul/Sudoeste de Minas

Córrego Piranguinha (2) – Zona da Mata (1) e Metropolitana (1)

Ribeirão Piranga (1) - Sul/Sudoeste de Minas

Ribeirão Piranguinho (1) - Sul/Sudoeste de Minas

Acidentes Humanos: 7

Fazenda Piranga da Capela Nova (1) - Campos das Vertentes

Fazenda Piranguita (1) - Metropolitana

Povoado Piranga (1) - Metropolitana

Povoado Piranguita (1) - Metropolitana

Cidade Piranga (1) - Mata  
Localidade Piranga (1) - Mata  
Vila Piranguinha (1) - Mata

#### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

○ Rio Piranga (10) = Nmf [Ssing]  
○ Córrego Piranga (1) = Nmf [Ssing]  
○ Córrego Piranguinha (2) = Nmf [Ssing]  
○ Ribeirão Piranga (1) = Nmf [Ssing]  
○ Ribeirão Piranguinho (1) = Nmf [Ssing]

A Fazenda Piranga da Capela Nova (1) = Nmf [Ssing + Ssing + {Prep + Artigo singular + Ssing + ADJsing}]  
A Fazenda Piranguita (1) = Nmf [Ssing]  
○ Povoado Piranga (1) = Nmf [Ssing]  
○ Povoado Piranguita (1) = Nmf [Ssing]  
A Cidade Piranga (1) = Nmf [Ssing]  
A Localidade Piranga (1) = Nmf [Ssing]  
A Vila Piranguinha (1) = Nmf [Ssing]

#### Informações Enciclopédicas:

**Piranga.** [Do tupi.] *Adj.* **2 g. 1. Bras.** Vermelho, encarnado. *S. m. 2. Bras.* Barro vermelho. *S. f. 3. Bras. Amaz. Bot.* Arvoreta da família das bignoniáceas (*Arrabidaea chica*), com que os índios preparavam um corante vermelho para a pele. As folhas fermentadas e cozidas, produzem o corante, que, insolúvel em água, era dissolvido em óleo de andiroba. [Sin., nesta acepç.: *carajuru, chica, cipó-cruz, guajuru.*] **4. Bras. Amaz. V. sabiá-laranjeira.**

#### (18) PRETO

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 100

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular e plural

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
	3	5	12	6	7	3	7	6	1	35	15

#### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 95

Capão Preto (1) - Central Mineira  
 Rio Preto (46) - Central Mineira (2), Jequitinhonha (3), Vale do Mucuri (1), Noroeste (5), Norte (4), Metropolitana (9), Oeste de Minas (1), Rio Doce (5), Sul/Sudoeste de Minas (4), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (2), Mata (11)  
 Rio Preto de Itambé (2) - Metropolitana  
 Rio Preto Pequeno (1) - Sul/Sudoeste de Minas  
 Rio Preto de São Simão (1) - Mata  
 Rio Pretinho (2) - Rio Doce  
 Córrego Preto (27) – Norte (2), Metropolitana (1), Oeste de Minas (1), Rio Doce (19), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (2), Mata (2)  
 Lagoa Preta (8) - Oeste de Minas (1), Rio Doce (4), Mata (1), Jequitinhonha (2)  
 Lagoa Preta de Baixo (1) - Rio Doce  
 Lagoa Preta de Cima (1) - Rio Doce  
 Ilha das Pretinhas (1) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba  
 Morro Preto (2) - Norte (1), Sul/Sudoeste de Minas (1)  
 Mata Preta (1) - Noroeste  
 Serra Preta (1) - Sul/Sudoeste de Minas

Acidentes Humanos: 5

Localidade Malhada Preta (1) - Jequitinhonha  
 Localidade Preto (2) - Rio Doce  
 Fazenda da Preta (1) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba  
 Fazenda Pretinho (1) - Norte

### **Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Capão Preto = Nm [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Rio Preto = Nm [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Rio Preto de Itambé = NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + S<sub>sing</sub>}]  
 Rio Preto Pequeno = NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]  
 Rio Preto de São Simão = NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + S<sub>sing</sub> + S<sub>sing</sub>}]  
 Rio Pretinho = Nm [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Córrego Preto = Nm [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Lagoa Preta = NC<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Lagoa Preta de Baixo = NC<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + ADV}]  
 Lagoa Preta de Cima = NC<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub> + {Prep + ADV}]  
 Ilha das Pretinhas = N<sub>f</sub> [{Prep + Artigo plural + Spl}]  
 Morro Preto = NC<sub>m</sub> [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Mata Preta = N<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Serra Preta = N<sub>f</sub> [ADJ<sub>sing</sub>]  
 Localidade Malhada Preta = NC<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub> + ADJ<sub>sing</sub>]  
 Localidade Preto = N<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub>]  
 Fazenda da Preta = N<sub>f</sub> [{Prep + Artigo singular + S<sub>sing</sub>}]  
 Fazenda Pretinho = N<sub>f</sub> [S<sub>sing</sub>]

### **Informações Enciclopédicas:**

**Preto.** preto (ê), [Do lat. "prettu."] Adj. 1. Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão. [Rigorosamente, no sentido físico, o preto é a ausência de cor,

como o branco é o conjunto de todas as cores. v. cor (1).] 2. Diz-se dessa cor. 3. Diz-se de diversas coisas que apresentam cor escura, sombria; negro: *O céu ficou preto de fumaça*. 4. Sujo, encardido. 5. Diz-se do indivíduo negro. 6. Diz-se da cor da pele desses indivíduos, ou da cor da pele clara queimada pelo sol; negro. 7. *Tip*. Diz-se do tipo (ou fio) de traços acentuadamente mais fortes que o normal; negro, gordo. [Nesta acepç., v. *meio-preto*.] 8. *Bras*. Difícil, perigoso; roxo: *Eu vi as coisas pretas*. V. bode, café, chá, fava-a, frades-s. naipes-s, pão e terra-a. **S. m.** 9. Indivíduo negro. [Aum., nesta acepç.: *pretalhão*.] 10. A cor preta [v. de cor (3)]: "Toda de preto vestida / como um poema fechado / num envelope de luto" (Raul Bopp, *Putirum*, p. 147); "Andava quase sempre de preto, cor muito da época." (Carlos Lacerda, *A Casa do Meu Avô*, p. 77). [Sin. (salvo na acepç. 7): *negro*. Pl.: *pretos* (é). Cf. *preto*, adv., *Preto*, mit. e antr., e pl. Pretos.] Pôr o preto no branco. Passar a documento escrito qualquer declaração verbal.  
Origem: Português<Latim

**(19) RAJADO****cor****DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 1****Origem da base léxica cromotoponímica: português****Gênero: Masculino****Número: plural****Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
										1	

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:****Acidentes Físicos: 1**

Córrego dos Rajados (1) Rio Doce

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego dos Rajados (1) = Nm [Prep + Artigo plural + ADJpl}]

**Informações Enciclopédicas:****Rajado**<sup>1</sup>. [De *rajá* + *-ado*<sup>2</sup>.] **S. m.** território ou reinado de um rajá.**Rajado**<sup>2</sup>. [Part. de *rajar*.] **Adj. 1.** Estriado, listrado, raiado. **2. Bras.** Diz-se dos animais que tem manchas escuras: "Com pouco apareceu na porta que dava para a cozinha uma bonita cabra rajada" (Jose de Alencar, *O Sertanejo*, p. 207).



(20) ROSA

cor

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG****Total de topônimos no Estado: 5****Origem da base léxica cromotoponímica: português****Gênero: Masculino e feminino****Número: singular****Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
			1		1	1		1		1	

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 3

Córrego Rosado (1) Metropolitana

Córrego Rosa (1) Rio Doce

Lagoa Rosa (1) Oeste de Minas

Acidentes Humanos: 2

Fazenda Rosada (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Localidade Rosado (1) Norte

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego Rosado (1) = Nm [S/ADJsing]

Córrego Rosa (1) = Nm [S/ADJsing]

Lagoa Rosa (1) = Nf [S/ADJsing]

Fazenda Rosada (1) = Nf [S/Ssing]

Localidade Rosado (1) = Nf [S/Ssing]

**Informações Enciclopédicas:**

**Rosa.** [Do lat. *rosa.*] *S. f.* **1.** *Bot.* A flor da roseira. Sua corola é dobrada, *i. e.*, consta de muitas pétalas, formadas à custa da transformação dos estames. Tem colorido variado (branco, amarelo, inúmeras tonalidades de vermelho, especialmente o muito claro), aspecto belo e delicado, e aroma agradável. **2.** *Bot.* A flor das rosáceas. **3.** A parte rosada das faces. **4.** Mulher muito bonita. **5.** Peça de latão usada pelos encadernadores para dourar os livros. **6.** Rosácea<sup>1</sup> (1). **7.** *Geom.* Rosácea<sup>1</sup> (4). **8.** Boca circular e ornamentada no tampo dos instrumentos de cordas dedilháveis da família do alude, e que também se encontra nos cravos, clavicórdios, e nas espinetas dos sécs. XV e XVI.; rosácea, roseta. **9.** *Bras. MG Chulo* O anus. *S. m.* **10.** *V.* *cor-de-rosa* (3). *Adj.* **2 g e 2 n.** **11.** Que é cor-

de-rosa; róseo: *Trazia vestido e sapatos rosa*. **12.** Diz-se da cor-de-rosa: *lã cor rosa*. V ~ *rosas*.

Origem: Português<Latim

**(21) RUÇÃO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 1**

**Origem da base léxica cromotoponímica: português**

**Gênero: Masculino e feminino**

**Número: singular e plural**

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
					1						

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 1

Córrego do Rução (1) - Norte

**Descrição morfológica de variantes (ocorrências)**

Córrego do Rução (1) = Nm [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]

**Informações Enciclopédicas:**

**Ruço.** [Do lat. *roscidu*, ‘orvalhado’.] **Adj.** **1.** Tirante a pardo; pardacento, pardaço. **2.** Diz-se do cabelo ou da barba grisalha, arruçada, ou da pessoa que tem cabelos ou barbas dessa cor. **3.** *Bras.* Desbotado pelo uso; surrado: *camisa ruça*. **4.** *Pop.* Que tem cabelo castanho muito claro. **5.** *Bras. Gír.* Difícil, complicado, apertado: “A coisa tá ficando ruça” (Rita Lee e Roberto de Carvalho, da música *Alo, alo marciano*.) **S. m.** **6.** *Bras. Pop.* Indivíduo ruço (4). **7.** *Bras. RJ* Névoa densa que alcança a Serra do Mar e se espalha à maneira de massa compacta que impede a visibilidade e umedece ou molha o ambiente. [Flex.: *ruça, ruços, ruças*. Cf. *russo* e flex. *Russa, russos, russas*.]

Origem: Português<Latim

**(22) RUIVO**

**cor**

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

**Total de topônimos no Estado: 2**

**Origem da base léxica cromotoponímica: português**

**Gênero: Masculino e feminino**

**Número:** singular e plural

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
								2			

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 1

Córrego Ruivinho (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Acidentes Humanos: 1

Fazenda Ruivinha (1) Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

**Topônimos (nº de ocorrências) – [Estrutura morfológica]**

Córrego Ruivinho = Nm [S/ADJsing]

Fazenda Ruivinha = Nf [Ssing]

**Informações Enciclopédicas:**

Origem: Português<Latim

(23) *SUJO*

cor

**DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG**

Total de topônimos no Estado: 3

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino

Número: singular

**Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:**

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
					1				1	1	

**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:**

Acidentes Físicos: 3  
 Córrego Sujo (2) - Vale do Mucuri (1), Rio Doce (1)  
 Ribeirão Sujo (1) - Norte

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego Sujo (2) = Nm [ADJsing]  
 Ribeirão Sujo (1) = Nm [ADJsing]

### Informações Enciclopédicas:

**Sujo.** [Do lat. *sucidu*, 'úmido', pelas f. *sucio*, *susiu*. Adj.1. Falta de limpeza, cheio de sujidade(s), emporcalha porco, imundo, sórdido vestido sujo, mãos sujas 2. Manchado, conspurcado, maculado: Indivíduo venal sujo. 3. Infeccionado, contagiado, 4. Em que há muitas incorreções ou emendas: prova tipográfica 5. Fis. Diz-se do horizonte brumoso, mal definido 6. Fig. Diz-se do mar pouco profundo e onde existem recifes, baixos e outros perigos à navegação. 7. Fiz. Que cerra elementos, dados, informações inconvenientes ou prejudiciais a alguém: Tem ficha limpa na polícia. II. Fig. Indecente, indecoroso, imoral, obsceno: é um tipo sujo, incapaz de respeitar as senhoras. 9. Fig Indigno, desonesto, sórdido, torpe, canalha. 10. Bras. Em quem não se pode confiar. 11. Bras. Que perdeu o crédito, desmoralizado. V. guarda-a. Pop. Sujeira, imundície, porcaria. 13. Indivíduo sujo. 14. Bras. Folião que sai à rua pobremente fantasiado, ou com um tipo de fantasia improvisada ou conseguida, a bem dizer, sem despesas. 15. Bras. Pop. V. diabo (2): "Soldado para ela tinha parte com o Sujo." (Bernardo Elis, Veranico de Janeiro, p. 73.) 16. Bras. MG Vegetação superveniente derrubada de uma floresta primária ou secundária, o sujo do mal lavado. Bras Zombar de outrem por defeito ou defeitos que também lhe são próprios; rir-se o roto do esfarrapado.

### (24) TURVO

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 16

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: Masculino e feminino

Número: singular

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
		3	5							7	1

#### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 12

Córrego do Turvo (2) – Jequitinhonha (1), Rio Doce (1)

Córrego Turvo (2) – Metropolitana (1), Rio Doce (1)  
 Ribeirão Turvo Grande (2) - Rio Doce  
 Ribeirão Turvo Pequeno (1) - Rio Doce  
 Rio Turvo (1) - Mata  
 Ribeirão do Turvo (2) - Metropolitana  
 Serra do Turvo (1) - Rio Doce  
 Morro do Turvo (1) - Jequitinhonha

Acidentes Humanos: 4

Localidade Turvo (1) - Jequitinhonha  
 Povoado Turvo de Alvinópolis (1) - Metropolitana  
 Povoado Turvo (2) - Metropolitana (1), Rio Doce (1)

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Córrego do Turvo (2) = NCm [{Prep + S/ADJsing}]  
 Córrego Turvo (2) = Nm [Ssing + ADJsing]  
 Ribeirão Turvo Grande (2) = NCm [ADJsing + ADJsing]  
 Ribeirão Turvo Pequeno (1) = NCm [ADJsing + ADJsing]  
 Rio Turvo (1) = NCm [Ssing + ADJsing]  
 Ribeirão do Turvo (2) = NCm [{Prep + S/ADJsing}]  
 Serra do Turvo (1) = NCf [{Prep + S/ADJsing}]  
 Morro do Turvo (1) = NCm [{Prep + S/ADJsing}]  
 Localidade Turvo (1) = Nf [Ssing + Ssing]  
 Povoado Turvo de Alvinópolis (1) = NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]  
 Povoado Turvo (2) = NCm [Ssing + Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**turvo.** (Do lat. *turbidu*] Adj. 1. Opaco, embaciado. 2. Escuro, toldado, sombrio, turbido: horizonte turvo. 3. Revolto, agitado: mar turvo. 4. Desordenado, confuso. 5. Transtornado, alterado S. m. 6. V turvação (1).  
 Origem: Português<Latim

### (25) VERDE

cor

#### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Total de topônimos no Estado: 47

Gênero: Masculino

Número: singular e plural

#### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHON HA	METROPOLIT ANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOEST E DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
--------------------------	--------------------	-------------------	-------------------------	----------	-------	-------	---------------------------	----------------------	-------------------	---------------------	--------------------

1	3	2	1	4	14		12	5	1	3	1
---	---	---	---	---	----	--	----	---	---	---	---

### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 43

Ribeirão Verde (1) - Noroeste

Rio Verde (20) - Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (5), Sul/Sudoeste de Minas (10), Metropolitana (1), Norte (1), Noroeste (2), Central Mineira (1)

Rio Verde Grande (10) - Norte

Rio Verde Pequeno (2) - Norte

Córrego Verde (3) – Jequitinhonha (2), Campo das Vertentes (1)

Lagoa Verde (5) - Rio Doce (1), Norte (1), Noroeste, Central Mineira (2)

Serra Verde (2) - Sul/Sudoeste de Minas

Acidentes Humanos: 4

Fazenda Verdes Campos (1) - Vale do Mucuri

Fazenda Verde (3) – Mata (1), Rio Doce (2)

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Ribeirão Verde (1) = Nm [S/ADJsing]

Rio Verde (20) = Nm [S/ADJsing]

Rio Verde Grande (10) = NCm [ADJsing + ADJsing]

Rio Verde Pequeno (2) = NCm [ADJsing + ADJsing]

Córrego Verde (3) = Nm [S/ADJsing]

Lagoa Verde (5) = Nf [S/ADJsing]

Serra Verde (2) = Nf [S/ADJsing]

Fazenda Verde Campos (1) = NCm [Ssing + ADJpl]

Fazenda Verde (3) = Nm [Ssing]

### Informações Enciclopédicas:

**Verde** (ê). [Do lat. *viride*.] **Adj. 2g. 1.** Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda: “Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 269). **2.** Diz-se dessa cor: *vestido de cor verde*. **3.** V. *Verdejante*. **4.** Diz-se da planta que ainda tem seiva. **5.** Diz-se da fruta que ainda não está madura. **6.** Diz-se da madeira que não está seca. **7.** Muito pálido: *Ficou verde de susto*. **8.** *Fig.* Tenro, fraco, delicado. **9.** *Fig.* Relativo aos primeiros anos de existência: “Lá se perdia ele para sempre, assim como estes meus verdes anos que em vão procuro reter”. (José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos*, p. 351). **10.** Coberto de vegetação (nativa ou cultivada): *área verde; cinturão verde*. **11.** Relativo à preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ecológico (q.v), ou às ideias ou ações políticas, econômicas, administrativas, dos que defendem essa preservação: *partido verde; legislação verde*. **12.** Relativo ao uso ou à aplicação de princípios ou técnicas não poluentes de exploração de recursos naturais: *O mercado de produtos verdes vem crescendo nos países desenvolvidos*. **13.** Relativo ao, ou que é partidário ou simpatizante do PV (Partido Verde) [v. *verde* (11)]. ~ V. *algas -s, área -, bode -, caldo -, carne -, cinturão -, Inferno -, luz -, marketing -, ouro -, pano -, raio -, sinal -, tapete -, e vinho-*. **S. m. 14.** A cor verde em todas as suas gradações [V.

*cor* (ô)]: “A cana, de um verde doce, estendendo-se pelo baixio, longa e ondulante faixa que acompanha a linha de estrada” (Juarez Barroso, *Mundinha Panchico e o Resto do Pessoal*, p. 10). **15.** *Fís.* No espectro visível (q.v), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros. **16.** A vegetação, as plantas verdes; verdor; verdura: *Há falta de verde.* **18.** *P. ext.* O meio ambiente; a natureza. **19.** *Bras.* Alimentos verdes para o gado. **20.** *Bras. N. E. GO* A estação chuvosa. **21.** *Bras. MG* Pastagem que rebenta após a queima da manga dos campos e as primeiras chuvas. **22.** *Bras. PR RS* Mate amargo; chimarrão. **23.** *Bras. AL* Verdete us. Para matar formigas. *S. 2g.* **24.** *Bras. V. integralista* (2). **25.** *Bras.* Membro do Partido Verde, ou simpatizante dele. **Cair no Verde.** *Bras. RJ Gír.* Fugir para o campo; esconder-se no mato. **Jogar verde.** Plantar verde para colher maduro. **Plantar verde para colher maduro.** Estimular alguém mediante perguntas dissimuladas, a fazer uma declaração, contar um fato; jogar verde.

Origem: Português<Latim

## (26) VERMELHO

cor

### DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG

Total de topônimos no Estado: 93

Origem da base léxica cromotoponímica: português

Gênero: masculino e feminino

Número: singular e plural

### Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:

CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA
1	1	5	17	2	12	4	13	3	0	15	20

### Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:

Acidentes Físicos: 79

Ribeirão Vermelho (26) - Campo das Vertentes (1), Jequitinhonha (3), Oeste de Minas (3), Rio Doce (4), Sul/Sudoeste de Minas (10), Zona da Mata (5)

Lagoa Vermelha (4) – Noroeste (2), Rio Doce (1), Zona da Mata (1)

Riacho Vermelho (2) - Norte

Córrego Vermelho (23) – Norte (3), Metropolitana (5), Rio Doce (9), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (6)

Rio Vermelho (12) – Metropolitana (7), Sul/Sudoeste de Minas (1), Zona da Mata (4)

Serra Vermelha (4) - Central Mineira (1), Jequitinhonha (1), Norte (1), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (1)

Serra do Vermelho (1) - Norte

Morro Vermelho (7) – Jequitinhonha (1), Norte (3), Zona da Mata (1), Oeste de Minas (1), Sul/Sudoeste de Minas (1)

Acidentes Humanos: 14

Fazenda Vermelho Morro (1) - Norte  
 Fazenda Vermelha (1) - Norte  
 Fazenda do Vermelho (1) – Zona da Mata  
 Povoado Vermelho (3) – Metropolitana (2) e Zona da Mata (1)  
 Localidade Vermelho (4) - Rio Doce  
 Localidade Vermelho Novo (1) – Zona da Mata  
 Vila Vermelho Velho (2) - Rio Doce (1) e Zona da Mata (1)  
 Cidade Vermelho Novo (1) - Mata

### Descrição morfológica de variantes (ocorrências)

Ribeirão Vermelho (26) = Nm [ADJsing]  
 Lagoa Vermelha (4) = Nf [ADJsing]  
 Riacho Vermelho (2) = Nm [ADJsing]  
 Córrego Vermelho (23) = Nm [ADJsing]  
 Rio Vermelho (12) = Nm [ADJsing]  
 Serra Vermelha (4) = Nf [ADJsing]  
 Serra do Vermelho (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + ADJsing}]  
 Morro Vermelho (7) = Nm [ADJsing]  
 Fazenda Vermelho Morro (1) = NCf [Ssing + ADJsing]  
 Fazenda Vermelha (1) = Nf [Ssing]  
 Fazenda do Vermelho (1) = Nf [{Prep + Artigo singular + Ssing}]  
 Povoado Vermelho (3) = Nm [Ssing]  
 Localidade Vermelho (4) = Nf [Ssing]  
 Localidade Vermelho Novo (1) = NCf [Ssing + ADJsing]  
 Vila Vermelho Velho (2) = NCf [Ssing + ADJsing]  
 Cidade Vermelho Novo (1) = NCf [Ssing + ADJsing]

### Informações Enciclopédicas:

**Vermelho**<sup>1</sup>. [do lat. *vermiculu* ‘pequeno vermezinho’. Adj. Da cor do sangue, da papoula, do rubi. 2. Diz-se dessa cor: manto da cor vermelha. 3. Afogueado, corado, rubro: ficou vermelha de cólera. 4. Diz-se das partes externas do corpo incidentalmente sujeitas a maior fluxo sanguíneo, congestionado: olhos vermelhos. 5. Diz-se da cantiga ou anedota picante, obscena. 6. Pertencente ou relativo à ex. U.R.S.S.: o exército vermelho. 7. P.ext. fig Comunista, marxista, ou socialista. ~ V. açafraão–, anã–a, bode–, cota–a, cruz–a, lama–a, latão–, mancha–a, naipes–s, planeta–e sinal. 8. Cor vermelha. 9. Indivíduo vermelho. 10. Verniz de resina de sangue-de-drago e álcool. 11. No espectro visível (q.v.), a cor da radiação eletromagnética com os mais longos comprimentos de onda, situados, aproximadamente, entre 620 a 790 nanômetros. 12 Pop condição de prejuízo (de indivíduo, empresa, etc.): estar no vermelho, sair do vermelho.

vermelho<sup>2</sup>. Bras. Designação comum a várias espécies dos lutjanídeos, especialmente o peixe actinoptérigo, perciforme, *Lutjanus aya*. de coloração tendente ao róseo, mais clara no abdome, mancha negra no meio do corpo e na parte anterior. Atinge até 1m de comprimento, e sua carne é boa. Ocorre em toda costa do Brasil, [sim, nesta acepção, acaraaia, acarapurã, caranha, carapitanga, cherne-vermelho, dentão.

Origem: Português<Latim

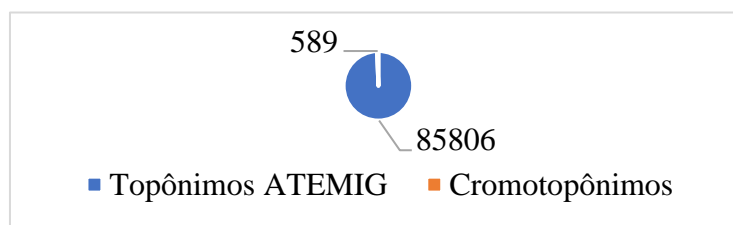


## 6 QUANTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS CORPORA

A seguir, são apresentados os resultados dos cromotopônimos dentro do Projeto ATEMIG, além de sua distribuição por municípios. Também foi retomada a hipótese deste trabalho.

Como apresentado no Capítulo 2, os topônimos que formam o *corpus* de dados contemporâneos deste estudo são provenientes do Projeto ATEMIG. Nesse banco de dados, estão registradas 85.806 ocorrências toponímias de Minas Gerais, das quais 589 são classificadas como cromotopônimos, 5% dos dados totais compilados no projeto, como pode ser visto, a seguir:

Figura 27 – Gráfico do corpus ATEMIG e dados desta pesquisa

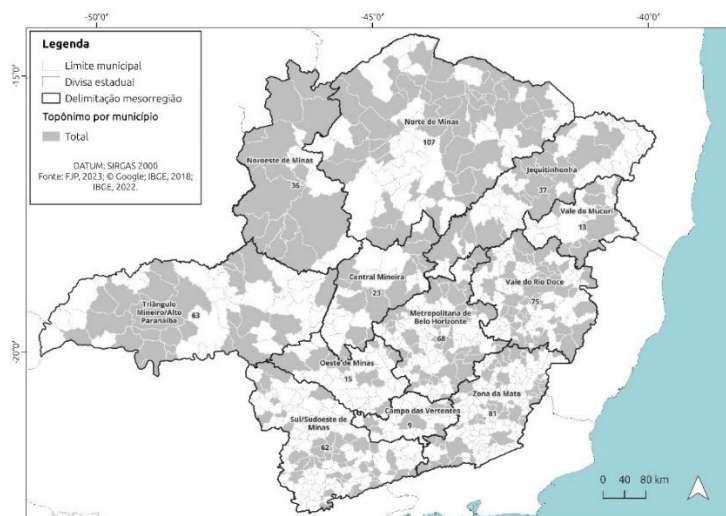


Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tendo em vista os topônimos que fazem referência a cor – doravante cromotopônimos – eles são de natureza física, nomeiam acidentes físicos e humanos.

A seguir, encontra-se a carta toponímica que traz a representação geral dos cromotopônimos distribuídos nos municípios de Minas Gerais.

Figura 28 – Mapa distribuição dos cromotopônimos por Município em Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tendo apresentado o mapa da distribuição dos cromotopônimos por municípios, a seguir, serão apresentados resultados gerais e específicos para demonstrar o duplo aspecto da motivação toponímica na criação de cromotopônimos. Dessa maneira, descreveu e analisou (i) os ambientes físico, econômico e cultural de Minas Gerais, isto é, o sertão das gerais, como motivadores para os denominadores – colonizadores e povoadores na criação dos cromotopônimos, bem como (ii) a origem semântica de cada cor e o significado que revela.

Conforme apresentado anteriormente, as cores relacionam e caracterizam elementos destes ambientes. Considerou-se os referentes de mundo pertencentes ao solo rico de índole mineral, com a presença de muitas minas de pedras preciosas, ao relevo montanhoso, ora abrindo-se em extensos campos, ora fechando-se em matas e vegetação fechadas, à flora abundante, à pujante fauna, sobremaneira, o gado *vacum* – assim como os referentes das atividades de mineração, pecuária e agricultura que possibilitaram a fixação do homem ao território de Minas Gerais. As cores são usadas para se referir a estes elementos que motivam a criação de topônimos.

Desse modo, com o intuito de relacionar o topônimo a fatores históricos e socioculturais da comunidade, partiu-se da hipótese de que, em Minas Gerais, o emprego de nomes relacionados ao universo das cores na toponímia relaciona-se diretamente com o processo de povoamento do estado. Para isso, verificou-se a distribuição geográfica dos cromotopônimos nas doze mesorregiões mineiras, a partir da coleta e da organização dos topônimos que constam no banco de dados do Projeto ATEMIG.

Analisou-se qualitativamente, em Fichas Lexicográficas, as definições e características de cada cromotopônimo, bem como sua distribuição regional, suas variantes e a estrutura morfológica. Diante dessas informações toponímicas, com base nas três constantes fundamentais do ato de nomear, a saber motivação-convenção-identificação (SEABRA, 2004), serão apresentadas análises quantitativas e qualitativas sobre a formação dos cromotopônimos. E, também, fez-se uma leitura das percepções causadas pela cor - não tão aprofundada *a priori*, mas com o objetivo de demonstrar que, por ser um fenômeno sensorial, ela desperta sensações, emoções e sentimentos.

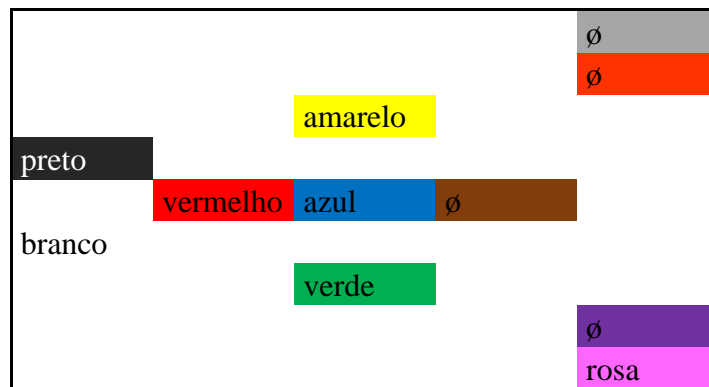
Não foi analisada, obviamente, a constituição química e física dos solos, águas, relevo e clima do ambiente de Minas Gerais. Focalizou na aparência, percepção e categorização das cores que atravessam tal espaço.

A seguir, são apresentados os resultados gerais que vinculam os dados quantitativos à discussão teórica sobre o fenômeno da cor – conforme as perspectivas do Universalismo Linguístico (BERLIN E KAY, 1999) e o Relativismo Linguístico (SAPIR, 1961 – e as ponderações sobre protorregiões (CARNEIRO, 2013), região e regionalização (CUNHA; GODOY, 2003; Projeto ATEMIG).

**6.1 Resultados gerais**

Dentro do espectro cromático universal proposto por Berlin e Kay (1999), as cores primárias, prototípicas, encontradas em Minas Gerais foram:

Tabela 2 - Sequência evolucionária dos termos básicos de cor em Minas Gerais



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Dos onze termos universais existentes, detectaram-se sete para o ambiente de Minas Gerais. Assim, as seguintes respostas foram obtidas para as sete regras colocadas pelos autores:

1) “Todas as línguas contêm termos para o branco e o preto”, logo, no léxico de Minas Gerais também;

2) “Se uma língua contém três termos, ela, então, contém um termo para o vermelho”, logo, ele apareceu no léxico de Minas Gerais, embora tenha havido sete termos universais;

3) “Se uma língua contém quatro termos, ela, então, contém um termo para o verde ou para o amarelo (mas não para os dois)”, eles apareceram no léxico de Minas Gerais, embora tenha havido sete termos universais;

4) “Se uma língua contém cinco termos, ela, então, contém termos para o verde e para o amarelo”; eles apareceram no léxico de Minas Gerais, embora tenha havido sete termos universais;

5) “Se uma língua contém seis termos, ela, então, contém um termo para o azul”; ele apareceu no léxico de Minas Gerais, embora tenha havido sete termos universais;

6) “Se uma língua contém sete termos, ela, então, contém um termo para o marrom”; este termo não apareceu no léxico de Minas Gerais, possivelmente contrariando a sequência evolucionária de Berlin e Kay (1999). No entanto, sua ausência é amparada por termos nuances da cor, ou seja, não existe o termo da cor principal marrom – prototípica – mas existem as nuances, as cores secundárias, o que faz com que este estatuto do termo marrom seja preenchido, quais sejam: pardo, ferrugem e castanho. Obedecendo, portanto, a regra 6. Para além desse cumprimento, essas nuances demonstram a idiosincrasia da língua.

7) “Se uma língua contém oito ou mais termos, ela, então, contém um termo para o roxo, o rosa, o laranja, o cinza ou alguma combinação destes termos”, o rosa apareceu no léxico de Minas Gerais, e o cinza apareceu em suas versões nuançadas – turvo, rução e sujo.

Corroborou-se com Berlin e Kay (1999) a respeito da sequência evolucionária de termos para as cores. Mesmo não havendo os termos marrom e cinza, seus lugares foram ocupados por suas nuances, isto é, não deixando de existir a tonalidade. Laranja e roxo não apareceram no *corpus* da pesquisa, embora suas cores tenham aparecido em textos de viajantes, como Antonil (2012) e Hilaire (1975) e na poesia de Rosa (1956). Pode-se notar o ambiente influenciando a língua, quando o uso das nuances sobre a cor prototípica, em contrário, quando se sobressai, de fato, a cor principal, amplamente utilizada, ter-se-ia a língua influenciando e modalizando o ambiente, portanto a língua influencia a cultura e o pensamento (SAPIR, 1961).

A respeito das particularidades do vocabulário devidas ao relativismo linguístico (ZAVAGLIA, 2006; MARTINS; ZAVAGLIA, 2014; BIDERMAN, NASCIMENTO,

PEREIRA, 2007; GONÇALVEZ, 2017) determinado pelas idiossincrasias da cultura de Minas Gerais, foram encontrados os termos para as seguintes cores:

Tabela 3 - Idiossincrasias no léxico das cores em Minas Gerais

escuro						rução	turvo	sujo
	dourado	melgaça						
negro		piranga	ruivo	anil	parda	ferrugem	castanho	
claro								
	malhado	pintado	mescla	manchada	rajados			

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Ressalta-se que se optou por deixar ao redor do *continuum* os termos de bases lexicais malhado, pintado, rajado, manchado e mescla, uma vez que apresentam um significado sem precisão semântica e pragmática da cor. Estas cores nomeiam em função de outra cor, malhada preta, ou se referindo mais ao referente como um todo, onça pintada, isto é, hiperônimo > hipônimo, em função metonímica, como visto no capítulo 2.

Observa-se também que, como claro e escuro ora se referem a cores propriamente ditas e daí a serem, muitas vezes, nuances, respectivamente, de branco e de preto, e ora se tratam de luminosidades, quando do primeiro caso, preferiu-se, no *continuum*, deixá-las próximas às suas nuances.

Salienta-se que, embora tenham nomes e usos diferentes, preto e negro dizem respeito ao mesmo tom.

Disso resulta a seguinte sequência de bases lexicais de cores encontradas no léxico mineiro conforme os universais e as idiossincrasias da cultura em questão:

Tabela 4 - Termos de cores nos cromotopônimos de Minas Gerais

	escuro							rução	turvo	sujo
		amarelo	dourado	melgaça						
preto	negro									
		vermelho	piranga	ruivo	azul	anil		pardo	ferrugem	castanho
branco										
	claro	verde						rosa		
		malhado	pintado	mescla	manchada	rajados				

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como se nota, há mais bases lexicais típicas da cultura do ambiente, como dourado, melgaça, piranga, ruivo, anil, pardo, ferrugem, rução, turvo, sujo, castanho, malhado, pintado, mescla, manchada, rajado, que termos universais de cor. Isso pode sinalizar que o ambiente influenciou mais a língua (SAPIR, 1969), embora tenham se encontrado mais casos das cores universais, como preto, vermelho e verde, como pode ser visto, a seguir. Dessa forma, recorre-se mais a léxico do que a paletas de cores (PASTOUREAU, 1997).

Tendo isso em vista, a tabela a seguir apresenta a quantidade de bases lexicais de cores encontradas nos cromotopônimos mineiros.

Tabela 5 - Bases lexicais de cores por mesorregião em Minas Gerais

Bases lexicais	Mesorregiões												
	Metropolitana	Central Mineira	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Jequitinhonha	Noroeste	Norte	Triângulo Mineiro	Oeste	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	total
preto	12	3		7	5	6	7	6	3	1	35	15	100
vermelho	17	1	1	13	5	2	12	3	4		15	20	93
dourado	4			18	2	1	3	32	2	4	1	1	68
verde	1	3	1	12	2	4	14	5		1	3	1	47
escuro	1	1			2	6	17	3			1	5	36
malhado	2	4		3	4	1	19	1	1				35
pardo	2	8		2	3		11					2	28
branco	5	2		2	2	1	4	3	1		5	2	27
azul	3		1	1			3		1	3	3	12	27
claro						10	3	3			2	6	24
piranga	6		5	3								8	22
turvo	5				3						7	1	16
amarelo	2			1	2	2	1	2				3	13
negro	5		1		1			2		2		1	12
pintado	1				4		7						12
ferrugem					1					1		4	6
rosa	1						1	1	1		1		5
castanho		1				3							4
mescla							2		2				4
sujo							1			1	1		3
ruivo								2					2
melgaça	1												1
rajado											1		1
manchada					1								1
anil							1						1
rução							1						1
total	68	23	9	62	37	36	107	63	15	13	75	81	589

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Notou-se que as bases lexicais de cores mais usadas foram preto, 100 casos, e vermelho, 93 casos. Em seguida, o dourado com 68 casos. Logo após, o verde teve 47 casos. Na casa dos trinta, apareceram escuro, 36, e malhado, 35. Seguindo, pardo teve 28, branco, 27, azul, 26, claro, 24 e piranga, 22. Abaixo de 20 casos, apareceram turvo, 16, amarelo, 13, negro e pintado 12. Com menos de dez ocorrências, figuraram ferrugem, 6, rosa, 5, castanha, 4, sujo, 3 e ruivo, 2. Com uma única ocorrência, figuraram rajado, melgaça, rução, anil, manchada.

Como foi visto no capítulo 3, Minas Gerais se classifica como uma região cultural majoritariamente de mineração, tendo as atividades da pecuária e da agricultura ocorrendo em paralelo a ela e, da sua decadência, sobrescrevendo-a (DIÉGUES JUNIOR, 1960). E os resultados das ocorrências das bases lexicais com referentes nas cores constituindo sintagmas toponímicos refletiram essas atividades econômico-culturais características das Gerais. As cores caracterizam-nas e nomearam-nas.

Como foi visto no capítulo 2, sobre a definição das cores, a cor preta é a ausência de cor, absorve todos os raios luminosos que incidem sobre ela, refletindo pouca luz. Negro é do mesmo tom de preto, dividem os mesmos significados. Escuro é uma cor próxima à preta, compartilhando do seu significado. Turvo, rução, sujo e pardo também guardam semelhanças com preto e as demais.

O significado dessas cores se relaciona, geralmente, a aspectos materiais como sombra, fumaças, coisas obscuras, sujas, poluídas, e afetivamente, estas se ligam a sentimentos de tristeza e melancolia. E, como foi visto no capítulo 3, quando começaram as picadas rumo ao sertão mineiro, as seguintes características faziam parte da paisagem física do ambiente:

no século XVIII, era um conjunto de vales **sombrios** rodeado por **altas montanhas** (...) cujos habitantes se dedicavam à mineração, nasceram no **fundo** dos vales, à beira das montanhas. Isso naturalmente se explica pelo fato de explorarem o **ouro de aluvião deixado nas areias dos rios**. Ora, o clima desses vales montanhosos é **frio e úmido**. As **altas montanhas condensam as nuvens**, e as chuvas são constantes, provocando a desagregação dos terrenos. Pela manhã e à noite sobe a evaporação do fundo do vale e a **neblina invade as ruas**. **O sol é tardio** em aparecer, muitas vezes só rompendo a garoa no meio do dia. Cedo, porém, já desapareceu por detrás da serra. **Os dias são curtos; as noites, longas e tristes**. **A luminosidade do céu é pouca**, as nuvens "tendo boas desculpas" em qualquer estação. (TORRES, [1943] 2011p. 66-68).

Nota-se, na passagem acima, a presença de um ambiente escuro, preto, pardacento (ouro de aluvião deixado na beira dos rios) úmido, melancólico.

As bases lexicais preta, escura, parda e ruça também nomeiam a cor da pelagem de animais, dessa forma, ligam-se afetivamente a sentimentos de virilidade e energia, característicos da importância desses animais para a formação social do território mineiro.

A base lexical de cor vermelha foi a segunda mais encontrada compondo os cromotopônimos. Como foi visto no capítulo 2, ela é a cor por excelência, a primeira de todas as cores, sendo a cor do sangue, da vida. É cor da terra, o início de tudo, onde se minera, pasta e colhe.



E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão faiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, na qual, dando ou abrindo catas e cavando-a primeiro em altura de dez, vinte ou trinta palmos, em se acabando de tirar esta terra, que de **ordinário é vermelha** (...) (ANTONIL, 2012, p. 197-198).

A base lexical da cor dourada foi também muito achada. Como visto no capítulo 2, essa cor é a cor do ouro, relacionando-se a *status* e poder. É preterida pelos poetas, sendo mais reluzente que o pálido amarelo. É também a cor do sol, tão característico do horizonte das gerais. Ademais, é a cor da pelagem dos animais, seres sagrados para formação do território mineiro.

As bases lexicais das cores clara e escura também foram bastante encontradas. Quando cores, estão próximas respectivamente do branco e do preto. A primeira se relaciona a referentes tidos como limpos e límpidos, a segunda, a aspectos sombrios e desconhecidos. O escuro do início da colonização, abriam-se picadas, adentrava-se o sertão pelas enegrecidas matas verdes, exuberantes. O claro diz respeito do “céu destapado” de Minas, dos extensos campos do sertão.

A base lexical malhada também foi bastante encontrada constituindo cromotopônimos. Como foi visto, esta cor de difícil precisão se relaciona à pelagem de animais. Por meio da pata do boi, descobriu-se o sertão, símbolo de progresso. O gado *vacum* consagrou a alimentação do povo da montanha, bandeirantes, mineradores.

Consoante ao que foi explanado no capítulo 3, o verde é a cor característica dos elementos da natureza. Minas Gerais é banhada pela Mata Atlântica, de potência e exuberância, do sombrio e enegrecido verde das matas.

Averiguou-se que o léxico toponímico da língua em Minas Gerais reflete o ambiente físico e cultural, e, dentro desse sistema macro, insere-se o microssistema linguístico das bases lexicais cromáticas, “singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática” (ZAVAGLIA, 2006, p. 28-29).

Para melhor dizer sobre o uso de um nome de uma cor, de acordo com o contraste e a constância para especificação de uma tonalidade (GUIMARÃES, 2000; OLIVEIRA, 2015), agrupou-as conforme suas escalas cromáticas, isto é, a cor principal mais as secundárias, o que pode ser visto na tabela 7, a seguir. Quando só uma cor é mais encontrada em todas regiões, observou-se como sendo a que tem mais produtividade em sua escala, portanto, ocorre mais e em diversas regiões, sendo considerada a cor principal da escala. Contudo, foram feitas descrições e análises tanto de cada base lexical de cor como também da sua escala. A quantidade das escalas cromáticas, definidas nesta pesquisa, é apresentada conforme Pastoureau (1997), Guimarães (2000), Farina *et al.* (2006) e Heller (2022).

Tabela 6 - Escala cromática por mesorregião em Minas Gerais

Mesorregiões														
Escala	Cores	Metropolitana	Central Mineira	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Jequitinhonha	Noroeste	Norte	Triângulo Mineiro	Oeste	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	total
Vermelho	vermelho	17	1	1	13	5	2	12	3	4		15	20	93
	piranga	6		5	3								8	22
	ruivo								2					2
total		23	1	6	16	5	2	12	5	4		15	28	117
Preto	preto	12	3		7	5	6	7	6	3	1	35	15	100
	negro	5		1		1			2		2		1	12
total		17	3	1	7	6	6	7	8	3	3	35	16	112
Amarelo	dourado	4			18	2	1	3	32	2	4	1	1	68
	amarelo	2			1	2	2	1	2				3	13
	melgaça	1												1
total		7			19	4	3	4	34	2	4	1	4	82
Luminosidade	claro						10	3	3			2	6	24
	escuro	1	1			2	6	17	3			1	5	36
total		1	1			2	16	20	6			3	11	60
Malhado	malhado	2	4		3	4	1	19	1	1				35
	pintado	1				4		7						12
	mescla							2		2				4
	rajado											1		1
	manchada					1								1
total		3	4		3	9	1	28	1	3		1		53
Verde	verde	1	3	1	12	2	4	14	5		1	3	1	47
total		1	3	1	12	2	4	14	5		1	3	1	47
Marrom	pardo	2	8		2	3		11					2	28
	ferrugem					1					1		4	6
	castanho		1				3							4
total		2	9		2	4	3	11			1		6	38
Branco	branco	5	2		2	2	1	4	3	1		5	2	27
total		5	2		2	2	1	4	3	1		5	2	27
Azul	azul	3		1	1			3		1	3	3	12	27
	anil							1						1
total		3		1	1			4		1	3	3	12	28
Cinza	turvo	5				3						7	1	16
	sujo							1			1	1		3
	rução							1						1
total		5				3		2			1	8	1	20
Rosa	rosa	1						1	1	1		1		5
total		1						1	1	1		1		5
total	total	68	23	9	62	37	36	107	63	15	13	75	81	589

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Na tabela acima, analisando a escala cromática em função da mesorregião, pode-se depreender as seguintes ocorrências. A escala cromática mais produtiva foi a vermelha, com 117. Seguindo, a preta, com 112 casos. Logo após, a amarela, com 82 casos. As cores de luminosidade, na sequência, foram bem frequentes, com 60 casos. Malhado, com 53 casos aparece em seguida, e branco, com 51. Abaixo de 50 casos, a escala verde teve 47, marrom, 38, azul, 27, cinza, 20. Rosa teve apenas 5 casos.

A escala cromática do vermelho ocorreu em todas as mesorregiões, com 117 casos, exceto em Vale do Mucuri. Foi mais produtiva na Zona da Mata (28), seguidas do Sul/Sudoeste de Minas (16), Rio Doce (15) e Norte (12).

A escala cromática do preto ocorreu nas doze mesorregiões, sendo mais produtiva no Rio Doce, tendo 36 casos. Foi muito predominante, respectivamente, no Norte (24 ocorrências), Zona da Mata (21), Metropolitana (18), Noroeste (12), Triângulo Mineiro (11). As demais regiões, tiveram entre um a dez casos.

A escala cromática do amarelo ocorreu em quase todas as mesorregiões, com 82 casos, exceto em Central Mineira e Campo das Vertentes. Foi mais produtiva no Triângulo Mineiro (34), seguida do Sul/Sudoeste de Minas (19).

As cores claro e escuro ocorreram em quase todas as mesorregiões, com 60 casos, exceto em Campo das Vertentes, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste e Vale do Mucuri. Foi mais produtiva no Norte (20) seguida por Noroeste (16) e Zona da Mata (11).

A escala cromática do malhado ocorreu em quase todas as mesorregiões, com 53 casos, exceto em Campo das Vertentes, Vale do Mucuri e Zona da Mata. Foi mais produtiva no Norte (26).

A escala cromática do verde ocorreu em todas as mesorregiões, com 47 casos, exceto em Oeste de Minas. Foi mais produtiva no Norte (14), seguida do Sul/Sudoeste de Minas (12).

A escala cromática do marrom ocorreu em quase todas as mesorregiões, com 38 casos, exceto em Campo das Vertentes, Triângulo Mineiro e Rio Doce. Foi mais produtiva no Norte (11).

A cor branca ocorreu em todas as mesorregiões, com 27 casos, exceto em Campo das Vertentes e Vale do Mucuri. Teve produtividade pulverizada em Metropolitana (5), Rio Doce (5), e Norte (4).

A escala cromática do azul ocorreu em quase todas as mesorregiões, com 27 casos, exceto em Central Mineira, Jequitinhonha, Noroeste e Triângulo Mineiro. Foi mais produtiva na Zona da Mata (12).

A escala cromática do cinza ocorreu em quase todas as mesorregiões, com 20 casos, exceto em Central Mineira, Campo das Vertentes, Sul/Sudoeste de Minas, Noroeste, Triângulo Mineiro e Oeste. Foi mais produtiva em Rio Doce (8).

A escala cromática do rosa ocorreu em apenas cinco mesorregiões, quais sejam Metropolitana, Norte, Triângulo Mineiro, Oeste e Rio Doce. Houve apenas uma ocorrência em cada região.

Diante do que foi exposto no capítulo 3, verificou-se a descrição da paisagem física do espaço de Minas Gerais, tendo em vista a composição das suas protorregiões minas, sertões, campos, matas, currais, em suas características do solo, do relevo e da flora (CARNEIRO, 2013). Também foram descritas as atividades econômicas e cultural que erigiram o território estruturando sua base social, a saber mineração, pecuária e agricultura. (CUNHA E GODOY, 2003). E dentro da perspectiva sobre região e regionalização, apresentou-se a divisão do IBGE em doze mesorregiões. (Projeto ATEMIG).

Dessa maneira, com base em Carneiro (2013) e Cunha e Godoy (2003) e diante do estruturado pelo projeto ATEMIG, realizou-se correlações entre as protorregiões e as atividades econômicas-culturais, a fim mesmo de tentar visualizar o ambiente de Minas Gerais da colonização, para mais bem localizar as cores nele e seus termos nomeando referentes de mundo.

- As minas tinham características de descontinuidade entre serras escarpadas e os matos fechados, tendo seus espaços sobrepostos, ocasionando uma dispersão das minas. Nas serras, vilas e povoados mineradores se distribuíam no alto de terrenos montanhosos, na serra do Espinhaço, onde havia presença de “planuras cobertas por cerrado”, dilatadas até se perderem de vista”. Bem como o solo era rico em minérios. No auge do ouro, havia sentimentos ligados à opulência e riqueza, na sua decadência, tinha ar de tristeza e melancolia. (SAINT-HILAIRE, 1975). Constituíam-se, assim, uma visão de diversidade de paisagens (núcleos auríferos ao centro, campos para agropecuária ao sul, prados curraleiros ao oeste, diamantes no Tijuco) (CARNEIRO, 2013; CUNHA; GODOY, 2003). Atualmente, as mesorregiões que ocupam esse espaço são aproximadamente: Metropolitana, Central Mineira, Noroeste. A atividade de mineração foi abundante nesse espaço.
- Os campos são áreas relativamente planas, de cerrado e caatinga, de ocupação antiga, destinadas à criação de gado. A vegetação campestre divisava, ao norte - serra do Espinhaço, com afloramentos rochosos das minas, e, ao sul - Mantiqueira, com a área dos matos. (CARNEIRO, 2013). A mudança nos aspectos fitogeográficos do terreno contribuiu para consolidar a acepção do campo e da mata enquanto áreas distintas. (CUNHA; GODOY, 2003). Os campos tinham paisagem - visão dilatada - monótona, mas de “pastos salpicados de flores encantadoras, das quais, de longe, se percebiam a família e o gênero” (Saint-Hilaire, 1975, p. 31 apud CARNEIRO, 2013, p. 350). Abrange majoritariamente as mesorregiões Norte, Oeste, maior parte do Triângulo

Mineiro e do Noroeste, e um pedaço do Rio Doce e Campo das Vertentes. Predomínio da atividade da pecuária.

- As matas tinham a paisagem composta por florestas densas e impenetráveis, caminhos ocultos e muitos cursos d'água; solo fértil para plantio, era fonte de variedade de madeiras, contudo tinha aparência de tranquilidade. (CARNEIRO, 2013). Mais ao leste da Capitania, adentrava-se, pois, na floresta tropical. Esta região foi marcada pelo pouco povoamento “branco” e várias comunidades indígenas, pela atividade agrícola familiar e a pela cultura do café. Afogado e melancólico caminho em que em dez dias não via outra coisa senão mato e árvores imediatas. De contemplação - visão limitada - de um cenário florestal exuberante e majestoso, com efeitos “pitorescos”. (CARNEIRO, 2013). Abrange mesorregiões Zona da Mata, Sul//Sudoeste de Minas, Vale do Mucuri, Campo das Vertentes, grande parte do Rio Doce e um pedaço do Triângulo Mineiro. Predomina a atividade econômica da agricultura.
- Os currais se localizavam nos sertões. Margeando o Rio São Francisco, estariam os principais prados de criação de gado (CUNHA; GODOY, 2003). Onde havia “largueza de campo” se situavam os currais. Dessa maneira, a criação extensiva e a divisão da terra em currais estimulavam o isolamento de uma comunidade de habitantes, mas, como fator de agregação, principal, tinha-se o rio São Francisco. (CARNEIRO, 2013). A pecuária era considerada uma atividade nobre (ELIA, 1979). O vale do Jequitinhonha é considerado uma área limítrofe entre as protorregiões currais e matos por conta da mudança brusca nas características do relevo e da vegetação. Desse modo, a paisagem campestre cede lugar a matas fechadas e a visão dilatada dá lugar, pois, à limitada. (CARNEIRO, 2013). Abrange majoritariamente as mesorregiões Norte, Oeste, maior parte do Triângulo Mineiro e do Noroeste, e um pedaço do Rio Doce e Campo das Vertentes. Predomínio da atividade da pecuária.
- Definir sertão significa considerar muitas conotações que a palavra e a região evocam, “Para todos, salvo para os sertanejos, o sertão era um estado de espírito e de percepções” (RUSSELL-WOOD, 1998, não paginado, versão on-line). Eram espaços em que havia o isolamento de povoações sertanejas, daí a se pensar, portanto, no sentimento de solidão sertanejo. (CARNEIRO, 2013). Sertões e fronteiras têm traços em comum, pois são vistos como zonas de interseção e de separação. (RIBEIRO, 2008). Em suas formas mais extremadas, a visão de sertão era a extensão de espaço crescente, árido e semiárido, nos interiores de Minas Gerais, composto por vegetação de erva daninha, cerrado de cactos e arbustos espinhentos, constituindo-se em obstáculo a possíveis intrusos.

(Russell-Wood, 1998, não paginado, versão on-line). O sertão, portanto, não se relaciona a uma realidade espacial delimitável, ele é condição atribuída a vários espaços com características físicas diferentes, sendo de muitas percepções óticas. (CARNEIRO, 2013). Abrange todas as mesorregiões, exceto a Metropolitana. Predomina atividades de pecuária e agricultura.

Tendo em vista a correlação feita acima e as características apresentadas na tabela X, no capítulo 3, apresenta-se a análise das mesorregiões em função da escala cromática.

Tabela 7 - Predominância da escala cromática por mesorregião

Mesorregiões	Escala cromática										Total	
	Vermelho	Preto	Amarelo	Luminosidades	Malhado	Verde	Marrom	Branco	Azul	Cinza		Rosa
Norte	12	7	4	20	28	14	11	4	4	2	1	107
Zona da Mata	28	16	4	11		1	6	2	12	1		81
Rio Doce	15	35	1	3	1	3		5	3	8	1	75
Metropolitana	23	17	7	1	3	1	2	5	3	5	1	68
Triângulo Mineiro	5	8	34	6	1	5		3			1	63
Sul/Sudoeste de Minas	16	7	19		3	12	2	2	1			62
Jequitinhonha	5	6	4	2	9	2	4	2		3		37
Noroeste	2	6	3	16	1	4	3	1				36
Central Mineira	1	3		1	4	3	9	2				23
Oeste	4	3	2		3			1	1		1	15
Vale do Mucuri		3	4			1	1		3	1		13
Campo das Vertentes	6	1				1			1			9
<b>total/escala</b>	<b>117</b>	<b>112</b>	<b>82</b>	<b>60</b>	<b>53</b>	<b>47</b>	<b>38</b>	<b>27</b>	<b>28</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>589</b>

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Como se notou, a mesorregião Norte foi a que teve mais ocorrências de cromotopônimos, 107 casos, seguida da Zona da Mata, 81 ocorrências. Em terceiro, o Rio Doce teve 75 ocorrências.

Torna-se perceptível a motivação cromotoponímica nas regiões de sertões, Norte e Zona da Mata, lugares desconhecidos, de flora e fauna intocáveis, sobretudo esta última. A mesorregião Rio Doce por muito tempo também ficou ileso às ocupações, tendo significativa motivação cromotoponímica.

Que diriam aqueles que acreditam nas narrações dos viajantes anteriores, que só falam de matas, de laranjeiras e regiões onde a caça de toda espécie se atropela e onde as mais extravagantes flores enchem a atmosfera com os seus aromas? Que diriam se lhes mostrassem o campo? [...] Sai-se de um extremo a outro; desde a Serra da Estrela somente mata impenetrável, aqui morros calvos. Também são outros os animais que aqui vivem (FREIREYSS, 1906, p. 174 apud CARNEIRO, 2013, p. 349).

As escalas cromáticas para a motivação cromotoponímica mais produtivas nessas regiões foram, respectivamente, malhado (28 casos), vermelho (28 casos) e preto (35 casos). Essas cores, como se verá nesta seção, caracterizam referentes, como pelagem de animais e solos, significando a pujança dos animais e da terra.

Entre 62 a 68 ocorrências de cromotopônimos tiveram as mesorregiões Metropolitana, Triângulo Mineiro e Sul/Sudoeste de Minas. Regiões ocupadas antes dos sertões, inclusive, a primeira foi o primeiro local habitado, perímetro urbano aurífero. Tendo como escalas cromáticas mais produtivas, motivadoras, vermelho, preto e amarelo. Como será visto nesta seção, essas cores também representam a pelagem de animais e solo, além do amarelo (e dourado) representar a cor do ouro. A motivação dos cromotopônimos de base lexical verde também foi significativa no Norte e Sul/Sudoeste de Minas.

As demais regiões tiveram ocorrências, no geral, de malhado, luminosidades, preto, vermelho e marrom como motivações cromotoponímicas.

As motivações cromotoponímicas das escalas cromáticas vermelho, preto, amarelo, luminosidades, malhado e verde foram as mais produtivas ao nomear referentes físicos e humanos no ambiente de Minas Gerais.

A fixação e formação da sociedade mineira se deu do perímetro urbano para o rural, havendo um fluxo “centrífugo, de direção radial das minerações para o interior da capitania. Certo é que as regiões não auríferas foram ocupadas de forma muito mais lenta” (VAL; FREITAS, 2021, p. 61). Dessa maneira, o processo de povoamento das regiões (mesorregiões) de Minas Gerais ocorreu em conformidade às essas atividades econômicas-culturais da mineração, pecuária e agricultura. Ao tentar localizar esse fluxo centrífugo no mapa das doze mesorregiões, ter-se-iam, aproximadamente e de forma bem resumida, dois movimentos:

- (i) perímetro aurífero urbano > regiões paralelas abastecedoras.
- (ii) perímetro aurífero urbano > sertões e/ou perímetro aurífero urbano + regiões paralelas abastecedoras > sertões.

Diante da descrição das características das doze mesorregiões realizada (CUNHA; GODOY, 2003; Projeto ATEMIG) e o processo de povoamento delas, desenha-se o seguinte cenário aproximativo dessa correlação:

Figura 29 – Quadro de correlação entre processo de povoamento, aspectos físicos, econômicos e culturais das mesorregiões mineiras

Mesorregiões											
Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior				
Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Diante das correlações feitas entre protorregiões de Minas Gerais (CARNEIRO, 2013) e as doze mesorregiões definidas pelo IBGE (CUNHA E GODOY, 2003; projeto ATEMIG), bem como o processo de povoamento delas, apresenta-se, a seguir, a relação entre o uso das cores como motivação e composição dos cromotopônimos e o processo de povoamento em Minas Gerais.



Tabela 8 - Correlação entre o processo de povoamento, os aspectos físicos, econômicos e culturais, as mesorregiões mineiras e bases lexicais de cores

Escalas	Cores	Mesorregiões											total	
		Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero					(+ou-) Povoamento posterior						
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri		Zona da Mata
Vermelho	vermelho	17	1	2	5	1	13	4	12	3	15		20	93
	piranga	6				5	3						8	22
	ruivo									2				2
Preto	preto	12	3	6	5		7	3	7	6	35	1	15	100
	negro	5			1	1				2		2	1	12
Amarelo	dourado	4		1	2		18	2	3	32	1	4	1	68
	amarelo	2		2	2		1		1	2			3	13
Luminosidade	melgaça	1												1
	claro			10					3	3	2		6	24
	escuro	1	1	6	2				17	3	1		5	36
Malhado	malhado	2	4	1	4		3	1	19	1				35
	pintado	1			4				7					12
	rajado										1			1
	mescla							2	2					4
Marrom	manchada				1									1
	castanho	2	8		3		2		11				2	28
	ferrugem				1							1	4	6
Verde	castanho		1	3										4
	verde	1	3	4	2	1	12		14	5	3	1	1	47
Branco	branco	5	2	1	2		2	1	4	3	5		2	27
	azul	3				1	1	1	3		3	3	12	27
Azul	anil								1					1
	turvo	5			3						7		1	16
Cinza	sujo								1		1	1		3
	rução								1					1
Rosa	rosa	1						1	1	1	1			5
	Total_região	68	23	36	37	9	62	15	107	63	75	13	81	589

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Dessa forma, observou-se que a maioria das cores caracterizaram o ambiente mineiro desde seu povoamento inicial ao desbravamento dos sertões, motivando a criação de sintagmas toponímicos.

As cores preto, negro, vermelho, piranga, dourado, amarelo, melgaça, escuro, malhado, pintado, pardo, verde, branco, azul, turvo e rosa, compondo cromotopônimos, estiveram presentes desde o povoamento inicial, isto é, foram localizadas no perímetro urbano aurífero, atual mesorregião Metropolitana, centrifugando-se para o interior da capitania, com exceção de melgaça. Havendo assim o movimento (i) perímetro aurífero urbano > regiões paralelas abastecedoras.

Ainda no movimento (i), ao lado dessas bases lexicais, que caracterizaram o ambiente inicial nomeando-o, houve também claro, manchada, ferrugem, castanho, anil, sujo e rução, as quais estiveram presentes em regiões que surgiram paralelas à aurífera. Nas regiões que apareceram no movimento (ii) - perímetro aurífero urbano > sertões e/ou perímetro aurífero urbano + regiões paralelas abastecedoras > sertões - encontram-se ruivo e rajado.

Depreende-se desse cenário, portanto, que as cores preto, vermelho, dourado, luminosidades (claro e escuro), malhado e verde nomeando referente como montanhas e vales sombrios, enegrecidos, solos avermelhados, o sol exuberante, pedra preciosa ouro, bem como representando as atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura acompanharam o processo de povoamento de Minas Gerais. Essas cores motivaram a criação de cromotopônimos ao longo do processo de povoamento, partindo do núcleo urbano aurífero, e, em um fluxo centrífugo de movimento, para os sertões da capitania, tendo características específicas, cores específicas, dependendo da mesorregião de alcance. Assim corrobora-se com Monte-Mór (2001) e Val e Freitas (2021) a respeito do fluxo de migração centrífugo, característico do processo de povoamento e adensamento mineiro, bem como com Seabra (2004) sobre a Língua Portuguesa em Minas acompanhar esse fluxo centrífugo, sendo as cores um micro sistema dentro do léxico (ZAVAGLIA, 2007) que constituem cromotopônimos.

A seguir, serão apresentadas as análises individuais da cor, exibindo os referentes físicos – solo, relevo, flora - que as bases lexicais nomeiam e sua distribuição pelas doze mesorregiões. Dessa forma, o uso das cores para nomear também referentes dos contextos econômicos e culturais que caracterizam a região mineira, quais sejam: mineração, pecuária e agricultura, para análise do estudo do léxico (BIDERMAN, 2006; BERLIN; KAY, 1999) e especificamente o das cores (ZAVAGLIA, 2006; MARTINS; ZAVAGLIA, 2014; BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007; GONÇALVEZ, 2017) na perspectiva onomástica em sua veia toponímica (DICK, 1990a, 1990b). Esta análise será feita considerando as escalas cromáticas, uma vez que as cores primárias e as suas nuances compartilham de definições e características semelhantes e, sendo enxergadas em escala, oferecem mais representatividade para os significados e usos, pois ampliam as possibilidades de nuance que um referente pode apresentar. Além disso, foram descritas as percepções e sensações causadas por cada cor por se tratar de um fenômeno fisiológico e cultural, conforme Pastoureau (1997), Guimarães (2000), Farina *et al.* (2006) e Heller (2022).

## 6.2 Análise da cor e de sua escala cromática

Conforme descrito anteriormente, a seguir serão apresentados os resultados quantitativos de cada base lexical de cor indicando a motivação natural e cultural para compor os cromotopônimos, bem como os resultados das representações dos ambientes pelas escalas cromáticas. Ademais, serão demonstrados os resultados das estruturas morfológicas de cada base lexical, assim como, serão apresentados os resultados da distribuição da escala cromática no processo de povoamento de Minas Gerais. Por fim, descreveu-se sobre emoções e sentimentos despertados por cada cor, considerando que a cor é um processo sensorial, sinestésico. A estrutura textual em cada análise de escala cromática seguiu fluxo semelhante.

### 6.2.1 Escala cromática do preto

No dicionário, como pôde ser visto nas fichas lexicográficas, consta para negro características, como “sujo, encardido, preto (...) Muito triste, lúgubre (...) Melancólico, funesto, lutuoso (...) A cor de um corpo que absorve integralmente toda a radiação luminosa visível que sobre ele incide (...). Para preto “(...) Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão. Rigorosamente, no sentido físico, o preto é a ausência de cor (...) escura, sombria; negro (...) Sujo, encardido”.

A origem da palavra preto deriva do latim *niger*, isto é, escuro, preto, negro (FARINA *et al.*, 2006). No arco-íris, o branco é a soma de todas as cores, já o preto, ausência delas – sendo declarado como uma “não cor”, ou melhor, uma cor sem cor. Nessa perspectiva, o preto e o negro, de acordo com seus significados, são ausências de luz. Tanto o significado sob a ótica da física quanto o do dicionário não distinguem tonalidades diferentes para esses dois termos. O que parece acontecer é que, na prática, quando relacionado às questões sociais raciais, elas são usadas em contextos diferentes. Por ora, pelo fato de estas cores serem iguais em tonalidade e de significado semelhante, foram analisadas juntas.

Sobre estas cores, ao localizá-las no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), nota-se que há o ponto do preto, cor base, prototípica, como pode ser visto, a seguir.



Antes de mais nada, temos que concordar que os efeitos de uma paisagem constituída por montanhas **negras**, dominando o conjunto, montanhas que parecem estar pesando sobre o coração dos homens, só poderia realçar os efeitos da tristeza produzida pelo clima e pelo solo (TORRES, 2011, p. 70).

- do ouro: vem do ouro escuro, recoberto com uma camada de óxido de ferro

“Metal **negrilho** da primeira qualidade é pedra **negra** (...) contudo não tem a perfeição do ouro preto e do ouro do ribeirão (Antonil ([1650-1716] 2012)”;

- dos rios:

(...) Pelo vale a que descêramos corre o Rio de Ouro Preto, pequeno curso, cujas águas, pouco abundantes, são sem cessar divididas e subdivididas pelos faiscadores, e cujo leite, de um vermelho escuro, não apresenta mais que filetes d'agua que correm entre montes de seixos **enegrecidos**, resíduo das lavagens. (...) (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 129-130).

- dos animais:

“De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi **preto** que iam sangrar e carnear em beira d'água.” (ROSA, 1956, p. 35).

Desse modo, consoante ao que foi explicitado, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais preto e negro e suas distribuições entre as doze mesorregiões.

Tabela 9 - Ocorrências das bases lexicais preto/negro distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

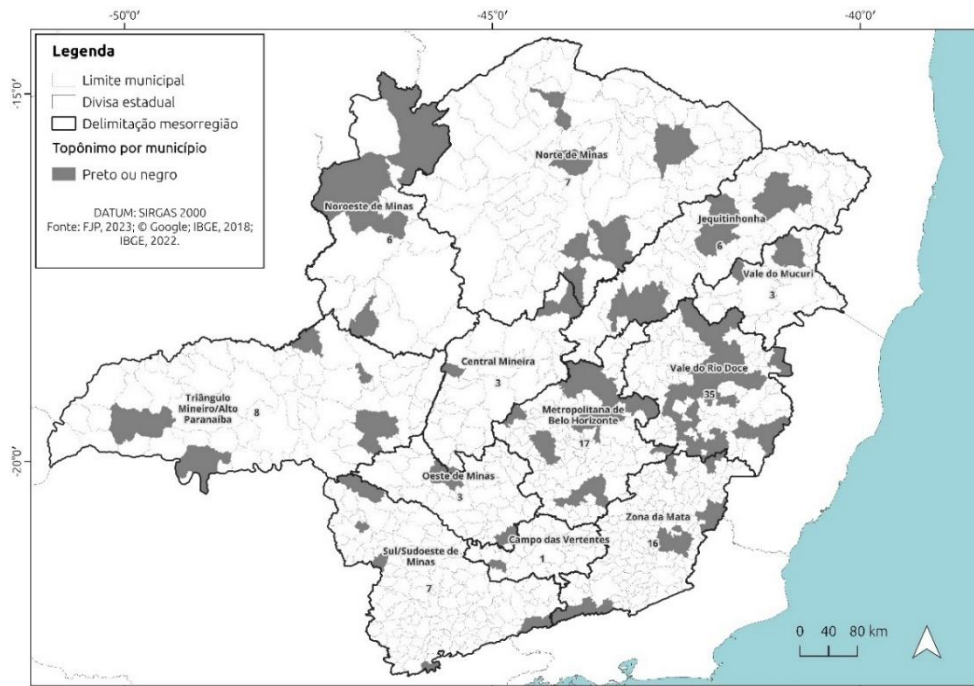
Cor/base lexical	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	total/cor
preto		3	5	12	6	7	3	7	6	1	35	15	100
negro	1		1	5					2	2		1	12
total	1	3	6	17	6	7	3	7	8	3	35	16	112

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical mais encontrada foi preto, ocorrendo em todas as mesorregiões, exceto em Campo das Vertentes. Teve alta frequência no Rio Doce, 35 casos, seguida por Zona da Mata, 15 ocorrências, Metropolitana, 12, tendo as demais regiões entre e a 9 ocorrências. Negro não foi encontrado nas mesorregiões Central Mineira, Noroeste, Norte, Oeste, Sul/Sudoeste de Minas e Rio Doce; foi mais encontrado na Metropolitana, com 5 casos.

A distribuição do cromotopônimo Preto/Negro e suas variantes nos municípios de Minas Gerais encontram-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 31 – Mapa carta dos cromotopônimos preto/negro e suas variantes – escala cromática do preto



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o preto como cor prototípica, universal. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou o termo universal de forma isolada.

A escala cromática, portanto, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para estas cores em questão, as correlações mais frequentes foram a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana e a protorregião das matas correlata a Rio Doce e Zona da Mata, tendo a primeira também protorregiões de campos e de currais. Apresentaram resultados significativos também Triângulo Mineiro (campos, currais e matas), Sul/Sudoeste de Minas (matas), Norte (campos, currais e sertão), Noroeste (campos e minas), Jequitinhonha (campos, currais, minas e matas).

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar a sociedade, as cores preto e negro nomeiam referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, as bases lexicais preto e negro foram mais encontradas no Rio Doce, com 35 casos, isto é, ligando-se às atividades agropastoris – tendo de um lado protorregião de matas, e de outro, campos, currais, havendo, respectivamente, vegetação vigorosa de matas e temperaturas altas, extensas planícies, chapadões. Em seguida, a Metropolitana, com 17, onde predominou a atividade de mineração, nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor, sendo uma protorregião de minas. As cores também foram bastante encontradas na Zona da Mata, 16, onde predominava a atividade agrária por excelência, sobretudo a cafeeira.

De acordo com as definições das cores, pode-lhes delimitar alguns aspectos principais. A cor preta diz sobre referentes como a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão, cor escura, sombria; negro, sujo, encardido. Negro diz de referente que expressa uma cor cinzenta e escura.

No que se refere às atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura, a cor preta está ligada a elas de formas direta e indireta, via nuances. Na mineração, o preto aparenta ser cinza e turvo. Por exemplo, na mesorregião Metropolitana foram encontrados 17 cromotopônimos de base preta e negra, como Rio Preto e Serra Negra. Em se tratando de uma região onde se iniciou a exploração de ouro, há muita poluição e devastação causadas pela mineração, portanto, essas tonalidades podem qualificar os acidentes rio e serra de forma negativa, uma vez que a cor preta/negra têm também por definição ser algo sujo e sombrio.

Na pecuária, encontrou-se o preto está ligado à cor da pelagem os animais e alguns solos enegrecidos de cinza e poeira. De fato, se encontraram cromotopônimos nas zonas características de tal atividade, Triângulo Mineiro (6), Norte (7) e Jequitinhonha (5).

Na agricultura os solos, muitas vezes, têm cor preta, assim como o fruto do café, cuja cultura foi predominante no estado, tem uma cor escura, preta e avermelhada. Nas lavouras cafeeiras, o fruto do café passa a maior parte de sua existência junto ao pé, quando sua coloração é avermelhada, e escurece ao preto sazonalmente, até que chegue o momento de colheita dos frutos. E, de fato, tiveram ocorrências de cromotopônimos de base preta/negra nas áreas Zona da Mata (15) e Sul/Sudoeste de Minas (7), zonas de plantio de café.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, preto nomeou 95 físicos e 4 humanos, e negro 11 físicos e 1 humano, como pode ser visto na tabela, a seguir.

Tabela 10 - Distribuição dos cromotopônimos preto/negro por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes									
	Físicos								Humanos	
	Rio	Córrego	Lagoa	Ilha	Capão	Morro	Mata	Serra	Localidade	Fazenda
preto	52	27	10	1	1	2	1	1	3	2
negro	2							9		1
escala total	54	27	10	1	1	2	1	10	3	3
totais	106								4	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tratando-se da pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 91 casos, sendo 89 por preto, 2 por negro.

A água aparenta ser escura, preta, límpida devido à cor das serras, rochas e das areias enegrecidas, bem como os chapadões fechados de - “terras montuosas” - que contribuem para escurecer o local e dar essa coloração negra.

Primeiramente, em todas as minas que vi e em que assisti, notei que as terras são montuosas, com cerros e montes que vão às nuvens, por cujos centros correndo ribeiros de bastante água, ou córregos mais pequenos, cercados todos de arvoredo grande e pequeno, em todos estes ribeiros pinta ouro com mais ou menos abundância.” (ANTONIL, 2012, p. 197).

A paisagem de matas fechadas enegrece, escurece o ambiente, assim, se neste há algum aquífero, ele se aparentaria preto. A constituição dos solos e das rochas influenciam na cor deles também. E os cromotopônimos de base preta/negra foram encontrados em abundância nas mesorregiões que têm características de mata fechada, muitos rios, Zona da Mata (15 ocorrências) - caracterizava-se pela presença de matas fechadas, exuberante e extasiante vegetação de florestas e expressiva população indígena; e Rio Doce (35 dados) - caracterizava-se pela predominância da ocupação indígena, vegetação vigorosa de matas, pequena presença de população não-indígena.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pela cor preta/negra do ambiente físico (solos, matas, árvores, montanhas, ouro, rios e animais) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), nomeando assim acidentes físicos e humanos. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. E também pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor preto/negro advinda da vivacidade do solo, das matas, dos rios e dos animais, bem como da potência das atividades



de mineração, agricultura e pecuária. Mas, em contrapartida, por analogia e metáfora, também se tem o preto/negro nomeando rios e serras, porém, não no sentido de homenagem e importância, mas sim sob o ponto de vista de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento das atividades econômicas mencionadas.

Dessa forma, as cores preto/negro motivaram sintagmas toponímicos para nomeação de acidentes físicos e humanos, particularmente, os físicos hídricos. Das suas motivações, pode considerar que, majoritariamente, a partir de sintagmas cromotopônimos que nomeiam rios, designam-se outros acidentes físicos e humanos.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores preto/negro, passa-se à análise de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão nas fichas lexicográficas.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Preto:

Port. + Tupi (Preto do Itambé) = 2 casos

Português = 98 casos

Negro:

Português = 12 casos

Quanto ao gênero, para a base lexical pret-, houve 18 construções de sintagmas femininos e 82 masculinos, correspondendo a 15 com construções de gênero em -a e 85 em -o.

Para a base lexical negr-, houve 10 construções de sintagmas femininos e 2 masculinos, correspondendo a 9 com construções de gênero em -a e 3 em -o.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical preta e negra, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical pret-

processo de sufixação com -inh / pret-inha, pret-inho

Construção da base lexical negr-

processo de sufixação com -ito / negr-ito

(ii) Cromotopônimos compostos

Preto de Itambé

Preto Pequeno

Preto de São Simão

Preta de Baixo

das Pretinhas

Malhada Preta

### Negra de Baixo

Houve 8 compostos para pret- e 1 para negr-.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos – encontrados na Ficha Lexicográfica.

Preto

Adjetivos = 95 / Nomes = 5

Negro

Adjetivos = 11 / Nomes = 1

Em relação às flexões dos compostos, foi identificada apenas uma construção para o termo preto: Ilha da(s) Pretinha(s).

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 11 - Correlação entre as bases lexicais preto/negro, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior				total	
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce		Vale do Mucuri
preto	12	3	6	5		7	3	7	6	35	1	15	100
negro	5			1	1				2		2	1	12
total	17	3	6	6	1	7	3	7	8	35	3	16	112

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical preto foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 12 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste, com 24 ocorrências ao todo. Ressalta-se que as três primeiras também são regiões auríferas. Preto continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 7 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 15 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro, Rio

Doce e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 42 casos. É na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Rio Doce, que mais ocorreu base lexical preto.

A base lexical negra foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 5 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Jequitinhonha e Campo das Vertentes. Negro continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – tendo 1 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 4 casos.

Preto e negro acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Sendo preto mais produtivo na região intermediária entre urbano e sertão, Rio Doce, de atividade agropastoris.

No geral, as cores preto/negro nomeiam referentes que constituem as atividades de mineração, agricultura e pecuária. E, como se notou, representa tanto aspectos positivos – vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, matas, campos e currais, bem como os referentes constituintes da importância das atividades econômicas e culturais da mineração, agricultura e pecuária – quanto negativos – preto/negro nomeiam aspectos da poluição e devastação causadas pela ação humana.

Tendo em vista a produtividade e motivação destas cores encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Dessa forma, na associação da cor preta/negra ao ambiente, depreende-se um estado afetivo que se liga a viril e energético como a vivacidade dos animais e à pujança do solo indicando vida, bem como a potência destes para atividades agropastoris. Também a cor preta que os rios recebem a depender das rochas e solos que os cercam, ou as montanhas no amanhecer, ou quintessência das matas fechadas que escurecem, enegrecem com vivacidade o lugar. Em contrapartida, o preto remete a um estado sombrio, sujo, morto, fim por conta da destruição causada pela mineração - a mudança drástica na paisagem, a contaminação dos rios, a desassoreação dos solos, a morte da fauna e flora. Em associações afetivas com a cor preta e suas nuances, tendo vista ao lado negativo e sombrio, desperta-se sensações, emoções e sentimentos de mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, frigidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga (FARINA *et al.*, 2006, p. 98).



E, tirado este cascalho, aparece a piçarra, ou piçarrão, que é duro e dá pouco, e este é um barro amarelo ou quase **branco**, muito macio, e o **branco** é o melhor, e algum deste se acha que parece talco ou malacacheta, a qual serve como de cama onde está o ouro (ANTONIL, 2012, p. 197- 198).

Primeiramente, pela maior parte, se acham as minas de prata em terras vermelhas e **brancas**, limpas de árvores e de poucas ervas; e sempre se hão de buscar no cume dos outeiros ou cerros (ANTONIL, 2012, p. 202-204).

(iv) pedras, metais

A pedra é de várias cores, diferente das outras, e muito alegre: **branca**, negra, a modo de malacacheta que se lança nas cartas (ANTONIL, 2012, p. 202-204).

(v) rio e cachoeira

Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo. Agora eu queria lavar meu corpo debaixo da cachoeira **branca** dum riacho, vestir terno novo, sair de tudo o que eu era, para entrar num destino melhor. Anda que levantei, a pé caminhei em redor do arrancho, antes do romper das horas d'alva. Saí no grande orvalho (ROSA, 1956, p. 288, 446)

- animal

Tinha sido aquilo: Joca Ramiro chegando, real, em seu alto cavalo **branco**, e defrontando Zé Bebelo a pé (ROSA, 1956, p. 355)

Destarte, os seguintes resultados foram encontrados para a base lexical branco e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 12 - Ocorrências da base lexical branco distribuída nas doze mesorregiões mineiras

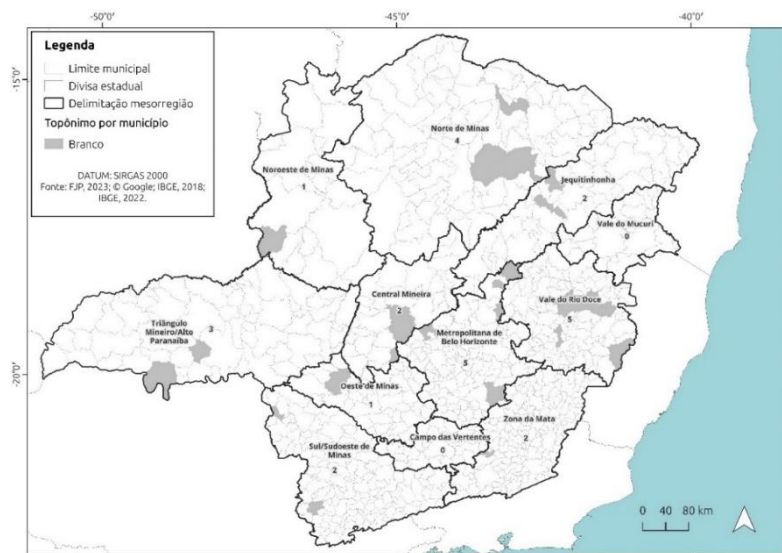
Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
branco		2	2	5	1	4	1	2	3		5	2	27

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical branco teve 27 ocorrências, como pôde ser visto na tabela.

A distribuição do cromotopônimo Branco e suas variantes nos municípios de Minas Gerais encontram-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 33 – Carta do cromotopônimo branco e suas variantes – escala cromática do branco



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o branco como cor prototípica, universal. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou apenas o termo universal.

A base lexical branco foi encontrada em quase todas as regiões, exceto em Campo das Vertentes e Vale do Mucuri. Sua frequência ficou entre 1 a 5 ocorrências, prevaleceu, assim, nas mesorregiões Metropolitana (5), Rio Doce (5), Norte (4) e Triângulo Mineiro (3).

A escala cromática, portanto, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a cor em questão, a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana, a protorregião das matas correlata a Rio Doce, as protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte e Rio Doce.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a cor branca foi mais encontrada na Metropolitana,

com 5 casos, onde predominou a atividade de mineração, nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor, sendo uma protorregião de minas; também foi produtiva no Rio Doce, com 5 casos, onde se encontram as atividades agropastoris, tendo protorregiões de matas, campos e currais, assim, consistindo a primeira de vegetação vigorosa de matas fechadas, as últimas de temperaturas altas, extensas planícies, chapadões. A mesorregião Norte apresentou 4 bases lexicais, sendo esta caracterizada também por campos, currais, além de ter sido protorregião de sertão.

“Em muitas línguas, ‘branco’ e ‘preto’ são as primeiras palavras para as cores, como diferenciação entre claro e escuro, entre dia e noite. Essa é a mais fundamental diferenciação de todas as cores” (HELLER, 2022, p. 156). De acordo com Heller (2022), seria a cor do início, quando da criação do mundo por Deus, a hóstia, cuja cor é branca, simboliza Cristo vivo. É a cor dos deuses e sacerdotes. Os anjos são pintados de branco. Na Índia, o gado branco é a corporificação da luz. Cor da clareza e exatidão. No sentido da física, o branco não é uma cor, mas sim uma luz. Para a simbologia das cores, o branco é, sim, uma cor. A cor branca, pelo significado lexicográfico, tem como referentes luz, neve, leite, claro, translúcido, prateado, vazio etc.

Ela é encontrada em elementos/referentes que constituem a atividade da pecuária, como exemplo a pelagem dos animais. Além do céu limpo, branco, que pode ser visualizado *in situ* em campos e currais de gado, no sertão, daí a se relacionar à pecuária. No Jequitinhonha, onde toda a região é montanhosa, especialmente ao norte; e os cumes das serras, em sua maioria, formam extensas chapadas ou tabuleiros, tem extensa atividade agropastoril, foi encontrado o sintagma toponímico Fazenda Malhada Branca – referindo possivelmente ao gado, talvez que tivessem especificamente a cor malhada branca. Esse mesmo céu é visto para além das matas fechadas, onde também a água branca pode significar limpa e límpida para plantações – ligando-se à atividade de agricultura. A cor branca pode indicar os referentes barro e areia branca, de onde se extrai ouro, teve 5 ocorrências na região das minas por excelência. No geral, a cor branca pode ter sido usada para nomear acidentes no sentido de qualificá-los como simbolizando luz, luminosidade, limpeza, clareza, perfeição, pureza e vazio.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a base lexical branco nomeou mais acidentes físicos, 22 casos, humanos tiveram apenas 4 ocorrências.

Tabela 13 - Distribuição do cromotopônimo branco por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes							
	Físicos						Humanos	
	Ribeirão	Lagoa	Córrego	Rio	Serra	Morro	Fazenda	Sítio
branco	1	3	13	1	3	1	3	1
totais			22				4	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 18 casos.

Dessa forma, a cor branca motivou a criação de sintagmas toponímicos para nomear rios, e estes nomes designaram acidentes humanos. A água é reconhecida por apresentar cor azul e branca, portanto, por metáfora se fez esse conhecimento compartilhado universal. E por ser o branco a cor da limpeza, pureza, santificação, a qual se nomeia a água, designou fazendas e sítio por homenagem.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pela cor branca do ambiente físico (folhas, flores, barro, areia, pedras, pedras preciosas, rio, cachoeira, animal) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), sendo motivado a batizar, assim, lugares, toponimizandoo. Ele recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para nomeação. Pode ter havido, ainda, um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear características de limpeza, divindade, pureza dos referentes, bem como a pelagem dos animais.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores pardo, castanho e ferrugem, passa-se à análise de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão nas fichas lexicográficas. Essas informações são encontradas na Ficha Lexicográfica.

Logo, a seguir, descreve-se a origem do nome.

Branco:

Português = 27

Quanto ao gênero, houve 18 construções de sintagma no masculino correspondendo à forma de gênero flexionado em -o. E 9 construções de sintagma no feminino, correspondendo 8 à forma em -a e 1 em -o.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação deste cromotopônimo, não houve variação na construção.

Foram identificados 7 cromotopônimos compostos.



Malhada Branca  
dos Brancos  
do Branco

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos – encontrados na Ficha Lexicográfica.

Branco:

Adjetivos = 24 / Nomes = 5

A respeito das flexões dos compostos, foram identificadas 3 ocorrências em Córrego dos Brancos.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 14 - Correlação entre a base lexical branco, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Cores	Mesorregiões												total _cor
	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
branco	5	2	1	2		2	1	4	3	5		2	27

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A base lexical branco esteve presente nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 5 casos, tendo o trabalho de mineração como expoente. E nas regiões de povoamento paralelo ao inicial, Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Sul/Sudoeste de Minas, Oeste, sendo estas regiões de trabalho de mineração, pecuária e agricultura. Branco esteve presente também na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 5 casos no sertão, Norte, por excelência de trabalho na pecuária, e 2 no sertão por excelência de trabalho na agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, de trabalho agropastoris, o Triângulo Mineiro e Rio Doce apresentaram, no total, 8 casos.

Branco acompanhou o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Sendo produtivo em todos os tipos de povoamento. Na região sertão

pecuário, caracterizando a pelagem dos animais e o sol e calor, translúcidos, peculiares da região. Presente no perímetro aurífero representando um tipo de cor do ouro e de solo (areia, barro) de onde o extrai. No sertão agrário simboliza a limpeza e clareza da natureza em si, em seu poderio e exuberância – rios límpidos.

No geral, a cor branca nomeia referentes que representam a vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, matas, campos e currais, bem como os referentes constituintes da importância das atividades econômicas e de trabalho e culturais da mineração, agricultura e pecuária.

Tendo em vista a produtividade e motivação da cor branca encontrada no ambiente e considerando a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Ao branco se associam afetivamente aspectos, como ordem, simplicidade, limpeza, bem, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, pureza, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade (FARINA *et al.*, 2006, p. 97).

### 6.2.3 Escala cromática do vermelho

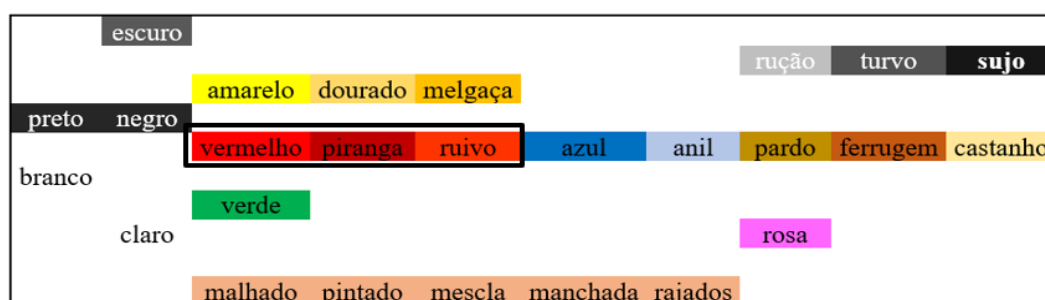
No dicionário consta para a base lexical vermelho características, como “cor do sangue (...) corado, rubro (...) partes externas do corpo incidentalmente sujeitas a maior afluxo sanguíneo, congestionado: olhos vermelhos (...) Comunista, marxista, ou socialista”. Para piranga, “(...) Vermelho, encarnado (...) Barro vermelho (...) Arvoreta da família das bignoniáceas, com que os índios preparavam um corante vermelho para a pele (...)”. Para ruivo, encontra-se “(...) Que tem a cor vermelho-fogo, amarelo-avermelhado; arruivado, ruivacento; rubro. (...) Pessoa cujo cabelo tem essa cor (...)”.

De acordo com as definições das cores, conforme Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2009), Pastoureau (1997), Farina *et al.* (2006), Heller (2022) pode-lhes delimitar alguns aspectos principais. Sobre o vermelho, pela física, é uma cor básica ou primária, pois não pode ser obtida a partir de misturas de outras cores. É a cor por excelência, sendo a primeira de todas. Simboliza a cor do sangue, o bom e o ruim, socialmente se diz da cor da paixão e do perigo. Conforme Heller (2022), os homens que viviam nas cavernas pintavam as paredes rochosas com cores vermelhas de vermelho terra, sendo os mais conhecidos o vermelho ocre e o vermelho bolus. Estas terras contêm óxido de ferro que, oxidado, ganha tal tonalidade. Para Guimarães Rosa, vermelho é a cor do sol, e, assim como existe o olho azul do céu, há o olho vermelho do sol, “despalprado” e “fumegante”, bem como é a cor de pelo de alguns bovinos,

nos dizeres do poeta, “churriado” (BORGES, 2004, p. 116). Said Ali (2006) relata que escritores consideram ruivo uma variante do vermelho. E ruivo se remete a elementos do fogo e sol. Para Rosa, essa nuance se liga mais ao castanho, marrom ou alaranjado, referindo a pelagem de animais (BORGES, 2004). A cor piranga se liga mais elementos da terra, ao corante utilizado pelos indígenas.

Sobre estas cores, ao localizá-las no continuum universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), nota-se que há o ponto do vermelho, cor base, prototípica. As cores piranga e ruivo, por serem secundárias, nuances, ocorrendo em detrimento de idiosincrasias da língua, encontrar-se-iam localizadas ao redor da principal. Haveria a seguinte configuração:

Figura 34 – Quadro localização dos termos vermelho, piranga e ruivo no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo características em comum e correspondendo a cores base e secundárias, vermelho, piranga e ruivo compõe a escala cromática do vermelho. Sendo assim, essas cores foram analisadas em suas particularidades e no compartilhamento de aspectos da escala, conforme foi apresentado nas definições das cores.

Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

(i) solos

Um pouco antes de Itambé, a terra, que até la fôra argilosa, **vermellia** e compacta, passa (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 252-253)

Conceição tem aspecto muito árido. O sólo é completamente ferruginoso e de um **vermelho** denegrado (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 341)

Nenhum dos dois grupos alcança o cume dos morros; esse ficou nú, e apenas mostra um solo **avermelhado** e quasi desprovido de vegetação (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 132-133)

## (ii) sol

(...) começou, porém, a esquentar fora da conta. Nem uma nuvem no céu, para adoçar o sol, que era, com pouco maio, quase um sol de setembro em começo: despálpebrado, em relevo, vermelho e fumegante (ROSA, 1985, p. 307 apud Borges, 2004, p. 114)

## (iii) rios

Pelo vale a que descramos corre o Rio de Ouro Preto, pequeno curso, cujas águas, pouco abundantes, são sem cessar divididas e subdivididas pelo faiscadores, e cujo leite, de um **vermelho** escuro, não apresenta mais que filetes d'água que correm entre montes de seixos enegrecidos, residuo das lavagens (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 129-130).

Na extremidade do valle que acabo de descrever, atravessei o córrego de Santa Barbara, cujas águas sujas e **avermelhadas** atestavam os trabalhos dos mineradores (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233).

## (iv) folhas

As folhas da espécie violeta são reniformes, alongadas, muito obtusas, muito glaucas na face inferior e sustentadas por peciolos **avermelhados** (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 337-338).

## (v) ar

Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo **avermelhado** (ROSA, 1956, p. 35).

## (vi) animais

Deixava a irarinha apontar a cabeça e o pescoço, meio ruivos, mas as flores do curuá, em hissopes alaranjados, estavam camaradissimamente murchas, as folhas de balieira em rubras (ROSA, 1985, p. 304 apud Borges, 2004, p. 122).

Por conseguinte, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores vermelho, ruivo e piranga e sua distribuição entre as doze mesoregiões.

Tabela 15 - Ocorrências das bases lexicais vermelho, piranga e ruivo distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
vermelho	1	1	5	17	2	12	4	13	3	0	15	20	93
piranga	5			6				3				8	22
ruiva									2				2
escala total	6	1	5	23	2	12	4	16	5	0	15	28	117

Fonte: elaborado pela autora (2024).

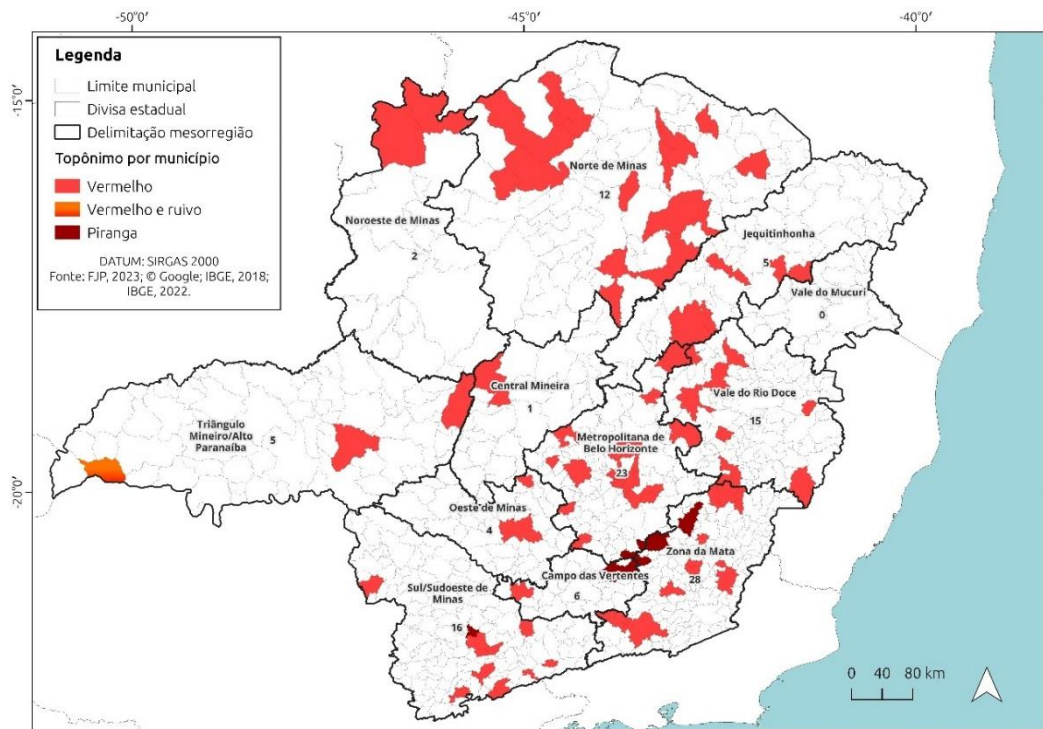
A escala cromática vermelho e suas nuances teve 117 ocorrências. A base lexical vermelho teve 93 ocorrências, piranga 22 e ruivo, 2, como pôde ser visto na tabela.

Esse resultado corrobora, também, com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o vermelho como cor prototípica, universal, e ruivo e piranga sendo secundárias. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que se a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou o termo universal sobre as idiossincrasias.

A base lexical vermelho foi encontrada em todas as mesorregiões, exceto em Vale do Mucuri. Teve alta frequência em Zona da Mata, 20 ocorrências, Metropolitana, 17, Rio Doce, 15, Sul/Sudoeste de Minas, 13, Norte, 12, nas demais teve baixos índices. Essa tonalidade colore todo o espaço de Minas Gerais. Piranga ocorreu em Zona da Mata, 8 casos, Metropolitana, 6, Campo das Vertentes, 5, Sul/Sudoeste, 3. A base ruivo se concentrou no Triângulo Mineiro com apenas 2 casos.

A distribuição da escala do vermelho, isto é, dos cromotopônimos vermelho, ruivo e piranga, e suas variantes nos municípios de Minas Gerais, encontram-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 35 – Carta dos cromotopônimos vermelho, piranga e ruivo e suas variantes – escala cromática do vermelho



Fonte: elaborado pela autora (2024)

A escala cromática, portanto, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana, a protorregião das matas correlata a Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata, Rio Doce, as protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte e Rio Doce.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada na Zona da Mata, com 28 casos, isto é, liga-se à atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira. Lá predominou a ocupação indígena, vegetação vigorosa de matas, pequena presença de população não-indígena, característica de protorregião de matas. Em seguida, a Metropolitana, com 23, onde predominou a atividade de mineração, nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor, sendo uma protorregião de minas; Sul/Sudoeste de Minas, 16, onde predominava a atividade agrária por excelência, sobretudo a cafeeira. Rio Doce, com 15 casos, em que se predomina também a atividade agropastoril. Norte, com 12, região da pecuária por

excelência, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais. As demais tiveram entre 1 a 6 casos da escala.

Sobre a cor vermelha, ela é encontrada em elementos/referentes que constituem a atividade da pecuária que se intensificou e prosperou por conta queda da produção aurífera na Capitania das Minas Gerais. Mais especificamente à pelagem, bem como ao abate, processamento e armazenamento de produtos de origem animal.

Segundo Zemella (1990):

A região das lavras, sendo muito acidentada e desprovida de pastagens, não permitia a criação de bovinos nas suas cercanias. Um dos primeiros núcleos de produção de bovinos a aparecer nas vizinhanças das cidades mineiras foi o Curral del-Rei, localizado no sítio onde se encontra Belo Horizonte. É possível que outros pequenos currais tenham surgido na zona aurífera, mas o pastoreio só poderia ser efetuado em pequeníssima escala, por causa da natureza dos terrenos. Durante muitos anos praticamente foi o porco o único animal criado nas vizinhanças das catas. O suíno não exige pastos extensos. Por isso, era criado em qualquer nesga de terra, até nos quintais dos sobradões de Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei, Mariana etc. (ZEMELLA, 1990, p. 407)

Como se nota, o matadouro dos porcos era feito, até mesmo, em meio à circulação de pessoas. O vermelho pode simbolizar o sangue dos animais derramado chão à fora.

Acerca dessa atividade de criação de bovinos, por exemplo, sobretudo quando se refere ao momento do abate, (pois, como é de conhecimento, depois de abatidos, os animais eram submetidos a processo de “sapecar” os pelos de sua derme, com tochas de fogo – vermelho), pode-se mencionar que a cor vermelha não tangencia somente ao que era visível na rotina dessas regiões:

De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi preto que iam sangrar e carnear em beira d'água. Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado. (ROSA, 1956, p. 35)

Esta cor, portanto, faiscada, estaria presente nos ambientes, podendo ser usada como motivação para nomear acidentes físicos ao redor.

A cor vermelha também é encontrada em elementos/referentes que constituem a atividade de agricultura, especificamente, a cafeeira. No início do século XIX, ocorreu a introdução da cafeeira em Minas Gerais, que se transformou em uma das principais atividades da província e no agente indutor do povoamento e desenvolvimento da infraestrutura de transportes.

Naturalmente, com a produção cafeeira vindo assomar significativa presença em atividades rurais inerentes ao manejo do solo, tornava-se necessário providenciar o preparo de grandes porções de terra para tornar viável o cultivo de lavouras. O processo de preparo aqui mencionado, entre os agricultores é comumente conhecido como “tombar a terra”, o que implica (que, para garantir que na área de cultivo não brotem ervas de diversa qualidade, a não ser a espécie que será objeto de cultivo) atear um incêndio controlado nos hectares de solo à lavoura destinados. Destarte, pelas campinas de regiões que desenvolveram tais atividades, era cotidiano observar a seguinte cena, referida pela canção sertaneja de José Fortuna e Carlos Cézar, “Terra Tombada”:

Lavrador tombando terra  
 Dá de longe a impressão  
 De losangos cor de sangue  
 Desenhados pelo chão. (FORTUNA; CÉZAR, 1982)

Havia longas plantações de café, extensas fileiras de sementes reluzindo cores vermelhas e pretas. Além disso, esse rastro vermelho pode ter motivado os nomes de acidentes físicos e humanos.

A cor vermelha também é encontrada em elementos/referentes que constituem atividade de mineração.

A constituição do solo e das montanhas que rodeiam os aquíferos das minas tem elementos que os tornam da cor natural vermelho:

E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão faiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, na qual, dando ou abrindo catas e cavando-a primeiro em altura de dez, vinte ou trinta palmos, em se acabando de tirar esta terra, que de ordinário é **vermelha**, acha-se logo um pedregulho, a que chamam desmonte, e vem a ser seixos miúdos com areia (...). (ANTONIL, [1650-1716] 2012, p. 197-198)

Ademais, quando a terra era de qualidade vermelha, decerto haveria ouro:

(...) E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão faiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, na qual, dando ou abrindo catas e cavando-a primeiro em altura de dez, vinte ou trinta palmos, em se acabando de tirar esta terra, que de ordinário é vermelha, acha-se logo um pedregulho, a que chamam desmonte, e vem a ser seixos miúdos com areia (...). (ANTONIL, [1650-1716] 2012, p. 197-198)



Contudo, esta atividade é de caráter poluidor, tendo resíduos desembocados no solo e água, assim, têm águas sujas e avermelhadas como atestavam os trabalhos dos mineradores (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233).

A cor vermelha se liga, ainda, à de nome suja, como foi exemplificado acima, sobre as águas sujas e avermelhadas no córrego em Santa Bárbara. Isso se deve também ao seu caráter poluidor.

Piranga, que tem definição ligada mais à terra - em referentes como o barro e o corante de tinta extraído das árvores pelos indígenas, foi encontrada em mesorregiões que o circundam: Campo das Vertentes teve 5 casos, Metropolitana, 6, Sul/Sudoeste de Minas 3 e Zona da Mata, 8. Esse nome, que compõe os cromotopônimos, pode ter sido motivado pelo rio chamado Rio Piranga, que nasce na Serra da Mantiqueira, a qual abrange as mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata, estendendo-se à Serra do Espinhaço. Tem seus principais afluentes são os rios Xopotó e Turvo Limpo. Ele tem cor avermelhada, possivelmente devido à constituição de minérios da sua água ou aspecto barroso. O nome deste aquífero motivou a designação de outros acidentes, como córrego, ribeirão, fazenda, povoado, vila e cidade. No entanto, esta nomeação não seria em função da cor piranga, mas sim pelo referente Rio Piranga, uma vez que o significado de piranga é pouco conhecido, não é transparente, talvez tenha se tornado opaco ao longo dos anos. A Zona da Mata, que teve mais ocorrência dessa base lexical, chama a atenção pelo o fato de ter havido muita população indígena, sendo umas das últimas a ser ocupada pelos bandeirantes por conta de confrontos, como foi visto em 3; e piranga era o nome do corante com que tingiam a pele.

Por ruivo, como este se remete ao referente fogo, aproxima-se do amarelo, rubro, interpreta-se como característico de uma região quente e ensolarada, que é o Triângulo Mineiro.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a escala cromática vermelho nomeou mais acidentes físicos, 95 casos, humanos tiveram 22 ocorrências.

Tabela 16 - Distribuição dos cromotopônimos vermelho, piranga e ruivo por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes											
	Físicos							Humanos				
	Ribeirão	Lagoa	Riacho	Córrego	Rio	Serra	Morro	Fazenda	Povoado	Localidade	Vila	Cidade
vermelho	26	4	2	23	12	5	7	3	3	5	2	1
piranga	2			3	10			2	2	1	1	1
ruivo				1				1				
escala												
total	28	4	2	27	22	5	7	6	5	6	3	2
totais				95						22		

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 83 casos, sendo 67 por vermelho, 15 por piranga e 1 por ruivo.

Dessa forma, as cores vermelha, piranga e ruiva motivaram a criação de sintagmas toponímicos para nomear rios, e estes nomes designaram acidentes humanos. Por exemplo, na região do Triângulo Mineiro, o nome do Córrego Ruivinho foi usado possivelmente para nomear a Fazenda Ruivinha, que não se trata da cor da fazenda, mas uma analogia ao córrego de mesmo nome. O sufixo -inha foi usado em sentido carinhoso. O córrego pode ser devido à constituição mineral que ocasiona aspecto de cor vermelha, ou ao solo e às rochas que rodeiam-no, ou metáfora de um ambiente quente e ensolarado (“despalprado” e “fumegante”) e até mesmo à pelagem de animais (como exemplo da irarinha, de Guimarães Rosa, visto acima).

É notável que espectros cromáticos do vermelho se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avultando as possibilidades de expressões cromáticas, no caso piranga e ruivo.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pelas cores vermelho, piranga e ruivo do ambiente físico (solos, sol, rios, serras, folhas e ar) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), sendo motivado a batizar, desse modo, lugares, toponimizando-os. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. É possível afirmar, ainda, ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor vermelha advinda da vivacidade do solo, do sol, das matas, dos rios, bem como da potência das atividades de mineração, agricultura e pecuária. Mas, em contrapartida, por analogia e metáfora, também se tem o vermelho nomeando rios e serras, mas não no sentido de homenagem e de relevância, mas sim sob o ponto de vista de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento das atividades econômicas mencionadas. No caso de piranga, a motivação foi o referente Rio Piranga, que margeia as mesorregiões que apresentaram o cromotopônimo constituído por piranga, a tonalidade, neste caso, não foi a motivação.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores vermelho e suas nuances piranga e ruivo, passa-se às análises de suas origens, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão nas fichas lexicográficas.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Vermelho:

Português = 93

Piranga:

*Tupi* = 18

*Tupi* / port. = 4

Ruivo:

Português = 2

Quanto ao gênero, houve 73 sintagmas de nomes masculinos e 20 femininos para a base lexical *vermelh-*, correspondendo a 9 com construções de gênero em *-a* e 84 em *-o*.

Para *pirang-*, houve 12 sintagmas masculinos e 5 femininos, correspondendo a 17 com construções de gênero em *-a* e 1 em *-o*.

Para *ruiv-*, houve 1 sintagma masculino e 1 feminino e suas respectivas correlações em *-o* e *-a*.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical *piranga*

processo de sufixação com *-gui, -nha, -nho, -ita* / *piran-gui-nha, piran-gui-nho, pirangu-ita*

Construção da base lexical *ruiv-*

processo de sufixação com *-nh* / *ruivi-nho, ruivi-nha*

Notou-se as sufixações em *-nho(a)* e *-ita* tem a função semântica na comunicação de recurso para expressar avaliação e carinho.

(ii) Cromotopônimos compostos

Vermelho Morro

Vermelho Novo

Vermelho Velho

Houve 6 sintagmas compostos pelo nome *vermelho*.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Vermelho:

Adjetivos = 81 / Nomes = 12

Piranga:

Adjetivos = 0 / Nomes = 22

Piranga foi considerado estritamente um nome substantivo por não se tratar de qualificar os acidentes, mas sim nomeá-los, já que o seu significado se tornou opaco, desconhecido.

Ruivo:

Adjetivos = 1 / Substantivo = 1

Sobre as flexões de número dos compostos, não foram identificadas construções no plural para os termos vermelho, piranga e ruivo.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram verificados:

Tabela 17 - Correlação entre as bases lexicais vermelho, piranga e ruivo, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior				total	
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce		Vale do Mucuri
vermelho	17	1	2	5	1	13	4	12	3	15	0	20	93
piranga	6				5	3						8	22
ruivo									2				2
total	23	1	2	5	6	16	4	12	5	15		28	117

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical vermelho foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 17 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Campo das Vertentes, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste, com 26 ocorrências ao todo. Na região paralela ao povoamento inicial apresentou significativa ocorrência para a base lexical vermelha, Sul/sudoeste de Minas, com 13 casos. Vermelho continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 12 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 20 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro, Rio Doce e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 18 casos. Na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Rio Doce, ocorreu bastante a base lexical vermelho, 15 casos.

A base lexical piranga esteve presente nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 6 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, Campo das Vertentes e Sul/Sudoeste de Minas com 8 ocorrências ao todo.

Piranga continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 8 casos no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata.

A base lexical ruivo esteve presente após o período de povoamento inicial, concentrando-se na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Triângulo Mineiro, 2 casos.

Vermelho e piranga acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais, que começou do urbano para o rural. Sendo produtivos em regiões mineradora, agrária e agropastoril. O Rio Piranga perpassa a região aurífera, portanto, sendo batizado pela cor da sua água e de nome usado para designar outros acidentes. Ruivo, por sua vez, não acompanha o processo de povoamento, pois foi encontrado posterior ao povoamento do perímetro urbano aurífero, achado em região da agropastoril.

No geral, a escala cromática vermelha nomeia referentes que representam tanto aspectos positivos – vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, matas, campos e currais, bem como os referentes constituintes da importância das atividades econômicas e culturais da mineração, agricultura e pecuária – quanto negativos – vermelho nomeia aspectos da poluição e devastação causadas pela ação humana.

Dessa forma, tendo em vista a percepção, produtividade e motivação das cores analisadas, encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por piranga e ruivo, uma vez que são idiosincrasias da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pela cor vermelho. Destarte, as terras, as rochas, as montanhas vermelhas, bem como o piranga - cor que vem das árvores, usada por indígenas – assim como o ruivo do fogo e do sol causam sensação de vivacidade, força, energia, furor, esplendor, intensidade, paixão, poderio. Em contrapartida, a destruição da natureza causada pela mineração, impactando, sobretudo, montanhas e rios, representada pelo vermelho, associa-se e sensações de perigo, revolta, intensidade, poderio, violência, dureza e agressividade (FARINA *et al.*, 2006, p. 99).

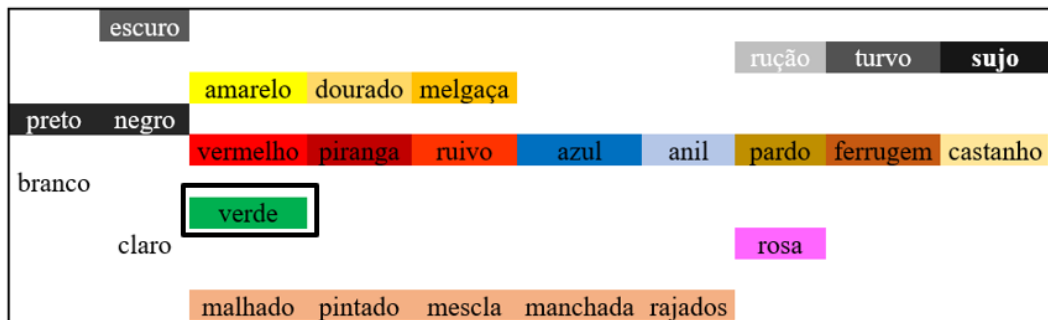
#### 6.2.4 Escala cromática do verde

No dicionário, como pôde ser visto, consta para a base lexical verde características, como “(...) a cor mais comum das ervas e das folhas das árvores (...) planta sem seiva (...) fruta sem estar madura (...) madeira que não está seca (...) coberto de vegetal (...) preservação de

recursos naturais (...) plantas verdes, verdor, verdura (...) alimentos verdes para gado (...) meio ambiente, natureza (...).”

Sobre esta cor, ao localizá-la no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), nota-se o ponto dela, cor base, prototípica, havendo a seguinte configuração:

Figura 36 – Quadro de localização do termo verde no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

- árvore

Grupos de palmeiras criçadas de espinhos negros crescem à beira da estrada, e pela simplicidade das formas e brancura das folhas, fazem salientar o verde sombrio e a folhagem copada das árvores que estão próximas (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 75-76).

Esses jardins são sustentados por uma muralha pouco elevada, quase sempre coberta por imensa quantidade de fétos, gramíneas, musgas, e na mais das vezes formam uns por cima dos outros uma série de terraços cujo conjunto apresenta uma vez ou outra uma massa de verdura, tal como jamais se vê nos nossos climas temperados. Dessas casas, assim entremeadas de cumes áridos e tufos condensados de vegetais, resultam pontos de vista tão variados como pittorescos; a cor ennegrecida de solo, a dos tectos, que não é menos escura, o verde carregado das laranjeiras e cafeeiros muito multiplicados nos jardins, um céu quase sempre nevoento, a esterilidade dos morros não edificadas, dão, porém, no panorama um aspecto sombrio e melancólico (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 131).

- morro

Para dar a conhecer essas paisagens curiosas, vou tentar esboçar a que tínhamos deante de nós quando, da casa do barão d'Eschwege, lançávamos os olhos sobre a villa. Essa casa,

como já o disse, estava della separada pelo Rio d'Ouro Preto. Um relvado de bellissimo verdor através dos espaços desiguais que se acham compreendidos entre o rio e a base dos morros sobre os quaes se construiu a cidade (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 132-133).

- vegetais

com o verde tenro dos humildes vegetaes que cresciam em redor deles (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 231-232).

- matas

Um pouco além dessa morada o córrego fazia uma curva e parecia cortado por uma elevação quasi a pique, coberta de mattas virgens muito serradas, e cujo verdor escuro contrastava com o matiz pardacento do capim gordura que crescia nos outros morros (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233)

- pedra preciosa

e é uma pedra que tira a verde (ANTONIL, 2012, p. 202-204)

Desse modo, os seguintes resultados foram encontrados para a base lexical verde e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 18 - Ocorrências da base lexical verde distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
verde	1	3	2	1	4	14		12	5	1	3	1	47

Fonte: elaborado pela autora (2024).

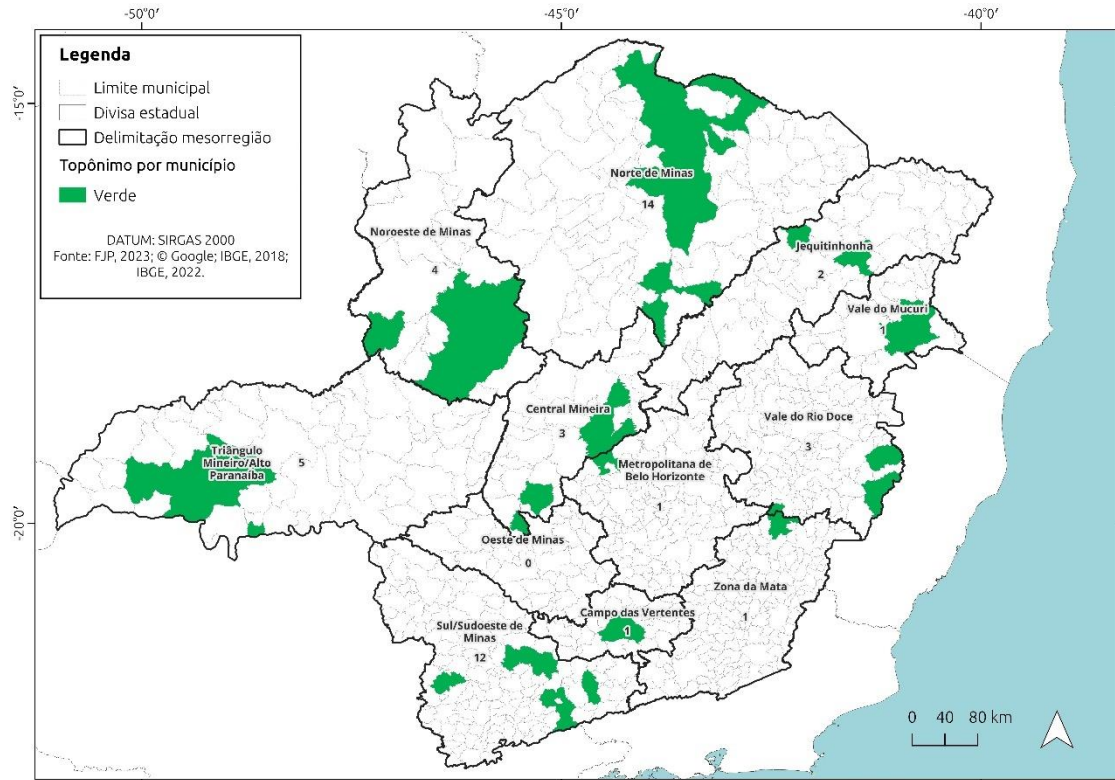
A base lexical verde teve 47 ocorrências, como pôde ser visto na tabela.

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o verde como cor prototípica, universal. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou o termo universal, não havendo, neste momento, outro para a escala.

A base lexical verde foi produtiva nas mesorregiões Norte, 14 casos, seguida da Sul/Sudoeste de Minas, 12, e Triângulo Mineiro, com 5. As demais regiões tiveram entre 1 a 4 ocorrências, com exceção de Oeste que não teve a base lexical.

A distribuição da escala do verde e suas variantes nos municípios de Minas Gerais encontram-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 37 – Carta do cromotopônimo verde e suas variantes – escala cromática do verde



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A escala cromática refere-se e nomeia, pois, as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para esta cor em questão, as protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte e Triângulo Mineiro, tendo a primeira protorregião de sertão; a protorregião das matas correlata a Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada no Norte, com 14, região da pecuária por excelência, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais. Também no Sul/Sudoeste de Minas, com 12 casos, onde há vegetação vigorosa de matas,



característica de protorreição de matas, em que se predomina também a atividade agrária por excelência.

Sobre a cor verde, afirma ser resultante da mistura do azul com o amarelo, contudo, em todas as antigas teorias cromáticas, ele consta como cor primária, autônoma, considerando que, à época, as cores não eram classificadas de acordo com suas propriedades cromáticas técnicas, mas sim por sua ação psicológica. Inclusive, o verde é uma cor elementar no mundo (HELLER, 2022). Pode-se considerar que ela nomeia referentes, como mata, plantas, vegetais, montanhas, rios, campos. No que tange ao ambiente físico, Minas Gerais tem uma cobertura vegetal extremamente rica e diversa agrupada em três grandes biomas: o Cerrado, ocupando 57% da área total do estado, a Mata Atlântica, com cerca de 41%, e a Caatinga, com 2% e as zonas de transição entre eles. “Todavia, cabe dizer que, em suas nuances de verde, enfeitadas de outras cores, as matas, os campos e serras de Minas acabam por ser *versicolores*, isto é, “de várias cores (...)” (BORGES, 2004, p. 112).

No geral, o Norte e Triângulo Mineiro têm característica de ter grandes chapadões de montanhas, muitas gramíneas, domínio do ecossistema cerrado para a caatinga. Esse mar de montanha pode apresentar a cor verde – “*versicolores*”. No Sul/Sudoeste de Minas teve forte presença da atividade agricultura, daí a se encontrar os expoentes representativos da cor verde.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, verde nomeou 43 físicos e 4 humanos.

Tabela 19 - Distribuição do cromotopônimo verde por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes					
	Físicos					Humanos
	Ribeirão	Lagoa	Córrego	Rio	Serra	Fazenda
verde	1	5	3	32	2	4
totais	43					4

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tratando-se da pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se verifica, houve 41 acidentes físicos hídricos nomeados pela base lexical verde. Em Guimarães Rosa há a tonalidade de verde “cor de água”, pois se misturam as cores que pertencem aos quatro elementos naturais, designando o verde como a cor da água, mesmo esta sendo incolor. Tem, ainda, o verde-água que significa um verde claro, transparente e luminoso, com reflexo azulado (BORGES, 2004). Essa mistura “*versicolor*” pode ter motivado os nomes dos aquíferos.

Nesse cenário, a cor verde motivou a criação de sintagmas toponímicos para nomear rios, e estes nomes designaram acidentes humanos. Por exemplo, na região Rio Doce, há a Lagoa Verde e Fazenda Verde, possivelmente o nome da lagoa foi usado para nomear a fazenda, em processo de analogia e metáfora.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pela cor verde do ambiente físico e socioeconômico (agricultura e pecuária), sendo motivado a batizar, assim, lugares, toponimizando-os. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Além disso, pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor verde advinda da vivacidade do solo, do sol, das matas, dos rios, bem como da potência das atividades de agricultura e pecuária. Essa importância do verde pode ser vista até mesmo na semântica dos cromotopônimos que têm o referente verde, por exemplo: Rio Verde Grande e Rio Verde Pequeno, em que os adjetivos figuram dimensões do verde, simbolizando uma espécie de continuum de verde. Da sua exuberância, é considerado até mesmo enegrecido e sombrio. E ele pode ser mesmo enegrecido (PEDROSA, 1977).

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical da cor verde, passa-se às análises de sua origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações são descritas na Ficha Lexicográfica.

Logo, a seguir, descreve-se a origem do nome.

Verde:

Português = 47

Quanto ao gênero, verde é um nome masculino. Contudo, no nível do sintagma, houve 36 sintagmas de construção no masculino e 11 sintagmas de construção no feminino.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação dos cromotopônimos de base lexical, não houve variações na construção.

Foram identificados 13 cromotopônimos compostos pelo nome verde

Verde Grande

Verde Pequeno

Verde Campos

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos – encontrados na Ficha Lexicográfica.

Verde:

Adjetivos = 43 / Nomes = 4

Em relação às flexões dos compostos, não foi identificada nenhuma ocorrência.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 20 - Correlação entre a base lexical verde, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior				total	
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce		Vale do Mucuri
verde	1	3	4	2	1	12		14	5	3	1	1	47

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical verde foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 1 caso. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Campo das Vertentes e Sul/Sudoeste de Minas, com 22 ocorrências ao todo. Na região paralela ao povoamento inicial apresentou significativa ocorrência para a base lexical vermelha, Sul/sudoeste de Minas, com 12 casos. Verde continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 14 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 1 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro, Rio Doce e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 9 casos.

Verde acompanhou o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Sendo mais produtivo nas regiões de atividades pecuária e agricultura.

No geral, a escala cromática verde representa o ambiente físico, em suas intersecções com a flora, nas formações fitoecológicas, responsáveis por uma grande diversidade de paisagens, bem como a agricultura, por ter sido bem representativa na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas. E, como se notou, representa a vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões matas, campos, currais e sertões.

Tendo em vista a produtividade e motivação da cor verde encontrada no ambiente físico, econômico e cultural, e considerando também a análise da construção linguística desta base lexical, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tal cor. Dessa

maneira, ao verde se associam afetivamente sentimentos, como bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, tolerância (FARINA *et al.*, 2006, p. 101) característicos das protorregiões matas, campos, currais e sertões.

### 6.2.5 Escala cromática do amarelo

No dicionário, como pôde ser visto, consta para a base lexical amarelo características, como “(...) Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre (...) Pálido, descorada, amarelado (...) A cor amarela em todas as suas gradações (...) Moeda de ouro (...)”. Dourado é definido como “(...) Da cor do ouro (...) Feliz, alegre, despreocupado (...) Peixe actinoptérigeo, caraciforme, caracídeo, do rio São Francisco (...)”. Melgaça é “Louro; melado.”. Ao se pensar no belo e valioso, o amarelo vira ouro; no lirismo se representa com dourado - sol dourado em vez de amarelo, bem como para cabelo, por exemplo, não há cabelo amarelo, mas sim dourado e loiro (HELLER, 2022).

A base lexical de cor amarela, pela física, é uma das três cores primárias cuja obtenção não se dá pela mistura. É mais clara e leve. Ligada ao simbolismo do Sol, da luz, do ouro. Ela teve menos ocorrências que sua nuance dourado. A base lexical e cor dourada foi encontrada em abundância. Esta significa mais a cor da fama e do valor. No lirismo, o poeta enxerga a cor dourada quando o realista a ver apenas como amarelo. Assim, representa-se com dourado - sol dourado em vez de amarelo. É cor da maturidade (idade idealizada no dourado) – espigas douradas, frutos dourados, folhas douradas. Parece mais impactante chamar por dourado a amarelo.

Sobre estas cores, ao localizá-las no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), observa-se que há o ponto do amarelo, cor base, prototípica. As cores dourado e melgaça, por serem secundárias, nuances, ocorrendo em detrimento de idiosincrasias da língua, encontrar-se-iam localizadas ao redor da principal. Haveria a seguinte configuração:



na base uma mancha **amarella** em forma de coração. A grande espécie de vellozia (canella de ema) é extremamente comum nessa montanha árida (...) seu caule, de altura de um pé, direito, grosso, coberto de antigas folhas dessecadas, termina-se por vários tufo de folhas rijas, e, do centro dessas ultimas partem grandes flores viscosas, brancas para dentro e **amarellas** por fora (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 245-246).

E' uma espécie cujas folhas, espigadas e de um verde agradável, nascem em pequenos tufo, mas de que infelizmente não vi as flores. O tubérculo principal é **amarello** e do volume approximado de uma maça; em volta delle nascem outros (...) (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 337-338).

Conceição tem aspecto muito árido. O sólo é completamente ferruginoso e de um vermelho denegrido. Arbustos enfezados (...) A secca, de que se queixavam desde muito, dava as plantas um matiz **amarello** e negro que aumentava ainda a aridez da montanha (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 341).

(iii) terra, solo

Primeiramente, em todas as minas que vi e em que assisti, notei que as terras são montuosas (...) E, tirado este cascalho, aparece a piçarra, ou piçarrão, que é duro e dá pouco, e este é um barro **amarelo** ou quase branco, muito macio, e o branco é o melhor, e algum deste se acha que parece talco ou malacacheta, a qual serve como de cama onde está o ouro (ANTONIL, 2012, p. 197- 198).

(iv) pedras preciosas ouro e prata

Quanto às qualidades diversas do ouro, sabe-se que o ouro, a quem chamam preto, por tem na superfície uma cor semelhante à do aço, antes de ir ao fogo, provando-se com o dente logo aparece **amarelo**, vivo, gemado, e é o mais fino, porque chega quase a vinte e três quilates(...) (ANTONIL, 2012, p. 160-161).

A pedra é de várias cores, diferente das outras, e muito alegre: branca, negra, a modo de malacacheta que se lança nas cartas, cor de ouro, **amarela**, azul, esverdeada, parda, de cor de fígado, alaranjada, leonada, e ordinariamente tem ocos, onde se costuma criar prata como em cubelos. Outras pedras são todas prateadas, e outras com veias de prata, e só estas se conhecem (...) (ANTONIL, 2012, p. 202-204).

(v) fogo

Ao relançar das labaredas, e o refreixo das cores dando lá acima nos galhos e folhas, essas trocavam tantos brilhos e rebrilhos, de **dourado**, vermelhos e alaranjado às brasas, essas esplendências, com mais realce que todas as pedras de Araçuaí, do Jequitinhonha e da Diamantina. Era dia-de-anos daquela árvore? (ROSA, 1956, p. 536).

(vi) gado

Comprou a besta **douradilha**; mas, antes, examinou bem, nos dentes, a idade. (ROSA, 1956, p. 161).

Assim, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores amarelo, dourado e melgaça e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 21 - Ocorrências das bases lexicais amarelo, dourado e melgaça distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
dourado			2	4	1	3	2	18	32	4	1	1	68
amarelo			2	2	2	1		1	2			3	13
melgaça				1									1
total	0	0	4	7	3	4	2	19	34	4	1	4	82

Fonte: elaborado pela autora (2024).

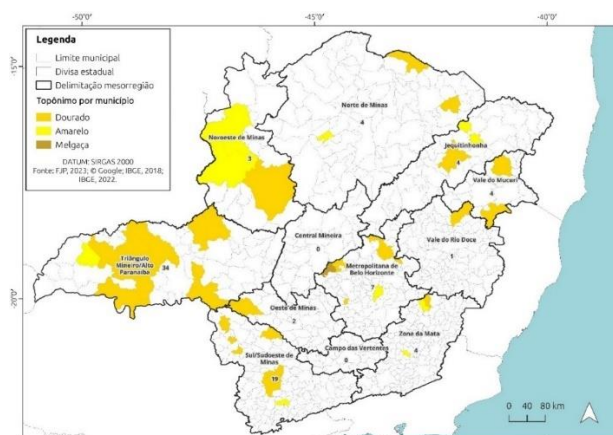
A escala cromática do amarelo teve 82 ocorrências de cores. A base lexical amarela teve 13, dourado, 68, melgaça, 1, como pôde ser visto na tabela apresentada.

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), quando se identifica a existência da cor amarela, universal, contudo, prevalecem as idiossincrasias da língua, considerando que houve mais casos da cor secundária, nuance, dourado, que sua proposta prototípica, amarelo. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que o ambiente influencia mais a língua (SAPIR, 1961), já que predominou o termo universal sobre a nuance.

A base lexical dourada foi encontrada quase em todas as mesorregiões, exceto em Vale do Mucuri e Central Mineira. Teve alta frequência no Triângulo Mineiro, 32 casos, Sul/Sudoeste de Minas, 18, as demais regiões tiveram entre 1 a 4 ocorrências. A base lexical amarelo não foi encontrada em Campo das Vertentes, Central Mineira, Oeste, Vale do Mucuri e Rio Doce, nas demais ela teve entre 1 e 2 casos, isto é, foi baixa a frequência. Melgaça teve uma ocorrência em Metropolitana.

A distribuição da escala cromática do amarelo, isto é, das cores amarelo, dourado e melgaça e suas variantes que - compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 39 – Carta dos cromotopônimos amarelo, dourado e melgaça e suas variantes – escala cromática do amarelo



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A escala cromática refere-se e nomeia, portanto, as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para esta escala, há as seguintes correlações: a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana, a protorregião das matas correlata a Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro, as protorregiões de campos e de currais correlata à região Triângulo Mineiro.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada no Triângulo Mineiro, com 34 casos, região agropastoril, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais, bem como região de vegetação exuberante. Em seguida, a escala foi encontrada no Sul/Sudoeste de Minas, isto é, liga-se à atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira. Com menos frequência, na mesorregião Metropolitana, região das minas (sequência de montanhas e vales) apresentando 7 casos. As demais tiveram entre 1 a 4 casos da escala.

Sobre a cor amarela, ela é encontrada em referentes de mundo como sol, terra, solo, arbustos, sementes, plantas, pelagem de animais. É a cor do ouro por excelência. Dessa forma, ela nomeia referentes das atividades de mineração – a cor do ouro; pecuária – a cor da pelagem dos animais, do céu amarelado pelas temperaturas altas e a terra de pastagem; e agricultura – plantas, sementes.



A respeito da cor dourada, em semelhança ao amarelo, ela nomeia todos estes referentes citados também. Encontrou-se também para cavalo alazão aquele que, quando iluminado pela luz do sol, tem a pelagem coberta de reflexos dourados, o mesmo que castanho (BORGES, 2004, p. 44).

Sobre a base lexical melgaça, está-se diante de um termo de origem portuguesa, de uso mais específico no português de Portugal. Daí a considerá-lo um termo opaco (ULMAANN, 1964) no sentido de seu significado ser restrito e não ser utilizado para se referir à tonalidade de amarelo no português do Brasil. Por isso, houve apenas um caso e na mesorregião Metropolitana, onde mais se aglomeraram colonizadores portugueses, quando no movimento centrípeto social e linguístico.

Notou-se que há mais exemplos da base lexical amarela caracterizando ambientes em relatos históricos de viajante (SAINT-HILAIRE, 1975; ANTONIL, 2012) que dourado, todavia esta predominou mais na constituição dos cromotopônimos. Isso pode ser explicado pelo tom lírico que há para o termo dourado (como foi visto acima). Amarelo também é considerado pálido, descorado (HELLER, 2022). Daí a reforçar a preferência a dourado.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, amarelo nomeou 7 físicos e 6 humanos, e dourado 39 físicos e 29 humanos, melgaça 1 humano, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 22 - Distribuição dos cromotopônimos amarelo, dourado e melgaça por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes									
	Físicos						Humanos			
	Ribeirão	Lago	Lagoa	Córrego	Rio	Serra	Fazenda	Povoado	Localidade	Vila
dourado	7	1	6	10	15		22	2	4	1
amarelo			2	3		2	6			
melgaça							1			
escala										
total	7	1	8	13	15	5	29	2	4	1
totais			49					36		

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 44 casos, sendo 39 por dourado, 5 por amarelo.

Nesse contexto, as cores vermelha, piranga e ruiva motivaram a criação de sintagmas toponímicos para nomear rios, e estes nomes designaram acidentes humanos. Por exemplo, na

mesorregião Metropolitana, o nome do Córrego Amarelo pode ter sido usado Fazenda Amarelo, que não se trata da cor da fazenda, mas uma analogia ao córrego de mesmo nome. No elemento toponímico do sintagma fazenda, ele não concordou em gênero com o elemento do acidente, haveria algo como Fazenda Amarela. Isso pode ser em função mesmo da analogia ao cromotopônimo Córrego Amarelo, que tem o segundo elemento em gênero correspondente ao masculino. Certamente, nem todos os casos de translação toponímica apresentam essa particularidade da concordância em gênero que exemplifica tal analogia, no entanto, pode-se pensar nessa translação pelo fato de haver mais acidentes hídricos que outros, podendo ser fonte motivadora de nomes.

Percebe-se que espectros cromáticos da escala do amarelo se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avultando as possibilidades de expressões cromáticas.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pelas cores amarelo, dourado e melgaça do ambiente físico (solos, sol, rios, serras, folhas e ar) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), sendo motivado a batizar, pois, lugares, toponimizando-os. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Além disso, pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor dourada advinda da vivacidade do sol, dos campos, da pelagem dos animais, bem como da potência das atividades de mineração, agricultura e pecuária. Mas, em contrapartida, por analogia e metáfora, também se tem essa escala nomeando rios e serras, mas não no sentido de homenagem e de relevância, mas sim sob o ponto de vista de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento das atividades econômicas mencionadas, rios amarelados e pardacentos pela atividade mineradora, e pastagens amarelas de currais que antes eram campos verdes – sinalizando natureza intocável.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores vermelho e suas nuances piranga e ruivo, passa-se às análises de origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão descritas nas Fichas Lexicográficas.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Amarelo:

Português = 13

Dourado:

Português = 68

Melgaça:

Português = 1

Quanto ao gênero,

Quanto ao gênero, houve 33 sintagmas de nomes femininos e 35 masculinos para a base lexical dourad-, correspondendo a 8 com construções de gênero em -a e 60 em -o.

Houve 10 sintagmas de nomes femininos e 3 masculinos para a base lexical amarel-, correspondendo a 6 com construções de gênero em -a e 7 em -o.

Houve 1 sintagma feminino com construção em -a.

Quanto à formação, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical amarela e dourada, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical amarel-

processo de sufixação com -inho / amarel-inho

Construção da base lexical dourad-

processo de sufixação com -inh / dourad-inho, dourad-inha.

(ii) Cromotopônimos compostos

Dourado de Baixo

do Dourado

Houve dois sintagmas compostos pelo nome dourado.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Amarelo:

Adjetivos = 7 / Nomes = 6

Dourado:

Adjetivos = 29 / Nomes = 39

Melgaça:

Adjetivos = 0 / Nomes = 1

Em relação às flexões dos compostos, foram identificadas 3 ocorrências de dourados.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 23 - Correlação entre as bases lexicais amarelo, dourado e melgaça, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					total
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	
dourado	4		1	2		18	2	3	32	1	4	1	68
amarelo	2		2	2		1		1	2			3	13
melgaça	1												1
total	7		3	4		19	2	4	34	1	4	4	82

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical dourado foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 4 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Noroeste, Jequitinhonha, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste, com 23 ocorrências ao todo. Ressalta-se que a primeira também é região aurífera, Paracatu, onde teve a única ocorrência. Foi a região paralela ao povoamento inicial que mais apresentou a base lexical dourada, Sul/sudoeste de Minas, com 18 casos. Dourado continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 3 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 1 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro, Rio Doce e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 37 casos. É na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Triângulo Mineiro, que mais ocorreu base lexical dourado, 32 casos.

A base lexical amarelo foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 2 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Noroeste, Jequitinhonha, Sul/Sudoeste de Minas, com 5 ocorrências ao todo. Amarelo continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 1 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 3 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro apresentou 2 casos.

A base lexical melgaça esteve presente nos cromotopônimos no período inicial de povoamento, com 1 caso.

Dourado, amarelo e melgaça acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Dourado e amarelo foram mais produtivos na região agropastoril, Triângulo Mineiro. Ademais, tiveram muita frequência na região de agricultura, Sul/Sudoeste de Minas. Com menos ocorrências apareceram na região aurífera.

No geral, a escala cromática do amarelo nomeia referentes representam tanto aspectos positivos – vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, matas, campos e currais, bem como os referentes constituintes da importância das atividades econômicas e culturais da mineração, agricultura e pecuária – quanto negativos – amarelo nomeia aspectos da poluição e devastação causadas pela ação humana.

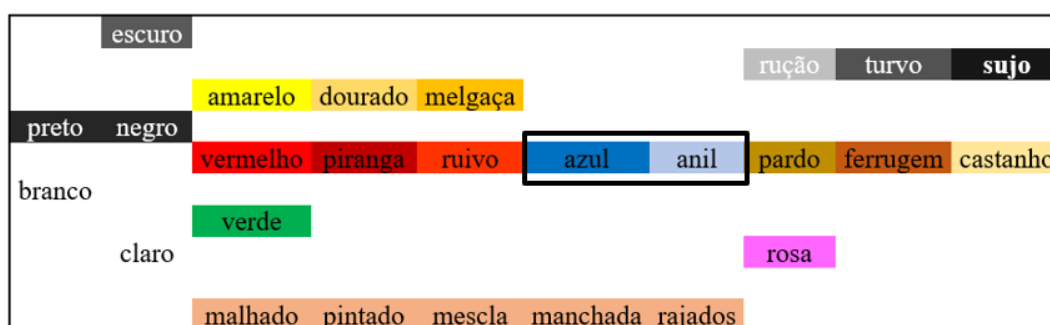
Tratando-se da produtividade e motivação das cores amarela, dourada e melgaça, encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por dourado e melgaça, pois, são idiosincrasias da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pela cor amarelo. Referentes flores, planta, terra, luz, pedras preciosas, calor sol são nomeados por tais cores. As associações afetivas que causam nos falantes são iluminação, conforto, alerta, gozo, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo, inveja, ódio, euforia, originalidade, expectativa (FARINA *et al.*, 2006, p. 102).

#### 6.2.6 Escala cromática do azul

No dicionário, como pôde ser visto, consta para a base lexical azul características, como “Da cor do céu sem nuvens com o Sol alto; da cor do mar profundo em dia claro; da cor da safira (...) A cor azul em todas as suas gradações (...) O céu, os ares (...) Muito assustado; muito atrapalhado”. Para anil, encontra-se “A cor azul (...) Velho, senil (...) azulado (...) A que se deu cor de anil; azul.”.

Sobre estas cores, ao localizá-las no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), nota-se que há o ponto do azul, cor base, prototípica. A cor anil, por ser secundária, nuance, ocorrendo em detrimento de idiosincrasias da língua, encontrar-se-ia localizada ao redor da principal. Haveria a seguinte configuração:

Figura 40 – Quadro de localização dos termos azul e anil no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo características em comum e correspondendo a cores base e secundária, azul e anil compõe a escala cromática do azul. Sendo assim, essas cores foram analisadas em suas particularidades e também no compartilhamento de aspectos da escala, conforme foi apresentado nas definições das cores.

Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

(i) água

Mas a água, mesma, azul, dum azul que haja que roxo logo mudava (ROSA, 1956, p. 78).

(ii) céu

A Fazenda Santa Catarina era perto do céu um céu azul no repintado, com as nuvens que não se removem (ROSA, 1956, p. 260).

(iii) serra

a serra que vinha vindo (...) que com léguas andadas vira cinzento e vira azul - daí, depois, parede de morro se faz (ROSA, 1956, p. 540).

(iv) flor

mas depois a tinta-dos-gentios de flor belazul, que é o anil-trepador, e até essas sertaneja-assim (ROSA, 1956, p. 729).

(v) animais

“E, ao longe, nas prateleiras dos morros cavalgam-se três qualidade de azul” (ROSA, 1985, p. 268).

Dessa forma, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores vermelho, ruivo e piranga e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 24 - Ocorrências das bases lexicais azul e anil distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Veredentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
azul				3		3	1	1		3	3	12	26
anil				1									1
total				3		4	1	1		3	3	12	27

Fonte: elaborado pela autora (2024).

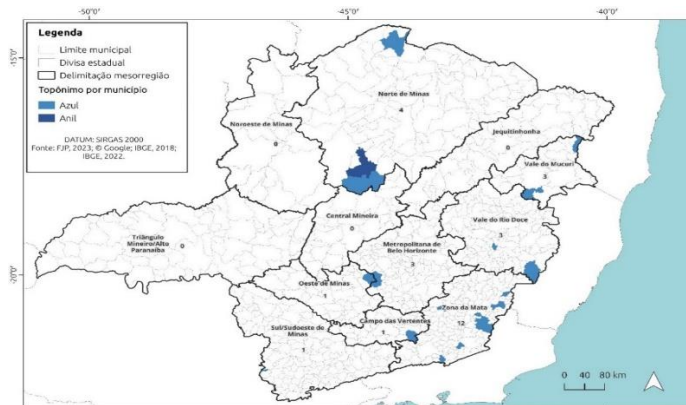
A escala cromática de azul teve 27 ocorrências. A base lexical azul teve 26 ocorrências e anil, 1, como pode ser visto na tabela a seguir.

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o azul como cor prototípica, universal, e anil sendo secundária. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou o termo universal sobre a idiossincrasia.

A base lexical azul foi bastante produtiva na Zona da Mata, tendo 12 casos. Nas mesorregiões Metropolitana, Norte, Vale do Mucuri e Rio Doce teve 3 ocorrências. Em Oeste e Sul/Sudoeste, uma. A base anil ocorreu apenas na Metropolitana, com um caso.

A distribuição da escala cromática do azul, isto é, das cores azul e anil e suas variantes que - compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 41 – Carta dos cromotopônimos azul e anil e suas variantes – escala cromática do azul



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A escala cromática, portanto, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a escala cromática em questão, a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana; a protorregião das matas correlata a Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata, Rio Doce, sendo a Zona da Mata considerada também protorregião de sertão – área desconhecida. As protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte, tendo esta também a protorregião de sertão.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada na Zona da Mata, com 12 casos, isto é, liga-se à atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira. Lá predominou a ocupação indígena, vegetação vigorosa de matas, pequena presença de população não-indígena, característica de protorregião de matas. Em seguida, a mesorregião Norte teve 4 ocorrências, região da pecuária por excelência, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais. Metropolitana, Vale do Mucuri e Rio Doce tiveram 3 casos.

O azul é considerado a cor das dimensões ilimitadas, como planeta azul. Com o aumento de profundidade, as cores se dissolvem em azul – quanto mais profundo um lago, mais azul.. “É um jardim merso, mágico, submerso. Ilhas de flores, que bebem a lisa luminosidade do estagno. E cores: bluo, belazul (...) o esplândnico azul das uvas, manchas quentes de vísceras. (“Ave, palavra”, ROSA, 1985, p. 181 apud Borges, 2004). Rosa diz de um azul do céu destapado, sendo uma das cores privilegiadas na sua obra, assim há tonalidades de azul que foram lexicalizadas por meio de metáforas e analogias fonéticas, morfológicas, e semânticas, como azulado, azul do mar, azulego, azul-marinho, azulzinho, blau, cardão, céu azul, cor de fiodes (BORGES, 2004). A cor anil se liga aos referentes azulado, velho, senil.

A descrição apresentada para azul e anil indica que se relacionam e nomeiam referentes da protorregião de matas. É uma região de matas fechadas, exuberante e extasiante vegetação de florestas, de muitos rios, sendo industrializada e expandida apenas no século XX com a atividade agropecuária, suprimindo, assim, a Mata Atlântica nativa, até então praticamente intocada. E quando a visão ultrapassa para além das matas fechadas nesta mesorregião, avista-se o céu azul das Gerais, “céu destapado (...) olho gigante, azul-espreitante” (ROSA, 1985 apud BORGES, 2004, p. 114).



“Realmente, *de céu destapado* é bem a cor do céu de abril em Minas e tem o som da fala mineira que ressoa não apenas nos gerais, mas também de um pico a outro, mais ao sul, na Serra da Mantiqueira.” (BORGES, 2004, p. 54). Contudo, esse ambiente fechado pela vivacidade da natureza, desconhecido, pois também é considerado sertão, também é tomado por sensações de melancolia e temor.

Ora, o clima desses vales montanhosos é frio e úmido. As altas montanhas condensam as nuvens, e as chuvas são constantes, provocando a desagregação dos terrenos. Pela manhã e à noite sobe a evaporação do fundo do vale e a neblina invade as ruas. O sol é tardio em aparecer, muitas vezes só rompendo a garoa no meio do dia. Cedo, porém, já desapareceu por detrás da serra. Os dias são curtos; as noites, longas e tristes. A luminosidade do céu é pouca, as nuvens "tendo boas desculpas" em qualquer estação. Aliás, são duas as estações como na restante zona subtropical. De setembro a março chove torrencialmente, dia e noites as águas do céu cantando nas calçadas sonoras das ruas. TORRES, 2011, p. 66-68).

A cor azul é uma cor elementar, primária, básica. Considerada a cor do céu sem nuvens. Ela oferece sensação de movimento para o infinito (FARINA *et al.*, 2006). E assim também nomeia referentes das protorregiões de campos e currais, uma vez que é região do Rio São Francisco e seus afluentes, portanto, de muita água; bem como dos campos extensos se pode se avistar a imensidão do azul do céu, limpo, sem nuvens, “destapado”. Nesta também pode se referir à pelagem dos animais – azulão. O anil que é uma nuance de azul – uma de suas dimensões ilimitadas - também tem seu referente na água e no céu, e nomeou, pois, um córrego, na mesorregião Norte.

E sendo regiões de atividade agrária e pecuária por excelência, o céu e os rios azuis caracterizam estes ambientes.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a escala cromática nomeou 27 acidentes, tratando-se de 16 físicos e 11 humanos.

Tabela 25 - Distribuição dos cromotopônimos azul e anil por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes					
	Físicos				Humanos	
	Lago	Lagoa	Córrego	Serra	Fazenda	Sítio
azul	1	2	8	5	10	1
anil			1			
escala total	1	2	9	5	10	1
totais			17		11	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Considerando a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 10 casos, sendo 10 por azul, 1 por anil.

Tendo isso em vista, as cores azul e anil motivaram a criação de sintagmas toponímicos para nomear rios, e estes nomes designaram acidentes humanos. Por exemplo, na região do Rio Doce, o nome do Córrego Azul foi usado possivelmente para nomear a Fazenda Azul, que não se trata da cor da fazenda, mas uma analogia ao córrego de mesmo nome. O córrego pode ser devido à constituição mineral que ocasiona aspecto de cor azul, ou ao solo e às rochas que rodeiam-no, ou metáfora da representação da água como azul, que é de conhecimento universal.

É notável que espectros cromáticos do azul se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avultando as possibilidades de expressões cromáticas, no caso, anil.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pelas cores azul e anil do ambiente físico (rios e céu no geral) sendo motivado a batizar, portanto, lugares, toponimizando-os. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. E também pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor azul advinda da vivacidade dos rios e céu.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores azul e sua nuance anil, passa-se às análises de origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão descritas na Ficha Lexicográfica.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Azul:

Português = 26

Anil:

Português = 1

Quanto ao gênero, houve 9 construções de sintagma no masculino e 17 no feminino. Azul é um nome masculino, embora na constituição não corresponda em -a ou -o. Anil teve uma construção no masculino.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical, não houve variações na construção.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Azul:

Adjetivos = 15 / Nomes = 11

Anil:

Adjetivos = 1 / Nomes = 0

A respeito das flexões dos compostos, não foram identificadas.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 26 - Correlação entre as bases lexicais azul e anil, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Cores	Mesorregiões												total
	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	
azul	3				1	1	1	3		3	3	12	27
anil								1					1
total	3				1	1	1	4		3	3	12	28

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical azul foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 3 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, Campo das Vertentes, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste, com 3 ocorrências ao todo. Azul continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 3 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 12 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Rio Doce e o Vale do Mucuri apresentaram, no total, 6 casos.

A base lexical anil esteve presente nos cromotopônimos apareceu na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 1 caso no sertão por excelência da pecuária, Norte.

Azul acompanhou o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural, todavia sendo mais produtivo em zonas ocupadas posteriormente. Anil, por sua vez, não acompanha, pois foi encontrado fora do perímetro urbano aurífero, já na zona rural – sertão pecuário.

No geral, a escala cromática do azul nomeia referentes que constituem vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, campos e currais, principalmente e sobretudo, as matas, caracterizando positivamente os ambientes das atividades

de mineração, agricultura e pecuária. A base lexical azul simbolizando um aspecto não tão positivo diz respeito aos referentes de ambientes intocáveis e desconhecidos, em que pairam emoções de angustia, receio e frialdade, da protorregião de sertão.

Tratando-se da produtividade e motivação das cores azul e anil, encontrada no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por anil, já que é idiosincrasia da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pela cor azul. Desse modo, entre a relação do homem com céu e rios, há emoções e sentimentos de espaço, viagem, verdade, afeto, paz, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo, frieza (FARINA *et al.*, 2006, p. 102).

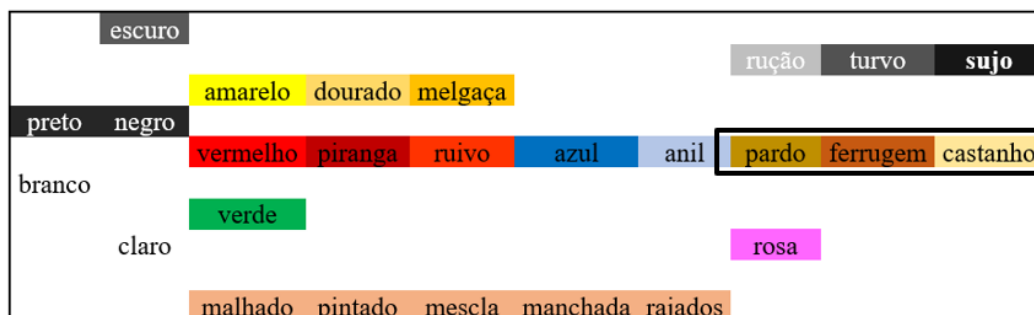
#### 6.2.7 Escala cromática do marrom

No dicionário, como pôde ser visto, consta para pardo características, como “manchas da cor escura que distinguiriam o leopardo do leão (...) cor entre o branco e o preto; quase escuro. De um branco sujo, duvidoso (...) De cor pouco brilhante, entre o amarelo e o castanho: papel pardo (...) Mulato (...)”. Para castanho, encontra-se “Que tem a cor da casca da castanha (...) Animal vacuum de pêlo dessa cor (...) A madeira dessa árvore (...)”. Já ferrugem significa “(...) Óxido formado sobre outros metais (...) Doença de gramíneas, esp. do trigo, aveia e milho, causada por fungos dos gêneros (...)”.

Isso pode ser definido tendo em vista que marrom, do francês *marron* (castanho) (FARINA *et al.*, 2006). A palavra marrom é metáfora por comparação à fruta de tal nome, mas que, em português, perde-se (BORGES, 2004). Também as cores castanho e moreno e as cores sujas e mortas são consideradas tipos de marrom. O tom pardacento é considerado o verniz que amarelou e ficou sujo. As terras contêm óxido de ferro que, oxidado, enferrujado, ganham tons amarronzados (HELLER, 2022).

Sobre estas cores, ao localizá-las no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), percebe-se que não há pontos para elas, pois são nuances da cor marrom, cor base, prototípica. Sendo cores secundárias, ocorrendo em detrimento de idiosincrasias da língua, encontrar-se-iam localizadas ao redor da principal. Haveria a seguinte configuração:

Figura 42 – Quadro localização dos termos pardo, ferrugem e castanho no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo características em comum e correspondendo a cores base e secundárias, pardo, castanho e ferrugem compõe a escala cromática do marrom. Sendo assim, essas cores foram analisadas em suas particularidades e também no compartilhamento de aspectos da escala, como foi apresentado acima nas definições delas.

Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

(i) gramíneas

Um relvado de bellissimo verdor atapeta os espaços desiguais que se acham comprehendidos entre o rio e a base dos morros sobre os quaes se construiu a cidade. Aquelles que defrontam directamente a casa do sr. Eschwege, não apresentando encosta sufficientemente branda para receber construcções, foram deixados cobertos por uma gramima rara e **pardacenta**; uma única casa foi construída bem na base, e seus muros, recentemente caiados (...) (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 132-133).

Um pouco além dessa morada o córrego fazia uma curva e parecia cortado por uma elevação quasi a pique, coberta de mattas virgens muito serradas, e cujo verdor escuro contrastava com o matiz **pardacento** do capim gordura que crescia nos outros morros (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233).

[Itabira] Em plano menos próximo avistei deante de mim casas entremeadas de toureiras de bananeiras, e toda a parte do morro não construída, só me apresentava uma relva ras'cira de um verde **pardacento** (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 233-234).

(ii) metal

Metal paco é também como o rosicler, o qual é uma pedra quase **parda**, como o pano pardo ou defumado e muito pesada (ANTONIL, 2012, p. 202-204).

(iii) solo

Conceição tem aspecto muito árido. O sólo é completamente **ferruginoso** e de um vermelho denegrido. Arbustos enfezados, a composta conhecida no paiz pelo nome de muta pasto, uma especie de vellozia, uma rubiaceae com folhas de urze, e outras especies pertencentes a terrenos **ferruginosos** crescem esparsas por essa montanha; e os intervallos, que deixa entre si esses vegetaes, são cobertos por una pequena graminea de dois estames, que me parece dever pertencer ao mesmo genero do briza eragrostis (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 341).

(iv) animal

Ah, e, vai, um feio dia, lá ele apontou, na boca da estrada que saía do mato, o cavalinho **castanho** dava toda pressa de vinda, nem cabeceava. Achamos que fosse mesmo ele (ROSA, 1956, p. 414-415).

Diversas tonalidades do gado bovino e equino são da cor castanha. Muitas tonalidades descritas como matizes de castanho ou marrom poderiam ser incluídas entre as variedades de amarelo e até mesmo branco pardo ou branco-amarelo (BORGES, 2004). Pardo pode ser classificado como cinza, de acordo com Guimarães Rosa, “A poeira deixou de ser vermelha: é parda, pardacento cinza fina” (ROSA, 1976, p. 313 apud Borges, 2004, p. 73). Desse modo, “Guimarães Rosa passa pelas mais diversas cambiantes de castanho, desde as mais comuns – as mais achadas – até as mais inusitadas – as impossíveis.” (BORGES, 2004, p. 81).

Dessarte, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores pardo, castanho e ferrugem e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 27 - Ocorrências das bases lexicais pardo, ferrugem e castanho distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
pardo		8	3	2		11		2				2	28
ferrugem			1							1		4	6
castanho		1			3								4
total		9	4	2	3	11		2		1		6	38

Fonte: elaborado pela autora (2024).

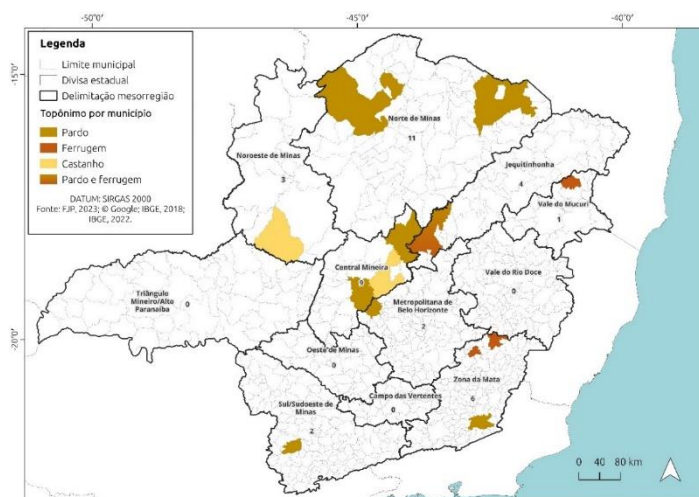
A escala cromática do marrom e suas nuances teve 117 ocorrências. A base lexical pardo teve 28 ocorrências, ferrugem 6 e castanho, 4, como pode ser visto na tabela.

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o marrom como cor prototípica, universal, e pardo, castanho e ferrugem sendo secundárias. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que o ambiente influencia a língua (SAPIR, 1961), uma vez que predominou as idiossincrasias sobre a cor prototípica, marrom.

A base lexical pardo foi muito encontrada nas mesorregiões Norte, com 11 casos, e Central Mineira, com 8. A base lexical ferrugem teve mais ocorrências, 4, em Zona da Mata. Castanho predominou no Noroeste, com apenas 3 casos.

A distribuição da escala cromática do marrom, isto é, das cores pardo, ferrugem e castanho e suas variantes que - compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 43 – Carta dos cromotopônimos pardo, ferrugem e castanho e suas variantes – escala cromática do marrom



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A escala cromática refere-se e nomeia, pois, as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a escala cromática em questão, as protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte, tendo esta, também, sertão por muito tempo; a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Central Mineira, além dela a de campos e currais também; a protorregião das matas correlata a Zona da Mata.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de

sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada na mesorregião Norte, com 11 casos, região da pecuária por excelência, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais. Seguida pela Central Mineira, teve 9 casos, onde predominou a atividade de mineração, nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor, sendo uma protorregião de minas, também há presença da pecuária. A mesorregião Zona da Mata teve 6 casos, onde ocorreu atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira.

De acordo com as definições das cores, pode-lhes delimitar alguns aspectos principais. A cor parda está tanto entre o branco e preto como entre o amarelo e o claro, isso é, de tom duvidoso, sendo menos brilhante, mais escura, e ligada à sujeira, pelo significado lexicográfico, tem como referentes animais (leopardo e leão) e pessoa de cor negra. A cor castanha se liga aos referentes grão castanha, madeira, gado vacum e lirismo de doçura. A cor ferrugem se liga a referentes de metais e doenças de gramíneas.

No que se refere às atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura, consideram-se algumas interpretações.

A cor parda está ligada diretamente a essas atividades. Ela nomeou muitos rios, e a água mesmo sendo incolor, ganhou tonalidade e nome de parda, que também está ligada a sujeira e aspecto duvidoso. Isso pode ser devido a rejeitos de mineração que poluem os rios, colorindo-os de tom pardo. Em relação a metais que constituem a terra e as pedras preciosas também ganham essa cor e se referem à mineração. Quanto à pecuária, diz-se da cor dos animais bem como as gramíneas que rodeiam e cobrem as áreas habitadas por eles.

A cor ferrugem se liga à corrosão de solos, pode ser que indiretamente se refira a algumas circunstâncias da atividade agricultura. Esse cromotopônimo foi encontrado mais na Zona da Mata onde a atividade cafeeira é muito presente. O solo ferruginoso pode se referir à cor já da deterioração de solos. Também, por analogia ao nome ferro, pode se sinalizar mais um nome relacionado ao ambiente de superposição litotoponímica, que é marca expressiva no estado de Minas Gerais, área toponímica específica de nomes dessa origem (DICK, 1990b).

Castanho, por sua vez, pode se referir à pecuária tendo em vista à cor e pelagem dos animais. Foi encontrado o topônimo Lagoa do Castanho Gordo, na mesorregião Central Mineira. Bem como Lagoa do Castanho e Lagoa Castanho, no Noroeste. Nessas mesorregiões, a atividade de pecuária tem forte presença, ficando a mineração em segundo plano. Daí a se interpretar, por exemplo, o cromotopônimo Lagoa do Castanho Gordo como o nome de uma animal nomeando a lagoa. A cor castanho seguida do adjetivo gordo é em detrimento presença



de gado – animal de cor castanha – e bem cuidados para consumo e exportação, pois ‘gordo’. Isso corrobora também com o exemplo de Rosa (1956) para animal, visto acima.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a escala cromática do marrom nomeou 37 acidentes físicos e 1 humano. A base lexical pardo nomeou 28 físicos, ferrugem 5 físicos e 1 humano, castanho denominou 4 físicos.

Tabela 28 - Distribuição dos cromotopônimos pardo, ferrugem e castanho por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes				Humanos Fazenda
	Físicos				
	Lagoa	Córrego	Rio	Serra	
pardo			28		
ferrugem		4		1	1
castanho	4				
escala total	4	4	28	1	1
totais		37			1

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Considerando a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 37 casos, sendo 28 por pardo, 4 por ferrugem e castanho.

Dessa forma, as cores pardo, castanho e ferrugem motivaram sintagmas toponímicos para nomeação de acidentes físicos e humanos, particularmente, os físicos hídricos. Das suas motivações, pode considerar algumas interpretações: (i) castanho pode ter tido um processo em que, a partir do referente animal, nomeiam-se rios, (ii) ferrugem com base no referente solo de plantação de café, nomeiam-se rios e (iii) pardo diz respeito mesmo à cor própria da poluição da mineração nomeando a cor de rios.

O que pode ter acontecido é que as cores dos rios se assemelham à cor castanha dos animais, a ferrugem do solo ou o pardacento sujo da mineração, portanto estes referentes motivaram a criação do nome. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Além disso, pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a característica do gado (da pecuária da região) e do café (agricultura) que tem importância aos moradores. Por analogia e metáfora também se tem o pardo nomeando rios, mas não no sentido de homenagem e importância, mas sim sentido de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento.

Como se tratam de cores secundárias, nuances da principal marrom, isto é, são menos nítidas, têm seus termos acionados por analogia e metáfora. O falante criativo pode ter escolhido esses termos de cores influenciados pelo ambiente físico (gramíneas, solos, pedras preciosas, metais, animais, café) e econômico (mineração, agricultura e pecuária). Nota-se que espectros cromáticos se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avolumando as possibilidades de expressões cromáticas.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores pardo, castanho e ferrugem, passa-se às análises de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão descritas nas Fichas Lexicográficas.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Pardo:

Português = 28

Castanho:

Português = 68

Ferrugem:

Português = 6

Quanto ao gênero, houve apenas sintagmas de nomes masculinos para dourad-, 28 casos, correspondendo ao gênero -o.

Para ferrugem, houve 2 sintagmas de construção femininos e 4 masculinos, sendo ela, porém, é uma palavra feminina (gramaticalmente).

Para castanh-, houve 3 construções de sintagma no masculino e 1 no feminino. A forma castanh- só apareceu com correlação de gênero em -o, havendo 5.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimo de base lexical pardo, castanho e ferrugem, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical pard-

processo de sufixação com -inho / pard-inh-o

(ii) Cromotopônimos compostos

Pardo Grande

Pardo Pequeno

do Castanho Gordo

do Castanho

Foram identificados 12 compostos ao todo.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos – encontrados na Ficha Lexicográfica.

Pardo:

Adjetivos = 28 / Nomes = 0

Castanho:

Adjetivos = 1 / Nomes = 3

Ferrugem:

Adjetivos = 5 / Nomes = 1

A respeito das flexões dos compostos, não foram identificadas.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 29 - Correlação entre as bases lexicais pardo, ferrugem e castanho, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Cores	Mesorregiões												total
	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					
		Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	
pardo	2	8		3		2		11				2	28
ferrugem				1							1	4	6
castanho		1	3										4
total	2	9	3	4		2		11			1	6	38

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical pardo foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 2 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Central Mineira, Jequitinhonha e Sul/Sudoeste de Minas, com 13 ocorrências ao todo. Na região paralela ao povoamento inicial apresentou significativa ocorrência em Central Mineira, 8 casos. Pardo continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 11 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 2 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata.

A base lexical ferrugem esteve presente em região de povoamento paralelo ao perímetro urbano e aurífero, 1 caso no Jequitinhonha. Ferrugem continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 4 casos no sertão por excelência da agricultura, Zona

da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, Vale do Mucuri apresentou 1 caso.

A base lexical castanho esteve presente nos cromotopônimos em região de povoamento paralelo ao perímetro urbano e aurífero, Central Mineira e Noroeste, respectivamente, 1 e 3 casos.

Pardo acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais, que começou do urbano para o rural. Sendo produtivo em regiões mineradora, agrária e agropastoril.

Ferrugem e castanho não acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais a partir do perímetro urbano aurífero por excelência, mas em regiões paralelas a este.

No geral, a escala cromática indica que as atividades de pecuária e mineração foram as mais representativas pelas cores pardo, ferrugem e castanho.

Tendo em vista a produtividade e motivação das cores pardo, castanho e ferrugem encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por pardo, ferrugem e castanho, já que são idiossincrasias da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pela cor marrom. Como são nuances do marrom, teriam associação material com terra, águas lamacentas, doença, desconforto e suas associação afetiva a pesar, melancolia, resistência, vigor (FARINA *et al.*, 2006, p. 104).

#### 6.2.8 Escala cromática do cinza

No dicionário, como pôde ser visto, consta para turvo características “Opaco, embaciado. 2. Escuro, toldado, sombrio, túrbido: horizonte turvo. 3. Revolto, agitado: mar turve. 4. Desordenado, confuso. 5. Transtornado, alterado S. m. 6. V turvação”. Para sujo, “úmido (...) Falta de limpeza, cheio de sujidade(s) (...) Manchado (...) mal definido (...) Sujeira, imundície, porcária (...) Vegetação superveniente derrubada de uma floresta primária ou secundária (...). Rução significa “Tirante a pardo; pardacento, pardaço. 2. Diz-se do cabelo ou da barba grisalha, arruçada, ou da pessoa que tem cabelos ou barbas dessa cor. 3. Bras. Desbotado pelo uso; surrado: camisa ruça. 4. Pop. Que tem cabelo castanho muito claro. (...) Névoa densa que alcança a Serra do Mar e se espalha à maneira de massa compacta que impede a visibilidade e umedece ou molha o ambiente.”

Isso pode ser definido considerando que cinza se encontra na posição intermediária entre a luz e a sombra, não interferindo junto às cores em geral. Representa fundir os estímulos,



Na extremidade do valle que acabo de descrever, atravessei o córrego de Santa Barbara, cujas águas sujas e avermelhadas attestavam os trabalhos dos mineradores (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233).

o dizer das claras águas que turvam na perdição, Vida é sorte perigosa passada na obrigação: toda noite é rio-abaixo, todo dia é escuridão... (ROSA, 1956, p. 447-448).

- animal

Todos cavalos ruços ou baios cor clara também aumenta muito a visão do tamanho deles. Ah, e gritavam (ROSA, 1956, p. 127).

Assim, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores vermelho, ruivo e piranga e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 30 - Ocorrências das bases lexicais rução, turvo e sujo distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

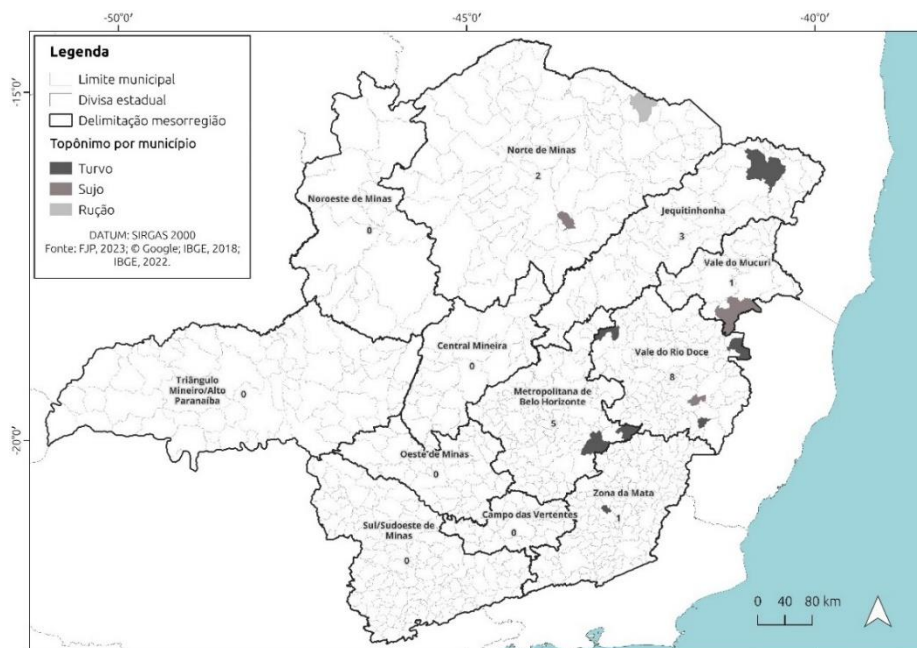
Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
turvo			3	5							7	1	16
sujo						1				1	1		3
rução						1							1
total	0	0	3	5	0	2	0	0	0	1	8	1	20

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A escala cromática de cinza teve 20 casos. A base lexical turvo teve 16 ocorrências, sujo 3 e rução, 1, como pôde ser visto na tabela.

A distribuição da escala cromática do cinza, isto é, das cores turvo, sujo e rução e suas variantes que - compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 45 – Carta dos cromotopônimos turvo, sujo e rução e suas variantes – escala cromática do cinza



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), quando se identifica a existência de tonalidades para a cor prototípica cinza. Contudo, não houve base lexical dela, mas sim das secundárias, nuances. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que o ambiente influencia mais a língua (SAPIR, 1961), uma vez que predominaram as idiosincrasias sobre o termo universal.

A escala cromática, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a escala cromática em questão, a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana e Jequitinhonha, a protorregião das matas correlata a Rio Doce, as protorregiões de campos e de currais correlata a Jequitinhonha e Rio Doce.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, a escala cromática foi mais encontrada na mesorregião Rio Doce, com 8 casos, isto é, liga-se às atividades agropastoris por excelência, tendo características de protorregiões de matas – vegetação vigorosa, matas fechadas, floresta intocada - e de protorregiões de campos e currais - temperaturas altas, extensas planícies, chapadões. Em seguida, a Metropolitana, com 5, onde predominou a atividade de mineração,

nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor, sendo uma protorregião de minas.

Na obra de Guimarães Rosa, há modalidades de cinza, como cinzento – cor da fumaça –, cor de céu que vem chuva, e cor da pelagem de animais (BORGES, 2004). Já ruço como “ruço-picaço” (animal cavalariço), “a transparência do primeiro elemento da composição é comprometida, porque tem inúmeras possibilidades de significado relativamente a cor, retiradas do DH<sup>7</sup> [sic.]” (BORGES, 2004, p. 94).

A cor turva tem como referente turvação de mar e horizonte, sendo escura, sombria, confuso, alterado. Já sujo diz respeito a umidade, falta de limpeza, sem definição. Rução é uma tonalidade que fica entre pardo e grisalho, desbotado, impede a visibilidade.

No que se refere às atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura, consideram-se algumas interpretações.

Com relação a turvo, que diz respeito à turbidez de horizonte e mar, alterando sua coloração muito em função das atividades econômicas. Na mesorregião Rio Doce, por exemplo, no século XX, a industrialização e a forte expansão da atividade agropecuária contribuíram com o abrupto crescimento populacional e a severa supressão da Mata Atlântica nativa. O cromotopônimo constituído por base lexical turvo foi mais encontrado nesta região.

No Jequitinhonha, os vales são geralmente cobertos de matas e frequentemente atravessados por rios e riachos, criando-se gado em amplas áreas. Ao longo dos anos, as atividades de mineração e a pecuária assorearam riachos e rios, deixando as águas turvas, daí se encontrar cromotopônimos com referente turvo nessa região. Há bases lexicais de turvo nesta região.

Na região Metropolitana, presença majoritária de minas de ouro alternado com povoamento, sendo a atividade de mineração altamente poluidora e devastadora de ambientes, como já sinalizado, “Na extremidade do valle que acabo de descrever, atravessei o córrego de Santa Barbara, cujas águas sujas e **avermelhadas** atestavam os trabalhos dos mineradores.” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233). Foram encontrados sintagmas toponímicos: ribeirão (Ribeirão do Turvo) e povoamento (Povoado Turvo de Alvinópolis e Povoado Turvo).

A cor suja está presente nas mesorregiões do Vale do Mucuri e Norte, regiões em que se predominou a atividade agricultura e pecuária, respectivamente, remetendo-se a águas poluídas pela atividade de pastagem da pecuária e outros resíduos.

---

<sup>7</sup> DH = Dicionário Houaiss de língua portuguesa.



Rução é cor da pelagem dos animais. Daí a se referir a contexto de pecuária ou simplesmente a animais. O cromotopônimo foi encontrado na região Norte, onde teve forte presença da pecuária, ao longo do Rio São Francisco.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a escala cromática do cinza nomeou mais acidentes físicos, 16 casos, que humanos, 4 ocorrências.

Tabela 31 - Distribuição dos cromotopônimos rução, turvo e sujo por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes						
	Físicos					Humanos	
	Ribeirão	Córrego	Rio	Morro	Serra	Povoado	Localidade
turvo	5	4	1	1	1	3	1
sujo	1	2					
rução		1					
escala total	6	6	1	1	1	3	1
totais		15				4	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 14 casos, sendo 10 por turvo, 3 por sujo e 1 rução.

Dessa forma, as bases lexicais das cores turvo, sujo e rução motivaram sintagmas toponímicos para nomeação de acidentes físicos e humanos, particularmente, os físicos hídricos. Das suas motivações, no geral, a escala cromática do cinza nomeia rios e estes topônimos motivam outras designações. O que pode ter acontecido é que a cor dos rios se faz turva e suja, por conta de atividades de mineração e pecuária. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Ademais, pode ter havido um processo de metáfora, no sentido de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento, como em Córrego Turvo, Povoado Turvo de Alvinópolis e Povoado Turvo, bem como para caracterizar o ambiente de gado, Córrego do Rução.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores turvo, sujo e rução, passa-se às análises de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão descritas na Ficha Lexicográfica.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Turvo:

Português = 16

Sujo:

Português = 3

Ruçãõ:

Português = 1

Quanto ao gênero, houve 14 sintagmas de nomes masculinos e 2 femininos para a base lexical turv-. Só houve construções em -o, 16 casos.

Para suj-, houve 3 sintagmas de construção no masculino, correspondendo à forma -o.

Para ruçãõ, houve um sintagma de construção no masculino, correspondendo à forma -o, no aumentativo -ão.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical, houve as seguintes construções:

- (i) Construção da base lexical ruç-  
processo de sufixação com -ão, / ruç-ão
- (ii) Cromotopônimos compostos

Turvo Grande

Turvo Pequeno

Turvo de Alvinópolis

do Turvo

Foram identificados 10 compostos pelo termo turvo.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Turvo:

Adjetivos = 12 / Nomes = 4

Sujo:

Adjetivos = 3 / Nomes = 0

Ruçãõ:

Adjetivos = 1 / Nomes = 0

A respeito das flexões dos compostos, não foram identificadas.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 32 - Correlação entre as bases lexicais rução, turvo e sujo, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior				total	
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
turvo	5			3						7		1	16
sujo								1		1	1		3
rução								1					1
total	5			3				2		8	1	1	20

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical turvo foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 5 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Jequitinhonha, com 1 ocorrência ao todo. Turvo continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 1 caso no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, Rio Doce apresentou, no total, 7 casos, inclusive, foi onde mais ocorreu essa base lexical.

As bases lexicais sujo e rução na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 1 caso no sertão por excelência da pecuária, Norte. A base lexical sujo ocorreu, ainda, em regiões de povoamentos intermediários entre urbano-sertão, Rio Doce e Vale do Mucuri apresentaram, no total, 2 casos.

Turvo acompanhou o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Sendo produtivo nas regiões mineradora e agropastoril, havendo mais casos neste. Sujo e rução não acompanharam o processo de povoamento, pois foram encontrados fora do perímetro urbano aurífero por excelência. O que parece sugerir é que, com o passar dos anos, as atividades econômicas que foram poluindo rios e devastando vegetações, ganharam novas nuances e nomes de cor – sujo e rução – embora esta última possa se referir mais à pelagem do gado vacum.

No geral, a escala cromática indica ambientes poluídos e degradados pela ação do homem em suas atividades de mineração, pecuária e agricultura. Dessa maneira, turvo, sujo e rução – nuances de cinza – representaram bem essa questão.

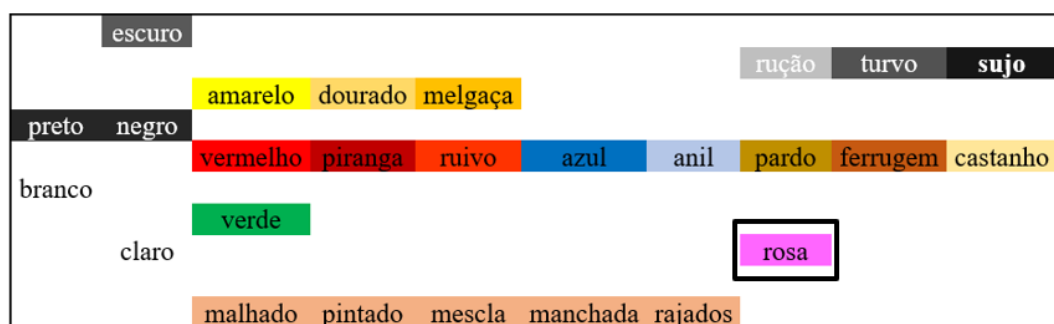
Considerando-se a produtividade e motivação das cores turvo, sujo e rução encontrada no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por tais cores, uma vez que são idiosincrasias da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pela cor cinza. Como são nuances do cinza, teriam associação material com pó, chuva, neblina, máquinas, mar sob tempestade, cimento e suas associação afetiva a tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, pena, aborrecimento, carência vital. (FARINA *et al.*, 2006, p. 98).

### 6.2.9 Escala cromática do rosa

No dicionário, como pôde ser visto, consta para rosa características, como “(...) A flor da roseira (...) Tem colorido variado (branco, amarelo, inúmeras tonalidades de vermelho, especialmente o muito claro), aspecto belo e delicado, e aroma agradável (...)”.

Sobre esta cor, ao localizá-la no *continuum* universal de evolução cromática, proposto por Berlin e Kay (1999), nota-se que há o ponto do rosa, cor base, prototípica, havendo a seguinte configuração:

Figura 46 – Quadro de localização dos termos rosa no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Podem-se encontrar exemplos dessa cor em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

(i) céu:

Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a roséia daquela cor. E lá é cimo alto: pintassilgo gosta daquelas friagens (ROSA, 1956, p. 23).

(ii) chão

Caminho não se havendo. Daí, trasla um duro chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro – no desentender aquilo os cavalos arupanavam (ROSA, 1956, p. 62).

(iii) espuma de água

Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal roseado... Piolho-de-Cobra se dava de sangue de gentio (ROSA, 1956, p. 433).

Desse modo, os seguintes resultados foram encontrados para a base lexical da cor rosa e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 33 - Ocorrências da base lexical rosa distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	total/cor
rosa				1		1	1		1		1		5
total				1		1	1		1		1		5

Fonte: elaborado pela autora (2024).

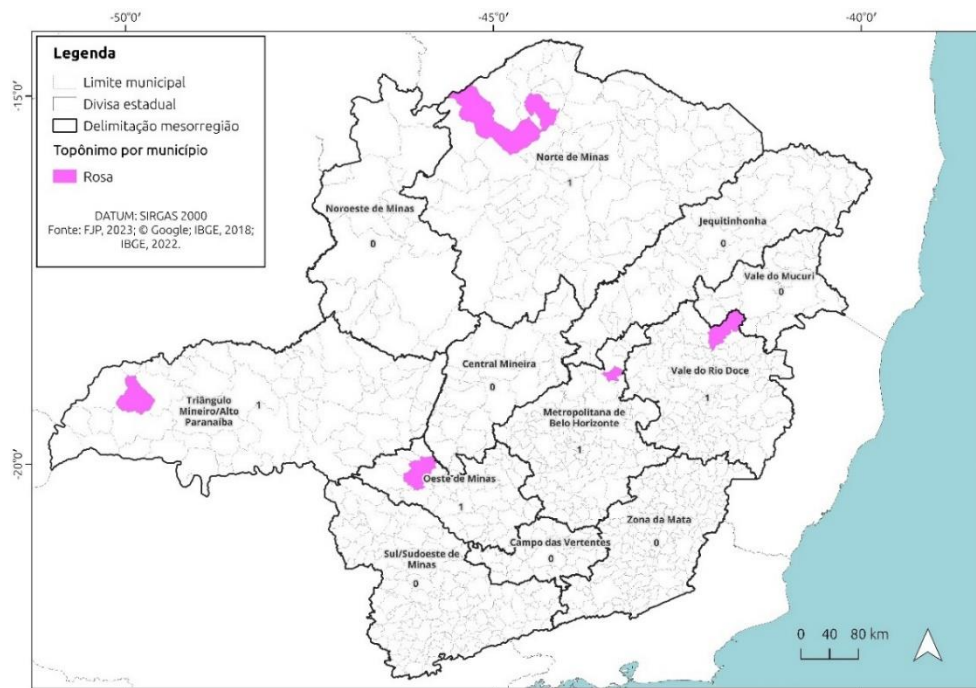
A base lexical rosa teve apenas 5 ocorrências ao todo, como pode ser visto na tabela.

Esse resultado também corrobora com o *continuum* proposto por Berlin e Kay (1999), tendo o rosa como cor prototípica, universal. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que a língua influencia mais o ambiente (SAPIR, 1961), uma vez que predominou o termo universal de forma unânime e universal.

Foram encontrados poucos cromotopônimos dessa base lexical, houve 1 ocorrência nas mesorregiões Metropolitana, Norte, Triângulo Mineiro, Oeste e Rio Doce.

A distribuição da escala cromática do rosa e suas variantes que - compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 47 – Carta dos cromopotopônimos rosa e suas variantes – escala cromática do rosa



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A cor refere-se e nomeia, portanto, as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a cor em questão, a protorregião das minas sendo correlata da mesorregião Metropolitana (nesta há alternância minas e vales, os moradores habitam as áreas ao redor), a protorregião das matas (vegetação vigorosa de matas) correlata a Rio Doce e Triângulo Mineiro; as protorregiões de campos e de currais (temperaturas altas, extensas planícies, chapadões) correlata à região Norte, Oeste, Triângulo Mineiro e Rio Doce.

A cor rosa diz sobre referentes roseira, flor, colorido, belo, delicado, aroma. Sendo um nome feminino, tem qualidades tipicamente femininas. O rosa não é somente um meio-termo entre o vermelho e o branco, ele tem seu caráter próprio (FARINA *et al.*, 2006). Ele é a forma reduzida de cor-de-rosa. Em Guimarães Rosa se acham nuances nomeadas, como rosa, rosado, róseo (vermelho-clara), róseo-maculado (manchado, sujo – tom escurecido de rosa), rosilho (equídeo de pelagem avermelhada e branca configurando aspecto rosado), rosa-roxo (penetrados violáceos – rosa tirante a roxo, com toque de alegria e riso). (BORGES, 2004).

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a cor rosa nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência. Por

isso, o rosa, na região Metropolitana – caracterizada pela atividade de mineração por excelência – pode ser encontrado em referentes, como o barro que envolve o ouro de aluvião retirado das grupiaras, uma vez que, da lavagem da pedra preciosa, saem minérios que colorem a terra/barro de vermelho e, à medida que é lavada a pedra, é possível que se torne rosada, por ser esta uma nuance de vermelho, “meio-termo”.

(...) E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão faiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, (...) em se acabando de tirar esta terra, que de ordinário é vermelha, acha-se logo um pedregulho, a que chamam desmonte, e vem a ser seixos miúdos com areia (...) (ANTONIL, [1650-1716] 2012, p. 197-198).

Talvez se poder nomear de “róseo-maculado”, como visto acima sobre as tonalidades de rosa, essa tonalidade resultante de lavagem do ouro.

Nas mesorregiões Norte e Oeste, caracterizadas pela atividade da pecuária por excelência, onde há criação de gado pelo ambiente que lhe é propício, a cor rosa pode ser um tipo de pelagem dos animais, como visto acima, e também se referir à cor do céu – do sol avermelhado. Esse ambiente também é visto em Rio Doce e Triângulo Mineiro, sendo estas caracterizadas por serem regiões agropastoris, tendo a base lexical rosa também se remetendo à flora pertencente à exuberante mata.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, a base lexical rosa nomeou 3 físicos e 2 humanos, conforme pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 34 - Distribuição do cromotopônimo rosa por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes			
	Físico		Humano	
	Lagoa	Córrego	Fazenda	Localidade
rosa	1	2	1	1
totais	3		2	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tratando-se da pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, os acidentes físicos hídricos foram os únicos que apareceram, 3 casos. Sobre esse referente água, conforme o exemplo citado de Rosa (1956), as espumas de cristais rosa aparecem em águas limpas e límpidas. Em tudo há água. E a cor rosa se refere a ela, ambos são elementos femininos, sinalizam a força e a vida (HELLER, 2022).

Dessa forma, a cor rosa motivou a criação de sintagmas toponímicos para nomear acidentes físicos e humanos.

Assim o falante e seu coletivo criativo é impactado pela cor rosa do ambiente físico (céu, chão, flora e espuma de água) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), batizando, portanto, lugares, toponimizando-os. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Além disso, pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor rosa advinda da vivacidade do solo, das matas, dos rios, bem como da potência das atividades de mineração, agricultura e pecuária.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical da cor rosa, passa-se às análises de suas origens, forma e gênero, formação das bases lexicais, classe gramatical e estrutura, flexões. Essas informações estão descritas na Ficha Lexicográfica.

É um nome de origem Português, houve 5 casos dessa base lexical construindo os sintagmas cromotoponímicos.

Quanto ao gênero, houve 2 construções de sintagma no masculino, correspondendo 1 forma de gênero em -o e 1 em -a. Houve 3 construções de sintagma no feminino, correspondendo 2 formas em -a e 1 em -o.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação deste cromotopônimos de base lexical ros-, houve as seguintes construções:

- (i) Construção da base lexical ros-  
processo de sufixação com -ado, -ada / ros-ado, ros-ada

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Rosa:

Adjetivos = 3 / Nomes = 2

A respeito das flexões dos compostos, não foi identificada nenhuma construção no plural.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:



Figura 48 – Correlação entre a base lexical rosa, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Mesorregiões													
Cores	Povoamento inicial	(+)ou- Povoamento paralelo ao perímetro aurífero					(+)ou- Povoamento posterior					total	
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
rosa	1						1	1	1	1			5

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical rosa foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 1 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, na Oeste. Rosa continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 1 casos no sertão por excelência da pecuária. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro e Rio Doce apresentaram, no total, 2 casos.

Rosa acompanhou o processo de povoamento em Minas Gerais, que começou do urbano para o rural. Esta base lexical teve pouca ocorrência, pulverizando-se com uma ocorrência nas mesorregiões, e caracterizou bastante a pelagem dos animais, o sol e o calor, a areia e o solo, o ouro. Dessa maneira, ser uma cor representativa da atividade econômica pecuária.

Tendo em vista a percepção, produtividade, motivação da cor rosa encontrada no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística desta base lexical, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por ela. Dessa forma, na associação da cor rosa ao ambiente, depreende-se um estado afetivo que se liga a viril e energético como a vivacidade e a pujança de animais, solos e rios indicando vida, bem como a potência destes para atividades de mineração e agropastoris. Em associações afetivas com a cor rosa desperta encanto, doçura, amabilidade, inocência, frivolidade, ternura, suavidade, força, regozizo (FARINA *et al.*, p. 105), sensações muito advindas do contato com os animais e o que eles representam.



Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

(i) adega, relva

Belezas tão austeras me tinham feito cobrir em profundo recolhimento, quando, inopinadamente, me vi próximo de um gramado, que, à direita da estrada, forma um prolongamento para dentro da floresta; e, tal é o efeito dos contrastes, esta relva produziu sobre mim a impressão que se tem quando, no abrir de uma adega **escura**, se revê de repente a luz do dia (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 75-76).

(ii) tetos

Dessas casas, assim entremeadas de cumes áridos e tufos condensados de vegetais, resultam pontos de vista tão variados como pittorescos; a cor ennegrecida de solo, a dos tectos, que não é menos **escura**, o verde carregado das laranjeiras e cafeeiros muito multiplicados nos jardins, um céu quase sempre nevoento, a esterilidade dos morros não edificadas, dão, porém, no panorama um aspecto sombrio e melancólico (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 131).

(iii) córrego

Um pouco além dessa morada o córrego fazia uma curva e parecia cortado por uma elevação quase a pique, coberta de mattas virgens muito serradas, e cujo verdor **escuro** contrastava com o matiz pardacento do capim gordura que crescia nos outros morros (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 232-233)

(iv) rios

Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucuia. O meu Urucuia vem, **claro**, entre **escuros**. Vem cair no São Francisco, rio capital. (...) Queria ouvir uma bela viola de Queluz – Esse me discriminou – o Verde-Alecrim formava somente um povoado: sete casas, por entre os pés de piteiras, beirando um claro riozinho. (...) (ROSA, 1956, p. 160, 407, 436, 752, 761, 825).

(v) animal

Só um, um cavalo claro, que era o de Mão-de-Lixa e se chamava Safirento. Se aprumou, nas alças, ficou suspenso, cochilasse debruçado na régua (...) Veio vindo para cá, o cavalo dele era **escuro**; era um alazão de bom pisar. (...) (ROSA, 1956, p. 160, 407, 436, 752, 761, 825)

(vi) animal e barro

Bovino de pêlo branco-amarelado e ao equino com pêlo da cor do barro **escuro** (ROSA, 1985, p. 76 apud BORGES, 2004, p. 74).

(vii) céu

Só aquele sol, a assaz claridade – o mundo limpava que nem um tremer d’água. Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias! E fomos. Terras muito deserddadas, desdoadas de donos, avermelhadas campinas. Lá tinha um caminho novo. Caminho de gado (ROSA, 1956, p. 719).

Nos exemplos encontrados, acharam-se escuro e claro tanto como luz (adeaga e rios) quanto cor (relva, tetos, córrego, rios e animais).

Assim, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores claro e escuro e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 35 - Ocorrências das bases lexicais claro e escuro distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

Cor/base lexical	Mesorregiões												
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	total/cor
escuro		1	2	1	6	17			3		1	5	36
claro					10	3			3		2	6	24
total		1	2	1	16	20			6		3	11	60

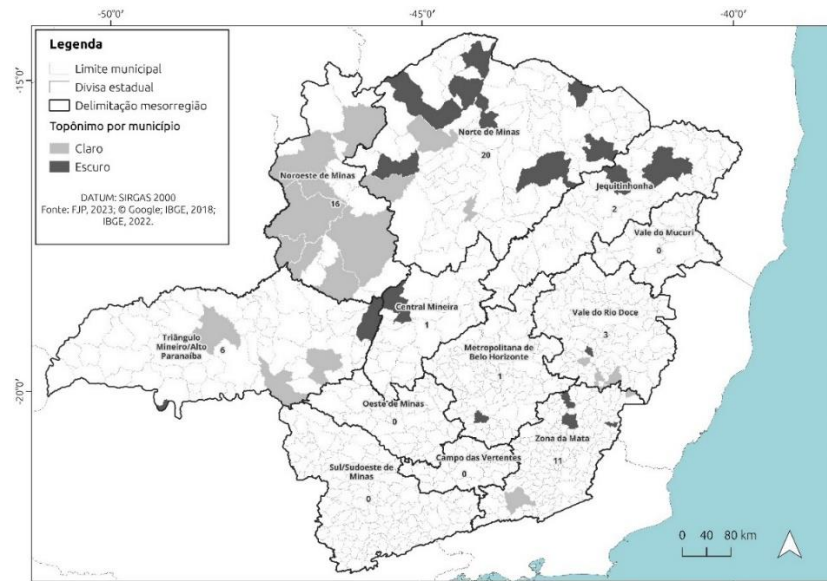
Fonte: elaborado pela autora (2024).

A percepção de luminosidade e escala de cor das bases lexicais escuro e claro teve 60 ocorrências ao todo. Escuro teve 36, e claro, 24, como pôde ser visto na tabela.

A base escuro teve predominância na mesorregião Norte, com 17 casos, e foi frequente também no Noroeste (6 ocorrências) e Zona da Mata (5). A base lexical claro foi produtiva no Noroeste, com 10 casos, também na Zona da Mata, teve 6 ocorrências.

A distribuição das luminosidades e suas variantes que compõem os cromotopônimos nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 50 – Carta dos cromotopônimos escuro e claro e suas variantes - luminosidades



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Essas cores, portanto, referem-se e nomeiam as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, para a escala cromática em questão, a protorregião das matas correlata a Zona da Mata; as protorregiões de campos e de currais correlata à região Norte e Noroeste, no primeiro há ainda a protorregião de sertão, e no segundo, protorregião de minas.

Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, essas cores nomeiam referentes associados a essa forma de sobrevivência. Dessa maneira, no geral, essas cores foram mais encontradas na mesorregião Norte, teve 20 casos, região da pecuária por excelência, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais, sendo por muito tempo também protorregião de sertão, zona desconhecida. Foram muito encontradas também na mesorregião Noroeste, teve 16 casos, região marcada pela pecuária e mineração (cidade de Paracatu). Tiveram frequência significativa na Zona da Mata, 11 casos, protorregião de matas – tendo a atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira.

Os cromotopônimos de base lexical ‘clara’ foram muito encontrados no Noroeste (10 casos) e Zona da Mata (6). Na primeira, por ser protorregião de campos, há extensas planícies e muitos chapadões, temperaturas elevadas e céu claro. Na segunda há presença de muitas matas fechadas, vegetação exuberante (embora com o tempo tenha sofrido devastação). Dessa

maneira, a cor clara se refere a regiões ensolaradas e claras na primeira, e, na segunda, a certa pureza e limpeza que a natureza resguarda a si, havendo presença de águas claras, no sentido metafórico de limpas. Também pode ser pensado que, por ser uma protorregião de minas, com presença de ouro, o claro pode simbolizar e reluzente pedra preciosa, no Noroeste (Paracatu). Já a presença de águas claras em Noroeste diz respeito mesmo à visão luminosa que se tem deles, por conta da paisagem de campos e os rios que os entrecortam; o sol forte, iluminado, ilumina-os. A paisagem influencia na cor dos rios, “O meu Urucuia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital.” (ROSA, 1956, p. 436).

Os cromotopônimos de base lexical ‘escuro’ foram encontrados em abundância no Norte (17), também no Noroeste (6) e Zona da Mata (5). A interpretação acima sobre a paisagem influenciar a visão que se tem da cor dos rios se aplica também para ‘escuro’. Contudo, esperava-se encontrar menos dessa base lexical no Norte, uma vez que a luminosidade do sol influencia na cor clara dos rios. No entanto, a cor escura pode estar ligada à pelagem dos animais de gado vacum. Na Zona da Mata – repleta de matas fechadas de verdes escuros – enegrecem a cor da água.

O bezerro-de-homem não sabe... O nosso pensamento de bois é grande e quieto... Tem o céu e o canto do carro... O homem caminha por fora. No nosso mato-escuro não há dentro nem fora (...) É como o dia e a noite... O dia é barulhento, apressado... A noite é enorme... (...) O bezerro-de-homem sabe mais, às vezes. Ele vive muito perto de nós e ainda é bezerro... Tem horas em que ele fica ainda mais perto de nós... Quando está meio dormindo, pensa quase como nós... Ele está lá adiante, e de repente vem até aqui... Se encosta em nós, no escuro... No mato-escuro-de-todos-os- bois... Tenho medo de que ele entenda a nossa conversa... (ROSA, Sagarana, p. 334 apud BORGES, p. 90).

Dessa forma, as atividades de mineração, pecuária e agricultura podem estar representadas tanto por claro quanto por escuro, já que essas tonalidades foram encontradas em regiões de garimpo (Metropolitana e Noroeste) criação de gado (Noroeste e Norte) e agricultura (Zona da Mata). E por processo de analogia e metáfora, alternam-se a nomear a característica própria do referente e, de forma crítica negativa, a dá-lo uma luminosidade que não tem por conta da poluição e degradação causadas por tais atividades econômicas.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pelas percepções e cores claro e escuro do ambiente físico (solos, matas, árvores, montanhas, ouro, rios e animais) e socioeconômico (mineração, agricultura e pecuária), nomeando assim acidentes físicos e humanos. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de analogia para tal nomeação. Além disso, pode ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor clara advinda da vivacidade dos rios e da luminosidade do sol, e a cor escura característica da

quintessência das matas e solos. Em contrapartida, por analogia e metáfora, também se tem o escuro nomeando rios e serras, mas não no sentido de homenagem e importância, e sim sob o ponto de vista de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento das atividades econômicas mencionadas.

Nesse contexto, as cores escura e clara motivaram sintagmas toponímicos para nomeação de acidentes físicos e humanos, particularmente, os físicos hídricos. Das suas motivações, pode considerar que, majoritariamente, a partir de sintagmas cromotopônimos que nomeiam de rios, designam-se outros acidentes físicos e humanos. Percebe-se que espectros cromáticos se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avolumando as possibilidades de expressões cromáticas.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, escuro nomeou 25 físicos e 10 humanos, e claro 16 físicos e 8 humanos, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 36 - Distribuição dos cromotopônimos claro e escuro por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes										
	Físicos							Humanos			
	Ribeirão	Cachoeira	Lagoa	Riacho	Córrego	Rio	Serra	Fazenda	Retiro	Cidade	Localidade
escuro	1	1	2	2	16	2	1	7	1		2
claro	3			2	2	9		4		1	3
escala											
total	4	1	2	4	18	11	1	11	1	1	5
totais				41						18	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 40 casos, sendo 24 por escuro, 16 por claro. A água aparenta ser clara ou escura, límpida devido à cor das rochas e das areias enegrecidas ou brancas, bem como os chapadões fechados de - “terras montuosas” - que contribuem para escurecer o local e dar essa coloração escura, ou campos abertos, dias ensolarados, que permitem enxergá-la clara.

Uma vez descrita a produtividade cromática e lexical das cores claro e escuro, passa-se às análises de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações são encontradas na Ficha Lexicográfica.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

Escuro:

Português = 36

Claro:

Português = 24

Quanto ao gênero, para escuro, houve 13 sintagmas de construção no feminino, 7 bases correspondem à forma do gênero -a e e 6 a -o. Foram identificados 23 sintagmas de construção no masculino, sendo 16 correspondendo à forma de gênero -o e 17 à -a.

Para clar-, houve 8 sintagmas de construção no feminino, sendo 2 bases correspondendo à forma -a e 6 a -o, bem como houve 16 sintagmas de construção no masculino, sendo 16 bases correspondendo à forma -o.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical claro e escuro, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical escur-

processo de sufixação com -inh, -ona, -ão / escur-inho, escur-inha, escurid-ão, escur-ona

Construção da base lexical clar-

processo de sufixação com -idade / clar-idade

(ii) Compostos por escuro e claro

da Escura  
do Escurinho  
do Escuro  
do Claro  
dos Claros  
Claro de Minas  
Claro dos Poções  
Claro Torrões  
da Claridade

Identificaram-se nove compostos.

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos – encontrados na Ficha Lexicográfica.

Escuro:

Adjetivos = 26 / Nomes = 10

Claro:

Adjetivos = 16 / Nomes = 8



A respeito das flexões dos compostos, foram identificadas duas ocorrências - Fazenda dos Claros.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 37 - Correlação entre as bases lexicais claro e escuro, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada.

Cores	Mesorregiões											total	
	Povoamento inicial	(+) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(-) Povoamento posterior					
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
claro			10					3	3	2		6	24
escuro	1	1	6	2				17	3	1		5	36
total	1	1	16	2				20	6	3		11	60

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical escuro esteve presente nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 1 caso, e nas regiões de povoamento paralelo ao inicial, Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, sendo estas também regiões auríferas, tendo 4 ocorrências no Noroeste (em Paracatu). Escuro continuou a ser produtivo na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 17 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 5 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro e Rio Doce apresentaram, no total, 4 casos.

A base lexical claro esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, núcleo aurífero. Desse modo, no período de povoamento inicial teve 10 casos no Noroeste, sendo 7 em Paracatu, região aurífera. Claro continuou sendo produtivo na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 3 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte, e 6 no sertão por excelência da agricultura, Zona da Mata. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro e Rio Doce apresentaram, no total, 5 casos.

As cores escuro e claro acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. A base lexical escuro foi mais produtiva na região pecuária,

por conta da pelagem dos animais como referente para nomear os acidentes físicos e humanos. A base lexical claro foi mais frequente na mesorregião Noroeste, simbolizando a claridade da região e a rutilância do ouro.

No geral, as luminosidades e cores escuro e claro podem significar também a interpretação de que, no início, das primeiras picadas, os ambientes eram escuros, cheios de montuosas montanhas e vales sombrios e, à medida que se descobria lugares mais luminosos, como o sertão pecuário por excelência, o claro do dia era mais frequente. Torres afirma que no início era tudo escuro e melancólico, a montanha envolvia sua população nesse espírito de conserva. (TORRES, 2011).

Considerando essa perspectiva, as cores claro e escuro nomeiam referentes que constituem as atividades de mineração, agricultura e pecuária. E, como se notou, representa tanto aspectos positivos – vivacidade e pujança dos referentes característicos das protorregiões minas, matas, campos, currais e sertões bem como os referentes constituintes da importância das atividades econômicas e culturais da mineração, agricultura e pecuária – quanto negativos – escuro nomeia aspectos da poluição e devastação causadas pela ação humana.

Tendo em vista a produtividade e motivação das luminosidades e cores encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição das afetividades provocadas por claro e escuro, uma vez que são idiossincrasias da cultura mineira, mas, fez-se uma analogia às emoções despertadas pelas cores preta e branca. Dessa forma, na associação de claro e escuro ao ambiente, depreende-se um estado afetivo que se liga a viril e energético como a vivacidade e pujança dos rios, solos, matas e animais, tudo indicando vida, bem como a potência destes para atividades agropastoris. Ademais, a cor escura que rios recebem a depender das rochas e solos que os cercam, ou as montanhas no amanhecer, ou quintessência das matas fechadas que escurecem, enegrecem com ardor o lugar. Em contrapartida, o escuro remete a um estado sombrio, sujo, morto, fim por conta da destruição causada pelas atividades econômicas - a mudança drástica na paisagem, a contaminação dos rios, a desassoreação dos solos, a morte da fauna e flora. A cor clara provoca noções de limpeza, claridade, iluminação, desperta emoções de paz, pureza e divindade. Em associações afetivas com a cor escura, tratando-se do lado negativo e sombrio, desperta-se sensações, emoções e sentimentos de mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, friquidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga, já o lado positivo, sensações de virilidade, energia, seriedade, sobriedade. (FARINA *et al.*, p. 97-98), os quais podem ser notados em relatos de viajantes, como Antonil, (2012) e Hilaire (1975).

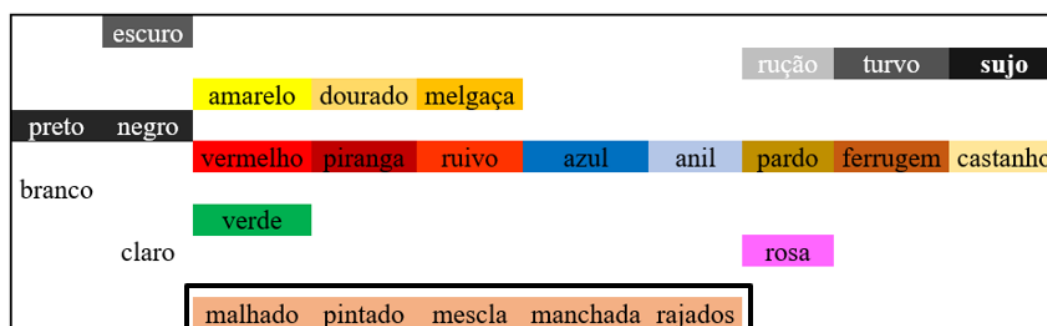
### 6.2.11 Escala cromática do malhado

No dicionário, como pôde ser visto, consta para malhado características, como (...) Espaço de coloração diferente na pele dos animais; mancha natural (...) Porção de pelos do animal destacada do todo da pelagem (...) Descoloração no conjunto da vegetação de um terreno (...) Cabana de pastores; malha (...) Curral de gado (...) Rebanho de ovelhas (...) Toca de animais selvagens (...) Lugar sombreado por grandes árvores, onde o gado costuma proteger-se da soalheira (...) Lugar onde se reúne comumente o gado, para ser trabalhado (...) Baixa umidade, onde medra vegetação análoga a dos agrestes, com predomínio de palmeiras (...) Plantação de fumo pouco extensa (...) Área gramada à frente da casa, nas fazendas de criação da caatinga (...) adulterada com misturas.” Consta para pintado, “Pequena mancha. Salpicado, pingo (...) Pequena mancha escura, artificial ou não, na cútis, sinal (...) a pele apresenta manchas, ou brancas, ou azuis, ou violetas, ou cor de café, ou vermelhas (...) Amostra de jazida aurífera (...) Que tem cores; coloridos (...) Cheio de pintas; mosqueado (...) Perfeito, excelente (...)”. Para rajado, “Estriado, listrado, raiado. Diz-se dos animais que tem manchas escuras”. Para manchada, “Que tem manchas ou malhas; malhado (...) Maculado, deslustrado, desacreditado, infamado.”. Para mescla, “(...) Mistura de elementos diversos; amálgama, misto (...) Mistura de substâncias da mesma natureza para se obter um todo homogêneo (...) Agrupamento ou reunião heterogênea (...) Tecido em que os fios da trama e da urdidura são de cores diversas (...) Impureza; imperfeição (...)”.

Estas cores não têm uma tonalidade específica, podendo se referir e nomear outras cores, por exemplo malhada preta e vermelho pintado, e outros referentes, como vaca malhada, onça pintada, tigre rajado, gato manchado de amarelo. Desse modo, não ocupam lugar específico no *continuum* do universal cromático, proposto por Berlin e Kay (1999), são idiosincrasias das línguas e cultura. Em comum elas têm o significado manchas, logo, manchas = pintas = raias = mesclas = malhas.

Haveria a seguinte configuração:

Figura 51 – Quadro localização dos termos malhado, pintado, mescla, manchada e rajados no *continuum* universal de evolução cromática



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo características em comum e correspondendo a cores secundárias, compõem a escala cromática do malhado – elegeu-se esta base lexical para nomear a escala, por ter sido mais frequente. Sendo assim, essas cores foram analisadas em suas particularidades e também no compartilhamento de aspectos da escala, como foi apresentado nas definições das cores.

Podem-se encontrar exemplos dessa escala em referentes do ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais, como

- planta

Os morros que o limitavam estavam cobertos de capim gordura; uma única planta disputava-lhe o terreno, era esse, chamado sapé, cuja cor amarellada, **mesclada** ao verde mais escuro e acinzentado do capim gordura, produzia um matiz geral de uma delicadeza irreproduzível (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 231-232).

Vi também, no Itabira, alguns pés de uma espécie encantadora de rhexia de cerca de cinco pollegadas de altura, coberta de inúmeras flores, cujas pétalas, da cor das chagas, tem na base uma **mancha** amarela em forma de coração (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 245-246).

- flor

A gente ia para o Buriti-**Pintado**. A lá, consta de dez léguas, doze, – “Na hora, cada um deve de ver só um algum judas de cada vez, mirar bem e atirar. O resto maior é com Deus...” – já vai que falava. (...) (ROSA, 1956, p. 126).

- animais

E as malocas de bois e vacas que se levantavam das **malhadas**, de acabar de dormir, suspendendo corpo sem rumor nenhum, nomeio-escuro, como um açúcar se derretendo no campo. (...) (ROSA, 1956, p. 403).

Agora, daquela hora, era meu o cavalo grande, com suas **manchas** e riscas – ah, como ele pisava peso no chão, e como ocupava tão grande lugar! (ROSA, 1956, p. 500).

- olhos

Diadorim, mesmo, a cara muito branca, de da alma não se reconhecer, os olhos **rajados** de vermelho, o encovo. Aquilo era o crer da guerra. (...) (ROSA, 1956, p. 614).

Dessa forma, os seguintes resultados foram encontrados para as bases lexicais das cores malhada, pintada, rajada, manchada e mescla e sua distribuição entre as doze mesorregiões.

Tabela 38 - Ocorrências das bases lexicais malhado, pintado, mescla, manchada e rajados distribuídas nas doze mesorregiões mineiras

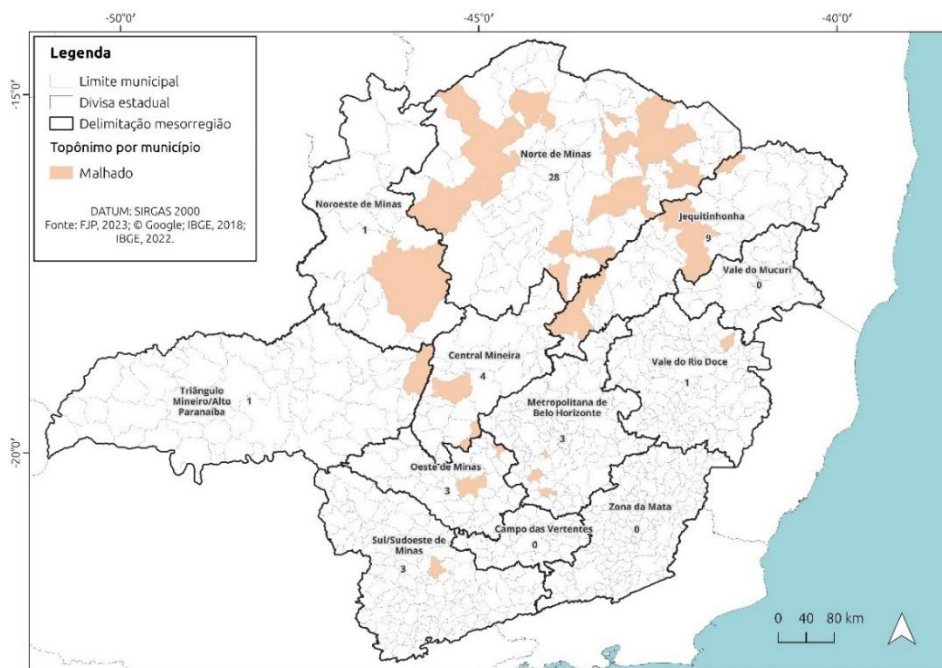
Cor/base lexical	Mesorregiões												total/cor
	Campo das Vertentes	Central Mineira	Jequitinhonha	Metropolitana	Noroeste	Norte	Oeste	Sul/Sudoeste de Minas	Triângulo Mineiro	Vale do Mucuri	Rio Doce	Zona da Mata	
malhado		4	4	2	1	19	1	3	1				35
pintado			4	1		7							12
mescla						2	2						4
rajado											1		1
manchada			1										1
total		4	9	3	1	28	3	3	1	1			53

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Percebeu-se que as bases lexicais malhado e pintado que formaram cromotopônimos foram as mais produtivas, tendo 35 e 12 casos, respectivamente. Mescla teve 4 casos. As demais manchas tiveram entre 1 ocorrência.

A distribuição da escala cromática do malhado suas variantes - que compõem os cromotopônimos - nos municípios de Minas Gerais encontra-se ilustradas na carta toponímica, a seguir.

Figura 52 – Carta dos cromotopônimos malhado, pintado, rajado, manchada, mescla e suas variantes – escala cromática do malhado



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Malhado ocorreu em todas as mesorregiões, exceto em Campo das Vertentes, Vale do Mucuri, Rio Doce e Zona da Mata. Pintado se manifestou em Norte, Jequitinhonha, Metropolitana. Mescla se localizou em Norte e Oeste. Rajado no Rio Doce e manchada no Jequitinhonha. Ter-se-ia, neste caso, uma situação em que o ambiente influencia a língua (SAPIR, 1961), uma vez que há possibilidades de se referir a pelagem malhada, dependendo do ambiente.

A escala cromática, portanto, refere-se e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões, vistas no capítulo 3; o homem dominando o meio. Estas podem ser correlacionadas às suas mesorregiões correspondentes. Deste modo, as correlações que podem ser feitas no geral são: as protorregiões de campos, de currais e de sertão correlata à região Norte. Relacionando a atividades econômicas e culturais que o homem desenvolveu para formar sociedade, a escala cromática nomeia referentes associados a essa forma de sobrevivência.

Dessa maneira, no geral, a escala cromática de malhado foi mais encontrada na mesorregião Norte, com 28 casos. Esta é região da pecuária por excelência, sendo caracterizada por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, protorregiões de campos, currais e sertão.

Em comum elas têm o significado manchas, logo, manchas = pintas = raias = mesclas = malhas. De acordo com o significado do dicionário, constam para essas cores referentes, como

mancha, pelos do animal, curral de gado, lugar sombreado por grandes árvores, baixa umidade, vegetação análoga a dos agrestes, área gramada, adulteração com misturas, salpicado, pingo, jazida aurífera, pintas, estriado, listrado, raiado.

Essas tonalidades são muito encontradas na obra de Guimarães Rosa se remetendo à pelagem de animais. Pintado significa coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, mas simétricas, bem como pode ser da cor da pelagem branca com manchas escuras. No que se refere a malhado, esta tonalidade pode se referir a muitas cores, como malhado-vermelha, malhado-amarela, malhada de preto. (BORGES, 2004).

Notou-se que essas bases lexicais se relacionam e nomeiam majoritariamente o referente de mundo cor da pelagem de animais. No entanto, parecem se referir mais ao animal que à própria cor, a ponto de se reconhecer e designar o animal pelo hipônimo malhada, por exemplo, em vez do hiperônimo gado. Além de designar nomes comuns, essas bases lexicais motivam a criação de nome próprio, bem como em topônimos. Dessa maneira, como foi visto no capítulo 2, entende-se que a referência a entidades do cotidiano do falante para a identificação do tom ou luminosidade da cor permite nomeação mais precisa e delimitada. (CORREIA; BARBOSA, 2014).

Interpretou-se que os cromotopônimos formados por malhada, pintado, mescla, rajado e manchado são motivados por cores da pelagem de animais das mesorregiões. No Norte há forte presença da criação de gado, sendo malhado, pintado, manchado e rajado característica da pelagem desses animais. Esta atividade marca bastante a região do Jequitinhonha, onde também se tem forte presença da agricultura e mineração. Pintado também pode ser interpretado como as pintas auríferas, já mencionadas no capítulo 3.

Quanto ao tipo de acidentes nomeados, os termos nomearem no geral 28 físicos e 26 humanos, quantitativos bastante próximos, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 39 - Distribuição dos cromotopônimos malhado, pintado, mescla, manchada e rajados por natureza dos acidentes

Cor	Natureza dos acidentes							
	Físicos					Humanos		
	Ribeirão	Lagoa	Córrego	Serra	Vereda	Fazenda	Povoado	Localidade
malhado	3	1	12		1	13		6
pintado		1	5			2	1	3
mescla			1	1	1			1
rajado			1					
manchada			1					
escala total	3	2	20	1	2	15	1	9
totais			28				25	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Tendo em vista a pujante força que se têm as águas, formadoras de vidas, individual e coletivas, responsável também por despontar economias e culturas, como se nota, os acidentes físicos mais nomeados foram os hídricos, 25 casos, sendo 16 por malhada, 6 por pintado, mescla, 1, rajado, 1, manchado, 1.

Os humanos mais nomeados foram fazenda, 15 casos, e localidade, 10, sendo 19 por malhado (13 fazenda; 6 localidades), 6 por pintado e 1 por mescla (localidade).

Assim se interpretou que o referente pelagem de animais motivou a nomeação dos acidentes físicos, sobretudo os hídricos, e humanos. A criação de animais margeia os aquíferos das regiões Norte e Jequitinhonha. Os tipos de acidentes mais encontrados também caracterizam o referente pelagem de animais – criação de gado –, no caso aquíferos e fazenda.

O falante e seu coletivo criativo é impactado pela cor de manchas do ambiente físico (animais) e socioeconômico (pecuária), nomeando, pois, acidentes físicos e humanos. O falante se recorre ao léxico da língua em um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a cor da pelagem dos animais, potências econômicas (progresso do carro-de-boi e atividade pecuária).

Nesse cenário, as cores malhada, pintado, rajado, mescla e manchada motivaram sintagmas toponímicos para nomeação de acidentes físicos e humanos, particularmente, os físicos hídricos. Das suas motivações, pode considerar que, majoritariamente, a partir de sintagmas cromotopônimos que a cor da pelagem de animais, designam-se acidentes físicos e humanos. Nota-se que espectros cromáticos se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo, avolumando as possibilidades de expressões cromáticas.



A seguir, passa-se às análises de suas origem, gênero e estrutura morfológica. Essas informações estão descritas nas Fichas Lexicográficas.

Logo, a seguir, descreve-se a origem dos nomes.

malhada:

Português = 35

pintada:

Português = 12

mescla:

Português = 4

rajado:

Português = 1

manchado:

Português = 1

Quanto ao gênero, houve:

15 construções de sintagma masculino e 20 femininos para a base lexical malhad-,

6 construções de sintagma masculinos e 6 femininos para a base lexical pintad-,

1 construções de sintagma masculinos e 3 femininos para a base lexical mescl-,

1 construções de sintagma masculinos e 0 femininos para a base lexical rajad-,

0 construções de sintagma masculinos e 1 femininos para a base lexical manchad-.

Quanto à constituição, sobre o processo de formação do cromotopônimos de base lexical malhada, pintada, mescla, rajada e manchada, houve as seguintes construções:

(i) Construção da base lexical malhad-

processo de sufixação com -inh, -ão / malhad-inha, malhad-ão

Com relação à quantidade de nomes e adjetivos, os seguintes quantitativos foram obtidos.

Malhada:

Adjetivos = 16 / Nomes = 19

Pintado:

Adjetivos = 6 / Nomes = 6

Mescla:

Adjetivos = 3 / Nomes = 1

Rajado:

Adjetivos = 1 / Nomes = 0

Manchada:

Adjetivos = 0 / Nomes = 1

A respeito das flexões dos compostos, foram identificadas Fazenda Malhadinhas e Córrego dos Rajados.

A respeito da relação entre cores de nomeação e o processo de povoamento, os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 40 - Correlação entre as bases lexicais malhado, pintado, mescla, manchada e rajados, o povoamento, o ambiente físico e as atividades econômicas e culturais

Cores	Povoamento inicial	Mesorregiões										total	
		(+ou-) Povoamento paralelo ao perímetro aurífero						(+ou-) Povoamento posterior					
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Sudoeste de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
malhado	2	4	1	4		3	1	19	1				35
pintado	1			4				7					12
rajado										1			1
mescla							2	2					4
manchada				1									1
total	3	4	1	9		3	3	28	1	1			53

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A base lexical malhado foi identificada nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 2 casos. Esteve presente nas regiões de povoamento paralelo à Metropolitana, em Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste, com 13 ocorrências ao todo. Malhado continuou sua produtividade na posterior fixação em outras áreas – os sertões – com 19 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte. Nos povoamentos intermediários entre urbano-sertão, o Triângulo Mineiro, no Triângulo Mineiro apresentou 1 caso. Na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Rio Doce, ocorreu bastante a base lexical vermelho, 15 casos.

Sobre as demais bases lexicais, pintado esteve presente nos cromotopônimos no período de povoamento inicial – região aurífera – com 1 caso. As bases lexicais pintado, mescla e manchada ocorreram em região de povoamento paralelo ao perímetro urbano e aurífero, Jequitinhonha e Oeste, 4, 2 e 1 casos, respectivamente. Pintado e mescla aparecem na posterior

fixação em outras áreas – os sertões – com 9 casos no sertão por excelência da pecuária, Norte. A base lexical rajado teve uma ocorrência na região intermediária de povoamento entre urbano-sertão, Rio Doce, ocorreu bastante a base lexical vermelho, 1 caso.

Malhado e pintado acompanharam o processo de povoamento em Minas Gerais que começou do urbano para o rural. Sendo ambos mais produtivos no sertão pecuário, caracterizando a pelagem dos animais e o sol e calor peculiares da região. Já rajado, mescla e manchada não acompanharam o processo de povoamento, pois foram encontrados fora do perímetro urbano aurífero por excelência.

No geral, a escala cromática indica que a atividade da pecuária foi a mais representativa das cores malhada, pintada, rajada, mescla e manchada.

Tendo em vista a produtividade e motivação destas cores encontradas no ambiente físico, econômico e social, e considerando também a análise da construção linguística destas bases lexicais, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tais cores. Não houve descrição dessas emoções por Farina *et al.* (2006), uma vez que se tratam de idiosincrasias da cultura mineira. Contudo, pode-se realizar uma analogia da escala cromática do malhado à do marrom, que é a que mais caracteriza também referentes de pelagem do animal. Dessa forma, na associação da cores malhada, pintada, rajada, mescla e manchada ao ambiente, depreende-se um estado afetivo que se liga a viril e energético como a vivacidade dos animais indicando vida, bem como a potência destes para atividades agropastoris.

Finalizam-se as descrições e análises de cada cor e suas escalas cromáticas. A seguir, passa-se aos resultados e análise geral a respeito da estrutura morfológica.

### **6.3 Análise morfológica**

#### **6.3.1 Quanto à origem dos nomes**

Uma vez identificadas a natureza e a taxonomia dos cromotopônimos, a seguir será analisada suas origens, não foi encontrada origem de base lexical africana.

Tabela 41 - Origem dos termos de cores

Origem do nome		
Português	Port. + Tupi	Tupi
564	6	18

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Como foi visto no capítulo 3, muitas comunidades indígenas existiram no ambiente pré-capitania de Minas Gerais. Sabe-se da forte influência na língua tupi. O nome piranga é de origem tupi, é uma cor vermelha, “Arvoreta da família das bignoniáceas (*Arrabidaea chica*), com que os índios preparavam um corante vermelho para a pele” (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, 2009). Ele foi usado para nomear 22 cromotopônimos. Contudo, na análise dessa cor (vista no capítulo 2), conclui-se que se considera um nome opaco, perdeu seu significado de cor ao longo dos anos.

### 6.3.2 Quanto à forma e ao gênero

Conforme apresentado, a classificação do gênero foi feita no nível sintagmático, ou seja, inserindo o artigo “a” e “o” diante do cromotopônimo. Os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 42 - Sintagmas e suas concordâncias com o artigo no início do cromotopônimo

SN masculino	SN femininos	total
395	194	589

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Percebe-se que houve mais sintagmas toponímicos masculinos, 395 casos. Femininos restaram 194 ocorrências.

As bases lexicais que compõem estes sintagmas masculinos e femininos correspondem a gêneros terminados em -a (malhada), -o (vermelho) e sem terminação específica (verde, azul, ferrugem). A seguir, se apresentam os resultados da quantidade de terminações em gêneros correspondendo a -a, -o e sem especificação:

Tabela 43 - Sufixos e correspondências em gênero

Correspondência em gênero			total
o	a	sem especificação	
274	234	81	589

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Nota-se, pois, que as terminações em -o foram mais produtivas, 274 casos, já para -a houve 234 ocorrências. Foram localizados 81 casos em que não se identificou a correspondência para o gênero.

Os processos de derivação e composição a partir de nomes básicos de cor estão disponíveis para o falante no português (CORREIA; BARBOSA, 2014). Dessa maneira, a respeito da composição dos elementos dos sintagmas toponímicos – cromotopônimos -, obteve-se os seguintes resultados:

Tabela 44 - Sintagmas simples e compostos

Tipo de sintagma toponímico		
SN simples	SN compostos	total
489	100	589

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Houve mais construções de cromotopônimos simples, 489 casos, a compostos, 100 ocorrências. Corroborou-se com Correia e Barbosa (2014) que o processo mais produtivo para nomes foi o da derivação por sufixação, seguido da composição. Ainda de acordo com estes autores, as palavras constituídas por sufixação (azulão, vermelhinho) nomeiam tons de cor de forma pouco precisa. As palavras derivadas de compostos (vermelho-púrpura, verde-azeitona) são mais eficazes, mais precisos, na nomeação dos tons e da luminosidade, uma vez que selecionam o nome de um objeto que, prototípica ou estereotipicamente, apresenta o tom ou o grau de luminosidade em causa, como amarelo-**canário**, azul-**ferrete**, verde-**alface**, azul-**celeste**. Tendo em vista essa constatação e fazendo uma analogia dela à construção dos cromotopônimos, notou-se que em cromotopônimos compostos, como Vila Vermelho Velho, Lagoa Preta de Cima, Fazenda Malhada Branca, os adjetivos “velho” e “branca” e o advérbio “de cima” dão maior precisão às cores focais vermelho, preto e malhado. Como já foi explicado, apoia-se mais no léxico que na paleta de cores (PASTOUREAU, 1997). Já a sufixação de diminutivo no cromotopônimo simples Córrego Escurinho oferece menos precisão semântica.

Os 100 sintagmas compostos são classificados em 56 masculinos e 44 sintagmas femininos.

Os 56 nomes compostos masculinos foram constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \text{ADJ}_{\text{sing}}] = 26$$

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \{\text{Prep} + \text{A}_{\text{sing}} + \text{S}_{\text{sing}}\}] = 7$$

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \{\text{Prep} + \text{A}_{\text{sing}} + \text{ADJ}_{\text{sing}}\}] = 23$$

Os 44 nomes compostos femininos foram constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \{\text{Prep} + \text{ADV}\}] = 4$$

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \text{ADJ}_{\text{sing}}] = 21$$

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \text{S}_{\text{sing}}] = 4$$

$$[\text{ADJ}_{\text{sing}} + \{\text{Prep} + \text{A}_{\text{sing}} + \text{S}_{\text{sing}}\}] = 15$$

A respeito da construção de cromotopônimos por derivação, houve os seguintes resultados:

Tabela 45 - Tipos de derivações nos cromotopônimos

inh	ão	ito/íta	ona	idade	ado/ada
52	5	4	1	1	2

Fonte: elaborado pela autora (2024).

O sufixo mais encontrado foi o diminutivo, teve 52 casos. Os demais tiveram baixa produtividade.

Verificou-se as sufixações em -nho(a), -ão -ita têm a função semântica na comunicação de recurso para expressar avaliação e carinho. Presentes em registros familiares, regionais e muito usados na oralidade. Eles denotam não tons ou matizes, mas níveis saturados das cores referidas pelas respectivas bases. Já os sufixos ado/ada exprimem relação posse, semelhança, proveniência, etc. O sufixo -ona manifesta uma intensificação e avaliação. O sufixo -idade se relaciona a ideia de estado, situação ou quantidade (CORREIA; BARBOSA, 2014).

Corroborar-se com Correia e Barbosa (2014) sobre a prefixação não constituir um processo disponível para a construção de termos de cores, há majoritariamente o uso da derivação por sufixação. Depreende-se a partir do cenário dos sufixos empregados na construção dos cromotopônimos, que os recursos da avaliação, da intensidade, da semelhança e do afeto são bastante utilizados, quando do uso de bases lexicais cromáticas, na comunicação.

E como foi visto, nos processos de metáfora e metonímia (BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007) para nomeação de nomes comuns e próprios de cores (ZAVAGLIA, 2006; MARTINS; ZAVAGLIA, 2014; BIDERMAN, NASCIMENTO, PEREIRA, 2007; GONÇALVEZ, 2017), inclusive nos cromotopônimos, baseia-se nestes recursos para designar os referentes.

Com relação à flexão de plural, houve 11 ocorrências de cromotopônimos no plural. Como foi visto, não há regra clara sobre qual melhor tipo de flexão de plural em sintagmas compostos de cores, prevalecendo aquela que mais bem atenda às exigências discursivas (SANTOS, 2001). Em analogia a essa constatação e em se tratando de criação de nomes próprios de lugar, cromotopônimos, a flexão para o plural não foi tão produtiva.

Finaliza-se, com isso, a análise da estrutura morfológica das bases lexicais das cores, bem como a seção da análise quantitativa e qualitativa dos cromotopônimos. A seguir, apresentam-se as considerações finais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pertence à disciplina Toponímia, portanto, investigou-se a nomeação de lugares e sua significação. Para a concretização desse labor, analisou-se o léxico das cores do estado de Minas Gerais nomeando acidentes físicos e humanos. Ao olhar para os sintagmas toponímicos – cromotopônimos – examinando-os, fez-se uma viagem ao passado, no intuito de poder descobrir os aspectos físicos, históricos, culturais, econômicos e sociais relacionados aos termos de cores, servindo como fator motivacional no ato de nomeação dos lugares.

Dessa maneira, este texto de tese foi estruturado em sete capítulos retomados, a seguir.

No primeiro capítulo, apresentou-se a contextualização da problemática desta pesquisa, isto é, como o fenômeno da *taxe cromotopônimo* se faz de importante discussão dentro da disciplina da Toponímia, vinculada à Onomástica e, logo, embasada por estudos lexicais.

No segundo capítulo, foi apresentado o arcabouço teórico que ancorou esta pesquisa, qual seja: a teoria da Toponímia, fundamentada, principalmente, em Dick (1990a,b) e Seabra (2004, 2006). Partiu-se da elucidação dos conceitos basilares de linguagem, língua e cultura, encontrada em Sapir (1961;1969), Biderman (1981; 1987; 1996) e Duranti (2000), para a apresentação sobre as ciências do léxico, a Toponímia e seu signo toponímico. Assim, por meio de um nome, como Rio Pardo – um dos rios das gerais, é possível enxergar toda essa fundamentação teórica, na medida em que o topônimo permite desvelar cenário linguístico e sociocultural, jogando luz sobre o ambiente cultural, no caso, o território mineiro.

Neste capítulo também é apresentado o Projeto ATEMIG, tesouro conquistado para o desenvolvimento de pesquisas na Onomástica.

Ainda no segundo capítulo, foi dissertado sobre o fenômeno da *taxe cromotopônimo*. Como diz respeito à cor, apresentou-se que é uma temática que vem sendo estudado sob várias óticas: física, química, filosofia, psicologia, linguística, dentre outros. Tratando-se, pois, de um tema intrigante e complexo. Conforme foi explanado, considera-se um fenômeno de percepção sensorial, de aspectos psicológicos e culturais, refletindo nos nomes de cores, isto é, os olhos o recebem e o cérebro o interpreta, sendo esta percepção representada linguisticamente de maneiras distintas, de acordo com a cultura, conforme Pedrosa (1977), Guimarães (2000), Oliveira (2015), Pastoureau (1997), Farina *et al.* (2006), Heller (2022). E demonstrou-se que tal explanação a respeito das cores contribuiu para mais bem dizer sobre dinâmica cultural e linguística na qual se insere a *taxe* pesquisada. Sendo assim, na transmigração do plano lexical ao onomástico, há o batismo de nomes de lugares por meio das bases lexicais das cores, obtendo a motivação cromotoponímica. Nesta pesquisa, examinou-se a significação e riqueza sintático-



semântico-pragmática do léxico de cores da língua, especificamente de Minas Gerais, sendo ele resultado de uma forma particular e única de descrever as cores neste sistema linguístico. Apresentou-se, dessa forma, a hipótese de que o uso de nome termos lexicais de cores para nomear acidentes físicos estaria ligado ao processo de povoamento de Minas Gerais.

Procedendo ao exame dos cromotopônimos trabalhados nesta pesquisa, pôde-se descortinar características do território das Gerais, no terceiro capítulo. Para demonstrar quando da luta do homem contra o meio para se fixar-se ao solo e erigir uma forma de viver, descreveu-se o ambiente físico de Minas Gerais, conforme estudos de Diégues Junior (1960) e Torres (2011), bem com sob à luz do conceito de protorregiões de Carneiro (2013), que norteou a análise sobre a percepção e conceitualização das cores. Ao lado dessa descrição, quando do homem e suas formas de vida e de se relacionar com o meio, apresentou-se as relações econômicas, sociais e culturais que basearam a sociedade mineira, conforme, sobretudo, Cunha e Godoy e (2003). Apresentou-se a hipótese da força centrípeta que atuou na construção do território mineiro, tanto social como linguística, em que o processo de formação se deu do perímetro urbano auríferos para as áreas de sertão, conjecturando, com isso, que o uso de cromotopônimo faria o mesmo caminho.

O quarto capítulo deste trabalho refere-se aos procedimentos metodológicos. Considerando os objetivos desta pesquisa, utilizou-se a metodologia de fichas lexicográficas, conforme Dick (1990a, b), Seabra (2004, 2006) e Carvalho (2014). Acrescentou-se a esse método um quadro-resumo de característica físicas, econômicas e sociais da formação de Minas Gerais, de acordo com leituras feitas de Carneiro (2013) e Cunha e Godoy (2003), para mais bem dizer sobre a dinâmica do processo de povoamento histórico e como os termos lexicais de cores estão inseridos neles.

No quinto capítulo, foram apresentadas as fichas lexicográficas, organizadas de acordo com as bases lexicais, correspondendo a 26 entradas, em ordem alfabética. Trata-se do *corpus* utilizado neste trabalho, segundo a teoria de Dick (1990a, b), Seabra (2004, 2006) e Carvalho (2014) e, portanto, respectivos procedimentos metodológicos.

No sexto capítulo, as análises sobre os termos lexicais de cores e suas escalas cromáticas influenciadas pela língua e pelo meio, conforme Sapir (1969), foram apresentadas.

Dessa maneira, este trabalho demonstrou que as cores estão relacionadas ao ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais. As bases lexicais mais encontradas foram: preto, vermelho, dourado, verde, escuro e malhado. Em seguida, pardo, branco, azul, claro, piranga. Com menor frequência, as bases turvo, amarelo, negro, pintado, ferrugem, rosa, mescla, castanho, sujo, ruivo, rajado, melgaça, rução, anil e manchada.

As cores nomeiam tanto o ambiente físico, isto é, quando o homem luta com o meio para se fixar, bem como as relações sociais e econômicas que estabelece para sobreviver. O ambiente físico desta pesquisa foi descrito sob a definição de protorregiões (CARNEIRO, 2013), já o social foi trabalhado tendo em vista o modelo de regionalização das doze mesorregiões que compõem Minas Gerais, sendo historicamente, classificada como região cultural mineradora (CUNHA; GODOY, 2003).

A mesorregião em que mais se identificou a ocorrência de cromotopônimos foi a Norte, onde há o predomínio de protorregiões de campo, currais e sertões. Em seguida Zona da Mata (matas e sertão), Rio Doce (campos e matas), Metropolitana (minas), Triângulo Mineiro (campos, currais, sertões e matas), Sul/Sudoeste (matas). Na sequência, abaixo de 50 casos, apareceram Jequitinhonha (matas, minas, campos, currais e sertões), Noroeste (minas, campos, currais e sertões), Central Mineira (minas, campos e currais), Oeste (campos e currais), Vale do Mucuri (matas), Campo das Vertentes (matas e sertão). Esses resultados demonstraram que os cromotopônimos se ligam ao processo de povoamento do território, pois foram encontrados muitos casos, 68, apenas na mesorregião Metropolitana, e nas regiões paralelas ao perímetro urbano, Central Mineira, Noroeste, Jequitinhonha, Campo das Vertentes e Oeste, foram identificados, ao todo, 182 casos. Corroborou-se, portanto, com a hipótese da força centrífuga da língua, sendo eclodida, também, sob a forma de cromotopônimos. E, ao lado dessa constatação, pelo fato de ter havido mais ocorrências de cromotopônimos em Norte e Zona da Mata, que são regiões de protorregião sertão, isso pode ser explicado pelo fato de as cores estarem relacionadas à abundância da flora e fauna (ZAVAGLIA, 2006-2007 e BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007), bem como a pujança das atividades econômicas e culturais, representando Minas Gerais. Diante dessa perspectiva, verificam-se terras e matas desconhecidas e intocáveis, que, ao serem avistadas, provocam sensações de potência e vivacidade, encontradas em um solo vermelho fértil para plantar, bem como do preto em matas virgens e fechadas, de um verdor tão exuberante que enegrece o lugar, da vivacidade dos animais vista na sua pelagem malhada, do dourado do pôr-do-sol, da claridade do céu e dos rios, da escuridão dos caminhos e descaminhos. Por meio de processos linguísticos, portanto, como metáforas e metonímias, esse ambiente motiva a nomeação de acidentes físicos e humanos. Portanto, representando esses ambientes mineiros, as escalas de cores vermelho, preto, amarelo, escuro, malhado e verde constituíram cromotopônimos.

Nesse cenário, há universais de cores que existem no mundo, representados por termos básicos delas no tempo e espaço (BERLIN; KAY, 1999). As ocorrências desta pesquisa atestaram esse universal, composto dos termos preto, branco, vermelho, amarelo, verde, azul e

rosa. E, para além dele, demonstraram a grandiosidade e rutilância das possibilidades que o léxico oferece de designar o colorido dos lugares bem como seus termos característicos, em seu relativismo linguístico, conforme Sapir (1969), Zavaglia (2006-2007) e Biderman, Nascimento e Pereira (2007). Obteve-se, assim, os termos escuro, claro, negro, piranga, ruivo, dourado, melgaça, anil, rução, turvo, sujo, pardo, ferrugem, castanho, rosa, malhado, pintado, mescla, manchada e rajados. Corrobora-se com a existência dos universais, mas, para além deles, atesta-se as nuances existentes nas culturas.

Descobriu-se, pois, que as escalas de cores mais encontradas - vermelho, preto, amarelo, escuro, malhado e verde - que constituíram cromotopônimos representam aspectos do ambiente físico, flora e fauna e, indiretamente, características das atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura. Os cromotopônimos também permitiram uma leitura de que a representação é feita tanto de forma positiva, em gesto de homenagem, consagração, respeito, honra, como de forma negativa, sinalizando a degradação ambiental. Conclui-se, portanto, a paleta de cores de Minas Gerais foi formada pelas escalas cromáticas de vermelho, preto, amarelo, escuro, malhado e verde, seguiram o processo de povoamento nas minas, que vai do perímetro aurífero urbano para o rural, isto é, o microssistema das cores também acompanha a força centrífuga de povoamento e da língua portuguesa em Minas Gerais.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2012. v. VI.

ABREU, Capistrano de. Capítulos de história colonial: 1500-1800. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. 337 p. parte I – XI. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2023.

AC MINAS. Business Guide. As regiões de Minas. Disponível em: <https://acminas.com.br/minasguide/pt/as-regioes-de-minas/#>. Acesso em: 20 out. 2023.

ALI, Manuel Said. *Investigações filológicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 2012. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/cultura-opulencia-do-brasil.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BALDINGER, Kurt. *Semasiologia e onomasiologia*. Tradução do original em francês por Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Alfa, 1966. v. 9, p. 7-36.

BARANDA, Oneyr. Subsídios para o estudo da instalação da pecuária em Minas Gerais. *Revista de História*, São Paulo, v. 35, n. 72, p. 393-404, 1967. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126796>. Acesso em: 3 jan. 2024.

BERLIN, Brent; KAYL, Paul. (1969). *Basic color terms: their universality and evolution*. Stanford: CSLI Publications, 1999. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED019655.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BIDERMAN, Maria Teresa; NASCIMENTO, Maria Fernanda B.; PEREIRA, L. Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVEZ, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007. v. III, p. 105-124.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107739>. Acesso em: 6 jan. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVEZ, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007. v. III, p. 193-208.

BORGES, Maria Zélia. *Coleta de cores: uma ode a Minas Gerais*. São Paulo: SGuerra, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Language and symbolic power*. Cambridge: Polity Press, 1991.

BRANGEL, Lais Moreira. O universalismo semântico entre termos de cores e o seu reflexo nos estudos da linguagem. In: SEMANA DE LETRAS DA PUCRS: O COTIDIANO DAS LETRAS, 11., 2011, Porto Alegre. *Anais eletrônicos* [...]. Porto Alegre: PUCRS, 2011. p. 1-13. Disponível em:  
<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/larissabrangel.pdf> Acesso em: 10 mar. 2023.

BROWN, R.; LENNEBERG, E. A study in language and cognition. *The Journal of Abnormal Psychology*, Washington, v. 49, n. 3, p. 454-462, 1954.

BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de semiótica e cultura*. Aulas do Prof<sup>a</sup> Ivan Bystrina. São Paulo: PUC-SP, 1995. pré-print.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961. v. 9. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acardoso-1961-toponimia/Cardoso\\_1961\\_ToponimiaBrasilica\\_CORRIGIDO\\_completo.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acardoso-1961-toponimia/Cardoso_1961_ToponimiaBrasilica_CORRIGIDO_completo.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

CARNEIRO, Patrício A. S.; MATOS, Ralfo E. S. *Geografia histórica da ocupação da Zona da Mata Mineira: acerca do mito das “áreas proibidas”*. In: 2010. XIV SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 14., 2010, Diamantina. *Anais...* Diamantina: Cedeplar-UFMG, 2010. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2010/D10A081.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CARNEIRO, Patrício Aureliano S. *Do Sertão ao Território das Minas e das Gerais: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-95SMJC>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal)*. *Revista USP*, n. 56, p. 172-179, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p172-179>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. *Cadernos do CNLF*, v. XI, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Minas de todos os Santos: dicionário de topônimos*. Curitiba: Appris, 2017.

CARVALHO, Ana Paula. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PMR2U>>. Acesso em: 10 maio 2021.

CHOMSKY, N. *Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought*. Edited by James McGilvray. 2 th ed. New Zealand: Cybereditions, 2002.

COELHO, André Luiz Nascentes. *O histórico da ocupação e impactos socioambientais no eixo Norte da RMBH (Região Metropolitana de Belo Horizonte) em áreas do Município de Ribeirão das Neves – MG*. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003 Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-8LXH3G>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Litotoponímia mineira*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1556D.pdf>. Acesso em: maio 2023.

CORREIA, Margarita; BARBOSA, Sílvia. Para o estudo da denominação da cor em português: estrutura e significado dos nomes e adjetivos construídos. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. 2, 385-406, jan./jun. 2013.

COTTA, Emanoela Cristina Lima. *A sociotoponímia em Minas Gerais*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/40831>. Acesso em: ago. 2022.

CUENCA, M. J.; HULFERTY, J. Introducción a la linguística cognitiva. Barcelona: Editorial Ariel. 1999, p. 72-73. In: BIDERMAN, Maria Teresa; NASCIMENTO, Maria Fernanda B.; PEREIRA, L. Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVEZ, Ieda Maria. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007. v. III, p. 105-124.

CUNHA, Alexandre Mendes; GODOY, Marcelo Magalhães. *O espaço das Minas Gerais: processos de diferenciação econômico-espacial e regionalização nos séculos XVIII e XIX*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 5., 2003. Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: [https://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_alexandre\\_mendes\\_cunha\\_marcelo\\_magalhaes\\_godoy\\_-o-espaco-das-minas-gerais-processos-de-diferenciacao-economico-espacial-e-regionalizacao-nos-seculos-xviii-e-xix.pdf](https://www.abphe.org.br/arquivos/2003_alexandre_mendes_cunha_marcelo_magalhaes_godoy_-o-espaco-das-minas-gerais-processos-de-diferenciacao-economico-espacial-e-regionalizacao-nos-seculos-xviii-e-xix.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

DAL’PUPPO, Matheus; AMARAL, Gabriel Jung do. Os limites do debate universalismo das cores vs. relativismo linguístico. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 10, 2021, 101533-101555. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n10-460>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DAUZAT, Albert. *Dictionnaire étymologique dès noms de famille et prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.

DAUZAT, Albert. *Les nouns de Lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DIANE, Abdelkarim. Termos de cores: verde & vermelho. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/39324>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. *Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolingüística da toponímia brasileira*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 5., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 9, 1980. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 25 dez. 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; BATELLA, Wagner Barbosa. O Estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. *Revista Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 17, n. 33, dez. 2005.

DOLLFUS, Olivier. O espaço geográfico. 4. ed. São Paulo: Difel, 1982 apud DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: IEB-USP, 1965. Disponível em: [https://etnolingüistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adrumond-1965-contribuicao/Drumond\\_1965\\_ContribBororoToponimiaBrasilica.pdf](https://etnolingüistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adrumond-1965-contribuicao/Drumond_1965_ContribBororoToponimiaBrasilica.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

DUQUE, P. H. *Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: primeira parte*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/21/13.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIA, Silvio. *A unidade linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 5. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FONSECA, Claudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D'el Rey: espaço e poder nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

FONSECA, Heloisa da Cunha; CANO, Waldenice Moreira. Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua geral. *Revista Horizontes Científicos*, Uberlândia, v. 5, n. 2, dez. 2011.

FREIREYSS, Georg Wilhelm. Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v.11, p. 158-228, 1906.

FREITAS, Cassiane Josefina de. A zootoponímia em Minas Gerais. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1761D.pdf>. Acesso em: maio 2022.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Micro Região dos Campos das Vertentes estudo preliminar e diretrizes de desenvolvimento*. Belo Horizonte, 1977. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=49017&codUsuario=0>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GOMES, Marianna de Franco. 2019. A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57219>. Acesso em: jan. 2024.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII*. In: Seminário sobre a economia mineira, 11., 2004. Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR-UFMG, 2004. p.1-23. Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A031.PDF>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

GONÇALVEZ, Maria Filomena. *O 'Campo das cores' no dicionário histórico do português de Portugal (sécs. XVI-XVIII)*. SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., Simpósio 52 – Estudos históricos do léxico e lexicografia do português, 1177-1194. 2017. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17856>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. Disponível em: [mg.gov.br](http://mg.gov.br). Acesso em: 20 out. 2023.



GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

HATFIELD, Gary. Objectivity and Subjectivity Revisited: Color as a Psychobiological Property. In MAUSFELD, Rainer; HEYER, Dieter (Ed.). *Colour Perception: Mind and the Physical World*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 4. reimpr. São Paulo: Olhares, 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Metals e pedras preciosas*. In: HOLANDA, Sérgio B. de (Ed.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982. t. 1, v. 2.

HOUGH, C. *Names and Naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <https://ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na toponímia. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: BARROS, L. A.; ISQUERDO, M. A. N. (org.). *O léxico em foco*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2007. v. III.

KREBS, Luciana Monteiro; LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira. Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da ciência da informação. *Transinformação*, v. 30, n. 1, p. 81-93, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-08892018000100007>. Acesso em: 9 ago. 2021.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1985.

LANA, Zilda Maria de Oliveira. A atividade mineradora em Minas Gerais e em Ouro Preto: impactos socioambientais e intervenções para a sustentabilidade. *Sociedade e Território*, v. 27, n. 3, p. 45-59, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/7334>. Acesso em: 3 jan. 2024.

LATIF, Mirian de Barros. *As Minas Gerais*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2008. cap. 1.

LIMA, Emanoela Cristina. *A toponímia africana em Minas Gerais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR96LNKL/1/a\\_topon\\_mia\\_africana\\_em\\_minas\\_gerais\\_emanoela\\_lima.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR96LNKL/1/a_topon_mia_africana_em_minas_gerais_emanoela_lima.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 2, p. 108-122, maio/ago. 2010.

LIMA, Yêdda Dias. Códice Costa Matoso: coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis; coordenação geral de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Maria Verônica Campos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Acesso em: 29 abr. 2024, 1999.

LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci del Nero da. A presença do elemento sudanês nas Minas Gerais. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1980. Suplemento cultural, v. 4, n. 174, p. 6-7.

MAGALHÃES, Lana. *Olhos*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/olhos/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MARTINET, André *Elementos de lingüística geral*. Tradução de Jorge Morais Barbosa. 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MARTINS, Marcos Lobato. *O Jequitinhonha dos viajantes, séculos XIX e XX: olhares diversos sobre as relações sociedade – natureza no nordeste mineiro*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000200022>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MARTINS, Sabrina de Costa; ZAVAGLIA, Claudia. *Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical*. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/10347>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MARTINS, Sabrina de Costa; ZAVAGLIA, Claudia. *O relativismo linguístico dos nomes populares das espécies da fauna e da flora*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/176860/178824>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine Française*. Paris: Didier, 1953.

MENDES, Heitor Nascimento. As bases da formação territorial do Triângulo Mineiro: subsídios para compreender o espaço agrário. *Observatório Geográfico América Latina*. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiagraria/07.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1973. (Retrato do Brasil, 83).

MOLINARI, Luis Gustavo. *De José Joaquim da Rocha a Frederich Wagner: civilização, nativos e colonos nas representações cartográficas dos sertões leste de Minas Gerais (1778-1855)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-82CLQ8/1/disserta\\_\\_o\\_luis\\_molinari\\_final.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-82CLQ8/1/disserta__o_luis_molinari_final.pdf). Acesso em: ago. 2023

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: 2003.

MONTE-MÓR, R. A fisionomia das cidades mineradoras. *Texto para discussão*, CEDEPLAR-UFMG, n. 163, p. 1-13, 2001a.

MORAES, Fernanda Borges de. De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais. In: RESENDE, Maria Efígenia Lage de; VILLALTA, Luis Carlos (org.). *As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, 2007.

MORAES, Waldenor Filho B. *Uso conotativo das designações das cores em português e em inglês*. 1995. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Norte Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MOURA, Antônio de Paiva. Norte de Minas: formação histórica. *As Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=91&codConteudoAtual=163>. Acesso em: 08 set. 2023.

MOURÃO, Maria da Graça Menezes. Mineração do Ouro nas “minas gerais” do século XIX: viajantes estrangeiros e política econômica. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 3, n. 11, v. 4, p. 109-14. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/mineracao-do-ouro>. Acesso em: 10 mar. 2023.

NEWTON, Isaac. *Opticks or a treatise of the reflections, refractions, inflections & colors of light*. New York: Dover, 1979.

OLIVEIRA, Debora Fontoura. *A percepção: um processo objetivo, categórico e não conceitual*. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

PASTOUREAU, Michel. *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*. Tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de; REZENDE, Rayne Mesquita de. *Língua, cultura e léxico: confluências entre lexicografia e filologia*. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16564>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. Ocupação do espaço, formas de produção e território: uma nota sobre a formação territorial de Minas Gerais. *Revista Científica da Faminas*, Muriaé, v. 1, n. 2, p. 1-21, maio/ago. 2005.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed Léo Cristiano, 2002.

PIMENTEL, Patrícia de Cássia Gomes. 2022. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/46507>. Acesso em: out. 2022.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

RAY, Verne F. Techniques and Problems in the Study of Human Color Perception. *Southwestern Journal of Anthropology*. Vol. 8, No. 3 (Autumn, 1952), pp. 251-259 (9 pages). Published By: The University of Chicago Press.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de (org.). *História de Minas Gerais: a Província de Minas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de e LANGFUR, Hal. *Minas Gerais indígena: a resistência dos índios nos sertões e nas vilas de El-Rei*, *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 5-22, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200002>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios brasílicos: índios coloniais em Minas Gerais setecentista*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

REZENDE, Vanessa Leite. A mineração em Minas Gerais: uma análise de sua expansão e os impactos ambientais e sociais causados por décadas de exploração. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, v. 28, n. 3, p. 375-384, set./dez. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/312659816\\_A\\_mineracao\\_em\\_Minhas\\_Gerais\\_uma\\_analise\\_de\\_sua\\_expansao\\_e\\_os\\_impactos\\_ambientais\\_e\\_sociais\\_causados\\_por\\_decadas\\_de\\_e\\_xploracao](https://www.researchgate.net/publication/312659816_A_mineracao_em_Minhas_Gerais_uma_analise_de_sua_expansao_e_os_impactos_ambientais_e_sociais_causados_por_decadas_de_e_xploracao). Acesso em: 23 mar. 2023.

RIBEIRO, Núbia Braga. *Os povos indígenas e os sertões das minas do ouro no século XVIII*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-160156/publico/NUBIA\\_BRAGA\\_RIBEIRO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-160156/publico/NUBIA_BRAGA_RIBEIRO.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023.

ROCHA, Joaquim José da. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais (1776)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=54495>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ROSA, João Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976 [1946].

ROSA, João Guimarães. Ave, palavra. 6ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. [texto originalmente publicado na revista “O Cruzeiro”, em 25.8.1957].

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

RUSSELL-WOOD, Anthony John Russell. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201881998000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201881998000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 set. 2023.

SAID ALI, Manuel. *Investigações Filológicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La Toponimia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Brasília: Ed. Nacional, 1987. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/429/1/380%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SANTOS, Ana Galdino dos. *Das variantes dos adjetivos de cor compostos: subsídios para a discussão da proposta de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2001.

SANTOS, Márcio Achtschin. A ocupação do Vale do Mucuri: a elite rural e o dilema entre modernidade e atraso. *Revista Espinhaço*, v. 9, n. 1, p. 71-79, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufvjm.edu.br/revista-espinhaco/article/view/151/162>. Acesso em: 20 out. 2023.

SAPIR, Edward. *Língua e ambiente*. Linguística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 1.ed. (junho 2021) São Paulo: Parábola Editorial, 2021 [1916].

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. *Linguagem, sociedade e discurso*. São Paulo: Blucher, 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Pesquisa Toponímica em Minas Gerais: contribuições do Projeto ATEMIG. In: SOUZA, Olímpia; ALMEIDA, Eliana de; SILVA, Valdir; BISINOTO, Leila Salomão (org.). *Discurso, sujeito e memória*. Campinas: Pontes Editores, 2012. Coleção ENALHC.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2006. v. 1.

SILVA FILHO, João Bernardo da. De que África estamos falando em Minas Gerais: africanos e crioulos: escravização e resistência. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA PROFISSÃO HISTORIADOR: FORMAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO, 19., 2014. *Anais...* Juiz de Fora, MG: Anpuh, 2014.

SILVA JÚNIOR, Joab Silas da. *Experimentos com a luz sendo realizados por Isaac Newton*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/a-optica-as-cores-dos-objetos.htm>. Acesso em 22 mar. 2023.

SILVA, Daniel Marra da; MILANI, Sebastião Elias. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_1905.pdf](https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1905.pdf). Acesso em: 30 abr. 2023.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Os sentidos do povoamento: aspectos da ocupação territorial de minas gerais. *Revista Ciências Humanas*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2009.v2.n1.a209>. Acesso em: abr. 2023.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.

TORRES, João Camillo de Oliveira. *O homem e a montanha: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Coleção Historiografia de Minas Gerais. Série Alfarrábios.

TRAPERO, Maximino. *Para uma teoria linguística de la toponímia: estudios de toponímia canaria*. 2. ed. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de las Palmas de Grand Canaria, 1995.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VAL, Andréa Vanêssa da Costa; FREITAS, Josiane Gabrielle Gonçalves de. História, expansão e cronologia das comarcas de Minas Gerais. *Cadernos Jurídicos*, São Paulo, ano 22, n. 60, p. 59-78, out./dez. 2021. Disponível em: [https://www.tjsp.jus.br/download/EPM/Publicacoes/CadernosJuridicos/cj\\_n60\\_04\\_andr%C3%A9a%20vanessa%20da%20costa.pdf?d=637722509424833739](https://www.tjsp.jus.br/download/EPM/Publicacoes/CadernosJuridicos/cj_n60_04_andr%C3%A9a%20vanessa%20da%20costa.pdf?d=637722509424833739). Acesso em: 3 mar. 2023.

VASCONCELO, Ana Carolina. Ampliação das atividades da CSN em Congonhas (MG) pode ameaçar segurança hídrica da população. *Brasil de Fato*, Belo Horizonte, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2022/06/03/ampliacao-das-atividades-da-csn-em-congonhas-mg-pode-ameacar-seguranca-hidrica-da-populacao>. Acesso em: 10 mar. 2023.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: pintura e outros temas*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1959.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Paracatu: movimentos migratórios no século XVIII*. *Locus – Revista de História*, v. 4, n. 1, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20459>. Acesso em: 4 abr. 2023.

VILALTA, Luiz Carlos. *O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6072786/mod\\_resource/content/1/VILLALTA%20Luiz%20Carlos.%20O%20que%20se%20fala%20e%20o%20que%20se%20l%C3%AA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6072786/mod_resource/content/1/VILLALTA%20Luiz%20Carlos.%20O%20que%20se%20fala%20e%20o%20que%20se%20l%C3%AA.pdf). Acesso em: 4 abr. 2023.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petropolis: Vozes, 2014.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, thought, and reality: elected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1956.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998. Disponível em: [https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/geolinguistica\\_digital.pdf](https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/geolinguistica_digital.pdf). Acesso em: 4 jan. 2023.

ZAMARIANO, Márcia. *Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ZAVAGLIA, Claudia. *Dicionário e cores*. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 25-41, 2006.  
ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII*. 2. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1990.